

TEXTO PARA DISCUSSÃO Nº 1182

**COMÉRCIO EXTERNO DA CHINA:
EFEITOS SOBRE AS EXPORTAÇÕES
BRASILEIRAS**

**João Bosco Mesquita Machado
Galeno Tinoco Ferraz**

Brasília, maio de 2006

TEXTO PARA DISCUSSÃO Nº 1182

COMÉRCIO EXTERNO DA CHINA: EFEITOS SOBRE AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS*

João Bosco Mesquita Machado**
Galeno Tinoco Ferraz***

Brasília, maio de 2006

* Os autores agradecem a colaboração de Henry Pouchet, técnico responsável pelo tratamento dos dados extraídos da base de PC-TAS (Trade Analysis System on Personal Computer) utilizada neste trabalho, e a Felipe Araújo, estagiário que auxiliou na realização das entrevistas às empresas e na tabulação de seus resultados.

** Professor adjunto do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IE/UFRJ).

*** Professor assistente do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IE/UFRJ).

Governo Federal

**Ministério do Planejamento,
Orçamento e Gestão**

Ministro – Paulo Bernardo Silva

Secretário-Executivo – João Bernardo de Azevedo Bringel

ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

Fundação pública vinculada ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiro – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidente

Glauco Arbix

Diretora de Estudos Sociais

Anna Maria T. Medeiros Peliano

Diretora de Administração e Finanças

Cinara Maria Fonseca de Lima

Diretor de Estudos Setoriais

João Alberto De Negri

Diretor de Cooperação e Desenvolvimento

Luiz Henrique Proença Soares

Diretor de Estudos Regionais e Urbanos

Marcelo Piancastelli de Siqueira

Diretor de Estudos Macroeconômicos

Paulo Mansur Levy

Chefe de Gabinete

Persio Marco Antonio Davison

Assessor-Chefe de Comunicação

Murilo Lôbo

URL: <http://www.ipea.gov.br>

Ouvidoria: <http://www.ipea.gov.br/ouvidoria>

ISSN 1415-4765

JEL F, F1, F14

TEXTO PARA DISCUSSÃO

Publicação cujo objetivo é divulgar resultados de estudos direta ou indiretamente desenvolvidos pelo Ipea, os quais, por sua relevância, levam informações para profissionais especializados e estabelecem um espaço para sugestões.

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e de inteira responsabilidade do(s) autor(es), não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou o do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

A produção editorial desta publicação contou com o apoio financeiro do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), via Programa Rede de Pesquisa e Desenvolvimento de Políticas Públicas – Rede-Ipea, o qual é operacionalizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), por meio do Projeto BRA/04/052.

Este trabalho foi realizado no âmbito do Convênio com a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal).

SUMÁRIO

SINOPSE

ABSTRACT

- 1 INTRODUÇÃO **7**
 - 2 O PROCESSO DE REFORMA ECONÔMICA E DE ABERTURA COMERCIAL NA CHINA **8**
 - 3 EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS – GANHOS E PERDAS DE COMPETITIVIDADE NO MERCADO IMPORTADOR CHINÊS ENTRE OS BIÊNIOS 1996-1997 E 2001-2002 **22**
 - 4 EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS: PRODUTOS COM VANTAGENS COMPARATIVAS E COMÉRCIO COM A CHINA **42**
 - 5 MERCADOS RELEVANTES: A COMPETIÇÃO ENTRE BRASIL E CHINA NOS BIÊNIOS 1996-1997 E 2001-2002 **61**
 - 6 SÍNTESE DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES **113**
- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **120**

SINOPSE

O trabalho apresenta um panorama das características e tendências do comércio bilateral entre Brasil e China em período recente. Examina as vendas externas do Brasil destinadas à China entre 1996 e 2002, com o intuito de estimar o valor dos ganhos e das perdas de competitividade obtidos pelas exportações brasileiras no mercado importador chinês. Esses ganhos e perdas são discriminados de acordo com uma série de atributos, tais como classe de produtos, setores produtivos, intensidade tecnológica, dinamismo das importações chinesas e países competidores do Brasil no mercado chinês. Ademais, são identificadas oportunidades perdidas, ou não exploradas, no mercado importador chinês, relativas aos produtos que o Brasil, mesmo detendo vantagens comparativas no mercado internacional, não exportou para a China no biênio 2001-2002, ou em relação aos quais perdeu competitividade no mercado chinês entre os biênios 1996-1997 e 2001-2002. Finalmente, o estudo avalia o impacto da concorrência chinesa sobre as exportações brasileiras dirigidas aos Estados Unidos da América (EUA), União Européia (UE), Argentina e Japão, além de outros seis países asiáticos (Coréia do Sul, Hong Kong, Malásia, Indonésia, Filipinas e Cingapura), reunidos em um bloco denominado Ásia-Pacífico.

ABSTRACT

The main purpose of this paper is to provide overviews of trends and main features in the bilateral trade between Brazil and China in recent years. An in-depth look at Brazil's external sales to China between 1996 and 2002 is presented, in order to permit an estimate of the amount of gains and loses in competitiveness experienced by Brazil's exports to the Chinese market during this period. These gains and loses are analyzed under many different aspects, such as product categories, productive sectors, technology intensity, dynamism of China's imports and the performance of rival countries regarding Brazil's exports to the Chinese market.

Lost or non-sized opportunities by Brazil in terms of Chinese imports are also identified, specially in relation to those goods which, in spite of the fact that Brazil possessed comparative advantages in the international market, were either not exported to China during 2001-2002, or had their competitiveness diminished in the Chinese market between 1996-1997 and 2001-2002.

Finally, this paper analyses the impact of Chinese competition over Brazil's exports directed to the United States, the European Union, Argentina and Japan, as well as other six Asian countries – South Korea, Hong Kong, Malaysia, Indonesia, the Philippines and Singapore –, herein collectively referred to as the Asia-Pacific block.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho compreende o relatório final do estudo intitulado Comércio Externo da China e Efeitos sobre as Exportações Brasileiras, contratado pelo Escritório da Cepal no Brasil, com o objetivo de analisar os riscos representados pelos produtos chineses para as exportações brasileiras, não apenas no mercado chinês, como também em outros mercados considerados relevantes, na medida em que o intercâmbio comercial entre os dois países vem crescendo de forma acelerada desde 2000.

Ainda que defasada, tal tendência acompanhou o notável crescimento do comércio exterior da China iniciado na década de 1980, favorecido pelas reformas econômicas implementadas pelo governo chinês a partir de 1978. O fortalecimento recente do comércio entre os dois países implicou a elevação da participação das exportações chinesas nas vendas externas brasileiras, bem como das importações de origem chinesa no total das compras externas brasileiras. Ademais, existe uma percepção de que é crescente a competição entre produtos brasileiros e chineses em mercados terceiros.

O estudo trata precisamente do conjunto dessas questões. Para tanto, na seção 2 apresenta-se um panorama das características do comércio bilateral entre Brasil e China. Na seção seguinte são focalizadas as vendas externas do Brasil destinadas à China entre 1996 e 2002, com o intuito de estimar o valor dos ganhos e das perdas de competitividade obtidos pelas exportações brasileiras no mercado importador chinês. Esses ganhos e perdas são analisados de acordo com uma série de atributos, tais como classe de produtos, setores produtivos, intensidade tecnológica e dinamismo das importações chinesas. Adicionalmente, são identificados nessa seção os principais países competidores do Brasil, no que se refere a dois grupos de produtos: aqueles com os quais as exportações brasileiras apresentaram ganhos e aqueles para os quais foram verificadas perdas de competitividade.

Na quarta seção são identificadas oportunidades perdidas ou não exploradas no mercado importador chinês, também com relação a dois grupos de produtos. Em primeiro lugar, estão aqueles para os quais não há registro de exportações brasileiras para a China no biênio 2001-2002, apesar de o país apresentar vantagens comparativas no mercado internacional. Em segundo lugar, estão os produtos em relação aos quais o Brasil apresentou perdas de competitividade no mercado chinês entre os biênios 1996-1997 e 2001-2002, mesmo detendo vantagens comparativas no mercado internacional.

Na seção 5 é feita uma avaliação dos impactos no que respeita ao desempenho exportador chinês sobre as exportações brasileiras dirigidas a mercados selecionados. São eles: Estados Unidos (EUA), União Européia (UE), Argentina e Japão, além de outros seis países asiáticos – Coreia do Sul, Hong Kong, Malásia, Indonésia, Filipinas e Cingapura –, reunidos em um bloco denominado Ásia-Pacífico. A escolha desses mercados é justificada pelo fato de que eles foram responsáveis por cerca de três quartos do valor das vendas externas no Brasil durante o biênio 2001-2002.

Os principais resultados do estudo estão resumidos na sexta e última seção.

2 O PROCESSO DE REFORMA ECONÔMICA E DE ABERTURA COMERCIAL NA CHINA

Em dezembro de 1978, o então primeiro-ministro chinês, Deng Xiaoping, lançou um revolucionário plano de reforma econômica, o qual em poucos anos foi capaz de mudar completamente a face da China, retirando-a do atraso e estagnação para colocá-la não apenas na vanguarda dos países emergentes, como também em condições de disputar a hegemonia mundial com os países desenvolvidos. O plano de Deng, aprovado pela Assembléia Nacional em março de 1979, estava estruturado em torno de três pontos básicos.

No âmbito interno, tratou de estimular fortemente a agricultura, setor que constituía historicamente a base da economia chinesa, por meio da execução de uma reforma agrária que extinguiu as chamadas comunas agrárias, consideradas então obsoletas. Estas foram substituídas por um novo sistema alicerçado em “contratos de responsabilidade”, por meio dos quais as famílias passaram a poder dispor livremente de 90% de sua produção, enquanto os 10% restantes eram obrigatoriamente destinados ao governo e pagos com sementes, adubos e equipamentos agrícolas. Como resultado dessa profunda mudança, a safra de grãos chinesa logrou aumentar de forma continuada nos anos subseqüentes, até se converter na maior do mundo, a partir de 1999.

No *front* externo, o plano de Deng Xiaoping adotou como pilares a abertura aos investimentos estrangeiros e o incentivo ao comércio internacional, com o objetivo de promover as exportações e, como decorrência, assegurar a geração de superávits comerciais, o acúmulo de reservas cambiais e a criação de empregos. Para tanto, entre outras medidas, as exportações foram isentadas do pagamento de qualquer imposto, incentivo este que foi estendido também às importações de equipamentos e matérias-primas destinados à produção para o mercado externo. Foram também disponibilizadas variadas linhas de financiamento, bem como criadas diversas zonas francas, além de cinco Zonas Econômicas Especiais (ZEEs) – Xiamen, Shenzhen, Zhuhai, Shantou e Hainan –, estrategicamente localizadas nas proximidades de importantes portos, todas voltadas para o mercado externo. No caso específico das ZEEs, as empresas estrangeiras nelas instaladas, além de gozarem da isenção de tributos, puderam contar com o incentivo adicional da livre remessa de lucros e dividendos para o exterior desde o primeiro ano, bastando para tanto, em contrapartida, exportar entre 10 e 20% da produção.

Na medida em que tais medidas obtiveram êxito, a China logrou aumentar de maneira significativa sua presença no mercado internacional. Com efeito, entre 1979 e 2003, suas exportações cresceram de maneira ininterrupta e a taxas expressivas, equivalentes a uma média anual de quase 16%, o que possibilitou um salto de US\$ 13,6 bilhões para US\$ 438,3 bilhões em pouco mais de duas décadas (tabela 1). As importações, por sua vez, aumentaram igualmente de forma muito expressiva: passaram de US\$ 15,6 bilhões, em 1979, para US\$ 412,8 bilhões, em 2003, o que corresponde a uma taxa de quase 15% ao ano. Com isso, a corrente de comércio, impulsionada tanto pelas exportações como pelas importações, aumentou mais de 40 vezes no mesmo período, passando de US\$ 29,2 bilhões (1979) para US\$ 851,1 bilhões (2003), ao passo que a participação do comércio externo no Produto Interno Bruto elevou-se de 9,8%, em 1979, para 36%, em 2003.

Nesse contexto, a China passou a ocupar o terceiro lugar no *ranking* mundial dos maiores exportadores, superada apenas pelos Estados Unidos e pela Alemanha, com mais de 25 mil empresas participando do comércio exterior. Os excepcionais resultados obtidos nesse campo possibilitaram ainda ao país acumular o maior volume de reservas cambiais do mundo, superiores a US\$ 500 bilhões em 2003, aí incluídas as de Hong Kong.

TABELA 1
Comércio exterior da China – 1978-2003

(Em US\$ bilhões)

Ano	Exportações	Importações	Corrente de Comércio	Saldo Comercial
1978	9,7	10,8	20,5	-1,1
1979	13,6	15,6	29,2	-2,0
1980	18,2	19,5	37,7	-1,3
1981	22,0	22,0	44,0	0,0
1982	22,3	19,2	41,5	3,1
1983	22,2	21,3	43,5	0,9
1984	26,1	27,4	53,5	-1,3
1985	27,3	42,2	69,5	-14,9
1986	30,9	42,9	73,8	-12,0
1987	39,4	43,2	82,6	-3,8
1988	47,5	55,2	102,7	-7,7
1989	52,5	59,1	111,6	-6,6
1990	62,0	53,3	115,3	8,7
1991	71,9	63,7	135,6	8,2
1992	84,9	80,5	165,4	4,4
1993	91,7	103,9	195,6	-12,2
1994	121,0	115,6	236,6	5,4
1995	148,7	132,0	280,7	16,7
1996	151,0	138,8	289,8	12,2
1997	182,6	142,3	324,9	40,3
1998	183,7	140,1	323,8	43,6
1999	195,5	165,7	361,2	29,8
2000	249,2	225,1	474,3	24,1
2001	266,1	243,5	509,6	22,6
2002	325,5	295,2	620,7	30,3
2003	438,3	412,8	851,1	25,5

Fonte: Funcex.

Outro indicador do êxito do plano de abertura do mercado chinês está relacionado com a recepção de investimentos externos diretos (IED). Ainda no período de 1979 a 2003, o país teve aprovadas colocações no montante de aproximadamente US\$ 900 bilhões, volume que o situa em segundo lugar como principal mercado de destino no que respeita a este tipo de investimento, atrás apenas dos Estados Unidos.¹ A maior parte desse montante já ingressou no país e possibilitou a criação de cerca de 450 mil empresas com a participação de capitais estrangeiros. Dentre estas, cabe destacar que pelo menos 80% das 500 multinacionais que dominam o mercado mundial em todos os setores já se encontram instaladas na China.

2.1 O COMÉRCIO BRASIL-CHINA

Apesar do notável crescimento do comércio exterior chinês a partir de 1979, motivado como já visto pelo sucesso do plano de abertura econômica, constata-se que o intercâmbio bilateral entre o Brasil e a China mantém-se em um patamar reduzido, especialmente quando se leva em consideração o potencial dos dois países. Com efeito, a

1. Em 2003, a China foi o país que mais recebeu IED, com um total superior a US\$ 53 bilhões, equivalente a um crescimento de 6% em relação ao ano anterior.

análise da participação do Brasil no total das importações chinesas em anos recentes, por exemplo, permite constatar que o Brasil ocupa apenas a décima oitava posição entre os maiores fornecedores de mercadorias para a China, com um *market share* em torno de 1%. Tal participação de mercado, vale comentar, embora pequena, é a maior entre os países latino-americanos (tabelas 2a e 2b).

TABELA 2a

Importações da China segundo principais fornecedores – 1996-2002*

(Em US\$ milhões CIF)

Pais	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	Média 96-97	Média 01-02
1. Japão	29.174	28.988	28.268	33.758	41.504	42.782	53.460	29.081	48.121
2. Formosa	16.173	16.434	16.625	19.521	25.488	27.333	38.055	16.303	32.694
3. EUA	16.148	16.295	16.876	19.480	22.369	26.211	27.254	16.222	26.732
4. Cor. do Sul	12.475	14.923	15.007	17.220	23.201	23.370	28.560	13.699	25.965
5. Alemanha	7.318	6.175	7.015	8.329	10.402	13.764	16.407	6.747	15.086
6. H. Kong	7.817	6.980	6.648	6.883	9.422	9.415	10.719	7.399	10.067
7. Rússia	5.148	4.082	3.639	4.221	5.767	7.956	8.404	4.615	8.180
8. Malásia	2.237	2.488	2.667	3.600	5.475	6.198	9.289	2.363	7.744
9. Cingapura	3.592	4.455	4.226	4.053	5.052	5.121	7.038	4.024	6.080
10. Austrália	3.426	3.240	2.675	3.600	5.017	5.419	5.841	3.333	5.630
11. Tailândia	1.884	2.007	2.407	2.775	4.375	4.708	5.593	1.945	5.150
12. Indonésia	2.276	2.669	2.456	3.046	4.397	3.883	4.503	2.473	4.193
13. França	2.234	3.240	3.199	3.778	3.943	4.097	4.245	2.737	4.171
14. Itália	3.239	2.446	2.273	2.674	3.071	3.775	4.309	2.843	4.042
15. Canadá	2.567	2.001	2.232	2.328	3.745	4.022	3.618	2.284	3.820
16. R. Unido	1.873	1.971	1.946	2.988	3.585	3.518	3.327	1.922	3.423
17. A. Saudita	828	825	803	911	1.953	2.715	3.435	827	3.075
18. BRASIL	1.482	1.487	1.131	967	1.619	2.344	2.999	1.484	2.671
19. Filipinas	370	323	511	905	1.674	1.941	3.213	346	2.577
20. Irã	386	535	558	684	1.772	2.423	2.346	460	2.385
Demais	17.979	20.605	18.881	23.788	41.057	42.324	52.268	19.292	47.296
Total	138.626	142.171	140.043	165.508	224.885	243.323	294.882	140.398	269.103

Fonte: Funcex, a partir de dados do PC-TAS.

Obs.: * Ordenados segundo a participação no biênio 2001-2002.

TABELA 2b

Market share dos principais fornecedores no mercado chinês – 1996-2002*

(Em %)

Pais	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	Média 96-97	Média 01-02
1. Japão	21,0	20,4	20,2	20,4	18,5	17,6	18,1	20,7	17,9
2. Formosa	11,7	11,6	11,9	11,8	11,3	11,2	12,9	11,6	12,1
3. EUA	11,6	11,5	12,1	11,8	9,9	10,8	9,2	11,6	9,9
4. Cor. do Sul	9,0	10,5	10,7	10,4	10,3	9,6	9,7	9,8	9,6
5. Alemanha	5,3	4,3	5,0	5,0	4,6	5,7	5,6	4,8	5,6
6. H. Kong	5,6	4,9	4,7	4,2	4,2	3,9	3,6	5,3	3,7
7. Rússia	3,7	2,9	2,6	2,6	2,6	3,3	2,9	3,3	3,0
8. Malásia	1,6	1,8	1,9	2,2	2,4	2,5	3,2	1,7	2,9
9. Cingapura	2,6	3,1	3,0	2,4	2,2	2,1	2,4	2,9	2,3
10. Austrália	2,5	2,3	1,9	2,2	2,2	2,2	2,0	2,4	2,1
11. Tailândia	1,4	1,4	1,7	1,7	1,9	1,9	1,9	1,4	1,9
12. Indonésia	1,6	1,9	1,8	1,8	2,0	1,6	1,5	1,8	1,6
13. França	1,6	2,3	2,3	2,3	1,8	1,7	1,4	1,9	1,6
14. Itália	2,3	1,7	1,6	1,6	1,4	1,6	1,5	2,0	1,5
15. Canadá	1,9	1,4	1,6	1,4	1,7	1,7	1,2	1,6	1,4
16. R. Unido	1,4	1,4	1,4	1,8	1,6	1,4	1,1	1,4	1,3
17. A. Saudita	0,6	0,6	0,6	0,6	0,9	1,1	1,2	0,6	1,1
18. BRASIL	1,1	1,0	0,8	0,6	0,7	1,0	1,0	1,1	1,0
19. Filipinas	0,3	0,2	0,4	0,5	0,7	0,8	1,1	0,2	1,0
20. Irã	0,3	0,4	0,4	0,4	0,8	1,0	0,8	0,3	0,9
Demais	13,0	14,5	13,5	14,4	18,3	17,4	17,7	13,7	17,6
Total	100,0								

Fonte: Funcex, a partir de dados do PC-TAS.

Obs.: * Ordenados segundo a participação no biênio 2001-2002.

A baixa movimentação entre o Brasil e a China após a abertura comercial desta última não passou despercebida para as autoridades chinesas. Prova desse fato é que, entre outras iniciativas, o presidente chinês Jiang Zemin veio ao Brasil em 1993, oca-

sião durante a qual ressaltou a complementaridade entre as duas economias e propôs incrementar o relacionamento entre elas.

Como resultado, constata-se que nos anos subseqüentes houve um aumento no intercâmbio comercial entre o Brasil e a China. Todavia, o incremento foi motivado basicamente pelo aumento das exportações de produtos chineses para o Brasil. De fato, entre 1993 e 1997, as importações provenientes da China passaram de US\$ 305 milhões para US\$ 1,2 bilhão, o que representa um incremento de 282,6% em apenas quatro anos, ao passo que no mesmo período as exportações brasileiras para a China cresceram 39,7%, elevando-se de US\$ 779 milhões para US\$ 1,1 bilhão (tabela 3 adiante).

Os embarques de mercadorias brasileiras para a China somente começaram a aumentar de forma mais consistente a partir de 2001, beneficiados tanto pela mudança da política cambial, que implicou uma significativa desvalorização da taxa de câmbio, como por um crescimento acima do normal da demanda chinesa por produtos tradicionalmente vendidos pelo Brasil, o que parece ter servido finalmente para despertar o empresariado nacional para o impressionante potencial daquele mercado. Esse movimento permitiu que entre 2000 e 2003 as exportações brasileiras para a China evoluíssem de US\$ 1,1 bilhão para US\$ 4,5 bilhões, o equivalente a um incremento de 317,8%, enquanto as importações provenientes da China passaram de US\$ 1,2 bilhão para US\$ 2,1 bilhões, o que representa uma expansão de 75,8% no período. Conseqüentemente, não apenas a corrente de comércio entre os dois países apresentou um aumento expressivo – passou de US\$ 2,3 bilhões em 2000 para US\$ 6,7 bilhões em 2003, com um incremento de 189,6% –, como o Brasil conseguiu obter no biênio 2002-2003 os maiores superávits comerciais de sua história com a China, de US\$ 966 milhões e US\$ 2,4 bilhões, respectivamente, o que equivale a cerca de 10% do saldo total obtido pelo país nesse período. Ainda em 2003, vale ressaltar que o saldo das exportações brasileiras para o mercado chinês, de 79,8% em apenas um ano, possibilitou ao Brasil obter o melhor *market share* de sua história comercial com aquele país (1,27%).

O histórico dos fluxos de comércio entre o Brasil e a China, desde meados dos anos 1980, permite constatar que o saldo tem sido, ao longo do tempo, mais favorável ao Brasil. Apenas no período compreendido entre 1996 e 2000 ocorreram déficits, mas pouco significativos. No pior ano, 1999, o saldo para o Brasil ficou negativo em US\$ 189 milhões.

Observa-se também que o aumento nos últimos anos das receitas de exportação do Brasil para a China foi obtido basicamente com o crescimento expressivo das quantidades embarcadas, uma vez que os preços médios das mercadorias comercializadas para aquele país registraram queda ao redor de 25% em relação aos praticados em meados da década passada. No tocante às importações provenientes da China, por sua vez, constata-se uma situação semelhante, qual seja, que o valor das importações aumentou como decorrência do crescimento das quantidades compradas, tendo em vista que nesse caso também houve um barateamento no preço médio dos produtos adquiridos pelo Brasil (tabela 4).

TABELA 3

Evolução do Comércio Brasil-China – 1985-2003

(Em US\$ FOB milhões)

Ano	Exportações do Brasil para a China (A)		Importações provenientes da China (B)		Corrente de Comércio (A+B)		Saldo Comercial (A-B)	
	Valor	Var.	Valor	Var.	Valor	Var.	Valor	Var.
1985	818		426		1.243		392	
1986	517	-36,7%	303	-28,8%	820	-34,0%	214	-45,3%
1987	362	-30,1%	311	2,5%	672	-18,1%	51	-76,3%
1988	719	98,8%	96	-69,0%	815	21,2%	622	1125,0%
1989	628	-12,6%	128	33,1%	756	-7,2%	500	-19,6%
1990	382	-39,2%	169	31,9%	551	-27,2%	213	-57,4%
1991	228	-40,4%	129	-23,6%	357	-35,3%	99	-53,8%
1992	460	102,2%	117	-9,5%	577	61,8%	343	248,4%
1993	779	69,4%	305	161,0%	1.084	88,0%	475	38,3%
1994	822	5,5%	464	52,0%	1.286	18,6%	359	-24,4%
1995	1.204	46,4%	1.042	124,7%	2.246	74,6%	162	-54,8%
1996	1.114	-7,5%	1.133	8,8%	2.247	0,1%	-19	-111,8%
1997	1.088	-2,3%	1.167	3,0%	2.255	0,4%	-78	310,5%
1998	905	-16,8%	1.034	-11,4%	1.939	-14,0%	-129	64,3%
1999	676	-25,3%	865	-16,3%	1.541	-20,5%	-189	46,7%
2000	1.085	60,5%	1.222	41,2%	2.307	49,7%	-137	-27,7%
2001	1.902	75,3%	1.328	8,7%	3.230	40,0%	574	-520,5%
2002	2.521	32,5%	1.554	17,0%	4.075	26,1%	966	68,4%
2003	4.533	79,8%	2.148	38,2%	6.680	63,9%	2.385	146,8%

Fonte: Funcex, a partir de dados brutos da Secex/Mdic.

TABELA 4

Índices de preço e quantum do comércio Brasil-China – 1985-2003

Ano	Exportações para a China		Importações provenientes da China	
	Índice de preço	Índice de quantum	Índice de preço	Índice de quantum
1985	67,6	108,6	240,9	15,7
1986	67,6	68,7	128,6	20,9
1987	70,2	46,2	155,5	17,7
1988	86,4	74,6	141,8	6,0
1989	90,2	62,5	155,1	7,3
1990	90,2	38,0	173,5	8,6
1991	92,5	22,1	152,2	7,5
1992	88,1	46,9	133,8	7,7
1993	85,2	82,2	113,6	23,8
1994	92,0	80,2	109,9	37,4
1995	102,4	105,5	106,8	86,4
1996	100,0	100,0	100,0	100,0
1997	99,7	98,0	93,4	110,6
1998	85,3	95,2	95,6	95,8
1999	73,4	82,7	89,5	85,6
2000	76,3	127,7	81,8	132,3
2001	69,7	245,1	78,7	149,0
2002	72,5	312,3	73,8	185,8
2003	78,7	517,0	77,9	243,3

Fonte: Funcex, a partir de dados brutos da Secex/Mdic.

Obs.: Base: 1996=100.

Em um exame do comércio Brasil-China com base nas diferentes classes de produtos, merece destaque o peso expressivo alcançado por categorias que encerram menor grau de elaboração na pauta de exportações. Com efeito, os produtos básicos foram responsáveis por pouco mais de 55% do total das vendas para a China ao longo do triênio 2001-2003, participação esta duas vezes maior do que a verificada para as vendas totais do país. No mesmo período, o peso dos produtos semimanufaturados na pauta de exportações do Brasil para a China, de 20,1%, também foi superior à média nacional, de 14,7%. Verifica-se o oposto, porém, para os produtos manufaturados. Enquanto sua participação no total das exportações brasileiras alcançou 55,1% entre 2001 e 2003, quando se leva em consideração apenas o comér-

cio com a China, esse percentual cai para 24,1%.² Ainda assim vale destacar que, ao longo dos últimos anos, tem havido uma melhoria na composição da pauta em termos das classes de produtos, com os básicos cedendo espaço para os semimanufaturados e manufaturados.

Já quando se analisa a composição do comércio Brasil-China do ponto de vista setorial, o que mais chama a atenção é o elevado grau de concentração tanto das exportações como das importações em torno de um reduzido número de segmentos e produtos. Pelo lado das exportações, cabe mencionar, em primeiro lugar, a trajetória ascendente do setor agropecuário ao longo dos últimos anos, alicerçada basicamente pelas vendas de soja (tabela 5a, 5b, 6a, 6b). Esse segmento passou a figurar na pauta apenas em 1996, com um montante pouco expressivo, de apenas US\$ 4,3 milhões – o equivalente a uma participação de 0,4%. Nos anos subseqüentes, porém, as vendas desse segmento para a China aumentaram de forma exponencial, até atingirem o seu ápice em 2003, com um volume de US\$ 1,3 bilhão (29,2%). Esse excepcional desempenho levou a agropecuária a se converter, desde 2000, no setor de maior peso na pauta de exportações brasileiras para a China, com uma participação que oscila em torno de 30%.

O segundo setor com maior representatividade nas exportações do Brasil para a China é o extrativo-mineral, impulsionado pela comercialização de minério de ferro. Desde o início da década de 1990, as vendas desse segmento vêm crescendo de forma continuada e, à semelhança do que se verificou para a agropecuária, atingiram também o seu ponto de máximo em 2003, com um total de US\$ 830,6 milhões, correspondendo a uma participação de 18,3% na pauta.³

Cabe ressaltar que esse bom desempenho tanto da agropecuária como da indústria extrativa mineral fez com que, desde 1998, esses dois únicos segmentos se tornassem responsáveis por uma participação na pauta que oscilou de um máximo de 58,1%, em 2000, a um mínimo de 47,5%, em 2003. Aliás, neste último ano, a China sozinha absorveu 30,6% das exportações brasileiras de soja e 22,1% das de minério de ferro.

Um terceiro setor com peso importante no comércio Brasil-China é a siderurgia. Sua trajetória ao longo dos últimos anos, porém, difere bastante daquela apresentada tanto pela agropecuária como pelo segmento extrativo-mineral. Após ter sido responsável por nada menos do que 68,1% das exportações em 1993, com um montante de US\$ 530,4 milhões, a participação do setor declinou acentuadamente nos anos seguintes, até atingir o seu ponto de mínimo em 1998, com embarques de apenas US\$ 15,9 milhões, equivalentes a 1,8% das vendas para a China naquele ano. Todavia, em 2003, como resultado da escassez de produtos no mercado doméstico da China, as importações de siderúrgicos apresentaram um crescimento significativo. Nesse ano as vendas

2. Comparando-se a composição da pauta de exportações do Brasil para a China com a de outros países da Ásia-Pacífico – a exemplo de Taiwan, Coréia do Sul, Filipinas, Indonésia, Malásia, Cingapura e Tailândia –, constata-se que é a da China que apresenta a maior participação de produtos básicos em relação aos semimanufaturados. Isso faz com que o nível médio de processamento dos produtos brasileiros exportados para esse mercado seja ainda menor do que o verificado para os demais países asiáticos.

3. Vale mencionar que a Companhia Vale do Rio Doce assinou recentemente com o Shanghai Baostel Group, um dos grandes produtores de aço da China, um acordo de fornecimento exclusivo de minério de ferro de sua jazida de Águas Limpas.

brasileiras alcançaram US\$ 755,9 milhões (16,7%), concentradas em semimanufaturados de ferro e aço, além de laminados planos.

É interessante observar também a evolução na última década do segmento de óleos vegetais, novamente com destaque para a soja, que foi o de maior peso na pauta de exportações do Brasil para a China durante o período compreendido entre 1994 e 1998. Com efeito, nesses cinco anos, o setor foi responsável, em média, por 48,2% dos embarques brasileiros. Sua participação, porém, decaiu de forma acentuada a partir de 1999, até atingir o menor volume em 2001, com escassos US\$ 6,5 milhões (0,3%). No biênio seguinte, a participação dos óleos vegetais voltou a crescer de forma significativa, até alcançar US\$ 272,5 milhões (6%) em 2003, amparada na venda de óleo de soja em bruto.

Por fim, no âmbito das exportações do Brasil para a China, vale destacar nos últimos anos o bom desempenho que vem sendo apresentado tanto pelo segmento de peças e outros veículos como pelo setor de celulose, papel e gráfica – este último, produto da comercialização de pastas químicas de madeira. Juntos, os dois segmentos foram responsáveis por 14,1% da pauta de exportações em 2003, com vendas superiores a US\$ 300 milhões cada um.

TABELA 5a

Exportações do Brasil para a China por setores de atividade – 1992-2003

(Em US\$ FOB Milhões)

Setores	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	Média
Agropecuária	0,0	0,0	0,2	0,0	4,3	89,9	221,8	111,4	337,5	537,9	831,3	1.322,2	288,0
Extrativo-mineral	99,1	114,1	131,4	160,1	152,9	191,6	203,0	253,0	292,5	516,0	649,5	830,6	299,5
Siderurgia	94,3	530,4	176,0	97,0	74,6	43,2	15,9	26,6	37,5	56,6	142,0	755,9	170,8
Peças e outros veículos	0,2	3,5	5,4	81,9	93,8	23,5	13,1	5,0	47,9	144,4	116,4	324,5	71,6
Celulose, papel e gráfica	11,6	8,4	9,6	6,5	20,4	36,9	25,6	60,1	61,3	138,8	140,5	312,3	69,3
Óleos vegetais	53,6	13,2	426,4	570,0	660,1	528,9	308,7	62,2	34,7	6,5	126,0	272,5	255,2
Madeira e mobiliário	0,5	0,4	0,6	2,6	1,0	1,6	2,1	9,3	33,9	47,3	78,7	122,5	25,0
Calçados	2,7	9,9	6,8	2,8	4,6	13,9	15,4	21,5	24,3	56,6	89,5	117,3	30,4
Refino petróleo e petroquím.	33,2	6,5	18,8	14,6	10,8	17,7	4,1	11,6	36,9	21,3	38,1	86,5	25,0
Benefic. produtos vegetais	0,2	0,3	0,3	6,6	0,8	13,1	6,8	40,0	52,5	62,4	77,2	74,2	27,9
Máquinas e tratores	8,7	31,4	18,6	42,7	22,5	25,0	16,1	15,1	24,9	54,2	55,0	65,3	31,6
Metalurgia não-ferrosos	120,1	35,4	6,0	1,7	15,0	9,0	1,4	0,4	0,7	2,4	7,5	38,3	19,8
Equipamentos eletrônicos	0,1	0,2	0,4	3,4	2,3	1,9	1,4	5,6	8,7	25,5	26,0	29,5	8,8
Material elétrico	0,7	6,1	4,4	19,5	15,1	8,7	7,3	7,5	9,5	31,9	43,1	26,5	15,0
Têxtil	3,1	0,6	1,5	14,9	1,6	2,6	0,7	0,3	0,8	0,9	5,4	23,0	4,6
Petróleo e carvão	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	36,1	39,8	0,0	22,3	8,2
Elementos químicos	1,4	0,0	2,1	4,4	1,3	9,0	2,6	9,0	6,0	11,2	11,2	21,8	6,7
Veículos automotores	0,0	0,1	0,5	0,7	0,1	0,0	0,1	0,1	2,3	86,2	33,7	16,8	11,7
Outros produtos metalúrgicos	7,2	5,4	2,9	7,4	6,8	4,5	0,8	2,2	1,4	4,9	10,4	15,9	5,8
Abate animais	0,9	1,0	0,5	0,5	3,3	6,7	1,0	7,8	11,8	10,5	7,1	12,0	5,3
Indústrias diversas	2,7	4,5	2,7	3,9	7,0	37,3	43,8	13,7	9,7	7,0	10,8	11,8	12,9
Borracha	1,7	1,7	1,1	3,9	5,7	5,2	1,0	1,1	0,6	1,4	2,9	7,2	2,8
Químicos diversos	11,2	0,1	1,0	5,2	2,4	2,9	2,9	4,5	4,2	2,4	4,4	6,9	4,0
Min. não metálicos	0,1	0,1	0,4	14,2	2,1	0,5	0,7	0,8	1,3	4,3	1,9	6,3	2,7
Plásticos	0,0	0,0	0,1	2,3	2,6	0,5	0,4	0,7	0,8	0,4	3,2	2,8	1,2
Farmacêutica e perfumaria	0,1	0,7	1,4	0,2	0,6	0,3	0,0	0,0	3,0	1,8	3,2	2,5	1,2
Outros produtos alimentares	6,7	4,8	2,9	1,9	0,2	3,0	1,5	2,2	3,9	2,0	3,1	2,3	2,9
Café	0,1	0,4	0,2	0,2	1,1	0,4	0,3	0,2	0,4	0,7	0,8	1,4	0,5
Açúcar	0,0	0,0	0,0	134,5	0,5	10,0	5,8	3,9	0,0	26,4	0,7	0,4	15,2
Artigos de vestuário	0,0	0,1	0,1	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,2	0,1
Laticínios	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Não classificados	0,0	0,1	0,1	0,2	0,3	0,3	0,6	0,3	0,1	0,4	0,8	0,9	0,3
Total	460,0	779,4	822,4	1.203,8	1.113,8	1.088,2	904,9	676,1	1.085,2	1.902,1	2.520,5	4.532,6	1.424,1

Fonte: Funcex, a partir de dados brutos da Secex/Mdic.

TABELA 5b

Exportações do Brasil para a China por setor de atividade – 1992-2003

(Em %)

Setores	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	Média
Agropecuária	0,0	0,0	0,0	0,0	0,4	8,3	24,5	16,5	31,1	28,3	33,0	29,2	20,2
Extrativo mineral	21,5	14,6	16,0	13,3	13,7	17,6	22,4	37,4	27,0	27,1	25,8	18,3	21,0
Siderurgia	20,5	68,1	21,4	8,1	6,7	4,0	1,8	3,9	3,5	3,0	5,6	16,7	12,0
Peças e outros veículos	0,0	0,4	0,7	6,8	8,4	2,2	1,4	0,7	4,4	7,6	4,6	7,2	5,0
Celulose, papel e gráfica	2,5	1,1	1,2	0,5	1,8	3,4	2,8	8,9	5,6	7,3	5,6	6,9	4,9
Óleos vegetais	11,7	1,7	51,8	47,4	59,3	48,6	34,1	9,2	3,2	0,3	5,0	6,0	17,9
Madeira e mobiliário	0,1	0,1	0,1	0,2	0,1	0,1	0,2	1,4	3,1	2,5	3,1	2,7	1,8
Calçados	0,6	1,3	0,8	0,2	0,4	1,3	1,7	3,2	2,2	3,0	3,6	2,6	2,1
Refino petróleo e petroquim.	7,2	0,8	2,3	1,2	1,0	1,6	0,5	1,7	3,4	1,1	1,5	1,9	1,8
Benefic. produtos vegetais	0,0	0,0	0,0	0,5	0,1	1,2	0,8	5,9	4,8	3,3	3,1	1,6	2,0
Máquinas e tratores	1,9	4,0	2,3	3,5	2,0	2,3	1,8	2,2	2,3	2,8	2,2	1,4	2,2
Meturgia não-ferrosos	26,1	4,5	0,7	0,1	1,3	0,8	0,2	0,1	0,1	0,1	0,3	0,8	1,4
Equipamentos eletrônicos	0,0	0,0	0,0	0,3	0,2	0,2	0,2	0,8	0,8	1,3	1,0	0,7	0,6
Material elétrico	0,2	0,8	0,5	1,6	1,4	0,8	0,8	1,1	0,9	1,7	1,7	0,6	1,1
Têxtil	0,7	0,1	0,2	1,2	0,1	0,2	0,1	0,0	0,1	0,0	0,2	0,5	0,3
Petróleo e carvão	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	3,3	2,1	0,0	0,5	0,6
Elementos químicos	0,3	0,0	0,3	0,4	0,1	0,8	0,3	1,3	0,6	0,6	0,4	0,5	0,5
Veículos automotores	0,0	0,0	0,1	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,2	4,5	1,3	0,4	0,8
Outros produtos metalúrgicos	1,6	0,7	0,4	0,6	0,6	0,4	0,1	0,3	0,1	0,3	0,4	0,4	0,4
Abate animais	0,2	0,1	0,1	0,0	0,3	0,6	0,1	1,2	1,1	0,6	0,3	0,3	0,4
Indústrias diversas	0,6	0,6	0,3	0,3	0,6	3,4	4,8	2,0	0,9	0,4	0,4	0,3	0,9
Borracha	0,4	0,2	0,1	0,3	0,5	0,5	0,1	0,2	0,1	0,1	0,1	0,2	0,2
Químicos diversos	2,4	0,0	0,1	0,4	0,2	0,3	0,3	0,7	0,4	0,1	0,2	0,2	0,3
Min. não metálicos	0,0	0,0	0,0	1,2	0,2	0,0	0,1	0,1	0,1	0,2	0,1	0,1	0,2
Plásticos	0,0	0,0	0,0	0,2	0,2	0,0	0,0	0,1	0,1	0,0	0,1	0,1	0,1
Farmacêutica e perfumaria	0,0	0,1	0,2	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,3	0,1	0,1	0,1	0,1
Outros produtos alimentares	1,5	0,6	0,4	0,2	0,0	0,3	0,2	0,3	0,4	0,1	0,1	0,1	0,2
Café	0,0	0,1	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Açúcar	0,0	0,0	0,0	11,2	0,0	0,9	0,6	0,6	0,0	1,4	0,0	0,0	1,1
Artigos de vestuário	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Laticínios	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Não classificados	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	100,0												

Fonte: Funcex, a partir de dados brutos da Secex/Mdic.

TABELA 6a

Exportações do Brasil para a China, segundo capítulos selecionados da NCM-SH*

(Em US\$ FOB milhões)

Capítulos	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	Média
Sem. e frutos oleaginosos: grãos e sem. diversos	0,0	0,0	0,0	0,0	4,3	89,8	221,6	111,3	337,4	537,7	825,7	1.313,1	286,7
Minérios, escórias e cinzas	99,0	113,5	130,4	158,8	151,4	188,6	199,7	246,7	273,8	491,0	608,9	773,7	286,3
Ferro fundido, ferro e aço	94,3	532,3	175,3	96,5	74,3	43,2	15,9	26,6	38,5	57,0	140,0	754,6	170,7
Gorduras, óleos e ceras animais e vegetais	48,4	11,0	417,5	559,3	418,1	264,1	112,0	48,1	21,5	5,4	126,4	270,0	191,8
Pastas de madeira ou out. mat. fibrosas celulósic.	11,5	7,8	6,7	5,1	18,8	34,4	24,0	52,6	54,2	127,3	114,2	265,6	60,2
Caldeiras, máq., aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes	9,2	37,2	21,5	47,6	27,8	29,1	18,0	20,3	31,1	88,3	108,7	205,7	53,7
Automóveis, tratores e ciclos: partes e acessórios	0,2	2,0	1,3	68,9	84,5	20,1	13,5	5,1	12,4	122,4	95,4	184,0	50,8
Fumo e seus sucedâneos manufaturados	0,0	0,0	0,0	6,1	0,0	12,3	6,4	38,5	50,3	56,1	69,4	55,7	24,6
Resid. e desperdícios das ind. alimentares	5,2	2,3	9,3	8,8	242,0	264,9	197,2	14,4	12,3	0,0	0,3	0,1	63,1
Demais	192,2	73,4	60,4	252,8	92,6	141,7	96,6	112,5	253,7	416,9	431,4	710,2	236,2
Total	460,0	779,4	822,4	1.203,8	1.113,8	1.088,2	904,9	676,1	1.085,2	1.902,1	2.520,5	4.532,6	1.424,1

Fonte: Funcex, a partir de dados brutos da Secex/Mdic.

Obs.:* De 1992 a 1995 a classificação vigente era em NBM.

Exportações do Brasil para a China, segundo capítulos selecionados da NCM-SH*

(Em %)

Capítulos	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	Média
Sem. e frutos oleaginosos; grãos e sem. diversos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,4	8,3	24,5	16,5	31,1	28,3	32,8	29,0	20,1
Minérios, escórias e cinzas	21,5	14,6	15,9	13,2	13,6	17,3	22,1	36,5	25,2	25,8	24,2	17,1	20,1
Ferro fundido, ferro e aço	20,5	68,3	21,3	8,0	6,7	4,0	1,8	3,9	3,5	3,0	5,6	16,6	12,0
Gorduras, óleos e ceras animais e vegetais	10,5	1,4	50,8	46,5	37,5	24,3	12,4	7,1	2,0	0,3	5,0	6,0	13,5
Pastas de madeira ou out. mat. fibrosas celulósic.	2,5	1,0	0,8	0,4	1,7	3,2	2,7	7,8	5,0	6,7	4,5	5,9	4,2
Caldeiras, máq., aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes	2,0	4,8	2,6	4,0	2,5	2,7	2,0	3,0	2,9	4,6	4,3	4,5	3,8
Automóveis, tratores e ciclos; partes e acessórios	0,0	0,3	0,2	5,7	7,6	1,8	1,5	0,8	1,1	6,4	3,8	4,1	3,6
Fumo e seus sucedâneos manufaturados	0,0	0,0	0,0	0,5	0,0	1,1	0,7	5,7	4,6	2,9	2,8	1,2	1,7
Resid. e desperdícios das ind. alimentares	1,1	0,3	1,1	0,7	21,7	24,3	21,8	2,1	1,1	0,0	0,0	0,0	4,4
Demais	41,8	9,4	7,3	21,0	8,3	13,0	10,7	16,6	23,4	21,9	17,1	15,7	16,6
Total	100,0												

Fonte: Funcex, a partir de dados brutos da Secex/Mdic.

Obs.:* De 1992 a 1995 a classificação vigente era em NBM.

Com base no exposto, cumpre enfatizar que todos os setores que mais contribuem para o incremento das exportações do Brasil para a China apresentam como característica comum o fato de a quase totalidade das vendas de cada um estar baseada em não mais do que dois produtos diferentes. Essa concentração da pauta, aliás, não é um fenômeno recente. Pelo contrário, tem sido a regra desde o início da década de 1990, período durante o qual a soma dos cinco principais setores ou produtos manteve-se recorrentemente em um patamar superior a 60%.

No tocante às importações brasileiras provenientes da China, observa-se que, entre 1999 e 2003, não apenas vem ocorrendo um aumento do seu grau de penetração no total da pauta de importações nacional, como também que este movimento vem sendo observado em todos os setores. O ganho mais elevado ocorreu no segmento de siderurgia (21,1 pontos percentuais), seguido por têxteis (15,3 p.p.), calçados, couros e peles (10,8 p.p.), equipamentos eletrônicos (8,7 p.p.) e elementos químicos (4,3 p.p.).

A estrutura da pauta de importação apresenta também um considerável grau de concentração, embora pouco menor do que o verificado para as exportações. Apenas dois segmentos, equipamentos eletrônicos e siderurgia, são responsáveis por cerca de 40% da pauta e, se forem considerados os cinco principais setores, que incluem também elementos químicos, indústrias diversas e material elétrico, a participação se eleva para 63,5% na média do triênio 2001-2003, com um máximo de 66,8% em 2003. Entre os produtos, os seguintes merecem destaque nas importações do Brasil com origem na China: hulhas, aparelhos de transmissão, cristais líquidos, tecidos, lâmpadas, brinquedos e calçados (tabelas 7a, 7b 8a, 8b adiante).

Desde 1996, o segmento de equipamentos eletrônicos apresenta o maior peso na pauta de importações do Brasil, tendo alcançado em 2003 um volume equivalente a US\$ 631,2 milhões (29,4%). A elevada representatividade do setor não constitui surpresa, visto que se trata de uma indústria na qual os chineses mostram-se extremamente competitivos. Essa posição é uma decorrência direta de a China ter se convertido nos últimos anos na maior fabricante mundial de computadores e produtos eletrônicos graças aos vultosos investimentos realizados no país pelas principais multinacionais que atuam no setor – caso da Microsoft, da Motorola, da JVC e da Samsung, para citar algumas –, atraídas pela abundância tanto de matéria-prima como de mão-de-obra

habilidosa, ambas a baixo custo. Nesse contexto, várias delas optaram por transformar a China em plataforma de exportação mundial de seus produtos.

A siderurgia, o segundo setor em importância no que respeita às importações do Brasil originadas da China, constitui outra área na qual, a partir de 2000, os chineses tornaram-se líderes mundiais. Em 2003, as compras do Brasil de produtos desse segmento alcançaram US\$ 225,9 milhões, o equivalente a 10,5% do total da pauta, e representaram um crescimento de 104,4% em relação ao ano anterior. Com esse bom desempenho, a China se converteu em um dos maiores fornecedores de produtos siderúrgicos para o Brasil, com uma participação que alcança quase 30% da pauta total do segmento.

Embora as exportações e importações Brasil-China apresentem similaridade com relação ao elevado grau de concentração, verifica-se que desde o início dos anos 1990 houve uma tendência de desconcentração das exportações, ao passo que o inverso foi observado para as importações provenientes da China (tabela 9). Já quanto à participação dos principais setores nas pautas, outro ponto em comum está relacionado com a alternância de posições. Apenas o segmento de equipamentos eletrônicos, pelo lado das importações, manteve-se na primeira colocação durante todo o período considerado.

TABELA 7a

Importações do Brasil provenientes da China, por setores de atividade – 1992-2003

(Em US\$ FOB milhões)

Setores	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	Média
Equipamentos eletrônicos	13,6	47,1	93,2	143,6	192,1	204,1	189,3	206,3	342,9	277,5	410,2	631,2	229,3
Siderurgia	11,3	33,9	39,0	64,8	39,3	64,6	100,0	40,8	66,2	84,1	110,5	225,9	73,4
Elementos químicos	15,6	25,0	37,4	66,0	90,1	79,5	75,2	81,6	127,3	131,9	144,3	196,9	89,2
Indústrias diversas	6,0	15,7	41,4	152,4	190,9	157,7	132,9	110,6	156,1	135,6	155,8	193,7	120,7
Material elétrico	7,0	18,3	36,0	63,3	98,1	92,5	110,2	91,9	139,1	191,4	144,9	186,6	98,3
Têxtil	6,6	38,9	36,5	85,5	68,8	74,7	49,5	31,7	34,0	51,0	62,2	113,1	54,4
Petróleo e carvão	0,0	0,0	0,0	0,0	2,7	0,0	0,2	3,4	16,7	43,5	98,5	90,5	21,3
Máquinas e tratores	10,4	23,8	29,5	58,1	42,8	68,7	39,0	57,5	56,9	91,1	64,5	77,7	51,7
Peças e outros veículos	9,1	18,6	8,9	34,8	26,0	25,8	16,7	13,7	19,2	26,6	35,7	61,5	24,7
Farmacêutica e perfumaria	10,2	20,9	17,0	29,6	26,0	27,7	30,7	36,7	36,5	41,6	49,3	58,4	32,0
Calçados	1,4	10,4	28,5	89,3	87,3	85,7	66,9	34,0	36,6	38,7	51,6	58,3	49,1
Outros produtos metalúrgicos	3,4	4,5	8,6	30,9	35,1	42,2	34,3	22,9	33,6	36,9	33,5	40,7	27,2
Artigos de vestuário	1,4	3,7	15,7	81,9	91,5	104,2	62,5	30,9	30,6	49,6	37,2	40,0	45,8
Ref. de petróleo e petroquímica	1,8	2,4	4,8	22,9	13,5	8,9	17,1	9,2	16,0	17,3	43,7	37,0	16,2
Químicos diversos	3,7	5,6	5,8	14,6	14,1	16,5	16,7	19,5	24,2	25,2	22,9	31,3	16,7
Minerais não metálicos	0,6	1,7	3,3	10,3	10,5	10,5	10,8	7,4	16,4	13,0	14,2	21,9	10,1
Metalurgia não ferrosos	2,9	2,8	5,0	7,6	11,3	11,9	8,6	11,5	15,3	18,7	18,1	20,3	11,2
Agropecuária	4,1	9,9	24,4	27,6	34,8	28,9	16,2	19,4	10,3	10,1	19,6	12,9	18,2
Plásticos	1,5	4,4	4,3	14,2	22,5	23,0	14,7	8,8	11,2	12,2	11,3	12,5	11,7
Borracha	0,1	1,1	3,4	17,8	11,1	9,0	6,9	4,9	8,2	7,5	5,3	9,5	7,1
Outros produtos alimentares	0,4	0,2	0,3	0,9	0,9	2,5	5,9	2,6	1,4	3,7	4,7	6,6	2,5
Extrativa mineral	0,8	1,0	3,2	3,0	4,5	3,2	2,6	1,5	6,3	5,3	3,7	5,8	3,4
Madeira e mobiliário	0,5	0,6	1,3	4,2	4,8	7,5	12,9	4,4	5,3	5,9	5,1	4,9	4,8
Benefic. produtos vegetais	0,5	8,0	10,3	3,0	4,0	4,1	2,5	2,2	4,3	2,3	3,7	4,2	4,1
Celulose, papel e gráfica	0,1	0,3	0,6	3,1	4,2	3,4	4,0	2,6	2,7	4,8	2,3	3,8	2,7
Abate animais	1,0	1,9	3,2	6,5	5,9	8,0	7,5	8,7	4,4	2,6	1,1	1,7	4,4
Óleos vegetais	2,9	3,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,4	0,5
Veículos automotores	0,0	0,0	0,0	0,4	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0
Café	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,9	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,2
Laticínios	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Açúcar	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Não classificados	0,0	1,1	1,9	5,4	0,0	0,0	0,0	0,3	0,0	0,0	0,2	0,2	0,8
Total	116,8	304,9	463,5	1.041,7	1.132,9	1.166,6	1.033,7	865,0	1.221,7	1.328,1	1.554,1	2.147,6	1.031,4

Fonte: Funcex, a partir de dados brutos da Secex/Mdic.

TABELA 7b

Importações do Brasil provenientes da China, por setores de atividade – 1992-2003

(Em %)													
Setores	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	Média
Equipamentos eletrônicos	11,6	15,4	20,1	13,8	17,0	17,5	18,3	23,8	28,1	20,9	26,4	29,4	22,2
Siderurgia	9,7	11,1	8,4	6,2	3,5	5,5	9,7	4,7	5,4	6,3	7,1	10,5	7,1
Elementos químicos	13,4	8,2	8,1	6,3	8,0	6,8	7,3	9,4	10,4	9,9	9,3	9,2	8,7
Indústrias diversas	5,1	5,1	8,9	14,6	16,8	13,5	12,9	12,8	12,8	10,2	10,0	9,0	11,7
Material elétrico	6,0	6,0	7,8	6,1	8,7	7,9	10,7	10,6	11,4	14,4	9,3	8,7	9,5
Têxtil	5,7	12,8	7,9	8,2	6,1	6,4	4,8	3,7	2,8	3,8	4,0	5,3	5,3
Petróleo e carvão	0,0	0,0	0,0	0,0	0,2	0,0	0,0	0,4	1,4	3,3	6,3	4,2	2,1
Máquinas e tratores	8,9	7,8	6,4	5,6	3,8	5,9	3,8	6,6	4,7	6,9	4,2	3,6	5,0
Peças e outros veículos	7,8	6,1	1,9	3,3	2,3	2,2	1,6	1,6	1,6	2,0	2,3	2,9	2,4
Farmacêutica e perfumaria	8,7	6,9	3,7	2,8	2,3	2,4	3,0	4,2	3,0	3,1	3,2	2,7	3,1
Calçados	1,2	3,4	6,1	8,6	7,7	7,3	6,5	3,9	3,0	2,9	3,3	2,7	4,8
Outros produtos metalúrgicos	2,9	1,5	1,9	3,0	3,1	3,6	3,3	2,6	2,8	2,8	2,2	1,9	2,6
Artigos de vestuário	1,2	1,2	3,4	7,9	8,1	8,9	6,0	3,6	2,5	3,7	2,4	1,9	4,4
Ref. de petróleo e petroquím.	1,5	0,8	1,0	2,2	1,2	0,8	1,7	1,1	1,3	1,3	2,8	1,7	1,6
Químicos diversos	3,2	1,8	1,3	1,4	1,2	1,4	1,6	2,3	2,0	1,9	1,5	1,5	1,6
Minerais não metálicos	0,5	0,6	0,7	1,0	0,9	0,9	1,0	0,9	1,3	1,0	0,9	1,0	1,0
Metalurgia não-ferrosos	2,5	0,9	1,1	0,7	1,0	1,0	0,8	1,3	1,3	1,4	1,2	0,9	1,1
Agropecuária	3,5	3,2	5,3	2,6	3,1	2,5	1,6	2,2	0,8	0,8	1,3	0,6	1,8
Plásticos	1,3	1,4	0,9	1,4	2,0	2,0	1,4	1,0	0,9	0,9	0,7	0,6	1,1
Borracha	0,1	0,4	0,7	1,7	1,0	0,8	0,7	0,6	0,7	0,6	0,3	0,4	0,7
Outros produtos alimentares	0,3	0,1	0,1	0,1	0,1	0,2	0,6	0,3	0,1	0,3	0,3	0,3	0,2
Extrativa mineral	0,7	0,3	0,7	0,3	0,4	0,3	0,3	0,2	0,5	0,4	0,2	0,3	0,3
Madeira e mobiliário	0,4	0,2	0,3	0,4	0,4	0,6	1,2	0,5	0,4	0,4	0,3	0,2	0,5
Benefic. produtos vegetais	0,4	2,6	2,2	0,3	0,4	0,4	0,2	0,3	0,4	0,2	0,2	0,2	0,4
Celulose, papel e gráfica	0,1	0,1	0,1	0,3	0,4	0,3	0,4	0,3	0,2	0,4	0,1	0,2	0,3
Abate animais	0,9	0,6	0,7	0,6	0,5	0,7	0,7	1,0	0,4	0,2	0,1	0,1	0,4
Óleos vegetais	2,5	1,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1
Veículos automotores	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Café	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Laticínios	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Açúcar	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Não classificados	0,0	0,4	0,4	0,5	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1
Total	100,0												

Fonte: Funcex, a partir de dados brutos da Secex/Mdic.

TABELA 8a

Importações do Brasil provenientes da China, segundo capítulos selecionados da NCM-SH*

(Em US\$ FOB milhões)													
Capítulos	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	Média
Máq., apar. e mat. elétricos e suas partes	16,1	56,7	119,0	193,4	252,6	260,3	221,5	234,3	360,5	380,0	455,2	708,1	271,5
Combustíveis, óleos e ceras, minerais	11,1	33,0	36,3	57,0	37,8	57,1	97,4	40,6	74,8	126,2	225,6	308,5	92,1
Produtos químicos orgânicos	24,1	44,5	52,6	92,0	109,1	101,9	96,6	106,9	142,8	144,5	166,1	216,9	108,2
Caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos e suas partes	20,6	45,2	39,4	69,9	72,3	106,4	117,0	117,2	170,5	181,5	163,7	215,1	109,9
Instrum. e apar. de ótica, fotog. ou cinematog., de medida, controle ou precisão	1,2	4,1	7,9	17,8	50,8	57,6	33,5	40,1	81,9	67,1	94,0	133,6	49,1
Filamentos sintéticos ou artificiais	0,1	0,6	4,5	17,7	6,2	5,0	4,1	3,5	5,3	9,2	27,0	83,0	13,9
Calçados e artefatos e suas partes	0,8	7,4	22,4	67,5	63,4	61,9	40,4	17,4	19,9	18,1	26,7	32,0	31,5
Brinq., jogos e art. para divertim. ou esporte	2,9	7,3	24,7	103,8	99,2	65,7	72,0	49,3	57,0	46,9	35,3	31,9	49,7
Vestuário e acessórios, exceto de malha	1,0	2,4	12,7	73,8	76,2	87,1	48,7	22,4	20,9	34,4	23,0	26,0	35,7
Demais	38,9	103,6	144,0	348,8	365,3	363,6	302,4	233,3	288,2	320,2	337,6	392,5	269,9
Total	116,8	304,9	463,5	1.041,7	1.132,9	1.166,6	1.033,7	865,0	1.221,7	1.328,1	1.554,1	2.147,6	1.031,4

Fonte: Funcex, a partir de dados brutos da Secex/Mdic.

Obs.: * De 1992 a 1995 a classificação vigente era em NBM.

A comparação da estrutura setorial das exportações e importações no comércio Brasil-China revela ainda que apenas dois setores – siderurgia e calçados, couros e peles – aparecem entre os oito principais de cada fluxo. No caso do primeiro segmento, as exportações para a China estão concentradas em laminados planos e em semimanufaturados de aço e ferro, enquanto as importações consistem basicamente em produtos metalúrgicos acabados. No caso do segundo segmento, o Brasil exporta principalmente matérias-primas para a confecção de calçados, com ênfase em couros e

peles depilados, e importa os produtos prontos. Nesse contexto, para ambos os segmentos parece existir uma certa complementaridade entre as estruturas produtivas da China e do Brasil.

TABELA 8b

Importações do Brasil provenientes da China, segundo capítulos selecionados da NCM-SH*

(Em %)

Capítulos	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	Média
Máq., apar. e mat. elétricos e suas partes	13,8	18,6	25,7	18,6	22,3	22,3	21,4	27,1	29,5	28,6	29,3	33,0	26,3
Combustíveis, óleos e ceras, minerais	9,5	10,8	7,8	5,5	3,3	4,9	9,4	4,7	6,1	9,5	14,5	14,4	8,9
Produtos químicos orgânicos	20,6	14,6	11,3	8,8	9,6	8,7	9,3	12,4	11,7	10,9	10,7	10,1	10,5
Caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos e suas partes	17,6	14,8	8,5	6,7	6,4	9,1	11,3	13,5	14,0	13,7	10,5	10,0	10,7
Instrum. e apar. de ótica, fotogr. ou cinematog., de medida, controle ou precisão	1,0	1,3	1,7	1,7	4,5	4,9	3,2	4,6	6,7	5,1	6,0	6,2	4,8
Filamentos sintéticos ou artificiais	0,1	0,2	1,0	1,7	0,5	0,4	0,4	0,4	0,4	0,7	1,7	3,9	1,3
Calçados e artefatos e suas partes	0,7	2,4	4,8	6,5	5,6	5,3	3,9	2,0	1,6	1,4	1,7	1,5	3,1
Brinq., jogos e art. para divertimento ou esporte	2,5	2,4	5,3	10,0	8,8	5,6	7,0	5,7	4,7	3,5	2,3	1,5	4,8
Vestuário e acessórios, exceto de malha	0,9	0,8	2,7	7,1	6,7	7,5	4,7	2,6	1,7	2,6	1,5	1,2	3,5
Demais	33,3	34,0	31,1	33,5	32,2	31,2	29,3	27,0	23,6	24,1	21,7	18,3	26,2
Total	100,0												

Fonte: Funcex, a partir de dados brutos da Secex/Mdic.

Obs.: * De 1992 a 1995 a classificação vigente era em NBM.

TABELA 9

Participação dos setores no comércio Brasil-China – 1992-2003

	1992-1994		1995-1997		1998-2000		2001-2003	
	Setor	Part.	Setor	Part.	Setor	Part.	Setor	Part.
Exportações para a China	Siderurgia	38,8%	Óleos Vegetais	51,6%	Extrativo-mineral	28,1%	Agropecuária	30,1%
	Óleos Vegetais	23,9%	Extrativo-mineral	14,8%	Agropecuária	25,2%	Extrativo-mineral	22,3%
	Extrativo-Mineral	16,7%	Siderurgia	6,3%	Óleos vegetais	15,2%	Siderurgia	10,7%
	Metalurgia não-ferrosos	7,8%	Peças e outros veículos	5,8%	Celulose, papel e gráfica	5,5%	Celulose, papel e gráfica	6,6%
	Máquinas e tratores	2,8%	Açúcar	4,3%	Benefic. de prod. vegetais	3,7%	Peças e outros veículos	6,5%
	Subtotal	90,0%	Subtotal	82,8%	Subtotal	77,7%	Subtotal	76,2%
	Demais	10,0%	Demais	17,2%	Demais	22,3%	Demais	23,8%
Total	100,0%	Total	100,0%	Total	100,0%	Total	100,0%	
Importações provenientes da China	Equipamentos eletrônicos	17,4%	Equipamentos eletrônicos	16,2%	Equipamentos eletrônicos	23,7%	Equipamentos eletrônicos	26,2%
	Siderurgia	9,5%	Indústrias diversas	15,0%	Indústrias diversas	12,8%	Material elétrico	10,4%
	Têxtil	9,3%	Artigos de vestuário	8,3%	Material elétrico	10,9%	Indústrias diversas	9,6%
	Elementos químicos	8,8%	Calçados	7,9%	Elementos químicos	9,1%	Elementos químicos	9,4%
	Máquinas e tratores	7,2%	Material elétrico	7,6%	Siderurgia	6,6%	Siderurgia	8,4%
	Subtotal	52,2%	Subtotal	55,0%	Subtotal	63,1%	Subtotal	64,0%
	Demais	47,8%	Demais	45,0%	Demais	36,9%	Demais	36,0%
Total	100,0%	Total	100,0%	Total	100,0%	Total	100,0%	

Fonte: Funcex, a partir de dados brutos da Secex/Mdic.

Essa complementaridade, aliás, também parece estar presente em outros segmentos. Tanto é assim que, ao serem consideradas as categorias de produtos classificadas a seis dígitos conforme a NCM-SH, observa-se ser baixo o percentual de itens constantes simultaneamente tanto da pauta de exportações como a de importações. Dessa forma, os fluxos de comércio entre o Brasil e a China estão aparentemente baseados sobretudo no princípio das vantagens comparativas, por meio do qual os países estariam comercializando produtos diferentes, com o objetivo de aproveitar ao máximo diferenciais relativos de custos de produção, e não no chamado comércio intra-indústria (ICI).

Com vistas a avaliar a importância do ICI no intercâmbio comercial entre o Brasil e a China, foram selecionadas as NCM a quatro dígitos, cujo valor da corrente de comércio foi superior a US\$ 20 milhões em 2003, o que resultou na seleção de 43 produtos, para os quais são apresentados na tabela 10 os índices de ICI. Estes produtos representam 80% do total da corrente de comércio entre os dois países em 2003. É importante ressaltar que o intercâmbio entre o Brasil e a China caracteriza-se pela presença preponderante do comércio do tipo interindustrial. Apenas três produtos (lâmpadas, tubos e válvulas de cátodo quente; ferroligas; e aparelhos para interrupção de circuitos elétricos) apresentam índices de comércio intra-industrial superior a 0,5. Tais informações ratificam a hipótese considerada no parágrafo anterior, qual seja, de que o comércio bilateral Brasil-China está de fato baseado no aproveitamento de vantagens comparativas clássicas e que, portanto, prevalece um padrão de comércio do tipo interindustrial.

TABELA 10

Índice de Comércio Intra-Indústria (ICI*) de Grubel-Loyd para a corrente de comércio (CCM) Brasil-China: principais produtos selecionados pela participação na corrente de comércio de 2003 – ordenados pelo valor da CCM de 2003

(Valores em US\$ mil)

Posição	NCM-SH	Descrição	2001			2002			2003		
			CCM	ICI	%	CCM	ICI	%	CCM	ICI	%
1201		Soja, mesmo triturada	537.664	0,00	16,	825.475	0,00	20,3	1.313.073	0,00	19,7
2601		Minérios de ferro e seus concentrados, incluídas as pirítas de ferro ustuladas (cinzas de pirítas)	482.633	0,00	14,9	597.225	0,00	14,7	764.857	0,00	11,4
1507		Óleo de soja e respectivas frações, mesmo refinado, mas não quimicamente modificado	4.923	0,00	0,2	124.833	0,00	3,1	268.102	0,00	4,0
4703		Pastas químicas de madeira, à soda ou ao sulfato	122.465	0,00	3,8	109.150	0,00	2,7	259.386	0,00	3,9
7207		Prod. semimanufaturados, de ferro ou aços não ligados	13.640	0,00	0,64	23.285	0,00	0,6	258.285	0,00	3,9
2704		Coques e semicoques, de hulha, de linhita ou de turfa, mesmo aglomerados, carvão de retorta	78.322	0,00	2,4	102.688	0,00	2,5	213.769	0,00	3,2
7209		Prod. laminados planos, de ferro ou aços não ligados, de largura =600mm, laminados a frio, não folheados ou chapeados, nem revestidos	2.190	0,02	0,1	41.928	0,00	1,0	186.661	0,00	2,8
8529		Aparelhos transmissores, receptores e componentes	53.607	0,21	1,7	106.017	0,18	2,6	183.471	0,10	2,7
8708		Partes e acessórios dos veic. automóveis das posições 8701 a 8705	34.291	0,07	1,1	58.668	0,02	1,4	164.993	0,01	2,5
7208		Prod. laminados planos, de ferro ou aços não ligados, de largura igual ou sup. a 600 mm, laminados a quente, não folheados ou chapeados, nem revestidos				14.388	0,00	0,4	113.289	0,00	1,7
4407		Madeira serrada ou fendida longitudinalmente, cortada em folhas, mesmo aplainada, de espessura superior a 6mm	38.679	0,00	1,2	70.542	0,00	1,7	111.319	0,00	1,7
7210		Prod. laminados planos, de ferro ou aços não ligados, de largura igual ou sup. a 600mm, folheados ou chapeados, ou revestidos	4.510	0,00	0,1	20.525	0,00	0,5	94.230	0,00	1,4
2701		Hulhas; briquetes, bolas em aglomerados (bolas*) e combustíveis sólidos semelhantes, obtidos a partir da hulha	43.475	0,00	1,3	98.449	0,00	2,4	90.499	0,00	1,4
4104		Couros e peles depilados, de bovinos e de equídeos, preparados, exceto os das posições 4108 ou 4109	55.383	0,00	1,7	69.323	0,02	1,7	88.905	0,01	1,3
8542		Circuitos integrados e microconjuntos eletrônicos	26.924	0,20	0,8	43.507	0,26	1,1	88.178	0,16	1,3
9013		Dispositivos de cristais líquidos que não constituam artigos de outras posições, lasers, exceto diodos laser, outros aparelhos e instrumentos de ótica, não especificados em outras posições	25.673	0,00	0,8	47.360	0,00	1,2	83.985	0,01	1,3

(continua)

(continuação)

Posição	NCM-SH Descrição	2001			2002			2003		
		CCM	ICI	%	CCM	ICI	%	CCM	ICI	%
5407	Tecidos de fios de filamentos sintéticos, incluídos os tecidos obtidos a partir dos produtos da posição 5404	8.092	0,00	0,3	25.644	0,00	0,6	80.646	0,00	1,2
8407	Motores de pistão, alternativo ou rotativo, de ignição por centelha (faísca) (motores de explosão)	20	0,04	0,0	8.025	0,23	0,2	75.198	0,02	1,1
8471	Máq. automáticas p/processamento e dados e suas unidades	47.825	0,06	1,5	56.541	0,01	1,4	64.994	0,00	1,0
7219	Prod. laminados planos, de aço inoxidáveis, de largura ≥ 600mm	20.136	0,00	0,6	16.976	0,00	0,4	62.077	0,00	0,9
8473	Partes e acessórios para as máq. e aparelhos das pos. 8469 a 8472	41.074	0,02	1,3	34.916	0,02	0,9	61.614	0,02	0,9
2401	Fumo não manufacturado; desperdícios de fumo (tabaco)	56.124	0,00	1,7	69.448	0,00	1,7	55.671	0,00	0,8
2933	Comp. heterocíclicos de heteroátomo(s) de nitrogénio	33.427	0,00	1,0	37.428	0,04	0,9	53.112	0,21	0,8
8522	Partes e acessórios dos aparelhos das posições 8519 a 8521	17.844	0,00	0,6	44.690	0,00	1,1	50.819	0,00	0,8
8409	Partes destinadas aos motores das posições 8407 ou 8408	24.018	0,09	0,7	37.542	0,16	0,9	49.564	0,21	0,7
8504	Transformadores, conversores estáticos etc., eléctricos e suas partes	24.190	0,02	0,7	32.866	0,02	0,8	47.342	0,01	0,7
2516	Granito, pórfiro, basalto, arenito e outras pedras de cantaria ou de construção, em blocos ou placas quadradas ou retangulares	5.029	0,00	0,2	10.430	0,00	0,3	37.222	0,00	0,6
8518	Microfones e seus suportes; alto-falantes, fones de ouvido, amplificadores eléctricos, etc.	17.816	0,00	0,6	23.516	0,00	0,6	36.038	0,02	0,5
8540	Lâmpadas, tubos e válvulas, electrónicos, de cátodo quente e frio ou fotocátodo, exceto os da posição 8539	21.646	0,60	0,7	34.369	0,40	0,8	34.474	0,53	0,5
7202	Ferroligas	15.339	0,57	0,5	21.743	0,50	0,5	33.911	0,54	0,5
8527	Apar. receptores p/radiotelegrafia, radiotelegrafia ou radiodifusão	15.034	0,00	0,5	23.581	0,00	0,6	32.240	0,01	0,5
8507	Acumuladores eléctricos e seus separadores, mesmo de forma quadrada ou retangular	8.281	0,09	0,3	9.426	0,00	0,2	28.483	0,00	0,4
4107	Peles depiladas de outros animais e peles de animais desprovidos de pêlos, preparadas, exceto as das posições 4108 ou 4109	362	0,00	0,0	19.372	0,00	0,5	27.357	0,00	0,4
8539	Lâmpadas e tubos eléctricos de incandescência ou de descarga e as lâmpadas e tubos de raios ultravioleta ou infravermelhos	76.127	0,00	2,4	28.233	0,01	0,7	27.060	0,01	0,4
7502	Níquel em formas brutas	1.429	0,00	0,0	6.205	0,00	0,2	26.779	0,00	0,4
8517	Apar. eléctricos para telefonia, telegrafia com fios	24.426	0,22	0,8	18.426	0,10	0,5	26.472	0,07	0,4
8536	Apar. para interrupção, seccionamento, protecção, derivação, ligação ou conexão de circuitos eléctricos, para tensão não superior a 1.000 volts	14.730	0,13	0,5	17.180	0,41	0,4	26.212	0,56	0,4
8413	Bombas para líquidos, mesmo com dispositivos medidores; elevadores de líquidos	15.898	0,07	0,5	18.703	0,12	0,5	26.122	0,12	0,4
8483	Rolamentos e engrenagens, partes e peças	7.076	0,21	0,2	14.226	0,19	0,3	25.385	0,15	0,4
4202	Malas e maletas para docs., toucador, pastas de estudante, estojos para óculos, binóculos, máq. fotográficas e de filmar, instrumentos musicais, armas e artefatos semelhantes, sacos de viagem	20.355	0,00	0,6	24.273	0,00	0,6	24.433	0,00	0,4
	Demais	1.189.513	-	36,8	1.087.420	-	26,7	1.383.969	-	20,7
	Total	3.230.188	-	100,0	4.074.543	-	26,7	6.680.195	-	100,0

Fonte: Funcex, a partir de dados brutos da Secex/Mdic.

Obs.: * ICI = $1 - |X - M| / (X + M)$.

3 EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS – GANHOS E PERDAS DE COMPETITIVIDADE NO MERCADO IMPORTADOR CHINÊS ENTRE OS BIÊNIOS 1996-1997 E 2001-2002

3.1 METODOLOGIA UTILIZADA E BASE DE DADOS

Como é sabido, as perdas – ou ganhos – globais de competitividade do Brasil em um determinado mercado – no caso, a China –, ao longo dos períodos considerados, refletem variações negativas, ou positivas, do *market share* brasileiro em tal mercado. O valor total dessas perdas ou ganhos resulta do somatório das diferenças entre os valores efetivamente exportados de cada um dos produtos pelo Brasil no biênio 2001-2002 e os valores que deveriam ter sido exportados caso o país mantivesse o *market share* anterior (1996-1997). Esta soma é um valor positivo quando considerados apenas os produtos nos quais o Brasil ganhou *market share*, e negativo no caso contrário. Para se distribuir as perdas ou ganhos brasileiros (os) pelos concorrentes do Brasil no mercado chinês, calcula-se a participação de cada um deles no somatório dos ganhos ou perdas de competitividade de todos os países que aumentaram ou reduziram seu *market share* no mercado chinês no período focalizado e, em seguida, aplica-se essa proporção às perdas – ou ganhos – brasileiras (os).⁴

Os resultados apresentados neste trabalho têm como base as estatísticas de comércio exterior organizadas no banco de dados PC-TAS.⁵ Os produtos foram definidos de acordo com a classificação do Sistema Harmonizado (SH) no maior nível de desagregação possível (seis dígitos). O estudo compara os fluxos de comércio dos biênios 1996-1997 e 2001-2002, uma vez que 2002 consiste no último ano para o qual há informações disponíveis. Em consequência, trata-se de um exercício referente à evolução recente da competitividade das exportações brasileiras no mercado importador da China. Vale registrar que a utilização de médias bienais (2001-2002 contra 1996-1997) é recomendável por reduzir variações temporárias de comércio. A necessidade de se utilizar mais de uma edição do PC-TAS⁶ exigiu a aplicação de um tradutor visando à compatibilização de produtos cuja classificação foi alterada ao longo do período de cobertura do estudo.⁷

A análise quantitativa dos fluxos de comércio exterior deve considerar as deficiências das estatísticas disponíveis. No caso do cálculo de perdas e ganhos de competitividade, cumpre lembrar que ainda que se tenha utilizado a menor agregação disponível (SH, seis dígitos), esta engloba produtos por vezes muito distintos. Este

4. Os valores das perdas e ganhos de competitividade das exportações brasileiras no mercado chinês e a participação dos principais concorrentes do país nesses valores foram calculados mediante a metodologia descrita (modelo de *market share* constante), amplamente detalhada e utilizada em trabalhos publicados por Chami (2001; 2002).

5. Trade Analysis System on Personal Computer (PC/TAS), disponibilizado em CD-ROM pelo International Trade Centre Unctad/WTO e United Nations Statistics Division (UNSD).

6. O primeiro CD-ROM cobre o período de 1996 a 2000, o segundo, 1997 a 2001, e o último, 1998 a 2002.

7. Mudanças no sistema classificatório (criação/extinção de produtos em SH) podem enviesar a comparação dos valores de comércio de um determinado produto em dois momentos distintos. Para evitar o problema, a base de dados original (três versões do PC/TAS) foi compatibilizada com o auxílio de tabelas de correspondências disponibilizadas pelo sistema World Integrated Trade Solutions (WITS) mantido pelo Banco Mundial com colaboração da UNCTAD/WTO e da UNSD. Tais tabelas relacionam as aberturas/fechamentos de cada posição SH e sua aplicação implicou a redução do número de posições SH que retratam o comércio Brasil-China.

problema, somado às mudanças na metodologia de classificação de produtos corrigidas por intermédio do tradutor, pode implicar algum viés nos cálculos realizados. Sublinhe-se, uma vez mais, que cálculos de ganhos e perdas de competitividade são sensíveis ao nível de agregação dos produtos, assim como ao período de referência focalizado pela análise.⁸ Ademais, por construção, nada nos informam acerca dos fundamentos do aumento ou redução de competitividade (elevação de produtividade, comportamento do câmbio, aplicação de medidas de incentivo ou de restrição ao comércio etc.). Em resumo, referem-se tão-somente ao desempenho comercial do passado, o que torna prudente utilizá-los apenas como uma fotografia do comportamento do comércio no período de referência e nunca como parâmetro para projetar desempenho comercial futuro.

Calculados segundo a metodologia antes descrita, as perdas e os ganhos de competitividade dos produtos brasileiros exportados para a China foram organizados e analisados a partir de quatro critérios gerais, a saber:

- a) Distribuição setorial e principais produtos: classificação por setores definidos pela Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex), com base na matriz insumo–produto do Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE) (31 setores); e produtos definidos a seis dígitos (SH);
- b) Classe de produtos: produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados – classificação baseada em artigo de Pavitt, publicado em 1984;⁹
- c) Dinamismo das importações chinesas: produtos muito dinâmicos, dinâmicos, intermediários, em regressão e em decadência;¹⁰ e
- d) Intensidade tecnológica dos produtos industrializados: baixa, médio-baixa, médio-alta e alta – classificação desenvolvida pela Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).¹¹

3.2 O QUADRO DE REFERÊNCIA

Na tabela 11 estão registrados o número de produtos (SH, seis dígitos) importados pela China e o valor total das importações chinesas nos biênios de referência,¹² dis-

8. Conforme registrado, 2002 é o último ano para o qual há informações disponíveis. Em decorrência, os cálculos de perdas e ganhos de competitividade excluíram 2003, ano em que se verificou expressivo crescimento das vendas externas brasileiras destinadas ao mercado chinês. Logo, calculados com referência a 2003, os resultados poderiam divergir em alguma medida dos apresentados neste trabalho, especialmente aqueles referentes a setores produtivos com forte desempenho exportador em 2003, como é o caso, por exemplo, do setor siderúrgico.

9. Sectoral patterns of technical change: towards a taxonomy and a theory, artigo republicado recentemente pela Revista Brasileira de Inovação (vol.2, nº 2, jul/dez 2003 - Finep - Rio de Janeiro).

10. Faixas de dinamismo definidas com referência à taxa média de crescimento das importações chinesas entre os biênios considerados. Dado que a taxa média de crescimento do total das importações chinesas (comparação entre a média do biênio 1996-1997 e a média do biênio 2001-2002) foi de 13,9% a.a., as faixas de dinamismo foram estabelecidas mediante os seguintes critérios: (i) intermediários: produtos que apresentaram taxas de crescimento das importações em torno da taxa média das importações chinesas globais (crescimento maior ou igual a 9% e menor que 18%); (ii) dinâmicos: produtos para os quais a taxa de crescimento das importações foi maior ou igual a 18% e menor que 28%; (iii) muito dinâmicos: produtos para os quais a taxa de crescimento das importações foi maior ou igual a 28%; (iv) em regressão: produtos com taxa de crescimento das importações positivas mas significativamente inferiores à média (crescimento menor que 9% e maior ou igual a zero); e (v) em decadência: produtos cujas importações apresentaram taxas de crescimento negativas.

11. Para uma discussão desses indicadores, ver Markwald (2004).

criminando a parcela dessas importações com origem no Brasil. De acordo com a base de dados e com a metodologia utilizada, o Brasil exportou, no período considerado, 793 produtos para o mercado chinês, o que corresponde a 16,8% do número total de produtos importados pela China. Entre os biênios 1996-1997 e 2001-2002, do total de produtos exportados pelo Brasil, 292 (36,8%) apresentaram perda de *market share*, enquanto os demais 495 (62,4%) obtiveram ganhos de *market share*. Em decorrência, a participação (em valor) do primeiro grupo nas exportações brasileiras destinadas à China reduziu-se de 70,1% (1996-1997) para 7,9% (2001-2002), ao mesmo tempo em que a participação do segundo grupo saltou de 29,9% para 92,0%.

TABELA 11

Mercado importador da China: importações totais e importações com origem no Brasil

Produtos	S.H.		Importações da China (96-97)*				Importações da China (01-02)*			
	Nº	(%)	Total**	(%)	Brasil**	(%)	Total**	(%)	Brasil**	(%)
Total	4.716	100,0	140.398,1	100,0	1.484,1	100,0	269.102,8	100,0	2.671,4	100,0
a) Brasil não exporta	3.923	83,2	68.903,3	49,1	0,0	0,0	114.684,7	42,6	0,0	0,0
b) Brasil exporta	793	16,8	71.494,8	50,9	1.484,1	100,0	154.418,1	57,4	2.671,4	100,0

Produtos	S.H.		Importações da China (1996-1997)*				Importações da China (2001-2002)*			
	Nº	(%)	Total**	(%)	Brasil**	(%)	Total**	(%)	Brasil**	(%)
Produtos que o Brasil exporta	793	100,0	71.494,8	100,0	1.484,1	100,0	154.418,1	100,0	2.671,4	100,0
Com perda de MS	292	36,8	27.920,7	39,1	1.039,7	70,1	46.101,2	29,9	210,7	7,9
Com ganhos de MS	495	62,4	43.304,3	60,6	444,0	29,9	99.359,8	64,3	2.458,7	92,0
Não comparáveis	6	0,8	269,9	0,4	0,4	0,0	8.957,0	5,8	2,0	0,1

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Média do biênio.

** Em US\$ milhões CIF.

3.3 EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS: GANHOS E PERDAS DE COMPETITIVIDADE NO MERCADO IMPORTADOR CHINÊS

Entre os biênios 1996-1997 e 2001-2002, as exportações relativas aos 292 produtos com redução de *market share* na China produziram perdas de competitividade da ordem de US\$ 467,3 milhões. Em contrapartida, as vendas dos 495 produtos com elevação de *market share* implicaram ganhos de competitividade de US\$ 1.442,2 milhões. Como resultado, o Brasil apresentou, no total, ganhos líquidos de competitividade da ordem de US\$ 974,8 milhões, cifra que representa 36,5% do valor da média anual das exportações brasileiras para a China referentes ao biênio 2001-2002 (tabela 12).

A partir da tabela 12 é possível, ainda, verificar um expressivo grau de concentração dos ganhos e das perdas brasileiras, quando examinados por produtos. De fato, no grupo dos produtos competitivos, apenas quatro deles, todos com ganhos superiores a US\$ 70 milhões, responsabilizaram-se por cerca de metade dos ganhos obtidos pelo Brasil no mercado chinês. Já no grupo dos produtos não competitivos, sete deles responderam, aproximadamente, por dois terços das perdas.

12. O banco de dados utilizado (PC-TAS) reúne informações de comércio exterior divulgadas pelos países informantes (no caso a China) registradas em dólares norte-americanos (CIF). Essa circunstância explica a divergência do valor do volume das importações chinesas oriundas do Brasil identificado quando da comparação entre os dados da PC-TAS e os dados da Secex.

TABELA 12

Ganhos e perdas de competitividade: número de produtos (SHs) e valor*

Produtos com ganhos de competitividade				
Faixa dos Ganhos (G) em US\$ milhões	Nº de SHs	US\$ milhões**	%	
1. 410 = G >100	3	771,7	53,5	
2. 100 = G >50	1	72,5	5,0	
3. 50 = G >10	11	233,3	16,1	
4. 10 = G >5	16	116,0	8,0	
5. 5 = G >2	41	125,7	8,7	
6. 2 = G >1	34	44,3	3,1	
7. 1 = G > 0,5	46	33,2	2,3	
8. 0,5 = G > 0,1	158	36,9	2,7	
9. 0,1 = G > 0,0	185	8,6	0,6	
(a) Total dos ganhos	495	1.442,2	100,0	
Produtos com perdas de competitividade				
Faixa das Perdas (P) em US\$ milhões	Nº de SHs	US\$ milhões**	%	
1. 100 = G >50	3	-201,1	43,0	
2. 50 = G >10	4	-112,5	24,1	
3. 10 = G >5	7	-46,3	9,9	
4. 5 = G >2	14	-38,5	8,2	
5. 2 = G >1	13	-18,0	3,8	
6. 1 = G > 0,5	41	-28,7	6,2	
7. 0,5 = G > 0,1	77	-17,3	3,7	
8. 0,1 = G > 0,0	133	-4,9	1,1	
(b) Total das perdas	292	-467,3	100,0	
(c) Saldo (a+b)		974,8		

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 1996-1997 e 2001-2002.

** CIF.

3.4 GANHOS E PERDAS DE COMPETITIVIDADE DO BRASIL: DISTRIBUIÇÃO SETORIAL E PRINCIPAIS PRODUTOS**3.4.1 Distribuição setorial**

Na tabela 13 são mostrados as perdas e os ganhos de competitividade do Brasil no mercado chinês (perdas brutas, ganhos brutos e resultado líquido), discriminados por setores. Dos 30 setores com vendas externas para a China no período analisado, 20 apresentaram ganhos líquidos de competitividade, cujo valor total alcançou a soma de US\$ 1.212,2 milhões. Por seu turno, os dez setores restantes produziram, em conjunto, perdas líquidas da ordem de US\$ 237,3 milhões. Confrontados os resultados dos dois grupos, observa-se, uma vez mais, que o Brasil obteve ganhos líquidos de competitividade correspondentes a US\$ 974,8 milhões.

TABELA 13

Ganhos e perdas de competitividade do Brasil no mercado importador da China, discriminados por setores*

Setores com ganhos líquidos	Perdas Brutas			Ganhos brutos			Ganhos líquidos	
	Nº SHs	Valor** (a)	%	Nº SHs	Valor** (b)	%	Valor** (a) + (b)	%
Extrativo-mineral	9	-3,2	0,69	19	420,7	29,2	417,5	34,4
Agropecuária	5	-0,4	0,08	10	417,5	29,0	417,1	34,4
Benef. de produtos vegetais	3	-0,3	0,06	7	81,7	5,7	81,4	6,7
Calçados, couros e peles	7	-1,1	0,24	13	66,0	4,6	64,9	5,4
Madeira e mobiliário	6	-1,0	0,21	18	55,4	3,8	54,4	4,5
Maquinas e tratores	31	-12,1	2,58	59	49,5	3,4	37,4	3,1
Material elétrico	14	-3,4	0,73	40	39,2	2,7	35,7	2,9
Celulose, papel e gráfica	26	-18,2	3,89	27	38,8	2,7	20,7	1,7
Refino de petróleo e petroq.	28	-15,1	3,24	39	33,6	2,3	18,5	1,5
Equipamentos eletrônicos	5	-4,0	0,85	19	19,7	1,4	15,7	1,3
Elementos químicos	11	-3,1	0,67	23	13,5	0,9	10,4	0,9
Indústrias diversas	13	-2,3	0,49	33	11,8	0,8	9,5	0,8
Açúcar	1	0,0	0,00	2	8,6	0,6	8,6	0,7
Outros produtos metalúrgicos	6	-4,5	0,95	24	10,5	0,7	6,1	0,5

(continua)

(continuação)

Setores com ganhos líquidos	Perdas Brutas			Ganhos brutos			Ganhos líquidos	
	Nº SHs	Valor** (a)	%	Nº SHs	Valor** (b)	%	Valor** (a) + (b)	%
Borracha	1	0,0	0,00	10	4,2	0,3	4,2	0,3
Minerais não metálicos	6	-0,4	0,08	10	4,4	0,3	4,1	0,3
Plásticos	0	0,0	0,00	4	3,1	0,2	3,1	0,3
Farmacêutica e perfumaria	3	-1,2	0,25	4	3,3	0,2	2,2	0,2
Veículos automotores	0	0,0	0,00	4	0,5	0,0	0,5	0,0
Químicos diversos	7	-1,3	0,28	21	1,4	0,1	0,1	0,0
Subtotal (1)	182	-71,5	15,29	386	1283,6	89,0	1212,2	100,0
Setores com perdas líquidas	Perdas Brutas			Ganhos brutos			Ganhos líquidos	
	Nº SHs	Valor** (a)	%	Nº SHs	Valor** (b)	%	Valor** (a) + (b)	%
Oleos vegetais	7	-78,8	16,85	4	16,8	1,2	-61,9	26,1
Peças e outros veículos	8	-135,7	29,04	33	80,6	5,6	-55,1	23,2
Abate animais	10	-51,6	11,04	0	0,0	0,0	-51,6	21,7
Siderurgia	30	-89,7	19,18	36	48,8	3,4	-40,8	17,2
Metalurgia de não-ferrosos	18	-22,4	4,80	11	9,0	0,6	-13,5	5,7
Têxtil	25	-11,3	2,43	11	1,2	0,1	-10,2	4,3
Artigos de vestuário	1	-1,4	0,30	1	0,0	0,0	-1,4	0,6
Outros produtos alimentares	7	-3,0	0,63	10	1,7	0,1	-1,2	0,5
Laticínios	1	-0,1	0,03	0	0,0	0,0	-0,1	0,1
Café	2	-0,5	0,10	3	0,4	0,0	-0,1	0,0
Produtos não classificados	1	-1,4	0,29	0	0,0	0,0	-1,4	0,6
Subtotal (2)	110	-395,9	84,71	109	158,5	11,0	-237,3	100,0
Total Geral (1)+(2)	292	-467,3	100,00	495	1442,2	100,0	974,8	

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 1996-1997 e 2001-200; ** CIF.

No grupo de setores com ganhos líquidos (20 setores, doravante referidos como superavitários), destacam-se o setor extrativo-mineral e a agropecuária, que explicam cerca de 70% dos ganhos líquidos dos setores superavitários. Neste grupo, se considerarmos os sete setores com ganhos mais relevantes, o grau de concentração salta para 91%, proporção que se distribui do seguinte modo: extrativo-mineral (34,4% dos ganhos); agropecuária (34,4%); beneficiamento de produtos vegetais (6,7%); calçados, couros e peles (5,4%); madeira e mobiliário (4,5%); máquinas e tratores (3,1%); e material elétrico (2,9%). Os demais setores superavitários (13) responsabilizam-se, portanto, por apenas 9,0% dos ganhos líquidos.

No grupo de setores com perdas líquidas (dez setores, doravante referidos como deficitários), destacam-se quatro que, somados, explicam 88,3% do total das perdas dos setores deficitários. São eles: óleos vegetais (26,1%); peças e outros veículos (23,2%); abate de animais (21,7%); e siderurgia (17,2%). Logo, os outros seis setores deficitários explicam apenas 11,7% daquelas perdas.

3.4.2 Principais produtos

Os dez produtos com maiores ganhos de competitividade, somados, explicam cerca de 70% dos ganhos de competitividade obtidos pelo Brasil na China (quadro 1 e tabela 14 adiante). Entre eles, sobressaem produtos não industrializados (soja, minério de ferro, fumo e granitos) e produtos manufaturados de baixo conteúdo tecnológico (couros e peles; madeira; celulose), fato coerente com o padrão de expansão das exportações brasileiras destinadas à China observado no período em análise. Participam do grupo apenas dois produtos industrializados de maior conteúdo tecnológico (aviões/outros veículos aéreos e outras partes para motores diesel), cujos ganhos de competitividade somados correspondem a apenas 2,5% dos ganhos líquidos brasileiros.

É importante ressaltar que, no período focalizado, as importações chinesas de sete dos dez produtos brasileiros com ganhos de competitividade mais expressivos mos-

traram-se muito dinâmicas. Assim, é possível concluir que a maior parcela dos ganhos do país resultou da forte expansão das importações chinesas de produtos em relação aos quais o Brasil apresenta vantagens comparativas expressivas no comércio mundial com o resto do mundo, isto é, no comércio com o mundo, exceto a China.¹³

Os dez produtos com perdas de competitividade mais expressivas totalizaram 72% das perdas brasileiras no mercado importador chinês (quadro 2 e tabela 15). Ressalte-se que para o produto detentor do maior volume de perdas (óleo de soja), as importações chinesas globais reduziram-se (produtos decadentes) entre os biênios considerados. Logo, nesse caso, as perdas expressam uma retração das exportações brasileiras relativamente mais forte que a redução das importações chinesas do mesmo produto oriundas do resto do mundo. Já em relação aos demais nove produtos do grupo em foco, as importações da China mostraram-se muito dinâmicas/dinâmicas (cinco produtos), de dinamismo intermediário (três produtos) e em regressão (um produto). Para tais produtos as perdas resultam do fato de as exportações brasileiras terem crescido menos rapidamente que as exportações de fornecedores concorrentes.

QUADRO 1

Principais produtos brasileiros na China com ganhos de competitividade brasileiro na China*

SH	Principais produtos com ganhos de competitividade**	Intensidade tecnológica	Dinamismo das importações da China	Setor
120100	Soja, mesmo triturada (IVCR =30)	Não-industrializados	Muito dinâmicos	Agropecuária
260111	Minérios de ferro não aglomerados (IVCR =33)	Não-industrializados	Intermediários	Extrativa mineral
260112	Minérios de ferro aglomerados (IVCR = 33)	Não-industrializados	Intermediários	Extrativa mineral
240120	Fumo total ou parcialmente destalado (IVCR=19)	Não-industrializados	Muito dinâmicos	Benefic. de prod. vegetais
410431	Couros e peles, de bovinos e equídeos (IVCR=5,3)	Baixa	Muito dinâmicos	Calçados, couros e peles
440722	Madeiras tropicais (IVCR=14,1)	Baixa	Muito dinâmicos	Madeira e mobiliário
251611	Granito em bruto ou desbastado (IVCR=19)	Não-industrializados	Muito dinâmicos	Extrativa mineral
470329	Pasta química de madeira branqueada (IVCR=24,3)	Baixa	Muito dinâmicos	Celulose, papel e gráfica
880230	Aviões e outros veículos aéreos (IVCR=17,8)	Alta	Muito dinâmicos	Peças e outros veículos
840999	Partes para motores diesel ou semidiesel (IVCR=3,8)	Média-alta	Em regressão	Peças e outros veículos

Fonte: Sistema de dados do PC-TA (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 1996-1997 e 2001-2002.

** Brasil no mundo, exceto China (2001-2003).

TABELA 14

Principais produtos brasileiros em ganhos de competitividade na China*

SH	Principais produtos com ganhos de competitividade***	Ganhos no mercado chinês		Principal concorrente deslocado pelo Brasil (US\$ milhões)**
		(US\$ milhões)**	(%)	
120100	Soja, mesmo triturada	409,0	28,4	EUA: 387,3
260111	Minérios de ferro não aglomerados	232,2	16,1	Austrália: 184,9
260112	Minérios de ferro aglomerados	130,6	9,1	Peru: 64,8
240120	Fumo total ou parcialmente destalado	72,5	5,0	Zimbábue: 63,1
410431	Outros couros e peles, de bovinos e equídeos	40,1	2,8	Formosa: 21,9
440722	Madeiras tropicais	35,2	2,4	Malásia: 16,6
251611	Granito em bruto ou desbastado	32,1	2,2	Itália: 12,8
470329	Pasta química de madeira branqueada	20,9	1,4	Rússia: 9,7
880230	Aviões e outros veículos aéreos	18,8	1,3	EUA: 18,8
840999	Outras partes p/motores diesel ou semidiesel	16,8	1,2	Japão: 11,5
	Subtotal	1.008,1	69,9	

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 1996-1997 e 2001-2002.

** Brasil no mundo, exceto China (2001-2002).

13. Os indicadores de VCR no biênio 2001-2002 foram calculados para o mercado mundial, exceto a China, com o objetivo de expurgar os efeitos das importações chinesas sobre seus resultados: participação das exportações brasileiras do produto – exclusive as direcionadas à China – nas importações mundiais do produto – exclusive as importações chinesas – comparada à participação das exportações brasileiras totais – exclusive as direcionadas à China – nas importações mundiais – exclusive as importações chinesas.

QUADRO 2

Principais produtos brasileiros com perdas de competitividade na China*

SH	Descrição	Intensidade tecnológica	Dinamismo das importações da China	Setor
150710	Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado (IVCR=20,5)	Baixa	Em decadência	Óleos vegetais
870829	Outras partes e acessórios de carroçarias (IVCR=0,6)	Média alta	Muito dinâmicos	Peças e outros veículos
870899	Outras partes e acessórios, para veículos automóveis (IVCR= 0,4)	Média alta	Intermediários	Peças e outros veículos
720712	Outros produtos de ferro ou aços, não ligados (IVCR= IVCR=26,9)	Baixa	Muito dinâmicos	Siderurgia
020741	Carne de frango: pedaços e miudezas, exceto fígados congelados (IVCR=15,7)	Baixa	Dinâmicos	Abate de animais
720824	Laminados planos de ferro ou aço (IVCR=1,2)	Baixa	Em regressão	Siderurgia
050400	Tripas, bexigas e estômagos de animais, exceto peixes (IVCR=4,3)	Não industrializados	Intermediários	Abate de animais
470321	Pasta química de madeira de conífera branqueada (IVCR=0,8)	Baixa	Intermediários	Celulose e papel
760120	Ligas de alumínio, em formas brutas (IVCR=2,2)	Média baixa	Muito dinâmicos	Metalurg. não ferrosos
720720	Outros produtos semimanufaturados, de ferro ou aços (IVCR= 10,2)	Baixa	Muito dinâmicos	Siderurgia

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 1996-1997 e 2001-2002.

Cabe enfatizar, ademais, que as perdas brasileiras estão concentradas em produtos manufaturados ou semimanufaturados, seis dos quais de baixo conteúdo tecnológico (óleo de soja, produtos de ferro e aço, partes e miudezas de aves, laminados de ferro e aço, celulose etc.). De fato, entre os produtos com perdas relevantes há apenas dois (setor de peças e outros veículos) cujo conteúdo tecnológico está classificado como médio-alto (quadro 2).

TABELA 15

Principais produtos brasileiros com perdas de competitividade na China*

SH	Descrição	Perdas no mercado chinês		Principal concorrente Brasil (em US\$ milhões)**
		US\$	(%)	
150710	Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado	-73,2	15,7	Argentina: -72,9
870829	Outras partes e acessórios de carroçarias	-70,8	15,2	Canadá: -24,0
870899	Outras partes e acessórios, para veículos automóveis	-57,1	12,2	Japão: -32,3
720712	Outros produtos de ferro ou aços, não ligados	-42,6	9,1	Rússia: -14,6
020741	Carne de frango: pedaços e miudezas, exceto fígados congelados	-31,6	6,8	EUA: -23,7
720824	Laminados planos de ferro ou aço	-22,0	4,7	Formosa: -7,1
050400	Tripas, bexigas e estômagos de animais, exceto peixes	-16,3	3,5	EUA: -7,5
470321	Pasta química de madeira de conífera branqueada	-9,9	2,1	Rússia: -5,5
760120	Ligas de alumínio, em formas brutas	-9,6	2,1	Cazaquistão: -3,5
720720	Outros produtos semimanufaturados, de ferro ou aços	-6,1	1,3	Rússia: -4,8
Subtotal		-339,2	72,7	

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 1996-1997 e 2001-2002.

** CIF.

3.4.3 Ganhos e perdas de competitividade: setores selecionados

Na presente seção são examinados mais de perto os ganhos e perdas de competitividade (G&P) do Brasil no mercado importador chinês relativos aos cinco principais setores superavitários (extrativo-mineral; agropecuária; beneficiamento de produtos vegetais; calçados e couros; e madeira e móveis) e aos quatro setores deficitários mais relevantes (óleos vegetais; peças e outros veículos; abate de animais; e siderurgia).

3.4.3.1 Principais setores superavitários (com ganhos líquidos de competitividade)**Extrativo-mineral**

Entre os biênios de 1996-1997 e 2001-2002, as exportações brasileiras de produtos da indústria extrativa mineral dirigidas para a China registraram uma taxa de crescimento médio anual (27,6% a.a.) superior à verificada para o total das exportações

brasileiras direcionadas àquele país (15,0%),¹⁴ no mesmo período. Conseqüentemente, a participação do setor nas vendas externas do Brasil para a China saltou de 15,6% (1996-1997) para 26,4% (2001-2002).¹⁵ Nesse contexto, o total dos ganhos de competitividade obtidos pelo setor (US\$ 420,7 milhões) correspondeu à quase metade do valor das exportações setoriais dirigidas à China no biênio 2001-2002.

Os minérios de ferro (aglomerado e não aglomerado) explicam cerca de 86% dos ganhos de competitividade do segmento extrativo-mineral e, aproximadamente, um quarto do total dos ganhos obtidos pelos setores superavitários no mercado importador chinês. Com referência a esses produtos, a Austrália (minério de ferro aglomerado e não aglomerado) e o Peru (minério de ferro aglomerado) aparecem como os países concorrentes que mais perderam mercado para o Brasil. Cumpre sublinhar a presença de outros produtos com ganhos de competitividade relevantes, como granitos e caulim, em relação aos quais a Itália e Formosa foram, respectivamente, os países que apresentaram maior redução de *market share*, em função da competição brasileira (tabela 16). Ressalte-se que para todos esses produtos o Brasil apresenta vantagens comparativas relevantes no comércio internacional, exclusive China.¹⁶

O aumento da demanda chinesa por minério de ferro é derivado da elevação do consumo de aço que acompanha o crescimento econômico do país. O produto brasileiro apresenta vantagens mesmo em relação ao produto doméstico, uma vez que o minério produzido pelas minas chinesas contém apenas 30% de teor de ferro. A Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), que participa do grupo das cinco empresas brasileiras com maior volume de exportação para o mercado chinês, detém o menor custo por unidade de ferro entre as exportadoras globais congêneres, em função de seus baixos custos de produção e do alto teor de ferro do minério brasileiro.¹⁷

TABELA 16

Produtos do setor extrativo mineral brasileiro com mais ganhos de competitividade no mercado importador da China*

Produtos do setor com ganhos de competitividade	Dinamismo	Ganhos (US\$ milhões CIF)	Participação nos ganhos setoriais (em %)	Participação nos ganhos brutos totais (em %)
Min. de ferro não aglomerados e seus concentrados	Intermediários	232,2	55,2	16,1
Min. de ferro aglomerados e seus concentrados	Intermediários	130,6	31,0	9,1
Granito, talhado ou serrado	Em decadência	32,1	7,6	2,2
Caulim e outras argilas	Em decadência	15,2	3,6	1,1
Demais produtos com ganhos (15 SHs)		10,6	2,5	0,7
Total dos ganhos brutos do setor (A)		420,7	100,0	29,2
Produtos do setor com perdas de competitividade		Perdas (US\$ milhões CIF)	Participação nas perdas setoriais (em %)	Participação nas perdas brutas totais (em %)
Oito produtos (SHs) (B)		-3,2	100,0	0,7
Saldo do setor (A+B)		417,5		

(continua)

14. Comparação entre a média do biênio 1996-1997 e a média do biênio 2001-2002, segundo dados da Secex.

15. Em 2003, as exportações do setor continuaram a expandir-se expressivamente (42,5%, na comparação de 2003 com a média do biênio 2001-2002), embora a uma taxa inferior à verificada para as exportações totais do Brasil para a China no mesmo período (105,0%).

16. Os IVCRs dos produtos em consideração (mundo exceto China) foram os seguintes no biênio 2001-2002: minério de ferro não aglomerado (33), minério de ferro aglomerado (33) e granitos (19). No biênio 2001-2002, no mercado importador chinês, o Brasil já aparece como o maior fornecedor de minério de ferro aglomerado e como o segundo maior fornecedor de minério de ferro não aglomerado e de granitos.

17. A CVRD é a maior produtora mundial de ferro e lidera o mercado transoceânico do produto, responsabilizando-se por cerca de 30% de suas vendas no mercado global. Ver Receita Federal, MF (2003).

(continuação)

Produtos do setor com ganhos de competitividade	Dinamismo	Ganhos (US\$ milhões CIF)	Participação nos ganhos setoriais (em %)	Participação nos ganhos brutos totais (em %)
Principais produtos com ganhos de competitividade		Distribuição dos ganhos brasileiros entre os concorrentes que mais perderam MS para o Brasil (US\$ milhões)		
Min. de ferro não aglomerados e seus concentrados		Austrália: 184,9	SACU** : 15,1	Canadá: 6,4
Min. de ferro aglomerados e seus concentrados		Peru: 64,8	Austrália: 14,2	Casaquistão: 13,7
Granito, talhado ou serrado		Itália: 12,8	SACU** : 7,2	Formosa: 5,6
Caulim e outras argilas		Formosa: 6,4	Japão: 4,8	R. Unido: 1,9

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS da Unctad.

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

** Southern African Customs Union: Botswana, Lesoto, Namíbia, África do Sul e Suazilândia.

Agropecuária

Entre os biênios de 1996-1997 e 2001-2002, as exportações brasileiras de produtos agrícolas para a China registraram uma taxa de crescimento médio anual (70,8% a.a.) significativamente superior à verificada para o total das exportações brasileiras direcionadas ao mercado chinês (15%),¹⁸ no mesmo período. Como resultado, o peso do setor nas exportações Brasil-China elevou-se sobremaneira: de 4,3% (1996-1997) para 31% (2001-2002). O total dos ganhos setoriais verificado entre os biênios de referência (US\$ 417,5 milhões) representou cerca de 54% do valor das vendas de produtos agropecuários dirigidas à China no biênio 2001-2002.

Os ganhos de competitividade da agropecuária estão, contudo, fortemente concentrados em um único produto, a soja,¹⁹ que explica 98% dos ganhos setoriais e 28,4% dos ganhos totais dos setores produtivos superavitários. A contrapartida dos ganhos de competitividade brasileiros foi a redução do *market share* da soja norte-americana, o que caracteriza os EUA como o país mais afetado pela bom desempenho do produto brasileiro no mercado chinês (tabela 17). Vale destacar que, nesse caso, os ganhos de competitividade resultaram da combinação das fortes vantagens comparativas da soja brasileira no plano mundial²⁰ com o grande dinamismo das importações chinesas no período enfocado.

O crescimento acelerado das importações chinesas de soja²¹ foi estimulado pelo fato de o produto fazer parte dos hábitos alimentares da população chinesa²² e pela entrada da China na Organização Mundial do Comércio (OMC), circunstância que possibilitou maior acesso ao mercado chinês e limitou a oferta de subsídios governamentais aos produtores domésticos. Por sua vez, o crescimento das exportações brasileiras no período analisado foi favorecido por múltiplos fatores, entre os quais a estratégia das empresas transnacionais atuantes no mercado de grãos,²³ a produtividade

18. Comparação entre a média do biênio 1996-1997 e a média do biênio 2001-2002, segundo dados da Secretaria do Comércio Exterior (Secex/Midc).

19. SH:120100.

20. IVCR =30 (mundo, exceto China – 2001-2002).

21. Dinamismo que contrasta com o comportamento das importações mundiais de soja em grão, mesmo triturada – exceto as importações chinesas. Entre os biênios considerados, as importações mundiais do produto, exceto as da China, reduziram-se em termos absolutos, o que permite caracterizar seu comércio no resto do mundo como decadente.

22. A soja é insumo para a produção de produtos alimentares importantes, como o "tofu" e o "shoyo". Segundo Renato Amorim secretário executivo do Conselho Empresarial Brasil-China, na década de 1990, a China sofreu uma profunda modificação estrutural no que se refere ao padrão de alimentação de sua população, que passou a consumir maiores quantidades de proteína, tanto animal quanto vegetal. Ver entrevista à Revista Brasileira de Comércio Exterior Amorim, de 2004).

23. Três empresas exportadoras de soja para a China estão entre as seis maiores exportadoras brasileiras para esse país. São elas: Bunge Alimentos S.A., pertencente ao grupo Bunge, o maior exportador mundial de soja para a China, a ADM Exportadora

de da soja brasileira e a limitação imposta ao cultivo de transgênicos no Brasil no período de cobertura do estudo, o que teria contribuído para deslocar concorrentes norte-americanos no mercado internacional. A produtividade da soja brasileira é superior à da norte-americana,²⁴ cujos custos totais de produção são mais elevados, pressionados pelos custos fixos, especialmente aqueles associados ao custo da terra.

Na segunda metade dos anos 1990 verificou-se uma perda relativa da parcela do comércio mundial do produto dominada pelos EUA, a favor do Brasil. A China resiste aos transgênicos, o que explica a expansão da demanda por soja oriunda do Brasil, onde, em 2002, a produção de transgênicos estava ainda limitada. A recente liberação da produção de transgênicos no Brasil parece não ser, por si só, uma barreira para a exportação de soja não transgênica para a China, dado que o país pode controlar a entrada de produtos em desacordo com as regras de importação locais, mediante a exigência por força de acordos temporários de certificação do produto.²⁵ Além disso, a China vai continuar sendo um grande importador de soja, dada a reduzida produtividade de sua agricultura e os limites à expansão de sua fronteira agrícola.²⁶ De todo modo, a soja permanece um produto sensível à aplicação de medidas sanitárias restritivas ao comércio, como demonstra o recente episódio de bloqueio temporário da importação da soja brasileira sob a alegação de contaminação por fungicidas.

TABELA 17

Produtos agropecuários brasileiros com mais ganhos de competitividade no mercado importador da China*

Produtos do setor com ganhos de competitividade	Dinamismo	Ganhos (US\$ milhões CIF)	Participação nos ganhos setoriais (em %)	Participação nos ganhos brutos totais (em %)
Soja, mesmo triturada	Muito dinâmicos	409,0	98,0	28,4
Fumo não destalado	Em decadência	5,2	1,2	0,4
Sisal e outras fibras têxteis, em bruto	Muito dinâmicos	2,5	0,6	0,2
Demais produtos com ganhos (sete SHs)		0,9	0,2	0,1
Total dos ganhos brutos do setor (A)		417,5	100,0	29,0
Produtos do setor com perdas de competitividade		Perdas (US\$ milhões CIF)	Participação nas perdas setoriais (em %)	Participação nas perdas brutas totais (em %)
Cinco produtos (SHs) (B)		-0,4	100	0,1
Saldo do setor (A+B)		417,1		
Principais produtos com ganhos de competitividade		Distribuição dos ganhos brasileiros entre os concorrentes que mais perderam MS para o Brasil (US\$ milhões)		
Soja, mesmo triturada		EUA: 387,3	Rússia: 16,9	Canadá: 4,7
Fumo não destalado		Zimbábue: 4,2	Tailândia: 0,7	Índia: 0,3
Sisal e outras fibras têxteis, em bruto		Tanzânia: 1,9	México: 0,6	

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS da Unctad.

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

Beneficiamento de produtos vegetais

Entre os biênios de 1996-1997 e 2001-2002, as exportações brasileiras de produtos vegetais beneficiados dirigidas à China apresentaram uma taxa de crescimento médio anual (58,6% a.a.) significativamente superior à verificada para as exportações totais

e Exportadora S.A. e a Cargill Agrícola S.A., essas duas últimas subsidiárias, respectivamente, dos grupos Archer Daniels Midland e Cargill, dois principais competidores da Bunge no mercado global de soja. Ver Receita Federal, MF (2003).

24. Apesar dos problemas existentes na área de logística (portos e transporte).

25. Ver Receita Federal, MF (2003).

26. Ver Amorim (2004).

do Brasil para a China (15%).²⁷ Logo, a participação do setor nas exportações brasileiras direcionadas ao mercado chinês aumentou de 0,6% (1996-1997) para 26,4% (2001-2002).²⁸ Os ganhos de competitividade apresentados pelo setor (US\$ 81,4 milhões), embora bem mais modestos que os verificados para os setores analisados anteriormente (agropecuária e extrativo-mineral), representaram 86,6% das vendas externas do setor para a China no biênio 2001-2002.

O fumo destalado explica quase três quartos dos ganhos de competitividade do setor de beneficiamento de produtos vegetais e apenas 5% dos ganhos totais relativos aos setores superavitários. Para este produto, o Zimbábue aparece como o país concorrente que mais perdeu mercado para o Brasil. Os sucos de laranja compreendem o segundo produto em ordem de importância, embora seus ganhos de competitividade apresentem peso reduzido no total dos ganhos brasileiros (tabela 18). Ressalte-se, mais uma vez, que o Brasil detém vantagens comparativas relevantes no comércio mundial – exceto em relação à China – de ambos os produtos.²⁹

TABELA 18

Beneficiamento de produtos vegetais – produtos com mais ganhos de competitividade no mercado importador da China*

Produtos do setor com ganhos de competitividade	Dinamismo	Ganhos (US\$ milhões CIF)	Participação nos ganhos setoriais (em %)	Participação nos ganhos brutos totais (em %)
Fumo total ou parcialmente destalado	Muito dinâmicos	72,5	88,8	5,0
Sucos de laranja, congelados, não fermentados	Muito dinâmicos	8,8	10,8	0,6
Demais produtos com ganhos (cinco SHs)		0,3	0,4	0,1
Total dos ganhos brutos do setor (A)		81,7	100,0	5,7
Produtos do setor com perdas de competitividade		Perdas (US\$ milhões CIF)	Participação nas perdas setoriais (em %)	Participação nas perdas brutas totais (em %)
Três produtos (SHs) (B)		-0,3	100,0	0,1
Saldo do setor (A+B)		81,4		
Principais produtos com ganhos de competitividade	Distribuição dos ganhos brasileiros entre os concorrentes que mais perderam MS para o Brasil (US\$ milhões)			
Fumo não manufaturado, total ou parcialmente destalado	Zimbábue: 63,1	Malavi: 3,9	Tailândia: 2,7	
Sucos de laranja, congelados, não fermentados	EUA: 7,3	Itália: 0,8	Canadá: 0,6	

Fonte: sistema de dados do PC-TAS da Unctad.

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996 -1997.

Calçados e couros

Entre os biênios de 1996-1997 e 2001-2002, as exportações brasileiras do setor de calçados e couros dirigidas para a China registraram uma taxa de crescimento médio anual (51,2% a. a.) bem superior à verificada para o total das exportações brasileiras para aquele país (15%).³⁰ Em decorrência, a participação das exportações do setor nas exportações Brasil-China elevou-se de 0,8% (1996-1997) para 3,3% (2001-2002).³¹ O total dos ganhos de competitividade registrado pelo setor (US\$ 66 milhões) representa quase dois terços do valor das exportações setoriais dirigidas à China no biênio 2001-2002, embora explique apenas uma pequena parcela dos ganhos líquidos de competitividade obtidos pelo Brasil no mercado chinês

27. Comparação entre a média do biênio 1996-1997 e a média do biênio 2001-2002, segundo dados da Secex.

28. Em 2003 as exportações do setor aumentaram modestamente (6,3% contra a média do biênio 2001-2002), se comparadas à taxa de crescimento referente às exportações totais do Brasil para a China (105,0%) em igual período.

29. IVCR (mundo, exceto China – 2001-2002): fumo destalado (19); sucos de laranja (55).

30. Comparação entre a média do biênio 1996-1997 e a média do biênio 2001-2002, segundo dados da Secex.

31. Em 2003 as exportações do setor continuaram a expandir-se expressivamente (60,6%, na comparação de 2003 com a média do biênio 2001-2002), embora a uma taxa inferior à verificada para as exportações totais do Brasil para a China (105%).

(4,6%). A contrapartida dos ganhos brasileiros foi a redução do *market share* de países como Formosa e Coréia do Sul (tabela 19).

TABELA 19

Calçados e couros – Produtos brasileiros com mais ganhos de competitividade no mercado importador da China*

Produtos do setor com ganhos de competitividade	Dinamismo	Ganhos (US\$ milhões CIF)	Participação nos ganhos setoriais (em %)	Participação nos ganhos brutos totais (em %)
Outros couros e peles, de bovinos e eqüideos, plena flor e plena flor dividida	Muito dinâmicos	40,1	60,8	2,8
Outros couros e pel es, de bovinos e de eqüideos, apergaminhados ou preparados após curtimenta	Em regressão	9,2	13,9	0,6
Outros couros e peles, de bovinos ou eqüideos, curtidos ou recurtidos	Em decadência	6,7	10,2	0,5
Couros e peles, de bovinos, pré-curtidos de outro modo	Em decadência	4,4	6,7	0,3
Couros e peles inteiras, de bovinos, de superfície =< 2,6m2	Em decadência	3,7	5,6	0,3
Demais produtos com ganhos (oito SHs)		1,9	2,9	0,1
Total dos brutos ganhos do setor (A)		66,0	100,0	4,6
Produtos do setor com perdas de competitividade		Perdas (US\$ milhões CIF)	Participação nas perdas setoriais (em %)	Participação nas perdas brutas totais (em %)
Sete produtos (SHs) (B)		-1,1	100,0	0,2
Saldo do setor (A+B)		64,9		
Principais produtos com ganhos de competitividade		Distribuição dos ganhos brasileiros entre os concorrentes que mais perderam MS para o Brasil (em US\$ milhões)		
Outros couros e peles, de bovinos e eqüideos, plena flor e plena flor dividida		Formosa: 21,9	Coréia Sul: 11,2	EUA: 3,3
Outros couros e peles, de bovinos e de eqüideos, apergaminhados ou preparados após curtimenta		Coréia Sul: 8,3	EUA: 0,8	Japão: 0,1
Outros couros e peles, de bovinos ou eqüideos, curtidos ou recurtidos		Coréia Sul: 3,0	Formosa: 2,5	Japão: 0,1
Couros e peles, de bovinos, pré-curtidos de outro modo		EUA: 1,6	Formosa: 0,8	Coréia Sul: 0,6
Couros e peles inteiras, de bovinos, de superfície =< 2,6m2		Coréia Sul: 1,7	Formosa: 1,1	Japão: 0,3

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS da Unctad.

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996 -1997.

Couros e peles de bovinos e eqüideos (plena flor e plena flor dividida) são os produtos do setor com ganhos de competitividade mais expressivos (60,8% do total setorial). Trata-se, ainda aqui, de um produto em que o Brasil apresenta vantagens comparativas no plano mundial.³² Ressalte-se que a concentração dos ganhos de competitividade setoriais em couros reflete o padrão de comércio intra-setorial Brasil-China no qual o Brasil exporta basicamente couros e depilados e importa calçados acabados.³³ Vale lembrar ainda que, atualmente, a indústria calçadista chinesa é um importante competidor da indústria calçadista brasileira em terceiros mercados relevantes como, por exemplo, os EUA.

Madeira e mobiliário

Entre os biênios 1996-1997 e 2001-2002, as exportações brasileiras para a China do setor de madeira e mobiliário apresentaram uma taxa de crescimento médio anual (117,3% a.a.) significativamente superior à verificada para o total das exportações brasileiras direcionadas àquele país (15%),³⁴ circunstância que elevou a participação das exportações do setor nas exportações brasileiras para a China de 0,1% (1996-1997) para 2,8% (2001-2002).³⁵ Os produtos com evidências de maiores ganhos de competitividade, em grande parte resultantes do deslocamento de importações oriundas da Malásia, são madeiras serradas ou fendidas (tabela 20). Registre-se que as exportações do setor para a China con-

32. IVCR (mundo, exceto China) igual a 5,3.

33. Ver Ribeiro e Pourchet (2004).

34. Comparação entre a média do biênio 1996-1997 e a média do biênio 2001-2002, segundo dados da Secex.

35. Em 2003, as exportações do setor continuaram a expandir-se expressivamente (94,4 %, na comparação de 2003 com a média do biênio 2001-2002), a uma taxa próxima à verificada para as exportações totais do Brasil para a China (105%) no mesmo período.

centram-se, quase totalmente, no segmento de madeiras, produtos nos quais o Brasil apresenta vantagens comparativas no comércio mundial.³⁶

TABELA 20

Madeira e mobiliário – produtos brasileiros com mais ganhos de competitividade no mercado importador da China*

Produtos do setor com ganhos de competitividade	Dinamismo	Ganhos (US\$ milhões CIF)	Participação nos ganhos setoriais (em %)	Participação nos ganhos brutos totais (em %)
Madeiras tropicais	Muito dinâmicos	35,2	63,5	2,4
Outras madeiras, serradas, cortadas em folhas ou desenroladas, de espessura > 6 mm	Dinâmicos	14,8	26,6	1,0
Madeira de coníferas, serrada, cortada em folhas ou desenrolada, de espessura > 6 mm	Muito dinâmicos	3,4	6,2	0,2
Demais produtos com ganhos (15 SHs)		2,0	3,6	0,1
Total dos ganhos brutos do setor (A)		55,4	100,0	3,7
Produtos do setor com perdas de competitividade		Perdas (US\$ milhões IF)	Participação nas perdas setoriais (em %)	Participação nas perdas brutas totais (em %)
Seis produtos (SHs) (B)		-1,0	100,0	0,2
Saldo do setor (A+B)		54,4		
Principais produtos com ganhos de competitividade		Distribuição dos ganhos brasileiros entre os concorrentes que mais perderam MS para o Brasil (US\$ milhões)		
Madeiras tropicais		Malásia: 16,6	Canadá: 4,9	Miamar: 3,7
Outras madeiras, serradas, cortadas em folhas ou desenroladas, de espessura > 6 mm		Malásia: 7,2	Formosa: 3,9	EUA: 0,8
Madeira de coníferas, serrada, cortada em folhas ou desenrolada, de espessura > 6 mm		Mongólia: 1,7	EUA: 0,7	Indonésia: 0,4

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS da Unctad.

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

3.4.3.2 Principais setores deficitários (com perdas líquidas de competitividade)

Óleos vegetais

O setor de óleos vegetais foi aquele em que o Brasil apresentou maiores perdas de competitividade, fato decorrente da redução das importações chinesas de óleo de soja em bruto, verificada entre os biênios de referência deste trabalho. Ressalte-se que nos meados da década de 1990 a China impôs severas restrições às importações de óleo de soja, aplicando tarifas que chegaram a 122% para o óleo bruto.³⁷ Nesse quadro, entre 1996-1997 e 2001-2002, as exportações brasileiras do setor de óleos vegetais decresceram a uma taxa média anual de 35,5%, o que reduziu fortemente sua participação nas exportações brasileiras destinadas à China: de 54% no primeiro biênio para 3% no segundo. Com a entrada na OMC, a barreira tarifária foi reduzida e, embora o produto brasileiro ainda enfrente barreiras não tarifárias relevantes – como cotas por exemplo –, suas exportações voltaram a crescer vigorosamente em 2003.³⁸

É importante sublinhar que, no período focalizado pelo trabalho, as perdas de competitividade do Brasil refletiram práticas protecionistas que impactaram negativamente as importações chinesas de óleo de soja (produtos decadentes). Esse foi o contexto no qual o Brasil perdeu *market share* em óleo de soja bruto, principalmente para as exportações argentinas, e ganhou *market share* no mercado de óleo de soja refinado, mesmo num quadro de redução absoluta das exportações de ambos os produtos. Em termos líquidos o setor apresentou perdas de US\$ 61,9 milhões, dos quais

36. Madeiras tropicais (IVCR = 14,1); outras madeiras serradas (IVCR=7,2).

37. Produto em que o Brasil detém vantagens comparativas no plano mundial. IVCR (mundo exceto China) igual a 20,5 no biênio 2001-2002.

38. O aumento foi de 313,3 % na comparação de 2003 com a média do biênio 2001-2002.

US\$ 58,6 milhões devidos ao óleo de soja (perdas em óleo bruto menos os ganhos em óleo refinado, (tabela 21).

TABELA 21

Óleos vegetais – produtos brasileiros com mais perdas de competitividade no mercado importador da China*

Produtos do setor com perdas de competitividade	Dinamismo	Perdas (US\$ milhões CIF)	Participação nas perdas setoriais (em %)	Participação nas perdas brutas totais (em %)
Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado	Em decadência	-73,2	92,9	15,7
Tortas e outros resíduos sólidos da extração do óleo de soja	Em decadência	-2,4	3,1	0,5
Misturas ou preparações alimentícias de gorduras ou de óleos animais ou vegetais	Muito dinâmicos	-2,2	2,8	0,5
Demais produtos com perdas (quatro SHs)		-0,9	1,2	0,2
Total de perdas brutas do setor (A)		-78,8	100,0	16,9
Produtos do setor com ganhos de competitividade	Dinamismo	Ganhos (US\$ milhões CIF)	Participação nos ganhos setoriais (em %)	Participação nos ganhos brutos totais (em %)
Óleo de soja refinado	Em decadência	14,6	86,9	1,0
Óleo de algodão refinado	Muito dinâmicos	1,2	7,1	0,1
Demais produtos com ganhos (duas SHs)		1,0	6,0	0,1
Total dos ganhos brutos do setor (B)		16,8	100,0	1,2
Saldo do setor (A+B)		-61,9		
Principais produtos com perdas de competitividade	Distribuição das perdas brasileiras entre os concorrentes que mais ganharam market share sobre o Brasil (em US\$ milhões)			
Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado		Argentina: -72,9	Japão: -0,3	
Tortas e outros resíduos sólidos da extração do óleo de soja		Índia: -2,1	P. Baixos: -0,3	Formosa: -0,1
Misturas ou preparações alimentícias de gorduras ou de óleos animais ou vegetais		Vietnã: -0,8	Malásia: -0,7	Indonésia: -0,6

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS da Unctad.

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

Peças e outros veículos

Entre os biênios 1996-1997 e 2001-2002, as exportações de peças e outros veículos para a China cresceram a uma taxa média anual de 17,3%, muito próxima à taxa verificada para o total das vendas externas brasileiras destinadas à China no mesmo período (15% a. a.). Em decorrência, a participação do setor nas vendas totais para a China permaneceu relativamente estável (5,3% em 1996-1997 e 5,9% em 2001-2002).³⁹

O setor de peças e outros veículos apresenta oito produtos com perdas de competitividade que, somadas, alcançam US\$ 135,7 milhões. Entre estes destacam-se as peças e acessórios para carroçarias e para automóveis, produtos em que o Brasil não detém vantagens comparativas no plano mundial.⁴⁰ No caso desses produtos, a contrapartida da redução do *market share* brasileiro foi o aumento da participação de competidores do Canadá, do Japão e de Formosa (tabela 22). Em situação inversa, há no setor 33 produtos com ganhos de competitividade que, no total, somaram US\$ 80,6 milhões, com destaque para aviões e veículos aéreos e outras partes para motores de óleo diesel. Em termos líquidos (ganhos menos perdas) o setor registrou perdas de US\$ 55,1 milhões.

39. Comparação entre a média do biênio 1996-1997 e a média do biênio 2001-2002, segundo dados da Secex.

40. Produtos em que o Brasil não detém vantagens comparativas no mercado mundial (exceto China): partes e acessórios para carroçarias (IVCR=0,6) e peças e acessórios para automóveis (IVCR=0,4).

TABELA 22

Peças e outros veículos: produtos brasileiros com mais perdas de competitividade no mercado importador da China*

Produtos do setor com perdas de competitividade	Dinamismo	Perdas (US\$ milhões CIF)	Participação nas perdas setoriais (em %)	Participação nas perdas brutas totais (em %)
Outras partes e acessórios de carrocerias (incluindo as cabinas) para veículos automotivos das posições 8701 a 8705	Muito dinâmicos	-70,8	52,2	15,2
Outras partes e acessórios, para veículos automotivos das posições 8701 a 8705	Intermediários	-57,1	42,1	12,2
Para-choques e suas partes, para veículos automotivos das posições 8701 a 8705	Muito dinâmicos	-5,0	3,7	1,1
Demais produtos com perdas (cinco SHs)		-2,7	2,0	0,6
Total das perdas brutas do setor (A)		-135,7	100,0	29,0
Produtos do setor com ganhos de competitividade	Dinamismo	Ganhos (US\$ milhões CIF)	Participação nos ganhos setoriais (em %)	Participação nos ganhos brutos totais (em %)
Aviões e outros veículos aéreos, de peso > 2.000 kg e <= 15.000 kg, vazios	Muito dinâmicos	18,8	23,3	1,3
Outras partes para motores diesel ou semidiesel	Em regressões	16,8	20,8	1,2
Outras partes exclusiva ou principalmente destinadas aos motores de pistão, de ignição por centelha	Dinâmicos	8,1	10,1	0,6
Demais produtos com ganhos (30 SHs)		52,3	45,8	2,6
Total dos ganhos brutos do setor (B)		80,6	100,0	5,6
Saldo do setor (A+B)		-55,1		
Principais produtos com perdas	Distribuição das perdas brasileiras entre os concorrentes que mais ganharam MS sobre o Brasil (em US\$ milhões)			
Outras partes e acessórios de carrocerias (incluindo as cabinas) para veículos automotivos das posições 8701 a 8705		Canadá: -24,0	Formosa: -15,9	Alemanha: -6,6
Outras partes e acessórios, para veículos automotivos das posições 8701 a 8705		Japão: -32,3	Canadá: -17,6	Espanha: -2,9
Para-choques e suas partes, para veículos automotivos das posições 8701 a 8705		Malásia: -2,2	Alemanha: -1,8	Formosa: -0,5

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS da Unctad.

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

Abate de animais

O setor de abate de animais responde por uma parcela reduzida das exportações brasileiras dirigidas à China. No biênio 1996-1997, estas representavam 0,5% das vendas para o mercado chinês, proporção que caiu para 0,4% em 2001-2002. Na período focalizado, todos os produtos do setor exportados para a China apresentaram redução de *market share*, o que resultou nas perdas de competitividade apontadas na tabela 23. Isso significa que o Brasil não aproveitou oportunidades comerciais, principalmente em produtos em que o Brasil apresenta vantagens comparativas e em relação aos quais as importações chinesas mostraram-se dinâmicas, como é o caso de pedaços e miudezas de galo e galinha.⁴¹ Este é um setor no qual os exportadores brasileiros têm enfrentado barreiras não tarifárias relevantes, especialmente as de natureza sanitária.

TABELA 23

Abate de animais – produtos brasileiros com mais perdas de competitividade no mercado importador da China*

Produtos do setor com perdas de competitividade	Dinamismo	Perdas (US\$ milhões CIF)	Participação nas perdas setoriais (em %)	Participação nas perdas brutas totais (em %)
Carne de frango: pedaços e miudezas, exceto fígados congelados	Dinâmico	-31,6	61,1	6,8
Tripas, bexigas e estômagos de animais, exceto peixes	Intermediário	-16,3	31,6	3,5
Outros produtos de origem animal (embriões, sêmen), impróprios para alimentação humana	Intermediário	-2,4	4,7	0,5
Demais produtos com perdas (sete SHs)		-1,3	2,6	0,3
Total das perdas brutas do setor (A)		-51,6	100,0	11,0
Produtos do setor com ganhos de competitividade	Dinamismo	Ganhos (US\$ milhões CIF)	Participação nos ganhos setoriais (em %)	Participação nos ganhos brutos totais (em %)
Não há produtos com ganhos de competitividade (B)		-	-	-
Saldo do setor (A+B)		-51,6		
Principais produtos com perdas de competitividade	Distribuição das perdas brasileiras entre os concorrentes que mais ganharam MS sobre o Brasil (em US\$ milhões)			
Carne de frango: pedaços e miudezas, exceto fígados, congelados		EUA: -23,7	R. Unido: -1,6	Turquia: -1,5
Tripas, bexigas e estômagos de animais, exceto peixes		EUA: -7,5	Canadá: -3,2	N. Zelândia: -2,3
Outros produtos de origem animal (embriões, sêmen), impróprios para alimentação humana		Cazaquistão: -1,2	Rússia: -0,6	Canadá: -0,3

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS da Unctad.

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

41. IVCR = 15,7 (mundo, exceto China, no biênio 2001-2002).

Siderurgia

Desde 1994, as exportações de produtos siderúrgicos para a China apresentaram forte decréscimo, tendência que começou a reverter-se em 2000. Mesmo assim, em 2002, o valor das exportações setoriais (US\$142 milhões) foi ainda inferior ao verificado para o ano de 1994 (US\$ 178 milhões). Somente em 2003 houve um forte aumento das exportações do setor, cujo valor atingiu a ordem de US\$ 756 milhões. Pelas razões já discutidas, os cálculos de G&P de competitividade apresentados neste trabalho comparam as exportações dos biênios 1996-1997 e 2001-2002 e, conseqüentemente, não capturam os efeitos do forte crescimento das vendas externas de produtos siderúrgicos observado em 2003.

Entre os biênios 1996-1997 e 2001-2002, as exportações de produtos siderúrgicos para a China cresceram a uma taxa média anual de 11%, inferior à taxa verificada para total das vendas externas brasileiras destinadas à China no mesmo período (15% a.a.). Em conseqüência, a participação do setor nas vendas totais para a China decresceu de 5,3% em 1996-1997 para 4,5% em 2001-2002.⁴²

Como sabido, as exportações brasileiras de produtos siderúrgicos são muito concentradas em produtos de baixo conteúdo tecnológico, laminados planos e semimanufaturados de ferro e aço,⁴³ produtos em relação aos quais o Brasil apresentou perda de *market share* no mercado chinês entre os biênios considerados. Coerentemente com o padrão de comércio, esses são os produtos que registram as perdas setoriais mais expressivas. A contrapartida das perdas brasileiras foi o aumento do *market share* de países como a Rússia, a Ucrânia e Formosa (tabela 24).

Cabe enfatizar que em produtos como laminados planos de aço inoxidável o Brasil revelou ganhos de competitividade, porém insuficientes para que o setor apresentasse ganhos líquidos. De fato, entre os biênios focalizados as perdas líquidas do Brasil alcançaram US\$ 40,8 milhões. Este resultado é surpreendente, uma vez que parcela dos produtos da siderurgia brasileira é considerada internacionalmente competitiva, principalmente aquela composta por produtos de menor valor agregado. Ressalve-se, entretanto, que os cálculos foram realizados para um período no qual as importações chinesas do setor cresceram a taxas inferiores à observada para as importações chinesas globais, e no qual a produção local de siderúrgicos aumentou sobremaneira.

TABELA 24

Produtos siderúrgicos brasileiros com mais perdas de competitividade no mercado importador da China*

Produtos do setor com perdas de competitividade	Dinamismo	Perdas (US\$ milhões CIF)	Participação nas perdas setoriais (em %)	Participação nas perdas brutas totais (em %)
Semimanufaturados, de ferro ou aço (4 SHs)	Muito dinâmicos	-39,1	62,3	8,4
Laminados planos de ferro ou aço (26 SHs)	Em regressão	-21,7	34,5	4,6
Demais produtos com perdas (sete SHs)		-2,0	3,2	0,4
Total das perdas brutas do setor (A)		-62,8	100,0	13,4
Produtos do setor com ganhos de competitividade	Dinamismo	Ganhos (US\$ milhões CIF)	Participação nos ganhos setoriais (em %)	Participação nos ganhos brutos totais (em %)
Laminados planos, de aços inoxidáveis (14 SHs)	Muito dinâmicos	17,4	79,4	1,2

(continua)

42 Comparação entre a média do biênio 1996-1997 e a média do biênio 2001-2002, segundo dados da Secex.

43. Ver Ribeiro e Pourchet (2004).

(continuação)

Produtos do setor com ganhos de competitividade	Dinamismo	Ganhos (US\$ milhões CIF)	Participação nos ganhos setoriais (em %)	Participação nos ganhos brutos totais (em %)
Demais produtos com ganhos (14 SHs)		4,5	20,6	0,3
Total dos ganhos brutos do setor (B)		22,0	100,0	1,5
Saldo do setor (A+B)		-40,8		
Principais produtos com perdas de competitividade		Distribuição das perdas brasileiras entre os concorrentes que mais ganharam: MS sobre o Brasil (em US\$ milhões)		
Semimanufaturados, de ferro ou aço (4 SHs)	Rússia: -17,7		Ucrânia: -13,4	
Laminados planos de ferro ou aço (26 SHs)	Formosa: -10,6		Ucrânia: -5,1	Rússia: -4,0

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS da Unctad.

Obs.: * Entre os biênios 2001/2002 e 1996/1997.

3.5 GANHOS E PERDAS DE COMPETITIVIDADE DO BRASIL, EXAMINADOS POR CLASSE DE PRODUTOS

Entre os biênios 1996-1997 e 2001-2002, os ganhos líquidos de competitividade das exportações brasileiras no mercado chinês concentraram-se em produtos básicos, isto é, produtos não industrializados (US\$ 879 milhões correspondentes a 90,2% do total dos ganhos líquidos). As exportações de manufaturados responsabilizaram-se por apenas 9,5% dos ganhos líquidos (US\$ 92,4 milhões), dos quais cerca de dois terços correspondem a manufaturados intensivos em trabalho (tabela 25). A alta concentração dos ganhos líquidos em produtos básicos é a resultante da concentração dos ganhos de competitividade em produtos como soja, minério de ferro, fumo e granitos, já registrada nos números da tabela 14.

Importa sublinhar que a concentração dos ganhos de competitividade brasileiros em produtos básicos espelha a expressiva concentração das exportações brasileiras para a China nesses produtos. De fato, nas exportações do Brasil para a China os produtos básicos estão sobre-representados (55,5% do valor exportado), com referência ao seu peso nas vendas externas totais do país (27,9% do valor exportado).⁴⁴

TABELA 25

Ganhos e perdas de competitividade do Brasil no mercado importador da China, discriminados por grupos de produtos*

Classes	Perdas brutas (A)			Ganhos brutos (B)			Saldo (A+B)	
	Nº SH	US\$ milhões CIF	%	Nº SH	US\$ milhões CIF	%	US\$ milhões CIF	%
Básicos	28	-30,5	6,5	38	909,5	63,1	879,0	90,2
Semimanufaturados	102	-164,5	35,2	113	167,9	11,6	3,4	0,3
Manufaturados	162	-272,4	58,3	343	364,8	25,3	92,4	9,5
Intensivos em trabalho	33	-9,4	2,0	37	76,2	5,3	66,8	6,9
Demais manufaturados	129	-263,0	56,3	306	288,6	20,0	25,6	2,6
Total	292	-467,3	100,0	495	1.442,2	100,0	974,8	100,0

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 1996-1997 e 2001-2002.

3.6 GANHOS E PERDAS DE COMPETITIVIDADE DO BRASIL NO MERCADO IMPORTADOR CHINÊS, EXAMINADOS POR DINAMISMO DOS PRODUTOS

Entre os biênios 1996-1997 e 2001-2002, os ganhos líquidos de competitividade mais expressivos foram verificados para o grupo de produtos muito dinâmicos: US\$ 615,9 milhões, correspondentes a 63,2% dos ganhos líquidos totais obtidos

44. Participação com referência ao comércio recente (2001-2003 – Secex). Ver Ribeiro e Pourchet (2004).

pelas exportações brasileiras destinadas à China.⁴⁵ Ganhos relevantes foram também encontrados para os produtos intermediários, isto é, US\$ 281,4 milhões ou 28,9% do total. Em contrapartida, os produtos dinâmicos e os em regressão apresentaram ganhos bem mais modestos, respectivamente US\$ 67,1 milhões (6,9% do total dos ganhos líquidos) e US\$ 44,3 milhões (4,5% do total). Sublinhe-se que perdas líquidas de competitividade (US\$ 33,9 milhões) foram detectadas apenas para o grupo de produtos em decadência (tabela 26). Os números anteriores sugerem que o dinamismo das importações chinesas de produtos nos quais a presença brasileira no mercado internacional é relevante foi um dos fatores mais importantes para a explicação dos ganhos de competitividade das exportações brasileiras na China.

TABELA 26

Ganhos e perdas* de competitividade do Brasil no mercado importador da China, discriminados por dinamismo**

Classes	Perdas brutas (A)			Ganhos brutos (B)			Saldo (A+B)	
	Nº SH	US\$ milhões CIF	%	Nº SH	US\$ milhões CIF	%	US\$ milhões CIF	%
Muito dinâmicos	66	-169,1	36,2	148	785,0	54,4	615,9	63,2
Dinâmicos	31	-51,5	11,0	85	118,5	8,2	67,1	6,9
Intermediários	48	-111,6	23,9	89	393,0	27,2	281,4	28,9
Em regressão	51	-16,5	3,5	74	60,8	4,2	44,3	4,5
Em decadência	96	-118,7	25,4	99	84,8	5,9	-33,9	-3,5
Total	292	-467,3	100,0	495	1.442,2	100,0	974,8	100,0

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

** Indicadores calculados com base nas taxas de crescimento das importações chinesas.

3.7 GANHOS E PERDAS DE COMPETITIVIDADE DO BRASIL NO MERCADO IMPORTADOR DA CHINA, EXAMINADOS POR INTENSIDADE TECNOLÓGICA

As perdas e os ganhos de competitividade do Brasil no mercado importador chinês, discriminados pelo conteúdo tecnológico dos produtos, estão apresentados na tabela 27. Vale lembrar que a classificação por intensidade tecnológica utilizada neste trabalho exclui produtos e/ou setores não industriais. Nesse quadro, os dados da tabela confirmam o fato de que a maior parte dos ganhos de competitividade do Brasil (cerca de 91% do total) foi obtida mediante a exportação de produtos básicos, não industrializados. De fato, os produtos industrializados responderam por apenas 9% dos ganhos, assim distribuídos, segundo a intensidade tecnológica: baixa (2,6%); médio-baixa (2%); médio-alta (1,7%); e alta (3%).

TABELA 27

Ganhos e perdas* de competitividade do Brasil no mercado importador da China, discriminados por intensidade tecnológica

Intensidade Tecnológica	Perdas brutas (A)			Ganhos brutos (B)			Saldo (A+B)	
	Nº SH	US\$ milhões CIF	%	Nº SH	US\$ milhões CIF	%	US\$ milhões CIF	%
Baixa	114	-233,6	50,0	150	258,4	17,9	24,9	2,6
Médio-baixa	70	-44,7	9,6	107	64,3	4,5	19,6	2,0
Médio-alta	62	-149,4	32,0	148	165,9	11,5	16,6	1,7
Alta	17	-9,2	2,0	44	38,3	2,7	29,0	3,0
Prod. não industrializados	29	-30,5	6,5	46	915,2	63,5	884,8	90,8
Total	292	-467,3	100,0	495	1.442,2	100,0	974,8	100,0

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

45. Ver, pelos dados do quadro 1 e da tabela 14 (subseção 3.4.2), que a concentração de ganhos em produtos muito dinâmicos expressa o desempenho exportador brasileiro em produtos básicos (soja, minério de ferro, couros, fumo), cujas importações chinesas mostraram-se muito dinâmicas, no período considerado.

3.8 GANHOS E PERDAS: PRINCIPAIS PAÍSES CONCORRENTES

Na tabela 28 são registrados os dois grupos de países para os quais as exportações brasileiras apresentaram, respectivamente, ganhos e perdas líquidos de competitividade no mercado importador chinês. Entre os países com perdas líquidas para o Brasil destacam-se os EUA e a Austrália, com perdas concentradas em produtos com participação expressiva no total dos ganhos brasileiros, como soja e minério de ferro (ver tabela 14). Entre os países com ganhos líquidos destaca-se a Argentina, cujos ganhos concentram-se quase totalmente em um único produto, o óleo de soja em bruto (ver subseção 3.4.3.2 em Óleos Vegetais).

TABELA 28

Ganhos e perdas* do Brasil no mercado importador da China, distribuídos por países concorrentes

Países sobre os quais o Brasil obteve ganhos líquidos	Produtos com ganhos sobre o Brasil (a) (perdas brasileiras)		Produtos com perdas para o Brasil (b) (ganhos brasileiros)		Saldo (a + b)	
	US\$ milhões CIF	%	US\$ milhões CIF	%	US\$ milhões CIF	%
Estados Unidos	-41,3	8,8	467,6	32,4	426,3	38,8
Austrália	-4,4	0,9	205,7	14,3	201,3	18,3
Peru	-0,3	0,1	69,7	4,8	69,4	6,3
Zimbábue	0	0	68,1	4,7	68,1	6,2
Japão	-45,8	9,8	107,9	7,5	62,1	5,7
Coreia do Sul	-18,5	4	52,3	3,6	33,8	3,1
Formosa	-35,1	7,5	65,4	4,5	30,3	2,8
Malásia	-6,7	1,4	31,9	2,2	25,2	2,3
SACU*	-3,2	0,7	25,4	1,8	22,2	2,0
Itália	-3,2	0,7	23,2	1,6	20	1,8
Demais países com ganhos líquidos	-104,7	22,6	244,6	16,9	139,8	12,7
Subtotal (1)	-263,2	56,3	1.361,8	94,4	1.098,6	100
Argentina	-74,8	16,0	0,9	0,1	-74,0	59,8
Ucrânia	-20,2	4,3	1,6	0,1	-18,6	15,0
Canadá	-48,1	10,3	40,4	2,8	-7,7	6,2
Alemanha	-17,4	3,7	10,4	0,7	-6,9	5,6
Irã	-6,8	1,4	0,2	0,0	-6,6	5,3
Índia	-5,2	1,1	1,5	0,1	-3,6	2,9
Turquia	-3,4	0,7	0,4	0,0	-3,1	2,5
México	-6,9	1,5	5,0	0,3	-1,9	1,5
Demais países com perdas líquidas	-21,2	4,5	19,8	1,4	-1,3	1,1
Subtotal (2)	-204,0	43,7	80,2	5,6	-123,8	100,0
Total Geral (1)+(2)	-467,3	100,0	1442,2	100,0	974,8	

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS da Unctad.

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

** Southern African Customs Union: Botswana, Lesoto, Namíbia, África do Sul e Suazilândia.

3.9 SÍNTESE DOS RESULTADOS OBTIDOS

Pelas razões já discutidas, os ganhos e perdas de competitividade do Brasil no mercado importador chinês foram calculados tendo como referência final o biênio 2001-2002. Conseqüentemente, não incluem os impactos da expansão do comércio Brasil-China verificada a partir de 2003. Vale lembrar que, em 2002, a China começou a implementar os compromissos decorrentes de sua adesão à OMC, em dezembro de 2001, processo cujos resultados sobre as condições de acesso àquele mercado são ainda controversos. Nesse campo, é quase sempre suposto que as importações chinesas deverão crescer como decorrência da redução de barreiras tarifárias e não tarifárias, o que seria verdadeiro sobretudo para os produtos excluídos de tratamento preferencial, como o conferido às importações de empresas estrangeiras localizadas em território chinês. Contudo, algumas reflexões acerca do impacto do ingresso do país na OMC sobre o nível de suas importações sugerem que as mudanças nas condições de acesso ao mercado e as reduções tarifárias produzirão resultados mais relevantes apenas em determinados setores, tais como a indústria automotiva, agricultura, telecomunicações

e serviços. Para outros setores, a elevação das importações chinesas dependeria mais fortemente da remoção de barreiras não-tarifárias e da alteração de práticas governamentais de apoio à produção local, com destaque para as regras e condições de financiamento oferecidas aos produtores domésticos.⁴⁶

Essas considerações apontam para o fato de que o exercício apresentado neste trabalho não captura os resultados das possíveis alterações no padrão das importações chinesas decorrentes da adesão do país à OMC, processo recente e ainda em marcha. Logo, de maneira geral, seus resultados refletem as tendências e as características do comércio Brasil-China no período focalizado (1996-2002), circunstância que se constata pelas seguintes evidências:

- a) o elevado grau de concentração das exportações em produtos básicos (55,5% do total exportado para a China no período 2001-2003) reaparece no alto índice de concentração dos ganhos de competitividade. De fato, os produtos básicos respondem também pela maior parte dos ganhos líquidos obtidos pelo Brasil no mercado importador chinês (90,2%);
- b) o elevado grau de concentração das vendas externas para a China em poucos produtos e setores produtivos caracteriza, paralelamente, os ganhos de competitividade obtidos pelo Brasil no mercado importador chinês. Sublinhe-se que apenas dois setores (agropecuário e extrativo-mineral) explicam 47,5% das exportações brasileiras direcionadas à China (2001-2003), assim como a maior parcela dos ganhos líquidos de competitividade do Brasil: 70% dos ganhos totais dos setores superavitários. Em cada um desses setores, um único produto, respectivamente a soja e os minérios de ferro, responsabilizou-se pela quase totalidade das exportações e dos ganhos de competitividade setoriais;
- c) as exportações destinadas à China estão fortemente concentradas em produtos em que o país detém vantagens comparativas.⁴⁷ Analogamente, todos os dez produtos com maiores ganhos de competitividade, que somados explicam cerca de 70% dos ganhos brutos brasileiros, apresentam vantagens comparativas no comércio mundial;
- d) a maior parte do bom desempenho recente das exportações brasileiras para a China deveu-se a uma combinação favorável na qual o rápido incremento das importações chinesas (produtos dinâmicos e muitos dinâmicos) incluiu muitos dos produtos em que o Brasil é competitivo em escala global. Ainda dessa vez, os ganhos de competitividade estão concentrados em produtos muito dinâmicos no mercado chinês nos quais o Brasil detém vantagens comparativas no plano mundial;
- e) os produtos manufaturados, que explicam cerca de 25% das exportações brasileiras para China (2001-2003), contribuíram modestamente para os ganhos líquidos de competitividade obtidos pelo Brasil no mercado importador chinês: cerca de 10% do total.

46. Ver Yuefen (2002).

47. No biênio 2001-2002, cerca de 90% das exportações brasileiras direcionadas à China deveram-se a produtos em que o Brasil detém vantagens comparativas – indicadores calculados para o mundo, exceto China. Destaque-se ainda que 75% dessas exportações são explicadas por produtos com vantagem comparativa muito expressivas (IVCR = 10).

Tais evidências registram que o poder competitivo de alguns dos produtos exportados pelo Brasil foi relevante para garantir os ganhos de *market share* obtidos recentemente na China. Em contrapartida, sugerem que os ganhos não resultaram de uma política de identificação de novas oportunidades comerciais mas, sobretudo, da capacidade de setores da produção brasileira – especialmente a agricultura e a extrativo-mineral – de expandir a oferta numa medida suficiente para incluir o país entre os beneficiários da "onda importadora chinesa". Por fim, vale ressaltar que o perfil e a distribuição setorial dos ganhos de competitividade obtidos pelo Brasil no mercado chinês são coerentes com as características da política industrial-comercial praticada pela China – pelo menos até o momento de sua adesão à OMC –, cuja lógica esteve em circunscrever importações aos produtos dos estágios básicos das cadeias produtivas e fomentar a produção doméstica de bens finais, especialmente os intensivos em mão-de-obra.

4 EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS: PRODUTOS COM VANTAGENS COMPARATIVAS E COMÉRCIO COM A CHINA

Segundo dados do PC-TAS (United Nations Conference on Trade and Development – Unctad), no biênio 2001-2002, o Brasil apresentou vantagens comparativas em 809 de seus produtos de exportação (definidos a seis dígitos do SH). Dentre esses, todavia, 575 não foram exportados para a China. Por sua vez, no que respeita ao grupo de produtos com vantagens comparativas (VC) e registro de exportação para a China (234 itens tarifários), 46 apresentaram perdas de competitividade no mercado chinês, entre os biênios 1996-1997 e 2001-2002 (tabela 29). No presente capítulo deste trabalho, identificam-se oportunidades perdidas ou não exploradas no mercado importador chinês, com referência aos dois grupos de produtos antes referidos e que podem ser definidos do seguinte modo:

- a) 575 produtos que o Brasil não exportou para a China (2001-2002), apesar de apresentar VCs no mercado internacional;⁴⁸
- b) 46 produtos em que o Brasil apresentou perdas de competitividade no mercado chinês entre os biênios 1996-1997 e 2001-2002, mesmo detendo VC no mercado internacional.

TABELA 29

Produtos exportados pelo Brasil com VCs e comércio com a China (2001-2002)

Produtos exportados pelo Brasil	Produtos (SH - seis dígitos)		Importações chinesas globais		Importações chinesas com origem no Brasil		Exportações brasileiras globais	
	Nº	(%)	Valor ⁽¹⁾	(%) ⁽²⁾	Valor ⁽¹⁾	(%) ⁽³⁾	Valor ⁽¹⁾	(%) ⁽⁴⁾
Produtos com VCs	809	100,0	42224,3	15,7	2393,6	89,6	46425,8	81,7
A. Não exportados para a China	575	71,1	8.702,1	3,2	0,0	0,0	15.714,3	27,6
B. Exportados para a China	234	28,9	33.522,2	12,5	2.393,6	89,6	30.711,5	54,1
B.1 Com perdas no mercado chinês	46	5,7	3.857,4	1,4	110,5	4,1	4.195,8	7,4

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: (1) Média do biênio 2001-2002 (em US\$ milhões CIF). (2) Participação nas importações chinesas globais (média do biênio 2001-2002). (3) Participação nas exportações brasileiras destinadas à China. (4) Participação nas exportações brasileiras globais.

48. Vantagens comparativas calculadas para o comércio Brasil-Mundo, exceto China, referente ao biênio 2001-2002.

4.1 PRODUTOS COM VANTAGENS COMPARATIVAS NÃO EXPORTADOS PARA A CHINA

No biênio 2001-2002, as vendas externas dos 575 itens do grupo de produtos com VCs não exportados para a China representaram pouco mais de um quarto do valor total das exportações brasileiras. No mesmo período, o valor médio anual das importações chinesas globais desses produtos alcançou US\$ 8,7 bilhões, correspondentes a 3,2% das importações totais desse país (tabela 30).

Entre os 575 produtos do grupo em análise há muitos em relação aos quais a China apresenta exportações relevantes. De fato, para 298 deles o *market share* chinês no mercado mundial é maior que o brasileiro, com destaque para 175 produtos em que a China apresenta vantagens comparativas no comércio internacional.⁴⁹ Trata-se, portanto, de produtos em que China e Brasil competem no mercado global, o que explica a ausência de exportações brasileiras dirigidas ao mercado chinês no período considerado.

TABELA 30

Produtos brasileiros com VCs não exportados para a China (2001-2002)

Subgrupos de produtos	SHs (nº)	Importações da China (US\$ milhões)*	Importações Mundiais US\$ milhões)*		
			Totais	do Brasil	da China
1. Produtos em que Brasil e China são concorrentes	298	2.394,0	211.482,4	5.372,6	30.957,9
1. 1 China apresenta vantagens comparativa	175	835,0	113.209,0	3.422,0	27.027,3
2. Produtos em que Brasil e China não são concorrentes	277	6.308,1	218.130,8	10.341,7	1.838,6
Total	575	8.702,1	429.613,2	15.714,3	32.796,5

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Média do biênio 2001-2002 (em US\$ milhões CIF).

Excluídos os 298 produtos nos quais a China concorre com o Brasil, restam 277 produtos responsáveis por 2,3% das importações chinesas e por 18,2% das exportações brasileiras globais, referentes ao biênio 2001-2002. Em tese, para esse conjunto de produtos o mercado chinês oferece boas oportunidades para exportadores brasileiros, não obstante o fato de que, em muitos casos, as exportações brasileiras globais destes 277 produtos, mesmo caracterizadas por VCs, são modestas, tanto em termos absolutos, quanto como parcela das exportações brasileiras totais. Desconsiderados os produtos cujo valor das vendas externas representaram menos de 0,05% das exportações brasileiras totais (2001-2002), remanescem no grupo 58 produtos, doravante referidos como produtos do Grupo A, caracterizados pelos seguintes atributos: *i*) o Brasil detém VCs no comércio internacional; *ii*) o Brasil não exporta para a China; *iii*) a China não é um exportador relevante; e *iv*) a exportações do produto representam no mínimo 0,05% das exportações brasileiras globais.

4.1.1 Grupo A: produtos não exportados para a China, para os quais existem oportunidades comerciais relevantes

O fato de o Brasil não apresentar exportações para a China relativas aos 58 produtos do grupo antes definido pode refletir numerosas circunstâncias, entre as quais cabe

49. Isso significa que o *market share* chinês no mercado importador dos produtos é maior que 7,1%, número que corresponde à participação das exportações chinesas totais no mercado importador global (2001-2002).

mencionar: *i*) produtos cujo uso ou consumo é pouco difundido no mercado chinês; *ii*) mercadorias cuja produção chinesa é suficiente para abastecer o mercado doméstico; *iii*) produtos cujos fabricantes domésticos se beneficiam de proteção tarifária ou não-tarifária suficientemente forte para obstar importações oriundas do Brasil e do mundo; *iv*) produtos nos quais outros países apresentam vantagens competitivas em relação ao Brasil no mercado chinês (vantagens de localização, preferências comerciais etc.); e *vi*) produtos em relação aos quais os exportadores brasileiros apresentam restrições de oferta.

No tabela 31, a seguir, apresenta-se o valor das exportações dos 58 produtos em foco, discriminado por setores e ordenado por número de produtos (SHs). Destaca-se, por este critério, o setor de abate de animais (nove produtos), seguido pelos setores de madeira e mobiliário, metalurgia de não-ferrosos e agropecuária (quatro produtos cada) e pelos setores de refino de petróleo/petroquímicos e outros produtos alimentares (quatro produtos cada).

TABELA 31

Produtos brasileiros com VCs não exportados para a China: grupo de produtos relevantes discriminado por setores (2001-2002)

Setores	Produtos (SHs)		Importações da China		Importações mundiais			
					Total		Com origem no Brasil	
	nº	(%)	US\$ milhões*	(%)	US\$ milhões*	(%)	US\$ milhões*	(%)
Abate animais	9	15,5	26,2	1,0	1.7437,6	12,5	2.006,1	23,3
Madeira e mobiliário	6	10,3	122,0	4,6	7.133,3	5,1	666,2	7,7
Metal. de não-ferrosos	6	10,3	871,6	32,9	3.6001,0	25,9	646,8	7,5
Agropecuária	6	10,3	65,4	2,5	6321,0	4,5	434,1	5,0
Refino de petróleo e petroq.	4	6,9	760,7	28,7	1.6186,2	11,6	566,5	6,6
Outros produtos alimentares	4	6,9	22,0	0,8	7.362,2	5,3	219,0	2,5
Outros produtos metalúrgicos	2	3,4	235,3	8,9	3.029,9	2,2	227,9	2,6
Siderurgia	2	3,4	33,7	1,3	2.101,9	1,5	211,4	2,5
Máquinas e tratores	2	3,4	13,4	0,5	1.793,0	1,3	161,9	1,9
Têxtil	2	3,4	125,4	4,7	5.707,7	4,1	148,0	1,7
Veículos automotores	2	3,4	87,6	3,3	9.072,3	6,5	127,2	1,5
Material elétrico	2	3,4	155,3	5,9	2.103,7	1,5	114,7	1,3
Químicos diversos	2	3,4	47,2	1,8	4.691,7	3,4	102,8	1,2
Óleos vegetais	1	1,7	5,9	0,2	8.075,0	5,8	2.427,8	28,2
Minerais não metálicos	1	1,7	7,0	0,3	5.175,8	3,7	173,9	2,0
Açúcar	1	1,7	44,6	1,7	3.079,4	2,2	106,1	1,2
Benef. de prod. vegetais	1	1,7	4,5	0,2	1.294,1	0,9	59,3	0,7
Elementos químicos	1	1,7	13,5	0,5	337,2	0,2	55,3	0,6
Farmacêuticos e perfumaria	1	1,7	3,7	0,1	1.092,7	0,8	47,5	0,6
Borracha	1	1,7	0,1	0,0	461,0	0,3	43,8	0,5
Peças e outros veículos	1	1,7	1,4	0,1	543,4	0,4	34,7	0,4
Indústrias diversas	1	1,7	0,0	0,0	222,1	0,2	32,2	0,4
Total	58	100,0	2.646,5	100,0	139.222,2	100,0	8.613,1	100,0

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Média do biênio 2001-2002 (em US\$ milhões CIF).

Com o intuito de avaliar os obstáculos que inviabilizam a exportação desses produtos para a China, realizaram-se consultas a empresas brasileiras que produzem esses bens e eventualmente os vendem para outros mercados, mas que não os exportam para o mercado chinês. Um conjunto de 49 companhias produtoras de 28 produtos (SH, 6 dígitos) nos quais o Brasil detém vantagens comparativas foi entrevistado. As razões mais freqüentemente alegadas pelas empresas, de maneira geral, para justificar a ausência de exportações para o mercado chinês estão sintetizadas na tabela 32. Entre as razões mais importantes encontram-se: *i*) a opção pela colocação dos produtos em outros mercados; *ii*) a existência de competição com produtores

chineses; e *iii*) os obstáculos representados pelas barreiras comerciais (cotas e tarifas) impostas pelo governo chinês.

TABELA 32

Produtos brasileiros com VCs não exportados para a China (28 produtos pesquisados e 49 empresas entrevistadas)

Razões alegadas pelas empresas	%
Exportação destinada para outros mercados (países)*	11
Competição com produtores chineses	11
Cotas e tarifas de Importação estabelecidas pelo gov. chinês	9
Barreira sanitária	8
Pequeno porte da empresa inviabiliza exportação	8
Concorrência com produtores internacionais	8
Dificuldades no transporte do produto	6
Preço do produto não é competitivo	6
Passou a exportar	5
Pouca aceitação do produto brasileiro	5
Falta de informação sobre o mercado chinês	5
Custo do frete	5
Possui instalações na China**	5
Falta de parceiros comerciais	3
Competição de produtos substitutos	3
Dificuldade na obtenção de linhas de crédito	2
Produto cuja produção ou comércio estão proibidos	2
Total	100

Fonte: Pesquisa de Campo.

Obs.: * As empresas especializadas em outros mercados em geral são dirigidas por matrizes estrangeiras que coordenam o comércio exterior para mercados especificados.

** A política industrial gerida pelo governo chinês combina barreiras à importação com a oferta de incentivos para a instalação de novas empresas em seu território. Com isso algumas empresas nacionais instalaram-se na China.

4.1.2 Grupo B: produtos com vantagens comparativas e que apresentaram perdas de competitividade no mercado chinês entre 1996-1997 e 2001-2002

Entre os biênios 1996-1997 e 2001-2002, 46 produtos para os quais o Brasil registrou VCs no comércio internacional apresentaram perdas de competitividade no mercado chinês. No biênio 2001-2002, tais produtos explicavam 1,4% do total das importações chinesas globais e 4,1% das exportações brasileiras para a China. Vale lembrar que produtos com perdas de competitividade são aqueles que apresentaram redução de *market share* no mercado importador chinês no período considerado. Para muitos deles, a perda de competitividade se fez num quadro de redução das importações chinesas do produto. Cabe destacar, ademais, que as perdas referentes aos 46 produtos em foco estiveram muito concentradas em apenas três setores: siderurgia, óleos vegetais e abate de animais (tabela 33).

TABELA 33

Produtos brasileiros com VCs exportados para a China e com perdas de competitividade entre 1996-1997 e 2001-2002, discriminados por setores

Setores	Produtos (SHs)		Exportações do Brasil para China				Perdas do Brasil na China				Importações mundiais			
	nº	%	US\$ milhões		US\$ milhões		Totais		do Brasil		US\$ milhões		%	
			US\$ milhões	%	US\$ milhões	%	US\$ milhões	%	US\$ milhões	%	US\$ milhões	%		
Siderurgia	10	21,7	40,3	36,5	-77,0	36,5	21.068,5	35,6	1.316,6	31,4				
Óleos vegetais	1	2,2	59,7	54,0	-73,2	34,7	1.947,7	3,3	417,0	9,9				
Abate animais	5	10,9	0,6	0,5	-48,9	23,2	7.018,2	11,9	708,6	16,9				
Met. de não-ferrosos	1	2,2	0,9	0,8	-5,1	2,4	12.458,5	21,1	619,5	14,8				
Ref. petróleo e petroq.	4	8,7	6,5	5,9	-2,5	1,2	1.948,3	3,3	40,4	1,0				
Elementos químicos	2	4,3	0,2	0,2	-0,9	0,4	584,5	1,0	15,7	0,4				
Madeira e mobiliário	2	4,3	0,1	0,1	-0,7	0,3	1.755,9	3,0	127,2	3,0				

(continua)

(continuação)

Setores	Produtos (SHs)		Exportações do Brasil para China		Perdas do Brasil na China		Importações mundiais			
	nº	%	US\$ milhões	%	US\$ milhões	%	Totais		do Brasil	
							US\$ milhões	%	US\$ milhões	%
Celulose, pap. e graf.	4	8,7	0,5	0,5	-0,5	0,2	1.451,0	2,5	34,9	0,8
Químicos diversos	2	4,3	0,7	0,6	-0,4	0,2	2.931,2	5,0	76,3	1,8
Café	1	2,2	0,0	0,0	-0,3	0,1	1.776,7	3,0	201,9	4,8
Material elétrico	1	2,2	0,0	0,0	-0,3	0,1	800,2	1,4	9,9	0,2
Máquinas e tratores	3	6,5	0,1	0,1	-0,2	0,1	1.200,7	2,0	25,5	0,6
Minerais não metálicos	2	4,3	0,3	0,3	-0,2	0,1	970,5	1,6	13,6	0,3
Indústrias diversas	1	2,2	0,0	0,0	-0,2	0,1	168,4	0,3	3,2	0,1
Benef. prod. vegetais	2	4,3	0,3	0,3	-0,1	0,0	1.533,4	2,6	547,8	13,1
Peças e outros veículos	1	2,2	0,0	0,0	-0,1	0,0	234,8	0,4	8,1	0,2
Calç., couros e peles	1	2,2	0,1	0,1	-0,1	0,0	307,1	0,5	4,0	0,1
Extrativo-mineral	1	2,2	0,1	0,1	-0,1	0,0	63,5	0,1	2,0	0,0
Agropecuária	2	4,3	0,1	0,1	0,0	0,0	928,4	1,6	23,9	0,6
Total	46	100,0	110,5	100,0	-210,9	100,0	59.147,5	100,0	4.195,8	100,0

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Com vistas a avaliar os determinantes da redução das exportações de produtos para a China, foi realizada consulta a empresas brasileiras que exportam mercadorias com VCs no comércio internacional, mas que apresentaram perdas de competitividade no mercado da China. Foi entrevistado um conjunto de 21 companhias, que exportam 21 produtos (SH, 6 dígitos) nos quais o Brasil apresenta vantagens comparativas e que perderam competitividade no mercado chinês. Os motivos apresentados pelas empresas para justificar tal perda de competitividade estão sintetizados na tabela 34. Entre os fatores mais alegados encontram-se: *i*) a existência de competição com produtores chineses; *ii*) os obstáculos comerciais representados por barreiras sanitárias; *iii*) o pequeno volume exportado, que pode explicar grandes variações relativas nas vendas para o mercado chinês; *iv*) o preço elevado dos produtos nacionais, que compromete a competitividade das exportações; e *v*) a existência de barreiras à importação dos produtos.

TABELA 34

Produtos brasileiros com VCs exportados para a China e com perdas de competitividade (13 produtos pesquisados e 21 empresas entrevistadas)

Razões alegadas pelas empresas	%
Competição com produtores chineses	20
Barreira sanitária	10
Pequeno volume exportado, sujeito à variação de oferta*	10
Preço do produto não é competitivo	10
Produto cuja produção ou comércio sofrem limitações (principalmente BNTs) ou estão proibidos	10
Exportação destinada para outros mercados**	7
Concorrência com produtores internacionais	7
Produto apresentou aumento de consumo no mercado nacional	7
Dificuldades no transporte do produto	3
Pouca aceitação do produto brasileiro	3
Falta de informação sobre o mercado chinês	3
Custo do frete	3
Outras razões	7
Total	100

Fonte: Pesquisa de campo.

Obs.: * Alguns produtos pesquisados são exportados em volumes muito pequenos. Com isso qualquer variação do comércio (i.e., uma safra menos favorável, um contrato desfeito) significa uma grande variação no agregado exportado.

** As empresas especializadas em outros mercados em geral são dirigidas por matrizes estrangeiras que coordenam o comércio exterior para mercados especificados.

4.2 ANÁLISE DO DESEMPENHO EXPORTADOR DOS PRODUTOS DOS GRUPOS A E B

Nesta seção são examinadas as possíveis causas do mau desempenho exportador brasileiro no mercado chinês, no que se refere aos produtos em que o Brasil detém VCs no comércio internacional e que: *i)* não foram exportados para a China em 2001-2002 (Grupo A, formado por 58 produtos); ou *ii)* perderam competitividade no mercado chinês entre os biênios de 1996-1997 e 2001-2002 (Grupo B, formado por 46 produtos). Em tese, esses produtos são os que concentram as maiores oportunidades comerciais para o Brasil no mercado chinês.

Para identificar a natureza dos obstáculos à exportação desses produtos para o mercado chinês recorreu-se a informações e a análises sobre o comércio Brasil-China disponíveis. Em complemento, foi realizada uma consulta às principais empresas responsáveis por sua exportação, com o objetivo de levantar os fatores explicativos do mau desempenho exportador no mercado chinês. Os resultados obtidos estão descritos a seguir, organizados segundo o critério setorial.

4.2.1 O setor de abate de animais

O setor de abate de animais é um dos que apresentam, em princípio, oportunidades comerciais relevantes no mercado chinês, uma vez que foram encontrados 14 produtos em que o Brasil detém VCs, não exportados ou com perdas de competitividade naquele mercado. A maior parte dos produtos do setor consumidos na China resulta de produção doméstica e, tradicionalmente, esse tem sido um setor em relação ao qual a China pratica políticas de proteção comercial mediante a imposição de barreiras tarifárias e não tarifárias relevantes. Embora modestas, as importações chinesas de carne bovina, suína e de aves mostraram-se dinâmicas⁵⁰ entre os biênios de 1996-1997 e 2001-2002 (tabela 35).

TABELA 35

Setor de abate de animais: produtos relevantes (2001-2002)

Produtos não exportados para a China (2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal fornecedor da China
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Carnes de bovino, desossadas, congeladas	Dinâmicos	8,3	4.383,7	377,0	EUA
Frango congelado	Muito dinâmicos	0,1	636,1	348,6	EUA
Carnes de bovino, desossadas, frescas ou refrigeradas	Dinâmicos	0,7	5.354,7	276,9	Austrália
Preparações alimentícias e conservas, de bovinos	Intermediários	3,8	826,9	275,2	EUA
Outras carnes, miudezas e farinhas comestíveis, de outros animais, salgados, secos, defumados	Em regressão	0,2	533,6	254,9	EUA
Outras carnes de suíno, congeladas	Muito dinâmicos	13,1	4.784,2	220,1	EUA

(continua)

50. Faixas de dinamismo definidas com referência à taxa média de crescimento das importações chinesas entre os biênios considerados. Dado que a taxa média de crescimento do total das importações chinesas (comparação entre a média do biênio 1996-1997 e a média do biênio 2001/2002) foi de 13,9% ao ano as faixas de dinamismo foram estabelecidas mediante os seguintes critérios: i) intermediários: produtos que apresentaram taxas de crescimento das importações em torno da taxa média das importações chinesas globais (crescimento maior ou igual a 9% e menor que 18%); ii) dinâmicos: produtos para os quais a taxa de crescimento das importações foi maior ou igual a 18% e menor que 28%; iii) muito dinâmicos: produtos para os quais a taxa de crescimento das importações foi maior ou igual a 28%; iv) em regressão: produtos com taxa de crescimento das importações positivas, porém significativamente inferiores à média (crescimento menor que 9% e maior ou igual a zero); e v) em decadência: produtos cujas importações apresentaram taxas de crescimento negativas.

(continuação)

Produtos não exportados para a China (2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal fornecedor da China
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Carcças e miudezas de suíno, congeladas	Zero	0,0	247,0	140,0	
Preparações alimentícias e conservas de peru	Zero	0,0	293,7	76,9	
Carnes de cavalo, asinino e muar, frescas, refrigeradas ou congeladas	Zero	0,0	377,8	36,5	
Total		26,2	17.437,6	2.006,1	

Produtos com perda de competitividade (entre 1996-1997 e 2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal concorrente do Brasil
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Outras miudezas comestíveis de bovino, congeladas	Muito dinâmicos	28,75	547,06	48,35	EUA
Outras miudezas comestíveis de suíno, congeladas	Muito dinâmicos	52,02	480,63	9,05	Dinamarca
Pedaços e miudezas de peru congelados, exceto fígado	Muito dinâmicos	28,27	474,19	21,49	EUA
Pedaços e miudezas de frango congelados, exceto fígado	Dinâmicos	395,26	4.070,84	571,98	EUA
Tripas, bexigas e estômagos de animais, exceto peixes	Intermediários	107,78	1445,45	57,74	EUA
Total		612,07	7018,16	708,61	

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Média do biênio 2001-2002 (em US\$ milhões-CIF).

Vale ressaltar que a adesão da China à OMC (2001) representou um passo importante para a liberalização do comércio setorial. De fato, as tarifas incidentes sobre a importação de carne bovina, suína e de aves vêm sendo reduzidas desde 2001. Assim, por exemplo, a tarifa média aplicada à importação de carne bovina caiu de 45%, em 2001, para 12%, em 2004. No caso das carnes de porco e de aves, as reduções tarifárias, em igual período, foram de 20% para 12% e de 20% para 10%, respectivamente. Contudo, permanece a utilização de barreiras sanitárias, como provam o memorando e os protocolos assinados entre o Brasil e a China durante a visita do presidente Hu Jintao ao Brasil, em novembro de 2004. No memorando, os dois países se comprometem a fortalecer a cooperação nas áreas de regulamentação e inspeção fito e zoossanitárias, de modo a assegurar condições para que os produtos de cada parte tenham acesso a ambos os mercados. Ademais, foram assinados protocolos⁵¹ de quarentena e condições sanitárias para a exportação de carne bovina e de frango do Brasil para a China, e protocolos de igual natureza para a exportação de carne de ave processada e de carne suína termicamente tratada, da China para o Brasil. Segundo o governo brasileiro, tais iniciativas permitirão ao Brasil ampliar sobremaneira as exportações de carne bovina *in natura* e de frango para a China já em 2005. Ressalte-se que num cenário de liberalização do comércio setorial, o Brasil deve enfrentar no mercado chinês de carne bovina e de aves a competição de fornecedores importantes, principalmente os produtores domésticos e os exportadores norte-americanos.

No processo de consulta realizado pelos pesquisadores, foram contatadas dezesseis empresas, doze das quais não exportam para o mercado da China e outras quatro empresas que exportam para a China, mas cujas vendas apresentaram redução no período analisado. O resultado das entrevistas, apresentado na tabela 36, indica que as barreiras sanitárias e as cotas de importação constituem o principal obstáculo à entrada dos produtos brasileiros no mercado da China. As empresas que citaram a existência de barreira sanitária acreditam que, em breve, uma vez resolvido o problema, o fluxo de comércio entre o Brasil e a China poderá aumentar consideravelmente.

51. Os protocolos regulamentam a emissão de certificados para a exportação de carnes para a China.

TABELA 36

Setor de abate de animais – resultado das entrevistas sobre obstáculos à exportação para a China (2 produtos pesquisados, 16 empresas entrevistadas)

Razões alegadas	
Barreira sanitária*	36%
Cotas de importação definidas pelo governo chinês	21%
Pequeno porte da empresa inviabiliza exportação	21%
Concorrência com produtores internacionais	14%
Passou a exportar**	7%
Total	100%
Razões alegadas pelas empresas que sofreram redução das exportações (2 produtos pesquisados e 4 empresas entrevistadas)	
Barreira sanitária*	50%
Falta de parceiros comerciais	17%
Restrição de oferta do produto	17%
Competição com produtores chineses	17%
Total	100%

Fonte: Pesquisa de campo.

Obs.: * Muitos produtores relataram comercializar diretamente com Hong Kong, de onde o produto seria reenviado para a China.

** A empresa conseguiu entrar em um *pool* de exportadores que obteve licença para exportar para a China.

4.2.2 O setor agropecuário

Entre os produtos do setor agropecuário em que o Brasil apresenta vantagens comparativas e não exporta para a China destacam-se as frutas frescas: goiabas, mangas, melões, mamões e uvas. Também neste caso, a adesão da China à OMC implicou a redução de barreiras tarifárias. Vale destacar, entretanto, que no comércio de frutas as barreiras não tarifárias são os obstáculos mais expressivos. O Brasil tem interesse em exportar para a China frutas cítricas, uvas e melões, enquanto a China pretende exportar para o Brasil maçãs, pêras e lichia.

Na recente visita do presidente chinês ao Brasil, acordou-se a formação de um grupo de trabalho para harmonizar regras de comércio para frutas, para ampliar esforços e concluir o mais brevemente possível as análises de risco de pragas, e também discutir restrições referentes à quarentena, iniciativas necessárias para viabilizar o comércio entre os países e possibilitar a abertura concomitante dos dois mercados. Não obstante, uma vez que a produção chinesa de frutas é significativa, os produtores brasileiros terão que enfrentar tanto a concorrência local como, no caso da remoção das barreiras, concorrentes importantes como as Filipinas, a Tailândia e os EUA.

Outros produtos para os quais parece haver oportunidades comerciais na China são castanha de caju e pimenta-do-reino (tabela 37), produtos em que o Brasil deve enfrentar concorrência de países asiáticos, como a Indonésia.

TABELA 37

Setor agropecuário: produtos relevantes (2001-2002)

Produtos não exportados para a China (2001-2002)	Dinamismo	Importação mundial			Principal fornecedor da China
		Importação da China (US\$ milhões)*	Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Goiabas, mangas e mangostões, frescos ou secos	Intermediários	13,2	578,8	108,2	Filipinas
Casrntanhas de caju frescas ou secas	Muito dinâmicos	11,1	916,3	106,5	Indonésia
Melões e melancias frescos	Dinâmicos	4,0	1280,2	75,2	Malásia
Pimenta (do gênero "piper"), seca, não triturada nem em pó	Dinâmicos	1,8	422,8	65,0	Indonésia
Mamões (papaia) frescos	Muito dinâmicos	2,4	160,0	43,9	Tailândia
Uvas frescas	Muito dinâmicos	32,9	2962,9	35,3	EUA
Goiabas, mangas e mangostões, frescos ou secos	Intermediários	13,2	578,8	108,2	Filipinas
Total		65,4	6321,0	434,1	

(continua)

(continuação)

Produtos com perda de competitividade (entre 1996-1997 e 2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal concorrente do Brasil
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Outras plantas, partes de plantas, sementes e frutos, para uso em perfumaria, medicina ou como inseticidas, parasiticidas ou semelhantes	Intermediários	13,2	803,7	13,4	Suécia
Outras gomas, resinas, gomas-resina, oleoresinas, naturais	Em decadência	4,9	124,7	10,5	Quênia
Total		18,2	928,4	23,9	

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Média do biênio 2001-2002 (em US\$ milhões CIF).

Na consulta realizada no âmbito da pesquisa, foram contatadas oito empresas do setor, cinco das quais não exportam para o mercado da China e outras quatro que exportam para a China, mas cujas vendas apresentaram redução no período analisado. O resultado das entrevistas, consolidado na tabela 38, indica que, no caso das empresas que não exportam para a China, as dificuldades no campo do transporte dos produtos e a alocação de sua oferta exportável para outros países são os fatores explicativos de sua ausência no mercado chinês. As barreiras sanitárias e as cotas de importação também constituem um importante obstáculo à entrada dos produtos brasileiros no mercado da China. No caso das empresas cujas exportações para a China apresentaram queda, as razões alegadas foram restrições de oferta, existência de concorrentes domésticos no mercado local e pequena aceitação do produto brasileiro.

TABELA 38

Setor agropecuário – resultado das entrevistas sobre obstáculos à exportação para a China

Razões alegadas pelas empresas que não exportam (2 produtos pesquisados e 5 empresas entrevistadas)	
Dificuldades no transporte do produto	33%
Exportação destinada para outros mercados	17%
Dificuldade na obtenção de linhas de crédito	8%
Cotas e tarifas de importação estabelecidas pelo governo chinês	8%
Pouca aceitação do produto brasileiro	8%
Concorrência com produtores internacionais	17%
Falta de parceiros comerciais	8%
Total	100%
Razões alegadas pelas empresas que sofreram redução das exportações (2 produtos pesquisados e 3 empresas entrevistadas)	
Escassez da oferta: produto raro ou ameaçado de extinção	33%
Competição com produtores chineses	33%
Pouca aceitação do produto brasileiro	33%
Total	100%

Fonte: Pesquisa de campo.

As entrevistas revelaram também o potencial do comércio de frutas frescas entre o Brasil e a China. O intercâmbio é bastante promissor, porém esbarra na dificuldade de transporte do produto até os portos da China. No caso da castanha de caju, especificidades do produto produzido no Brasil inibem as vendas para aquele mercado. Mudanças no processo de produção estão sendo introduzidas nos produtos locais, mais particularmente alterações no método de extração brasileiro, de tal forma que a castanha de caju produzida no Brasil se assemelhe àquela produzida na Índia e no Vietnã, principais concorrentes do produto brasileiro no mercado chinês. A população chinesa possui uma preferência cultural pelo produto daqueles países. Contudo, os produtores brasileiros acreditam que alterações no método de coleta combinado com investimentos em publicidade podem vir a garantir uma fatia do mercado chinês para o produto brasileiro.

4.2.3 O setor de óleos vegetais

Entre os biênios 1996-1997 e 2001-2002, o setor de óleos vegetais foi aquele no qual o Brasil apresentou maiores perdas de competitividade no mercado importador chinês, fato decorrente da redução das importações chinesas de óleo de soja em bruto verificada entre os referidos períodos (tabela 39). Ressalte-se que, nos meados da década de 1990, a China impôs severas restrições às importações de óleo de soja, aplicando tarifas que chegaram a 122% para o óleo bruto. Com a entrada na OMC, a barreira tarifária foi reduzida⁵² e, embora o produto brasileiro ainda enfrente barreiras não tarifárias relevantes – como cotas tarifárias, por exemplo –, suas exportações voltaram a crescer vigorosamente em 2003.

TABELA 39

Setor de óleos vegetais: produtos relevantes (2001-2002)

Produtos não exportados para a China (2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal fornecedor da China
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Tortas e outros resíduos sólidos da extração do óleo de soja	Em decadência	5,9	8075,0	2427,8	Índia
Total		5,9	8.075,0	2.427,8	
Produtos com perda de competitividade (entre 1996-1997 e 2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal concorrente do Brasil
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado	Em decadência	194,4	1947,7	417,0	Argentina
Total		194,4	1947,7	417,0	

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Média do biênio 2001-2002 (em US\$ milhões CIF).

É importante sublinhar que, no período focalizado pelo trabalho, as perdas de competitividade do Brasil refletiram práticas protecionistas que impactaram negativamente as importações chinesas de óleo de soja (produtos decadentes). Este foi o cenário no qual o Brasil perdeu *market share* em óleo de soja bruto, principalmente para as exportações argentinas. No setor, destacam-se ainda tortas e outros resíduos sólidos de soja, produto não exportado pelo Brasil para a China, a despeito de apresentar VCs no comércio mundial.

Na consulta realizada para esta pesquisa, foram contatadas duas empresas que exportam para a China, mas cujas vendas apresentaram redução no período analisado. O resultado das entrevistas indica que as vendas de óleo de soja para aquele país enfrentam a concorrência acirrada dos produtos locais e barreiras comerciais relevantes (quadro 3).

QUADRO 3

Setor de óleos vegetais – resultado das entrevistas sobre obstáculos à exportação para a China

Razões alegadas pelas empresas que não exportam (1 produto pesquisado e 2 empresas entrevistadas)
Competição com produtores chineses

Fonte: Pesquisa de campo.

Obs.: Percentual omitido em razão do pequeno número de empresas entrevistadas.

52. Em 2002, a tarifa incidente sobre o óleo de soja era de 9% para uma cota de importação de 2,5 milhões de toneladas métricas, e de 48% para as importações realizadas fora da cota. Até 2005, o sistema de cota deverá ser eliminado e a tarifa de importação deverá cair 13 pontos percentuais ao ano e atingir 9% naquele ano.

As empresas entrevistadas alegam que a China vem implementando um processo de substituição das importações, investindo em instalações de processamento dos grãos de soja. Nesse contexto, o país passou a consumir mais o grão e menos o óleo já beneficiado no Brasil. Ocorreu, ademais, uma redução acentuada da demanda pelo grão durante a epidemia de “*influenza aviária*”. De toda forma, as empresas salientaram que há espaço para a colocação de produtos naquele mercado, dado que a China, ainda por um bom tempo, não produzirá o suficiente para abastecer o seu mercado interno.

4.2.4 O setor siderúrgico

A percepção de especialistas do setor é a de que, nos próximos anos, as exportações brasileiras de produtos siderúrgicos sofrerão uma perda de *market share* no mercado da China, tendo em vista os vultosos investimentos no setor, planejados ou em andamento no mercado chinês. Por volta do princípio da próxima década, a China deverá se transformar no maior exportador de produtos siderúrgicos do mundo, o que implicará uma provável redução das exportações brasileiras dirigidas ao mercado chinês e também significará uma ameaça para os produtores brasileiros em terceiros mercados, dado o acirramento da concorrência com siderúrgicos chineses. Em razão da escassez de matéria-prima em seu território, a China deve continuar importando minério de ferro, sendo provável que ocorra nesse mercado uma substituição da importação de produtos siderúrgicos brasileiros por minério de ferro brasileiro (tabela 40 e quadro 4).

TABELA 40

Setor siderúrgico: produtos relevantes (2001-2002)

Produtos não exportados para a China (2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal fornecedor da China
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Barras de outras ligas de aços laminadas, estradas ou extrudadas a quente	Dinâmicos	30,9	1536,9	34,8	Japão
Produtos semimanufaturados, de outras ligas de aços	Em decadência	2,8	565,0	176,6	Japão
Total		33,7	2101,9	211,4	
Produtos com perda de competitividade (entre 1996-1997 e 2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal Concorrente do Brasil
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Ferronióbio	Muito dinâmicos	13,5	329,1	245,8	Países Baixos
Outros produtos semimanufaturados, de ferro ou aços, não ligados, contendo em peso < 0,25% de carbono, de seção transversal retangular	Muito dinâmicos	339,5	3.185,8	773,4	Rússia
Outros produtos semimanufaturados, de ferro ou aços, não ligados, contendo em peso => 0,25% de carbono	Muito dinâmicos	53,0	772,1	73,3	Rússia
Outros prod. laminados planos, de ferro ou aços não ligados, de largura => 600 mm, galvanizados por outro processo	Dinâmicos	494,6	5879,8	66,3	Formosa
Laminados de ferro ou aço (SH 720842)	Intermediários	157,7	3.033,1	56,4	Coreia do Sul
Laminados de ferro ou aço (SH 720821)	Em regressão	30,1	371,9	5,6	Coreia do Sul
Laminados de ferro e aço (SH 720824)	Em decadência	551,6	5.492,8	62,3	Formosa
Laminados de ferro ou aço (SH 720843)	Em decadência	29,5	1.144,2	22,2	Romênia
Laminados de ferro ou aço (SH 720942)	Em decadência	64,7	384,0	4,5	Formosa
Outros produtos laminados planos, de aços inoxidáveis, de largura => 600 mm	Em decadência	83,2	475,8	6,7	Alemanha
Total		1817,3	21.068,5	1.316,6	

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad)

Obs.: * Média do biênio 2001-2002 (em US\$ milhões CIF).

QUADRO 4

Setor siderúrgico – resultado das entrevistas sobre obstáculos à exportação para a China

Razões alegadas pelas empresas que não exportam (1 produto pesquisado e 1 empresa entrevistada)
Exportação destinada para outros mercados*
Razões alegadas pelas empresas que sofreram redução das exportações (2 produtos pesquisados e 2 empresas entrevistadas)
Passaram a exportar normalmente nos últimos dois anos**

Fonte: Pesquisa de campo.

Obs.: * O produtor fabrica peças de alto valor unitário para o mercado automotivo e atualmente destina todo seu produto para os EUA e para o Japão. Pretende entrar em massa no mercado chinês de peças automotivas, pois este é o que mais cresce no mundo. Não há obstáculos à exportação.

** Percentuais omitidos em razão do pequeno número de empresas entrevistadas.

4.2.5 Demais setores

As informações relativas aos demais setores estão consolidadas nas tabelas e quadros adiante. Eventuais observações sobre as barreiras enfrentadas pelas empresas no mercado chinês são apresentadas nos rodapés das respectivas tabelas.

4.2.5.1 Outros produtos alimentares

TABELA 41

Outros produtos alimentares: produtos relevantes (2001-2002)

Produtos não exportados para a China (2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal fornecedor da China
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Matérias, desperdícios, resíduos vegetais, para alimentação animal	Em decadência	0,1	315,2	76,2	Canadá
Lagostas congeladas	Em regressão	1,1	587,3	73,2	Austrália
Bolachas e biscoitos, adicionados de edulcorantes, "wa ffles"	Intermediários	4,1	3156,5	37,1	Dinamarca
Outros chocolates e preparações alimentícias contendo cacau	Dinâmicos	16,8	3303,3	32,4	Itália
Total		22,0	7362,2	219,0	

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.:* Média do biênio 2001-2002 (em US\$ milhões CIF).

TABELA 42

Outros produtos alimentares – resultado das entrevistas sobre obstáculos à exportação para a China

Razões alegadas pelas empresas que não exportam (4 produtos pesquisados e 10 empresas entrevistadas)	
Exportação destinada para outros mercados	21%
Falta de parceiros comerciais	14%
Desconhecimento do mercado	14%
Pouca aceitação do produto brasileiro*	14%
Dificuldades no transporte do produto	7%
Custo do frete	7%
Empresa de pequeno porte	7%
Competição com produtores chineses	7%
Passou a exportar para a China recentemente**	7%
Total	100%

Fonte: Pesquisa de campo.

Obs.: *A China não utiliza o farelo de polpa cítrica como suplemento para seu gado como já se faz na Europa e nos EUA. Para que o produto fosse exportado seria necessária uma campanha de divulgação do mesmo.

**Após um investimento na divulgação do produto, a maior exportadora de chocolates do Brasil conseguiu conquistar uma boa aceitação no mercado chinês.

4.2.5.2 Beneficiamento de produtos vegetais

TABELA 43

Setor de beneficiamento de produtos vegetais: produtos relevantes (2001-2002)

Produtos não exportados para a China (2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação Mundial		Principal fornecedor da China
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Manteiga, gordura e óleo de cacau	Dinâmicos	4,5	1294,1	59,3	Tailândia
Total			4,51	1294,1	59,3
Produtos com perda de competitividade (entre 1996-1997 e 2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação Mundial		Principal concorrente do Brasil
			Total (US\$ Milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Outros sucos de laranjas, não fermentados	Dinâmicos	2,1	1373,3	530,0	Dinamarca
Cravo-da-india (frutos, flores e pedúnculos)	Muito dinâmicos	2,7	160,1	17,8	Indonésia
Total		4,8	1533,4	547,8	

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.:* Média do biênio 2001-2002 (em US\$ milhões CIF).

QUADRO 5

Setor de beneficiamento de produtos vegetais – resultado das entrevistas sobre obstáculos à exportação para a China

Razões alegadas pelas empresas que não exportam (1 produto pesquisado e 2 empresas entrevistadas)	
Grande demanda interna pelo produto	
Competição com produtores chineses	
Concorrência com produtores internacionais	
Razões alegadas pelas empresas que sofreram redução das exportações (1 produto pesquisado e 2 empresas entrevistadas)	
Dificuldades no transporte do produto	
Competição com produtores chineses	
Concorrência com produtores Internacionais	
Pouca aceitação do produto brasileiro	

Fonte: Pesquisa de campo.

Obs.: Percentuais omitidos em razão do pequeno número de empresas entrevistadas.

4.2.5.3 Açúcar e café

TABELA 44

Setor de açúcar e café: produtos relevantes (2001-2002)

Produtos não exportados para a China (2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal fornecedor da China
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Outros açúcares de cana, de beterraba e sacarose quimicamente pura, no estado sólido	Intermediários	44,6	3.079,4	106,1	Coreia do Sul
Total			3.079,4	106,1	59,3
Produtos com perda de competitividade (entre 1996-1997 e 2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal concorrente do Brasil
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Extratos, essências e concentrados de café e suas preparações	Intermediários	1,2	1776,7	201,9	Alemanha
Total		1,2	1776,7	201,9	

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.:* Média do biênio 2001-2002 (em US\$ milhões CIF).

Setor de açúcar e café – resultado das entrevistas sobre obstáculos à exportação para a China

Razões alegadas pelas empresas que não exportam (1 produto pesquisado e 2 empresas entrevistadas)	
Cotas de importação impostas pelo governo chinês* e demanda insuficiente	
Concorrência com produtores chineses	
Razões alegadas pelas empresas que sofreram redução das exportações (1 produto pesquisado e 2 empresas entrevistadas)	
Concorrência com produtores internacionais**	

Fonte: Pesquisa de campo

Obs.: * Como resultado de acordos comerciais, o governo chinês importa preferencialmente o açúcar produzido em Cuba, que somado ao açúcar produzido no próprio território chinês satisfaz a demanda interna do produto. Com isso, o mercado chinês está praticamente fechado para o açúcar brasileiro. Há ainda em curso medidas protecionistas, como cotas tarifárias.

** O volume de café transacionado entre Brasil e China ainda é muito pequeno. Sendo assim, uma pequena queda da demanda, ou apenas um cliente que não feche o negócio, pode significar uma grande variação no volume importado pela China. Há a expectativa de que o café brasileiro possa competir com o chá pela liderança no mercado de bebidas quentes. Mas para isso seriam necessários pesados investimentos em publicidade.

*** Percentuais omitidos em razão do pequeno número de empresas entrevistadas.

4.2.5.4 Madeiras e mobiliário

TABELA 45

Setor de madeiras e mobiliário: produtos relevantes (2001-2002)

Produtos não exportados para a China (2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal fornecedor da China
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Outras madeiras compensadas, com folhas de espessura <= 6 mm	Em decadência	56,7	1218,5	225,0	Indonésia
Madeira de coníferas, perfilada	Muito dinâmicos	3,9	1316,9	154,6	Canadá
Madeiras compensadas	Muito dinâmicos	40,7	1865,6	126,9	Indonésia
Portas e respectivos caixilhos, alizares e soleiras, de madeira	Em decadência	1,6	1740,1	92,3	Canadá
Painéis de fibras de madeira, não trabalhados mecanicamente nem recobertos à superfície, com densidade > 0,8g/cm ³	Dinâmicos	18,9	408	36,8	Alemanha
Madeira de coníferas, em estilhas ou em particuladas	Em regressão	0,3	584,3	30,7	Canadá
Total		122,0	7.133,3	666,2	

Produtos com perda de competitividade (entre 1996-1997 e 2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal concorrente do Brasil
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Madeira serrada (imbuia, balsa etc)	Em decadência	1,4	226,6	51,7	Suriname
Madeira de não coníferas, perfilada	Em decadência	8,5	1.529,4	75,5	EUA
Total		9,9	1.755,9	127,2	

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Média do biênio 2001-2002 (em US\$ milhões CIF).

TABELA 46

Setor de madeiras e mobiliário – resultado das entrevistas sobre obstáculos à exportação para a China

Razões alegadas pelas empresas que não exportam (3 produtos pesquisados e 4 empresas entrevistadas)	
Concorrência com produtores chineses*	50%
Especialização exportadora em outros mercados**	25%
Empresa de pequeno porte (restrições de oferta)	25%
Total	100%
Razões alegadas pelas empresas que sofreram redução das exportações (1 produto pesquisado e 2 empresas entrevistadas)	
Produto raro ou ameaçado de extinção***	

Fonte: Pesquisa de campo.

Obs.: *O governo chinês oferece incentivos à instalação de novas indústrias e com isso empresas produtoras de compensados e outras exportadoras tradicionais brasileiras estão se estabelecendo naquele país.

**O mercado norte-americano sempre foi um grande consumidor do compensado brasileiro; entretanto, com o 11 de setembro, as compras caíram acentuadamente. Se este cenário se alterar é provável que o mercado norte-americano volte a ser mais atraente, motivo pelo qual alguns produtores hesitam em investir no mercado chinês.

***O produto que sofreu redução das exportações compreende madeiras nobres ou raras, cujo comércio vem sendo monitorado pelo governo. O percentual foi omitido em razão do pequeno número de empresas entrevistadas.

4.2.5.5 Metalurgia de não-ferrosos

TABELA 47

Setor de metalurgia de não-ferrosos : produtos relevantes (2001-2002)

Produtos não exportados para a China (2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação Mundial		Principal fornecedor da China
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Ouro (incluído o ouro platinado) em outras formas brutas, para usos não monetários	Zero	0,0	17077,2	252,8	
Ligas de alumínio, em formas brutas	Muito dinâmicos	411,5	10637,8	222,0	Formosa
Fios de cobre refinado, com a maior dimensão da seção transversal > 6 mm	Muito dinâmicos	382,8	3153,9	56,2	Formosa
Outros reservatórios, de alumínio, de capacidade <= 300 litros, sem dispositivos mecânicos ou térmicos	Intermediários	13,1	1727,3	41,3	Itália
Mates de níquel	Muito dinâmicos	5,1	1370,3	40,0	Rússia
Folhas e tiras, de alumínio, de espessura <= 0,2 mm, sem suporte, simplesmente laminadas	Intermediários	59,2	2034,5	34,4	Japão
Total		65,4	6321,0	434,1	
Produtos com perda de competitividade (entre 1996-1997 e 2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal concorrente do Brasil
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Alumínio não ligado em forma bruta	Em decadência	347,4	12.458,5	619,5	Austrália
Total		347,4	12.458,5	619,5	

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Média do biênio 2001-2002 (em US\$ milhões CIF).

QUADRO 7

Setor de metalurgia de não-ferrosos – resultado das entrevistas sobre obstáculos à exportação para a China

Razões alegadas pelas empresas que não exportam (2 produtos pesquisados e 2 empresas entrevistadas)
Exportação direcionada para outros mercados
Custo do frete
Possuir instalações na China
Razões alegadas pelas empresas que sofreram redução das exportações (1 produto pesquisado e 1 empresa entrevistada)
Custo do frete
Produto consumido no mercado nacional

Fonte: Pesquisa de campo.

Obs.: Percentuais omitidos em razão do pequeno número de empresas entrevistadas.

4.2.5.6 Refino de petróleo e petroquímicos

TABELA 48

Setor de refino de petróleo e petroquímicos: produtos relevantes (2001-2002)

Produtos não exportados para a China (2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal fornecedor da China
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Desperdícios de óleos, contendo difenilas policloradas ou polibromadas, ou terfenilas policloradas	Zero	0,0	3.452,0	296,2	
Outros éteres acíclicos e seus derivados halogenados, sulfonados, nitrados ou nitrosados	Intermediários	7,1	2.931,6	118,1	Arábia Saudita
Oleo combustível	Em decadência	735,6	8.356,5	83,0	Coréia do Sul
Benzeno	Intermediários	18,0	1.446,2	69,2	Coréia do Sul
Total		760,7	16.186,2	566,5	
Produtos com perda de competitividade (entre 1996-1997 e 2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal concorrente do Brasil
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
1, 2-Dicloroetano (cloreto de etileno)	Muito dinâmicos	83,6	539,6	17,4	EUA
Butanona (metiletilcetona)	Intermediário	70,6	375,4	5,9	Reino Unido
Tetracloroetileno (percloroetileno)	Em decadência	11,4	75,6	6,3	Rússia
Outras borrachas sintéticas e artificiais, em formas primárias ou em chapas, folhas ou tiras	Em decadência	231,0	957,8	10,8	EUA
Total		396,5	1.948,3	40,4	

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Média do biênio 2001-2002 (em US\$ milhões CIF).

QUADRO 8

Setor de petróleo e petroquímicos – resultado das entrevistas sobre obstáculos à exportação para a China

Razões alegadas pelas empresas que não exportam (1 produto pesquisado e 1 empresa entrevistada)
Concorrência com produtores internacionais
Competição com produtores chineses
Competição de produtos substitutos

Fonte: Pesquisa de campo.

Obs.: 1. Existem outros mercados que apresentam maiores margens de lucro para o produto. Nesse sentido, investimentos para a entrada no mercado chinês são pouco atraentes.

2. Percentuais omitidos em razão do pequeno número de empresas entrevistadas.

4.2.5.7 Outros produtos metalúrgicos

TABELA 49

Setor de outros produtos metalúrgicos: produtos relevantes (2001-2002)

Produtos não exportados para a China (2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal fornecedor da China
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Tubos de ferro ou aço, de seção circular, de diâmetro exterior > 406,4 mm, soldados longitudinalmente por arco imerso, utilizados para oleodutos ou gasodutos	Muito dinâmicos	187,5	1860,7	187,6	Japão
Outras obras forjadas ou estampadas, de ferro ou aço	Em regressão	47,7	1169,2	40,3	Japão
Total		235,3	3029,9	227,9	

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Média do biênio 2001-2002 (em US\$ milhões CIF).

QUADRO 9

Setor de outros produtos metalúrgicos - resultado das entrevistas sobre obstáculos à exportação para a China

Razões alegadas pelas empresas que não exportam (1 produto pesquisado e 1 empresa entrevistada)
Custo de produção elevado
Competição com produtores chineses

Fonte: Pesquisa de campo.

Obs.: Percentuais omitidos em razão do pequeno número de empresas entrevistadas.

4.2.5.8 Máquinas e tratores

TABELA 50

Setor de máquinas e tratores: produtos relevantes (2001-2002)

Produtos não exportados para a China (2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal fornecedor da China
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Ceifeiras-debulhadoras	Em decadência	7,6	1.268,0	41,2	Coreia do Sul
Niveladores	Em decadência	5,8	525,0	120,7	Canadá
Total		13,4	1.793,0	161,9	
Produtos com perda de competitividade (entre 1996-1997 e 2001-2002)		Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal concorrente do Brasil
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Outros aparelhos para agricultura ou horticultura, para projetar ou pulverizar líquidos ou pós		15,8	808,9	20,8	Áustria
Aguilhas para máquinas de costura		2,1	170,1	2,2	Alemanha
Máquinas e aparelhos para fabricar ou consertar calçados		47,0	221,6	2,5	Itália
Total		65,0	1.200,7	25,5	

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Média do biênio 2001-2002 (em US\$ milhões CIF).

Setor de máquinas e tratores – resultado das entrevistas sobre obstáculos à exportação para a China

Razões alegadas pelas empresas que não exportam (1 produto pesquisado e 1 empresa entrevistada)
Competição com produtores chineses*
Razões alegadas pelas empresas que sofreram redução das exportações (1 produto pesquisado e 1 empresa entrevistada)
Competição com produtores chineses
Exportação destinada para outros mercados

Fonte: Pesquisa de campo.

Obs.: * O governo chinês oferece incentivos à instalação de novas fábricas e uma das empresas líderes na fabricação de veículos agrários já se instalou naquele país.

Percentuais omitidos em razão do pequeno número de empresas entrevistadas.

4.2.5.9 Material elétrico

TABELA 51

Setor de material elétrico: produtos relevantes (2001-2002)

Produtos não exportados para a China (2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal fornecedor da China
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Transformadores de dielétrico líquido, de potência > 10.000 kVA	Em regressão	106,2	1.080,6	50,5	Suécia
Outros motores elétricos de corrente alternada, polifásicos, de potência > 75 kW		155,3	2.103,7	64,2	Alemanha
Total		261,5	3.184,3	114,7	
Produtos com perda de competitividade (entre 1996-1997 e 2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal concorrente do Brasil
			Total (US\$ milhões)	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Outros motores elétricos de corrente alternada, polifásicos, de potência <= 750 W	Muito dinâmicos	44,6	800,2	9,9	Japão
Total		44,6	800,2	9,9	

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Média do biênio 2001-2002 (em US\$ milhões CIF).

QUADRO 11

Setor de máquinas e tratores – resultado das entrevistas sobre obstáculos à exportação para a China

Razões alegadas pelas empresas que não exportam (1 produto pesquisado e 1 empresa entrevistada)
Possuir instalações na China*
Razões alegadas pelas empresas que sofreram redução das exportações (1 produto pesquisado e 1 empresa entrevistada)
Concorrência com produtores internacionais
Competição com produtores chineses
Exportação destinada para outros mercados

Fonte: Pesquisa de campo.

Obs.: * A principal empresa exportadora do país instalou recentemente uma fábrica na China. Outras empresas nacionais e estrangeiras devem fazer o mesmo.

Percentuais omitidos em razão do pequeno número de empresas entrevistadas.

4.2.5.10 Minerais não metálicos

TABELA 52

Setor de minerais não-metálicos: produtos relevantes (2001-2002)

Produtos não exportados para a China (2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal fornecedor da China
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Outros ladrilhos e artigos semelhantes, de cerâmica, vidrados ou esmaltados	Em decadência	7,0	5175,8	173,9	Espanha
Total		7,0	5175,8	173,9	
Produtos com perda de competitividade (entre 1996-1997 e 2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal concorrente do Brasil
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Outros objetos de vidro, para tocador, escritório, decoração e usos semelhantes	Muito dinâmicos	6,0	886,1	10,4	Japão
Vidros para lentes corretivas, não trabalhados opticamente	Em decadência	1,1	84,4	3,2	França
Total		7,1	970,5	13,6	

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Média do biênio 2001-2002 (em US\$ milhões CIF).

QUADRO 12

Setor de minerais não-metálicos – resultado das entrevistas sobre obstáculos à exportação para a China

Razões alegadas pelas empresas que não exportam (1 produto pesquisado e 1 empresa entrevistada)
Possuir instalações na China*
Razões alegadas pelas empresas que sofreram redução das exportações (1 produto pesquisado e 1 empresa entrevistada)
Competição com produtores chineses

Fonte: Pesquisa de campo.**

Obs.: * A China é o maior produtor mundial de cerâmica de revestimento e a quase totalidade de sua produção é consumida no próprio país. Apesar de a produção brasileira disputar mercados relevantes no plano mundial – como os EUA, por exemplo –, não há expectativa de que o produto nacional consiga penetrar no mercado chinês.

Percentuais omitidos em razão do pequeno número de empresas entrevistadas.

4.2.5.11 Setor têxtil⁵³

TABELA 53

Setor têxtil: produtos relevantes (2001-2002)

Produtos não exportados para a China (2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal fornecedor da China
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Algodão, não cardado nem penteado	Em decadência	125,4	5.649,5	111,7	EUA
Cordéis de sisal ou de outras fibras têxteis do gênero "agave", para a tadeiras ou enfardadeiras	Em decadência	0,0	58,2	36,3	Coreia do Sul
Total		125,4	5.707,7	148,0	

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Média do biênio 2001-2002 (em US\$ milhões CIF).

4.2.5.12 Veículos automotores

TABELA 54

Setor de veículos automotores: produtos relevantes (2001-2002)

Produtos não exportados para a China (2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal fornecedor da China
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Outros veículos automóveis para transporte => 10 pessoas	Intermediários	67,7	896,6	36,7	Japão
Veículos automóveis para transporte de mercadorias, com motor de pistão, de ignição por compressão, de peso em carga máxima > 5 t e <= 20 t	Em decadência	19,8	8.175,7	90,5	Japão
Total		87,6	9.072,3	127,2	

Fonte: sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Média do biênio 2001-2002 (em US\$ milhões CIF).

QUADRO 13

Setor de veículos automotores – resultado das entrevistas sobre obstáculos à exportação para a China

Razões alegadas pelas empresas que não exportam (1 produto pesquisado e 2 empresas entrevistadas)
Pouca aceitação do produto brasileiro
Competição de produtos substitutos*
O preço final do produto não é competitivo

Fonte: Pesquisa de campo.

Obs.: * O mercado chinês produz e consome veículos leves para transporte de carga e o mercado para veículos intermediários como aqueles produzidos pelo Brasil praticamente deixou de existir.

Percentual omitido em razão do pequeno número de empresas entrevistadas.

53. O processo de consulta não obteve êxito no contato com empresas do setor têxtil. Sabe-se, contudo, que as importações chinesas de algodão permanecem submetidas a cotas tarifárias.

4.2.5.13 Químicos diversos

TABELA 55

Setor de químicos diversos: produtos relevantes (2001-2002)

Produtos não exportados para a China (2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal fornecedor da China
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Misturas de substâncias odoríferas utilizadas como matéria básica para indústrias alimentares ou de bebida	Muito dinâmicos	28,4	3.949,9	42,8	Formosa
Gelatinas e seus derivados; ictiocola e outras colas de origem animal, exceto cola de caseína	Dinâmicos	18,8	741,8	60,0	EUA
Total		47,2	4.691,7	102,8	
Produtos com perda de competitividade (entre 1996-1997 e 2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal concorrente do Brasil
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Óleo essencial de laranja	Muito dinâmicos	3,3	104,4	41,6	Japão
Fungicidas	Em decadência	40,8	2.826,8	34,7	Itália
Total		44,1	2.931,2	76,3	

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Média do biênio 2001-2002 (em US\$ milhões CIF).

QUADRO 14

Setor de químicos diversos – resultado das entrevistas sobre obstáculos à exportação para a China

Razões alegadas pelas empresas que não exportam (1 produto pesquisado e 1 empresa entrevistada)
Competição com produtores chineses*
Razões alegadas pelas empresas que sofreram redução das exportações (1 produto pesquisado e 1 empresa entrevistada)
Diversas **

Fonte: Pesquisa de campo.

Obs.: * O produto é muito consumido pela população chinesa e há diversos produtores chineses. Por isso uma das estratégias para penetrar no mercado chinês é criar um produto diferenciado para as classes alta e média-alta.

** O óleo essencial de laranja é um subproduto da safra de laranja. Com isso as exportações do produto estão sujeitas a variações sazonais devidas ao clima. Há também a possibilidade de que o produto esteja sendo beneficiado e exportado com outra denominação. Uma das formas de o produto entrar na China é por meio do comércio com países que possuem acordos de mercado com a China e realizam trocas de produtos, o que torna toda a venda mais vantajosa.

*** Percentuais omitidos em razão do pequeno número de empresas entrevistadas.

4.2.5.14 Elementos químicos

TABELA 56

Setor de elementos químicos: produtos relevantes (2001-2002)

Produtos não exportados para a China (2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal fornecedor da China
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Ácido glutâmico e seus sais	Dinâmicos	13,5	337,2	55,3	Vietnã
Total		13,5	337,2	55,3	
Produtos com perda de competitividade (entre 1996-1997 e 2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal concorrente do Brasil
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Propilenoglicol (propano-1, 2-diol)	Intermediários	55,8	434,3	13,6	EUA
Produtos tanantes inorgânicos; preparações tanantes; preparações enzimáticas para a pré-curtimenta	Intermediários	26,3	150,1	2,1	SACU
Total		82,1	584,5	15,7	

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Média do biênio 2001-2002 (em US\$ milhões CIF).

QUADRO 15

Setor de elementos químicos – resultado das entrevistas sobre obstáculos à exportação para a China

Razões alegadas pelas empresas que não exportam (1 produto pesquisado – ácido glutâmico e seus sais - e 1 empresa entrevistada)
Competição com produtores chineses*

Fonte: Pesquisa de campo.

Obs.: * Apenas uma empresa produz o glutamato no Brasil e esta empresa também possui unidades na China.

** Percentual omitido em razão do pequeno número de empresas entrevistadas.

4.2.5.15 Peças e outros veículos

TABELA 57

Setor de peças e outros veículos: produtos relevantes (2001-2002)

Produtos não exportados para a China (2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal fornecedor da China
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Guarnições para freios à base de amianto ou de outras matérias minerais ou de celulose	Muito dinâmicos	1,4	543,4	34,7	Alemanha
Total		1,4	543,4	34,7	
Produtos com perda de competitividade (entre 1996-1997 e 2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal concorrente do Brasil
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Guarnições para embreagens ou outro mecanismo de fricção, de amianto, não montadas	Intermediário	3,6	234,8	8,1	Alemanha
Total		3,6	234,8	8,1	

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Média do biênio 2001-2002 (em US\$ milhões CIF).

QUADRO 16

Setor de peças e outros veículos – resultado das entrevistas sobre obstáculos à exportação para a China

Razões alegadas pelas empresas que não exportam (1 produto pesquisado e 1 empresa entrevistada)
O produto não é mais exportado*

Fonte: Pesquisa de campo.

Obs.: *O produto pesquisado foi guarnições para freio e embreagens à base de amianto. O amianto não é mais utilizado na fabricação dos produtos da Fras-le por razões de preservação do meio ambiente e padrões ISO.

** Percentual omitido em razão do pequeno número de empresas entrevistadas.

4.2.5.16 Indústrias Diversas⁵⁴

TABELA 58

Indústrias diversas – produtos brasileiros com vantagens comparativas não exportados para a China: produtos relevantes (2001-2002)

Produtos não exportados para a China (2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal fornecedor da China
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Revólveres e pistolas, exceto os das posições 9303 ou 9304	Decadente	0,0	222,1	32,2	
Total		0,0	222,1	32,2	
Produtos com perda de competitividade (entre 1996-1997 e 2001-2002)	Dinamismo	Importação da China (US\$ milhões)*	Importação mundial		Principal concorrente do Brasil
			Total (US\$ milhões)*	Origem Brasil (US\$ milhões)*	
Dentes artificiais	Muito dinâmicos	0,5	168,4	3,2	Japão
Total		0,5	168,4	3,2	

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Média do biênio 2001-2002 (em US\$ milhões CIF).

5 MERCADOS RELEVANTES: A COMPETIÇÃO ENTRE BRASIL E CHINA ENTRE OS BIÊNIO 1996-1997 E 2001-2002

Como sabido, a crescente presença da China no comércio internacional nas últimas duas décadas implicou o acirramento da competição Brasil-China em mercados importadores relevantes. Nesse contexto, a seção seguinte tem como objetivo avaliar os impactos do desempenho exportador chinês sobre as exportações brasileiras dirigidas

54. O processo de consulta não obteve êxito no contato com empresas do setor.

aos mercados dos EUA, da União Européia (UE),⁵⁵ da Argentina, do Japão e de outros seis países asiáticos (Coréia do Sul, Hong Kong, Malásia, Indonésia, Filipinas e Cingapura), estes últimos reunidos em um bloco doravante referido como Ásia-Pacífico. Tais mercados, vale destacar, absorvem grande parte das exportações brasileiras. Somados, eles foram responsáveis por cerca de três quartos do valor das vendas externas do país⁵⁶ no biênio 2001-2002.

5.1 METODOLOGIA UTILIZADA E BASE DE DADOS

Com o propósito de avaliar em que medida a China representou uma ameaça às exportações brasileiras, foi utilizado o modelo de ganhos e perdas (G&Ps) de competitividade,⁵⁷ aplicado em cada mercado apenas ao grupo de produtos exportados tanto pelo Brasil quanto pela China, nos biênios 1996-1997 e 2001-2002. Nestes produtos, os dois países apresentam-se, em princípio, como concorrentes potenciais, o que justifica sua eleição como foco de estudo. Em todos os mercados analisados, os G&Ps de competitividade brasileiros, assim como a estimativa da parcela atribuída à competição chinesa (ganhos do Brasil sobre a China e perdas do Brasil para a China), foram calculados para os produtos do grupo antes definido, e organizados em quatro subconjuntos, a saber:

- a) *produtos em que o Brasil perdeu e a China ganhou market share (MS)* – subgrupo de produtos em que Brasil e China são competidores diretos e em que o Brasil apresenta perdas de competitividade, em parte atribuídas à China (perdas do Brasil para a China);
- b) *produtos em que o Brasil ganhou e a China perdeu MS* – grupo de produtos em que Brasil e China são competidores diretos e nos quais o Brasil apresenta ganhos de competitividade, em parte creditados ao deslocamento de exportações chinesas (ganhos do Brasil sobre a China);
- c) *produtos em que Brasil e China ganharam MS* – grupo de produtos em que o Brasil apresenta ganhos de competitividade. Tais ganhos, contudo, não podem ser atribuídos ao desvio de exportações chinesas, uma vez que ambos os países registram aumentos de MS; e
- d) *produtos em que Brasil e China perderam MS* – grupo de produtos em que o Brasil apresenta perdas de competitividade, não resultantes, entretanto, da competição chinesa, visto que a China também perde MS.

Em tese, os produtos incluídos nos dois primeiros grupos são aqueles que envolvem, em algum grau, uma disputa direta entre a China e o Brasil. Suas exportações conformam o objeto principal do exercício realizado para cada um dos mercados selecionados. Os produtos incluídos nos dois últimos grupos, por sua vez, estão, em tese, à margem da competição Brasil-China, dado que ambos os países ganham (ou per-

55. UE: Reino Unido, Países Baixos, Itália, França, Bélgica-Luxemburgo, Espanha, Suécia, Áustria, Portugal, Dinamarca, Finlândia, Grécia, Irlanda, Alemanha.

56. Participação nas exportações brasileiras totais, exceto as direcionadas à China.

57. Modelo desenvolvido, detalhado e utilizado em trabalhos publicados por Batista (2001; 2002).

dem) mercado substituindo (ou tendo suas exportações substituídas por) exportações de terceiros.⁵⁸

Para a UE e a Ásia-Pacífico, os cálculos dos ganhos e perdas de competitividade brasileiros em relação à China foram efetuados aplicando-se o modelo de G&P de competitividade a cada um dos países-membros dos blocos. Em decorrência, os produtos em que China e Brasil são competidores potenciais foram definidos como aqueles para os quais há registros de exportação chinesas e brasileiras direcionadas para pelo menos um dos países da região, nos biênios focalizados pelo trabalho. Nesse caso, tais produtos foram subdivididos segundo o seguinte critério:

- a) produtos em que o Brasil apresenta ganhos líquidos sobre a China na região;⁵⁹
- b) produtos em que o Brasil apresenta perdas líquidas para a China na região; e
- c) produtos em que os ganhos ou perdas brasileiros na região não estão relacionados à concorrência chinesa.⁶⁰

Os produtos dos dois primeiros grupos são aqueles em relação aos quais China e Brasil concorreram diretamente nos mercados regionais.

Os cálculos dos G&Ps brasileiros apresentados a seguir estão baseados nas estatísticas de comércio exterior organizadas no banco de dados PC-TAS.⁶¹ Os produtos foram definidos de acordo com a classificação do Sistema Harmonizado (SH) no maior nível de desagregação possível (seis dígitos). O estudo compara os fluxos de comércio dos biênios 1996-1997 e 2001-2002, uma vez que 2002 é o último ano para o qual há informações disponíveis. Registre-se, ainda, que o tratamento dos dados obedeceu à metodologia utilizada, e descrita neste trabalho, que focaliza as perdas e os ganhos de competitividade das exportações brasileiras no mercado importador chinês.

5.2 A COMPETIÇÃO BRASIL-CHINA NO MERCADO IMPORTADOR NORTE-AMERICANO

Esta seção tem como propósito avaliar em que medida a China representou uma ameaça às exportações brasileiras destinadas aos EUA, entre os biênios 1996-1997 e 2001-2002. No grupo de produtos exportados tanto pelo Brasil quanto pela China para o mercado norte-americano (tabela 59) destacam-se aqueles em relação aos quais os dois países são competidores diretos, a saber, 681 produtos em que o Brasil perdeu e a China ganhou *market share* e 230 produtos em que o Brasil ganhou e a China perdeu *market share*. As exportações desses produtos, cujo valor total representou, respectiva-

58. Para muitos produtos do grupo em que o Brasil e a China ganharam MS, a China pode ser considerada um competidor potencial para o Brasil. Isso porque, se para um determinado produto a taxa de crescimento das exportações chinesas foi significativamente superior à verificada para as exportações brasileiras, então, em futuro próximo, a China poderá vir a transformar-se em um competidor relevante para o Brasil. Sublinhe-se, contudo, que esse grupo de produtos não é examinado neste trabalho.

59. Um mesmo produto pode apresentar ganhos sobre a China em um determinado mercado – a exemplo da França –, e perda para a China em outro mercado – a exemplo da Alemanha. Assim, foram considerados produtos com ganho sobre a China na UE aqueles para os quais o somatório de ganhos/perdas calculados para cada um dos países da região resultou em saldo líquido positivo.

60. Produtos exportados tanto pelo Brasil quanto pela China em relação aos quais os ganhos (ou perdas) brasileiros não estão relacionados à competição chinesa, mas à concorrência de terceiros países.

61. Trade Analysis System on Personal Computer (PC/TAS), disponibilizado em CD-ROM pelo International Trade Centre (UNCTAD/WTO) e United Nations Statistics Division (UNSD).

mente, 41,9% e 36,4% das exportações brasileiras e chinesas direcionadas aos EUA (biênio 2001-2002), constituem o objeto central do exercício que se segue.

TABELA 59

Importações dos EUA discriminadas segundo o critério de evolução do market share (MS) da China e do Brasil – comparação dos biênios 1996-1997 e 2001-2002

(Em US\$ milhões CIF)

Produtos	Nº de SHs	Importações norte-americanas (em US\$ milhões CIF)					
		Média do biênio 1996-1997			Média do biênio 2001-2002		
		Total	Com origem		Total	Com origem	
		Brasil	China		Brasil	China	
A. Não passíveis de comparação	58	141	4	0	15.117	342	89
EUA não importava (1996-1997)	34	0	0	0	15.117	342	89
EUA deixou de importar (2001-2002)	24	141	4	0	0	0	0
B. Não concorrentes	2.850	135.678	1.365	13.321	180.234	1.712	20.222
Brasil não exporta	1698	76.607	0	13.321	96.952	0	20.222
China não exporta	284	30.449	1.365	0	37.244	1.712	0
Brasil e China não exportaram	868	28.622	0	0	46.038	0	0
C. Exportados pelo Brasil e China	2.020	721.710	8.349	46.780	995.341	13.929	101.115
Brasil e China perdem MS	198	38.615	916	1.721	62.603	490	1.683
Brasil e China ganham MS	911	380.817	2.516	22.671	512.472	6.734	55.218
C.1 Concorrentes diretos	911	302.278	4.917	22.388	420.266	6.706	44.214
Brasil ganha China perde MS	230	105.080	933	5.399	157.231	3.714	6.417
Brasil perde e China ganha MS	681	197.198	3.984	16.989	263.035	2.992	37.797
Total	4.928	857.529	9.718	60.101	1.90.692	15.984	121.427

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

TABELA 60

Importações dos EUA discriminadas segundo o critério de evolução do market share (MS) da China e do Brasil – comparação dos biênios 1996-1997 e 2001-2002

(Em %)

Produtos	Nº de SHs (%)	Importações norte-americanas (em %)					
		Média do biênio 1996-1997			Média do biênio 2001-2002		
		Total	Com origem		Total	Com origem	
		Brasil	China		Brasil	China	
A. Não passíveis de comparação	1,2	0,0	0,0	0,0	7,9	2,1	0,1
EUA não importava (1996-1997)	0,7	0,0	0,0	0,0	7,9	2,1	0,1
EUA deixou de importar (2001-2002)	0,5	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
B. Não concorrentes	57,8	15,8	14,0	22,2	94,5	10,7	16,7
Brasil não exporta	34,5	8,9	0,0	22,2	50,8	0,0	16,7
China não exporta	5,8	3,6	14,0	0,0	19,5	10,7	0,0
Brasil e China não exportaram	17,6	3,3	0,0	0,0	24,1	0,0	0,0
C. Exportados pelo Brasil e China	41,0	84,2	85,9	77,8	522,0	87,1	83,3
Brasil e China perdem MS	4,0	4,5	9,4	2,9	32,8	3,1	1,4
Brasil e China ganham MS	18,5	44,4	25,9	37,7	268,7	42,1	45,5
C.1 Concorrentes diretos	18,5	35,3	50,6	37,3	220,4	41,9	36,4
Brasil ganha China perde MS	4,7	12,3	9,6	9,0	82,5	23,2	5,3
Brasil perde e China ganha MS	13,8	23,0	41,0	28,3	137,9	18,7	31,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

5.2.1 Quadro geral dos ganhos e perdas de competitividade do Brasil em relação à China no mercado importador norte-americano

Na tabela 61 encontra-se registrado o total de G&P de competitividade das exportações brasileiras no mercado norte-americano (2001-2002 contra 1996-1997), relativo aos produtos exportados tanto pelo Brasil quanto pela China, destacada a parcela atribuída respectivamente ao deslocamento de exportações brasileiras por exportações chinesas e vice-versa. Para o grupo de produtos focalizado, o Brasil apresentou ganhos líquidos de competitividade (total de ganhos brutos menos o total de perdas brutas) de US\$ 3.856,9 milhões, não decorrentes, contudo, de desvio de exportações chinesas.

TABELA 61

Produtos exportados pelo Brasil e pela China para os EUA – ganhos e perdas de competitividade no mercado importador norte-americano*

Brasil - Perdas de competitividade	Perdas do Brasil		Perdas atribuídas à China	
	Nº (SH)	Em US\$ milhões (a)	Em US\$ milhões (b)	(b/a)%
1. Perdas brutas totais	879	-2.694,4	-676,5	25,1
Produtos em que o Brasil perde e a China ganha MS	681	-2.189,2	-676,5	30,9
Produtos em que Brasil e China perdem MS	198	-505,2	0,0	0,0
Brasil - Ganhos de Competitividade	Ganhos do Brasil		Ganhos sobre a China	
	Nº (SH)	Em US\$ milhões (c)	Em US\$ milhões (d)	(d/c)%
2. Ganhos brutos totais	1141	6.551,3	65,1	1,0
Produtos em que o Brasil ganha e a China perde MS	230	2.398,8	65,1	2,7
Produtos em que Brasil e China ganham MS	911	4.152,5	0,0	0,0
Resultado líquido	Ganhos líquidos totais		Perdas líquidas atribuídas à China	
Brasil		US\$ 3.856,9 milhões		-US\$ 611,4 milhões

Fonte: PC-TAS (Unctad)

Obs.: * Média do biênio 2001-2002 contra média do biênio 1996-1997 (em US\$ milhões CIF).

Com efeito, nos produtos em que o Brasil aumentou sua competitividade, apenas 1% de seus ganhos foi explicado pelo pior desempenho das exportações chinesas (ganhos do Brasil sobre a China). No tocante aos produtos em que o Brasil perdeu competitividade, diferentemente, cerca de um quarto (25,1%) das perdas do país deveu-se à China. Cotejando-se as perdas brasileiras atribuídas à China (menos US\$ 676,5 milhões) com os ganhos resultantes de deslocamento de exportações chinesas (US\$ 65,1 milhões), pode-se inferir que as exportações brasileiras tiveram uma perda líquida para a China de US\$ 611,4 milhões, montante que corresponde a 6,3% do valor médio anual das exportações brasileiras direcionadas aos EUA no biênio 1996-1997.

Tendo como referência o quadro anterior, na próxima seção são examinados mais detalhadamente os G&Ps de competitividade do Brasil em relação à China, discriminados por quatro critérios, a saber: *i*) classe de produtos (produtos básicos, intermediários e manufaturados); *ii*) dinamismo das importações em cada mercado (produtos dinâmicos, intermediários, em regressão e em decadência); *iii*) intensidade tecnológica (baixa, média-baixa, média-alta e alta); e *iv*) distribuição setorial.

5.2.2 Ganhos e perdas de competitividade do Brasil em relação à China no mercado norte-americano, examinados por classe de produtos⁶²

Avaliadas em termos líquidos (perdas brutas menos ganhos brutos), as perdas brasileiras para a China no mercado dos EUA apresentaram alta concentração em produtos manufaturados (menos US\$ 608,5 milhões), com destaque para os intensivos em trabalho (menos US\$ 440,8 milhões correspondentes a 72,1% do total das perdas líquidas para a China). Ressalte-se que apenas em relação a produtos básicos o Brasil apresentou ganhos líquidos sobre a China, ainda que pouco expressivos (tabela 62). Tais resultados sugerem que, entre os biênios considerados, o menor custo da mão-de-obra na China foi um fator importante para a maior competitividade dos produtos manufaturados chineses *vis-à-vis* os brasileiros no mercado norte-americano.

62. Classificação baseada em artigo de Pavitt publicado em 1984 e republicado em 2003. Ver Pavitt (2003).

TABELA 62

Ganhos e perdas de competitividade do Brasil em relação à China no mercado importador dos EUA, discriminados por classe de produtos*

Produtos	Perdas para a China		Ganhos sobre a China		Resultado líquido**	
	US\$ milhões (a)	%	US\$ milhões (b)	%	US\$ milhões (a+b)	%
1. Básicos	-3,5	0,5	21,9	33,7	18,5	-3,0
2. Semimanufaturados	-35,9	5,3	14,6	22,4	-21,3	3,5
3. Manufaturados	-637,1	94,2	28,6	43,9	-608,5	99,5
Intensivos em trabalho	-455,4	67,3	14,6	22,4	-440,8	72,1
Demais manufaturados	-181,7	26,9	14,0	21,5	-167,7	27,4
Total	-676,5	100,0	65,1	100,0	-611,4	100,0

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

** Valores positivos representam ganhos líquidos, e negativos significam perdas líquidas.

5.2.3 Ganhos e perdas de competitividade do Brasil em relação à China, examinados por dinamismo dos produtos⁶³

Examinadas por indicadores de dinamismo (tabela 63), as perdas líquidas do Brasil para a China no mercado importador norte-americano demonstraram forte concentração em produtos intermediários (75,2%). Parcelas bem menos significativas de tais perdas foram explicadas por produtos muito dinâmicos/dinâmicos (13,7%) e por produtos em decadência/em regressão (11,2%).

TABELA 63

Ganhos e perdas de competitividade* do Brasil em relação à China no mercado importador dos EUA, discriminados por dinamismo**

Produtos	Perdas para a China		Ganhos sobre a China		Resultado líquido***	
	US\$ milhões (a)	%	US\$ milhões (b)	%	US\$ milhões (a+b)	%
1. Muito dinâmicos	-25,5	3,8	20,3	31,2	-5,3	0,9
2. Dinâmicos	-85,2	12,6	7,0	10,7	-78,2	12,8
3. Intermediários	-481,6	71,2	21,7	33,4	-459,9	75,2
4. Em regressão	-28,6	4,2	8,5	13,1	-20,1	3,3
5. Em decadência	-55,6	8,2	7,6	11,7	-48,0	7,9
Total	-676,5	100,0	65,1	100,0	-611,4	100,0

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

** Indicadores calculados com base nas taxas de crescimento das importações dos EUA.

*** Valores positivos representam ganhos líquidos e negativos significam perdas líquidas.

5.2.4 Ganhos e perdas de competitividade do Brasil em relação à China, examinados por intensidade tecnológica⁶⁴

Os dados da tabela 64 indicam que o maior poder competitivo da China frente ao Brasil nos EUA deveu-se a produtos de reduzida intensidade tecnológica. De fato, a maior parte das perdas líquidas brasileiras está concentrada em produtos industrializados de baixo (74,7%) ou médio-baixo (17,5%) conteúdo tecnológico, evidência de que estes produtos definem os mercados nos quais a China aparece como ameaça relevante para as exportações brasileiras.

63. Dinamismo calculado com referência à taxa média de crescimento das importações norte-americanas (6,8% a.a. no biênio 2001-2002 em comparação ao biênio 1996-1997). Em regressão: produtos cuja taxa de crescimento (média anual) foi negativa; em decadência: taxa de crescimento maior ou igual a zero e menor do que 4% a.a.; intermediários: taxa de crescimento maior ou igual a 4% a.a. e menor do que 10% a.a.; dinâmicos: taxa de crescimento maior ou igual a 10% e menor do que 16%; muito dinâmicos: taxa de crescimento maior ou igual a 16% a.a.

64. Conforme classificação da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Exclui produtos e/ou setores não industriais. Para uma discussão sobre esses indicadores, ver Markwald (2004).

TABELA 64

Ganhos e perdas de competitividade* do Brasil em relação à China no mercado importador dos EUA, discriminados por intensidade tecnológica

Produtos	Perdas para a China		Ganhos sobre a China		Resultado líquido**	
	US\$ milhões (a)	%	US\$ milhões (b)	%	US\$ milhões (a+b)	%
Baixa	-486,3	71,9	29,6	45,4	-456,7	74,7
Médio-baixa	-117,4	17,4	10,7	16,4	-106,8	17,5
Médio-alta	-57,6	8,5	1,3	2,0	-56,3	9,2
Alta	-11,7	1,7	1,6	2,4	-10,1	1,7
Não industrializados	-3,5	0,5	22,0	33,8	18,5	-3,0
Total	-676,5	100,0	65,1	100,0	-611,4	100,0

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

** Valores positivos representam ganhos líquidos e negativos significam perdas líquidas.

5.2.5 Ganhos e perdas de competitividade do Brasil em relação à China: distribuição setorial e principais produtos

Na tabela 65 são apresentados os G&Ps de competitividade do Brasil frente à China (perdas brutas, ganhos brutos e resultado líquido) discriminados por setores. No período analisado, 19 setores apresentaram perdas líquidas para a China, sendo que apenas três deles (calçados, couros e peles; máquinas e tratores; e madeira e mobiliário, na ordem) responderam por cerca de três quartos das perdas brutas apresentadas para a China. As perdas do setor calçadista (US\$ 408,8 milhões) são particularmente expressivas, na medida em que representaram 60,4% do total das perdas brutas brasileiras atribuídas a fornecedores chineses. Nove setores, por sua vez, registraram ganhos líquidos sobre a China, com destaque para o setor de petróleo e carvão, em primeiro lugar, e o têxtil, em segundo. Juntos, estes dois segmentos explicaram 43,4% dos ganhos brutos do Brasil devido a desvio de exportações chinesas. Vale enfatizar que, mesmo nos setores superavitários, os ganhos sobre a China representaram uma parcela diminuta dos ganhos de competitividade do país.

TABELA 65

Ganhos e perdas de competitividade* do Brasil em relação à China no mercado importador dos EUA, discriminados por setores**

Setores	Perdas para a China		Ganhos sobre a China		Resultado líquido**	
	US\$ milhões (a)	%	US\$ milhões (b)	%	US\$ milhões (a) + (b)	%
Setores com perdas líquidas						
1. Calçados, couros e peles	-408,8	60,4	0,0	0,0	-408,8	66,9
2. Máquinas e tratores	-71,7	10,6	1,7	2,6	-70,0	11,4
3. Madeira e mobiliário	-31,1	4,6	0,2	0,4	-30,9	5,0
4. Peças e outros veículos	-21,5	3,2	0,2	0,3	-21,3	3,5
5. Outros produtos metalúrgicos	-22,6	3,3	1,8	2,7	-20,8	3,4
6. Borracha	-19,3	2,9	0,0	0,0	-19,3	3,2
7. Material elétrico	-16,8	2,5	0,3	0,5	-16,4	2,7
8. Indústrias diversas	-15,6	2,3	0,5	0,8	-15,1	2,5
9. Equipamentos eletrônicos	-10,1	1,5	0,3	0,5	-9,8	1,6
10. Minerais não metálicos	-9,6	1,4	1,0	1,5	-8,6	1,4
11. Elementos químicos	-4,8	0,7	0,2	0,3	-4,7	0,8
12. Químicos diversos	-4,4	0,7	0,5	0,8	-3,9	0,6
13. Metalurgia de não-ferrosos	-9,5	1,4	6,6	10,1	-2,9	0,5
14. Plástico	-3,0	0,4	0,2	0,3	-2,8	0,5
15. Refino de petróleo e petroq.	-4,0	0,6	1,7	2,7	-2,3	0,4
16. Siderurgia	-8,0	1,2	6,7	10,4	-1,2	0,2
17. Farmacêutica e perfumaria	-0,6	0,1	0,0	0,0	-0,6	0,1
18. Agropecuária	-1,7	0,3	1,6	2,4	-0,2	0,0
19. Café	-0,1	0,0	0,0	0,0	-0,1	0,0
A- Subtotal	-663,3	98,1	23,7	36,4	-639,7	104,6
Setores com ganhos líquidos						
1. Petróleo e carvão	0,0	0,0	17,3	26,5	17,3	-2,8

(continua)

(continuação)

Setores	Perdas para a China		Ganhos sobre a China		Resultado líquido**	
	US\$ milhões (a)	%	US\$ milhões (b)	%	US\$ milhões (a) + (b)	%
2.Textil	-4,1	0,6	11,0	16,9	6,9	-1,1
3.Benefic. de produtos vegetais	-2,1	0,3	3,5	5,3	1,4	-0,2
4.Celulose, papel e gráfica	-1,1	0,2	2,3	3,5	1,2	-0,2
5.Extrativo-mineral	-1,2	0,2	1,6	2,5	0,4	-0,1
6.Outros produtos alimentares	-2,0	0,3	2,3	3,6	0,4	-0,1
7.Artigos de vestuário	-2,7	0,4	3,1	4,7	0,3	-0,1
8.Açúcar	0,0	0,0	0,2	0,3	0,2	0,0
9.Óleos vegetais	0,0	0,0	0,1	0,2	0,1	0,0
B- Subtotal	-13,2	1,9	41,4	63,6	28,2	-4,6
Total geral (B+A)	-676,5	100,0	65,1	100,0	-611,4	100,0

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

** Valores positivos representam ganhos líquidos e negativos significam perdas líquidas.

Na tabela 66 estão registrados os 20 produtos (SH, seis dígitos) com maiores perdas de competitividade para a China entre os biênios focalizados pelo estudo. Para apenas quatro deles a China não apareceu como o principal competidor do Brasil, o que significa, em contrapartida, que para os outros 16 itens tarifários os exportadores chineses foram, de fato, a ameaça mais relevante para os fornecedores brasileiros. Como já registrado, as perdas do setor calçadista foram de longe as mais vultosas, com destaque para o item “outros calçados de couro natural” (SH 551513), responsável por 56,6% do total das perdas brutas brasileiras frente à China. Sublinhe-se, ademais, que em relação a esse item específico, a China foi responsável por 89% das perdas de competitividade brasileira no mercado norte-americano. Destaque deve ser dado também aos aparelhos de ar condicionado, cujas perdas explicaram 6% das perdas brutas brasileiras atribuídas às exportações chinesas no mercado dos EUA.

TABELA 66

Perdas de competitividade do Brasil em relação à China no mercado importador norte-americano: principais produtos*

Produtos	Perdas do Brasil para a China		Perdas totais do Brasil	(a)/(b) em %	Principal competidor do Brasil nos EUA
	(a) US\$ milhões	Em %			
Outros calçados de couro natural	-376,4	55,6	-423,0	89,0	China
Aparelhos de ar condicionado	-40,4	6,0	-65,0	62,2	China
Calç. de matérias têxteis, com sola exterior de couro natural	-20,6	3,0	-27,3	75,5	China
Pneus novos de borracha dos tipos usados em automóveis de passageiros	-18,2	2,7	-67,7	26,9	China
Outros móveis de madeira	-11,7	1,7	-14,0	83,6	China
Outras madeiras compensadas, folheadas ou estratificadas, com pelo menos uma face de madeira não conífera	-9,0	1,3	-18,8	47,9	China
Estatuetas e outros objetos de ornamentação, de cerâmica	-7,3	1,1	-10,4	70,2	China
Pontes e vigas, rolantes, de suportes fixos	-6,5	1,0	-9,6	67,7	China
Estanho não ligado, em formas brutas	-6,4	0,9	-24,7	25,9	Peru
Rodas, suas partes e acessórios, para veículos automóveis	-6,3	0,9	-15,9	39,6	China
Partes de bombas para líquidos	-5,7	0,8	-14,3	39,9	China
Máquinas de costura de uso da espécie doméstica	-5,7	0,8	-10,2	55,9	China
Outros freios, servo-freios e suas partes, para veic. automóveis	-5,3	0,8	-18,8	28,2	México
Aparelhos receptores de radiodifusão combinados com aparelho de gravação ou de reprodução de som, do tipo utilizado nos veículos automóveis	-4,7	0,7	-117,2	4,0	México
Outros calçados de borracha ou plástico	-4,7	0,7	-7,0	67,1	China
Outras obras moldadas, de ferro fundido, ferro ou aço	-4,1	0,6	-6,4	64,1	China
Ferros elétricos de passar	-3,8	0,6	-4,4	86,4	China
Madeiras compensadas de madeira não conífera	-3,3	0,5	-13,7	24,1	Rússia
Outros assentos com armação de metal	-3,2	0,5	-3,4	94,1	China
Outros motores elétricos de corrente alternada, polifásicos	-3,0	0,4	-4,7	63,8	China
Subtotal	-546,4	80,8	-876,5	62,3	
Demais produtos com perdas para a China	-130,1	19,2	-1312,6	9,9	
Total das perdas brutas	-676,5	100,0	-2189,2	30,9	

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

No quadro 17 estão descritos os atributos dos 20 produtos com maiores perdas de competitividade para a China. Suas informações demonstram que o alto grau de concentração das perdas brasileiras em manufaturados intensivos em trabalho e de baixo conteúdo tecnológico deveu-se, sobretudo, aos produtos do setor calçadista e, em menor medida, aos produtos do setor moveleiro.

Os 20 produtos em relação aos quais o Brasil obteve ganhos de competitividade sobre a China mais expressivos estão registrados na tabela que se segue. Para nove deles, o Brasil apareceu como o principal competidor da China nos EUA. Observe-se, contudo, que para produtos importantes no que se refere ao valor dos ganhos brasileiros frente à China, como, por exemplo, óleos brutos de petróleo (26,5% dos ganhos), o Brasil foi uma ameaça menor para as exportações chinesas, uma vez que os ganhos do país representaram uma parcela reduzida (3,4%) das perdas chinesas. O mesmo é verdadeiro para os produtos do setor de confecções (tabela 67).

QUADRO 17

Principais produtos com perda de competitividade para a China no mercado importador norte-americano: indicadores variados

Produtos	Dinamismo*	Intensidade tecnológica	Setor	Grupo
Outros calçados de couro natural	Intermediários	Baixa	Calçados, couros e peles	Manufat. intensivo em trabalho
Aparelhos de ar condicionado	Dinâmicos	Médio-baixa	Máquinas e trabalhos	Manufaturado
Calçados de matérias têxteis, com sola exterior de couro natural	Em decadência	Baixa	Calçados, couros e peles	Manufat. intensivo em trabalho
Pneus novos de borracha dos tipos utilizados em automóveis de passageiros	Intermediários	Médio-baixa	Borracha	Manufaturado
Outros móveis de madeira	Muito dinâmicos	Baixa	Madeira e mobiliário	Manufat. intensivo em trabalho
Outras madeiras compensadas, folheadas ou estratificadas, com pelo menos uma face de madeira não conífera	Dinâmicos	Baixa	Madeira e mobiliário	Semimanufaturado
Estatuetas e outros objetos de ornamentação, de cerâmica	Intermediários	Médio-baixa	Minerais não metálicos	Manufat. intensivo em trabalho
Pontes e vigas, rolantes, de suportes fixos	Dinâmicos	Médio-baixa	Máquinas e trabalhos	Manufaturado
Estanho não ligado, em formas brutas	Em decadência	Médio-baixa	Metalurgia de não-ferrosos	Semimanufaturado
Rodas, suas partes e acessórios, para veículos automóveis	Dinâmicos	Médio-alta	Peças e outros veículos	Manufaturado
Partes de bombas para líquidos	Em regressão	Médio-alta	Máquinas e trabalhos	Manufaturado
Máquinas de costura de uso da espécie doméstica	Intermediários	Médio-baixa	Material elétrico	Manufaturado
Outros freios, servo-freios e suas partes, para veículos automóveis	Intermediários	Médio-alta	Peças e outros veículos	Manufaturado
Aparelhos receptores de radiodifusão combinados com aparelho de gravação ou de reprodução de som, dos tipos utilizados nos veículos automóveis	Intermediários	Médio-alta	Equipamentos eletrônicos	Manufaturado
Outros calçados de borracha ou plástico	Intermediários	Baixa	Calçados, couros e peles	Manufat. intensivo em trabalho
Outras obras moldadas, de ferro fundido, ferro ou aço	Intermediários	Baixa	Outros produtos metalúrgicos	Manufaturado
Ferros elétricos de passar	Intermediários	Médio-alta	Material elétrico	Manufaturado
Madeiras compensadas de madeira não conífera	Intermediários	Baixa	Madeira e mobiliário	Semimanufaturado
Outros assentos com armação de metal	Muito dinâmicos	Baixa	Madeira e mobiliário	Manufat. intensivo em trabalho
Outros motores elétricos de corrente alternada, polifásicos	Em regressão	Médio-alta	Material elétrico	Manufaturado

Fonte: PC-TAS (Unctad)

Obs.: * Com relação às importações dos EUA entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

TABELA 67

Ganhos de competitividade do Brasil em relação à China no mercado importador dos EUA: principais produtos*

Produtos	Ganhos do Brasil sobre a China		Perdas totais da China (b) US\$ milhões	(a)/(b) em %	Principal competidor da China nos EUA
	(a) US\$ milhões	Em %			
Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos	-17,3	26,5	-506,1	3,4	Iraque
Roupas de toucador ou de cozinha, de tecidos atalhados, de algodão	-6,4	9,9	-21,7	29,5	Turquia
Outros fios de cobre refinado	-6,3	9,6	-9,6	65,6	Brasil
Ferro fundido bruto não ligado	-4,9	7,6	-5,5	89,1	Brasil
Manteiga, gordura e óleo de cacau	-3,1	4,8	-12,5	24,8	Malásia
Calças, jardineiras, bermudas e shorts, de algodão, de uso feminino	-2,5	3,8	-142,3	1,8	México
Lagostas congeladas	-2,3	3,6	-5,6	41,1	Brasil
Outros papéis, cartões, pasta de celulose e mantas de fibras de celulose, cortados e suas obras	-2,2	3,4	-9,5	23,2	Canadá

(continua)

(continuação)

Produtos	Ganhos do Brasil sobre a China		Perdas totais da China		Principal competidor da China nos EUA
	(a) US\$ milhões	Em %	(b) US\$ milhões	(a)/(b) em %	
Outras roupas de cama, de fibras sintéticas ou artificiais	-1,8	2,8	-2,9	62,1	Brasil
Pontes e elem. de pontes, de ferro fundido, ferro ou aço	-1,7	2,6	-11,3	15,0	Coreia do Sul
Rolamentos de roletes cônicos	-1,5	2,4	-5,5	27,3	Brasil
Suéteres, pulôveres, cardigãs, coletes e artigos semelhantes, de malha, de algodão	-1,2	1,9	-185,2	0,6	Guatemala
Caulim e outras argilas caulínicas, mesmo calcinadas	-1,2	1,8	-1,2	100,0	Brasil
Mel natural	-1,1	1,7	-12,5	8,8	Canadá
Barras de outras ligas de aços, obtidas ou completamente acabadas a frio	-0,7	1,1	-2,0	35,0	Brasil
Poliétileno de densidade => 0,94, em forma primária	-0,7	1,0	-3,2	21,9	Tailândia
Produtos semimanufaturados, de outras ligas de aços	-0,7	1,0	-0,7	100,0	Brasil
Coque de petróleo não calcinado	-0,6	0,9	-1,8	33,3	Aruba
Fibras ópticas, feixes e cabos de fibras ópticas	-0,6	0,8	-13,9	4,3	Reino Unido
Fios de seda, não acondicionados para venda a retalho	-0,4	0,6	-1,1	36,4	Brasil
Subtotal	-57,2	87,9	-954,1	6,0	
Demais produtos com ganhos sobre a China	-7,8	12,1	-1033,6	0,8	
Total dos ganhos brutos	-65,1	100,0	-1987,7	3,3	

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

No quadro 18 encontram-se registrados os atributos dos vinte produtos com maiores ganhos de competitividade sobre a China. Por meio dele, é possível confirmar o fato de que os ganhos brasileiros sobre a China nos EUA, além de reduzidos, concentram-se em produtos primários ou em manufaturados de baixa ou médio-baixa intensidade tecnológica.

QUADRO 18

Principais produtos com ganhos de competitividade sobre a China no mercado importador norte-americano: indicadores variados

Produtos	Dinamismo*	Intensidade Tecnológica	Setor	Grupo
Oleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos	Intermediários	Não industrializado	Petróleo e carvão	Produtos primários
Roupas de toucador ou de cozinha, de tecidos atalhados, de algodão	Muito dinâmicos	Baixa	Têxtil	Manufat. intensivo em trabalho
Outros fios de cobre refinado	Muito dinâmicos	Médio-baixa	Metalurgia de não-ferrosos	Semimanufaturado
Ferro fundido bruto não ligado	Em regressão	Baixa	Siderurgia	Manufaturado
Manteiga, gordura e óleo de cacau	Em decadência	Baixa	Benefic. de produtos vegetais	Semimanufaturado
Calças, jardineiras, bermudas e shorts, de algodão, de uso feminino	Dinâmicos	Baixa	Artigos de vestuário	Manufat. intensivo em trabalho
Lagostas congeladas	Intermediários	Não industrializado	Outros produtos alimentares	Produtos primários
Outros papéis, cartões, pasta de celulose e mantas de fibras de celulose, cortados e suas obras	Dinâmicos	Baixa	Celulose, papel e gráfica	Semimanufaturado
Outras roupas de cama, de fibras sintéticas ou artificiais	Muito dinâmicos	Baixa	Têxtil	Manufat. intensivo em trabalho
Pontes e elementos de pontes, de ferro fundido, ferro ou aço	Muito dinâmicos	Baixa	Outros produtos metalúrgicos	Manufaturado
Rolamentos de roletes cônicos	Em decadência	Médio-baixa	Máquinas e tratores	Manufaturado
Suéteres, pulôveres, cardigãs, coletes e artigos semelhantes, de malha ou algodão	Muito dinâmicos	Baixa	Têxtil	Manufat. intensivo em trabalho
Caulim e outras argilas caulínicas, mesmo calcinadas	Muito dinâmicos	Não industrializado	Extrativo-mineral	Produtos primários
Mel natural	Em regressão	Baixa	Agropecuária	Semimanufaturado
Barras de outras ligas de aços, obtidas ou completamente acabadas a frio	Em regressão	Baixa	Siderurgia	Manufaturado
Poliétileno de densidade => 0,94, em forma primária	Dinâmicos	Médio-baixa	Refino de petróleo e petroquím.	Manufaturado
Produtos semimanufaturados, de outras ligas de aços	Muito dinâmicos	Baixa	Siderurgia	Manufaturado
Coque de petróleo não calcinado	Em regressão	Médio-baixa	Refino de petróleo e petroquím.	Semimanufaturado
Fibras ópticas, feixes e cabos de fibras ópticas	Intermediários	Alta	Minerais não metálicos	Manufaturado
Fios de seda, não acondicionados para venda a retalho	Em decadência	Baixa	Têxtil	Manufat. intensivo em trabalho

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Com relação às importações dos EUA entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

5.2.6 Síntese dos resultados da competição Brasil-China no mercado importador norte-americano

Entre os biênios de 1996-1997 e 2001-2002, no grupo de produtos em que Brasil e China são, em princípio, concorrentes no mercado norte-americano (2.020 itens tarifários exportados pelos dois países), o Brasil apresentou aumento de *market share* para 1.141 produtos que, no total, proporcionaram ao país ganhos de competitividade de US\$ 6.551,3 milhões (ganhos brutos de competitividade). Em contrapartida, para os demais 879 produtos foi observada uma redução de *market share*, o que implicou perdas de US\$ 2.694,4 milhões (perdas brutas de competitividade). Em decorrência, para o grupo de produtos focalizado, foram identificados ganhos líquidos de competitividade (ganhos brutos menos perdas brutas) da ordem de US\$ 3.856,9 milhões.

A análise dos G&Ps de competitividade relativa ao grupo de produtos exportados tanto pelo Brasil quanto pela China para o mercado importador norte-americano produziu, ademais, algumas evidências merecedoras de destaque, entre as quais cabe citar:

- a) um quarto do total das perdas brutas do Brasil (US\$ 676,5 milhões) deveu-se à competição chinesa (perdas atribuídas à China), montante que representa 6,3% do valor da média anual das exportações brasileiras direcionadas aos EUA no biênio 1996-1997;
- b) os ganhos de competitividade do Brasil sobre a China (US\$ 65,1 milhões) explicaram apenas 2,5% das perdas brutas chinesas, correspondentes a uma parcela diminuta das vendas externas chinesas para os EUA (0,01% da média anual do biênio 1996-1997);
- c) combinando as evidências descritas nos itens anteriores depreende-se que, no mercado norte-americano, a China representa uma ameaça relevante para o Brasil, enquanto o contrário não é verdadeiro;
- d) os ganhos de competitividade do Brasil nos EUA foram bem mais significativos no grupo de produtos em que China e Brasil não são competidores diretos, isto é, produtos em que os dois países ganham *market share* substituindo exportações de terceiros. Por essa razão, os ganhos brasileiros decorrentes de deslocamento de exportações chinesas são pouco expressivos como parcela dos ganhos totais obtidos pelo país no grupo de produtos analisados (aqueles exportados pelo Brasil e pela China). De fato, alcançaram US\$ 65,1 milhões, o que corresponde a apenas 1,7% do total dos ganhos líquidos obtidos pelo Brasil (US\$ 3.856,9 milhões);
- e) analisadas por atributos, tais como conteúdo tecnológico e classe de produtos, as perdas líquidas brasileiras para a China mostram forte concentração em produtos manufaturados intensivos em trabalho e de reduzido conteúdo tecnológico. Esse resultado está influenciado pelo fato de a maior parcela das perdas de competitividade do Brasil para fornecedores chineses dever-se ao setor calçadista e, em especial, a um só produto (“outros calçados de couro natural”). Excluídos os produtos deste setor, as perdas líquidas brasileiras atribuídas à China reduzir-se-iam em aproximadamente dois terços;

- f) o fato de as perdas brasileiras para a China apresentarem um alto grau de concentração em manufaturados intensivos em trabalho sugere que o menor custo da mão-de-obra chinesa foi um fator importante para a maior competitividade dos produtos manufaturados chineses *vis-à-vis* os brasileiros;
- g) o caso do setor de calçados, couros e peles parece ser um exemplo dos efeitos da política industrial/comercial chinesa que visa limitar importações aos estágios básicos das cadeias produtivas e estimular a produção interna de bens finais, especialmente aqueles intensivos em mão-de-obra. Isso já é uma realidade para o setor de calçados e couros e se expressa no comércio intra-setorial do Brasil com a China, no qual as exportações brasileiras são basicamente de couros e peles depilados e as importações estão concentradas em calçados acabados; e
- h) os produtos em que o Brasil apresentou maiores ganhos de competitividade em relação à China são em sua maior parte produtos primários ou semimanufaturados/manufaturados de reduzido conteúdo tecnológico.

5.3 A COMPETIÇÃO BRASIL-CHINA NO MERCADO IMPORTADOR DA ARGENTINA

Com base na mesma metodologia utilizada para o caso norte-americano, o conjunto dos produtos exportados tanto pelo Brasil quanto pela China para a Argentina (entre os biênios 1996-1997 e 2001-2002) foi organizado do seguinte modo: *i*) 316 produtos em que o Brasil perdeu e a China ganhou MS; *ii*) 232 produtos em que o Brasil ganhou e a China perdeu MS; *iii*) 346 produtos em que Brasil e China ganharam MS; e *iv*) 122 produtos em que Brasil e China perderam MS.

Em princípio, os produtos incluídos nos dois primeiros grupos (Brasil perde e China ganha MS e vice-versa) são aqueles cujos mercados China e Brasil disputam diretamente. Suas exportações, que no biênio 2001-2002 representaram respectivamente 26,4% e 31,4% das vendas externas brasileiras e chinesas direcionadas à Argentina, constituem o objeto central do exercício que se segue (tabelas 68 e 69).

TABELA 68

Importações da Argentina discriminadas segundo o critério de evolução do MS da China e do Brasil – comparação dos biênios 1996-1997 e 2001-2002

(Em US\$ milhões CIF)

Produtos	Nº de SHs	Importações da Argentina					
		Média do biênio 1996-1997			Média do biênio 2001-2002		
		Total	Com origem		Total	Com origem	
		Brasil	China		Brasil	China	
A. Não passíveis de comparação	357	102	22	1	98	12	1
Argentina não importava (1996-1997)	85	0	0	0	98	12	1
Argentina deixou de importar (2001-2002)	272	102	22	1	0	0	0
B. Não concorrentes	2.793	13.164	3.169	150	7.257	1.945	107
Brasil não exporta	390	899	0	150	493	0	107
China não exporta	1.459	10.501	3.169	0	5.799	1.945	0
Brasil e China não exportaram	944	1.763	0	0	965	0	0
C. Exportados por Brasil e China	1.016	13.581	2.914	694	7.171	1.936	583
Brasil e China perdem MS	122	1.772	566	65	891	176	21
Brasil e China ganham MS	346	4.992	740	336	2.642	731	344
C.1 Concorrentes diretos	548	6.817	1.607	292	3.639	1.028	217
Brasil ganha China perde MS	232	3.034	788	138	1.557	732	42
Brasil perde e China ganha MS	316	3.783	819	154	2.082	296	175
Total	4.166	26.847	6.104	845	14.526	3.892	692

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

TABELA 69

Importações da Argentina discriminadas segundo o critério de evolução do MS da China e do Brasil – comparação dos biênios 1996-1997 e 2001-2002

(Em %)

Produtos	Nº de SHs (%)	Importações da Argentina (em %)					
		Média do biênio 1996-1997			Média do biênio 2001-2002		
		Total	Com origem		Total	Com origem	
			Brasil	China		Brasil	China
A. Não passíveis de comparação	8,6	0,4	0,4	0,2	0,7	0,3	0,2
Argentina não importava (1996-1997)	2,0	0,0	0,0	0,0	0,7	0,3	0,2
Argentina deixou de importar (2001-2002)	6,5	0,4	0,4	0,2	0,0	0,0	0,0
B. Não concorrentes	67,0	49,0	51,9	17,8	50,0	50,0	15,5
Brasil não exporta	9,4	3,3	0,0	17,8	3,4	0,0	15,5
China não exporta	35,0	39,1	51,9	0,0	39,9	50,0	0,0
Brasil e China não exportaram	22,7	6,6	0,0	0,0	6,6	0,0	0,0
C. Exportados por Brasil e China	24,4	50,6	47,7	82,1	49,4	49,7	84,3
Brasil e China perdem MS	2,9	6,6	9,3	7,7	6,1	4,5	3,0
Brasil e China ganham MS	8,3	18,6	12,1	39,8	18,2	18,8	49,8
C.1 Concorrentes diretos	13,2	25,4	26,3	34,7	25	26,4	31,4
Brasil ganha China perde MS	5,6	11,3	12,9	16,4	10,7	18,8	6,1
Brasil perde e China ganha MS	7,6	14,1	13,4	18,3	14,3	7,6	25,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

5.3.1 Quadro geral dos ganhos e perdas de competitividade do Brasil em relação à China no mercado importador argentino

No caso da Argentina, o cálculo de G&P de competitividade foi realizado com referência a um período (2001-2002 em relação a 1996-1997) no qual as importações argentinas reduziram-se em termos absolutos, como reflexo da grave crise econômica então enfrentada pelo país. Nesse contexto, em grande parte dos casos, ganhos (ou perdas) de competitividade podem significar apenas que as exportações brasileiras decresceram a uma taxa menor (ou maior) que a observada para as importações argentinas totais do mesmo produto.

Na tabela 70 encontra-se registrado o total de perdas e ganhos de competitividade das exportações brasileiras no mercado argentino referente aos produtos exportados tanto pelo Brasil quanto pela China, destacando a parcela atribuída respectivamente ao deslocamento de exportações brasileiras por exportações chinesas e vice-versa. No grupo de produtos focalizado, o Brasil apresentou ganhos líquidos de competitividade (ganhos brutos menos perdas brutas) de US\$ 404,5 milhões, não resultantes, contudo, apenas de desvio de exportações chinesas. De fato, nos produtos em que o Brasil apresentou elevação de MS, apenas 9% dos ganhos do país foram explicados por deslocamento de exportações chinesas (ganhos do Brasil sobre a China).

TABELA 70

Produtos exportados pelo Brasil e pela China para a Argentina – ganhos e perdas de competitividade do Brasil no mercado importador argentino*

(Em US\$ milhões–CIF)

Brasil – Perdas de Competitividade	Perdas do Brasil		Perdas atribuídas a China	
	Nº (SH)	(a) em US\$ milhões	(b) Em US\$ milhões	Em % (b)/(a)
1. Perdas brutas totais	438	-233,0	-18,4	7,9
Produtos em que o Brasil perde e a China ganha MS	316	-154,6	-18,4	11,9
Produtos em que Brasil e China perdem MS	122	-78,3	0,0	0,0
Brasil - Ganhos de Competitividade	Ganhos do Brasil		Ganhos sobre a China	
	Nº (SH)	(c) em US\$ milhões	(d) Em US\$ milhões	Em % (d)/(c)
2. Ganhos brutos totais	578	637,5	30,1	4,7
Produtos em que o Brasil ganha e a China perde MS	232	335,8	30,1	9,0
Produtos em que Brasil e China ganham MS	346	301,6	0,0	0,0
Brasil - Resultado líquido	Ganhos líquidos globais		Ganhos líquidos sobre a China	
		US\$404,5		US\$11,7

Fonte: PC-TAS (Unctad)

Obs.: * Média do biênio 2001-2002 contra média do biênio 1996-1997 .

Do mesmo modo, no tocante aos produtos em que o Brasil perdeu competitividade, apenas 11,9% das perdas do país podem ser creditadas à China. A comparação das perdas brasileiras atribuídas à China (US\$ 18,4 milhões) com os ganhos resultantes de deslocamento de exportações chinesas (US\$ 30,1 milhões) mostra que as exportações brasileiras apresentaram ganhos líquidos sobre a China de US\$ 11,7 milhões, cifra que corresponde a 0,19% e a 0,30% do valor da média anual das exportações brasileiras direcionadas à Argentina nos biênios 1996-1997 e 2001-2002, respectivamente. Observe-se que, no grupo dos produtos em análise, os ganhos do Brasil sobre a China (US\$ 11,7 milhões) corresponderam a uma pequena parcela (2,9%) dos ganhos líquidos globais do país (US\$ 405,5 milhões).

5.3.2 Ganhos e perdas de competitividade do Brasil em relação à China no mercado argentino, examinados por classe de produtos

No mercado importador argentino, em termos líquidos, o Brasil apresentou ganhos sobre a China no grupo de produtos manufaturados intensivos em trabalho (US\$ 18,4 milhões) e no grupo de produtos básicos (R\$ 0,6 milhão). Inversamente, perdas líquidas de competitividade para a China foram verificadas no grupo de produtos semimanufaturados (US\$ 2,9 milhões) e de manufaturados não intensivos em trabalho (US\$ 4,4 milhões). Em decorrência, o ganho líquido do Brasil sobre a China (US\$ 11,7 milhões) deveu-se aos manufaturados intensivos em mão-de-obra (tabela 71).

TABELA 71

Ganhos e perdas de competitividade do Brasil em relação à China no mercado importador da Argentina, discriminados por classe de produtos*

Produtos	Perdas para a China		Ganhos sobre a China		Resultado líquido**	
	US\$ milhões (a)	%	US\$ milhões (b)	%	US\$ milhões (a) + (b)	%
1. Básicos	-0,5	2,9	1,1	3,8	0,6	5,2
2. Semimanufaturados	-4,0	21,8	1,1	3,8	-2,9	-24,6
3. Manufaturados	-13,9	75,3	27,8	92,4	13,9	119,4
Intensivos em trabalho	-3,2	17,2	21,5	71,6	18,4	157,5
Demais manufaturados	-10,7	58,1	6,2	20,8	-4,4	-38,1
Total	-18,4	100,0	30,1	100,0	11,7	100,0

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

** Valores positivos representam ganhos líquidos e valores negativos significam perdas líquidas.

5.3.3 Ganhos e perdas de competitividade do Brasil em relação à China, examinados por dinamismo dos produtos⁶⁵

Examinadas por indicadores de dinamismo, as perdas e os ganhos brutos sobre a China concentraram-se em produtos decadentes, fato que, em grande medida, reflete o comportamento do mercado importador argentino no período focalizado. Sublinhe-se, contudo, que em termos líquidos, o saldo brasileiro no grupo de produtos decadentes foi modesto (US\$ 2,6 milhões, correspondentes a 22,4% do total dos ganhos líquidos

65. Dinamismo calculado com base na taxa média de crescimento das importações argentinas (-11,6% a.a. no biênio 2001-2002 em relação ao biênio 1996-1997). Como as importações argentinas decresceram entre os biênios considerados, foram consideradas apenas três categorias de produtos na classificação de dinamismo utilizada: i) os decadentes, cuja taxa de crescimento foi nula ou negativa; ii) os dinâmicos, cuja taxa de crescimento médio anual foi maior do que zero e menor do que 12%; e iii) os muito dinâmicos, cuja taxa de crescimento médio anual foi igual ou superior a 12%.

sobre a China), com os produtos dinâmicos explicando a maior parcela dos ganhos líquidos: US\$ 9,1 milhões ou 77,9% do total (tabela 72).

TABELA 72

Ganhos e perdas de competitividade* do Brasil em Relação à China no mercado importador da Argentina, discriminados por dinamismo**

Produtos	Perdas para a China		Ganhos sobre a China		Resultado líquido***	
	US\$ milhões(a)	%	US\$ milhões (b)	%	US\$ milhões (a) + (b)	%
1.Muito dinâmicos	-1,1	5,95	1,1	3,52	-0,04	-0,3
2.Dinâmicos	-1,0	5,57	10,1	33,62	9,1	77,9
3.Em decadência	-16,3	88,49	18,9	62,86	2,6	22,4
Total	-18,4	100,00	30,1	100,00	11,7	100,0

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

** Indicadores calculados com base nas taxas de crescimento das importações da Argentina.

*** Valores positivos representam ganhos líquidos e negativos significam perdas líquidas.

5.3.4 Ganhos e perdas de competitividade do Brasil em relação à China, examinados por intensidade tecnológica

O maior poder competitivo do Brasil frente à China no mercado importador argentino deveu-se, em sua maior parte, a produtos industrializados de reduzida intensidade tecnológica (US\$ 19,8 milhões). Ressalte-se que em relação aos produtos industrializados de conteúdo tecnológico médio-baixo, médio-alto e alto, o Brasil apresentou perdas líquidas para a China (tabela 73).

TABELA 73

Ganhos e perdas de competitividade* do Brasil em relação à China no mercado importador da Argentina, discriminados por intensidade tecnológica

Produtos	Perdas para a China		Ganhos sobre a China		Resultado líquido**	
	US\$ milhões (a)	%	US\$ milhões (b)	%	US\$ milhões (a) + (b)	%
Baixa	-3,3	17,9	23,1	76,8	19,8	169,9
Médio-baixa	-4,6	24,9	1,2	4,1	-3,3	-28,6
Médio-alta	-8,6	46,7	3,8	12,5	-4,8	-41,4
Alta	-1,4	7,7	0,8	2,6	-0,6	-5,4
Não-industrializados	-0,5	2,8	1,2	3,9	0,7	5,6
Total	-18,4	100,0	30,1	100,0	11,7	100,0

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

** Valores positivos representam ganhos líquidos e valores negativos significam perdas líquidas.

5.3.5 Ganhos e perdas de competitividade do Brasil em relação à China: distribuição setorial e principais produtos

Na tabela 74 são apresentados os G&Ps de competitividade do Brasil frente à China (perdas brutas, ganhos brutos e resultado líquido), discriminados por setores. No período analisado, o Brasil registrou ganhos líquidos sobre a China em 11 deles, com destaque para o setor de calçados, couros e peles, cujo saldo (US\$ 15,8 milhões) representou cerca de metade dos ganhos brutos sobre a China. Ele foi seguido pelo setor têxtil (com ganhos de US\$ 3,1 milhões, correspondentes a 10,2% dos ganhos brutos), pelo de equipamentos eletrônicos (US\$ 2,3 milhões ou 7,6% dos ganhos brutos) e pelo de artigos de vestuário (US\$ 1,7 milhão ou 5,6% dos ganhos brutos). Em 14 setores, ao contrário, o Brasil apresentou perdas líquidas para a China. Dentre estes, merecem destaque os de elementos químicos, de material elétrico e de máquinas e tratores.

TABELA 74

Ganhos e perdas de competitividade* do Brasil em relação à China no mercado importador da Argentina, discriminados por setores**

Setores	Perdas para a China		Ganhos sobre a China		Resultado líquido**	
	US\$ milhões (a)	%	US\$ milhões (b)	%	US\$ milhões (a) + (b)	%
Setores com ganhos líquidos						
1. Calçados, couros e peles	-0,2	0,9	15,8	52,6	15,67	134,3
2. Têxtil	-0,8	4,5	3,1	10,2	2,23	19,1
3. Equipamentos eletrônicos	-0,2	0,9	2,3	7,6	2,10	18,0
4. Artigos de vestuário	-0,2	0,9	1,7	5,6	1,52	13,0
5. Veículos automotores	0,0	0,0	0,7	2,2	0,67	5,7
6. Extrativo-mineral	-0,5	2,8	1,1	3,7	0,59	5,0
7. Outros produtos alimentares	0,0	0,2	0,5	1,8	0,50	4,3
8. Refino de petróleo e petroq.	-0,2	1,3	0,5	1,8	0,30	2,5
9. Minerais não metálicos	-0,7	4,0	0,8	2,6	0,04	0,3
10. Celulose, papel e gráfica	-0,1	0,5	0,1	0,4	0,02	0,1
11. Agropecuária	0,0	0,0	0,0	0,1	0,02	0,1
A- Subtotal	-3,0	16,1	26,6	88,5	23,6	202,7
Setores com perdas líquidas						
1. Elementos químicos	-3,4	18,7	0,5	1,5	-2,98	-25,6
2. Material elétrico	-3,0	16,2	0,4	1,3	-2,59	-22,2
3. Máquinas e tratores	-2,2	11,8	0,5	1,5	-1,72	-14,7
4. Químicos diversos	-1,2	6,7	0,1	0,4	-1,12	-9,6
5. Peças e outros veículos	-1,0	5,3	0,1	0,4	-0,86	-7,4
6. Borracha	-0,9	4,7	0,0	0,1	-0,83	-7,1
7. Indústrias diversas	-1,1	6,0	0,6	1,9	-0,52	-4,5
8. Outros produtos metalúrgicos	-1,4	7,8	0,9	3,1	-0,50	-4,3
9. Plásticos	-0,4	2,1	0,1	0,2	-0,31	-2,7
10. Madeira e mobiliário	-0,2	1,0	0,0	0,1	-0,16	-1,3
11. Metalurgia de não-ferrosos	-0,3	1,4	0,1	0,4	-0,13	-1,1
12. Farmacêutica e perfumaria	-0,1	0,6	0,0	0,0	-0,11	-1,0
13. Benefic. de produtos vegetais	-0,2	0,8	0,0	0,2	-0,11	-0,9
14. Siderurgia	-0,1	0,7	0,1	0,4	-0,03	-0,2
B- Subtotal	-15,4	83,9	3,5	11,5	-12,0	-102,7
Total geral (B+A)	-18,4	100,0	30,1	100,0	11,6	100,0

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

** Valores positivos representam ganhos líquidos e negativos significam perdas líquidas.

Na tabela 75 estão registrados os 20 produtos em que o Brasil obteve maiores ganhos de competitividade sobre a China no mercado importador argentino, os quais, em conjunto, explicam cerca de três quartos dos ganhos brutos brasileiros sobre aquele país. Destaque-se que, para todos esses produtos, o Brasil apareceu como o principal competidor da China no mercado argentino e que os cinco produtos mais importantes, todos do setor calçadista, concentraram quase metade dos ganhos.

TABELA 75

Ganhos de competitividade do Brasil em relação à China no mercado importador da Argentina: principais produtos*

Produtos	Ganhos do Brasil sobre a China		Perdas Totais da China (b) US\$ milhões	(a)/(b) Em %	Principal competidor da China na Argentina
	(a) US\$ milhões	Em %			
Outros calçados de borracha ou plástico	5,6	18,6	5,7	97,8	Brasil
Outros calçados de couro natural	4,0	13,2	4,1	96,6	Brasil
Outros calçados de matérias têxteis, com sola de borracha ou plástico	1,9	6,4	2,1	93,3	Brasil
Outros calçados de couro natural, cobrindo o tornozelo	1,8	5,9	1,8	96,7	Brasil
Outros calçados de borracha ou plástico, cobrindo o tornozelo	1,2	3,9	1,2	100,0	Brasil
Minérios de alumínio e seus concentrados	1,0	3,4	1,1	96,4	Brasil
Aparelhos de televisão, incluindo monitores de vídeo e projetores, em cores	0,9	2,9	1,0	89,8	Brasil
Outros acessórios moldados para tubos, de ferro fundido, ferro ou aço	0,7	2,5	0,8	92,9	Brasil
Aparelhos transmissores (emissores) com aparelho receptor incorporado, para radiofonia, radiotelegrafia, radiodifusão ou televisão	0,7	2,4	1,2	59,3	Brasil
Outros vidros flotados e desbastados não armados, em chapas ou em folhas	0,7	2,2	0,7	91,3	Brasil
Aparelhos receptores de radiodifusão que só funcionem com fonte externa de energia combinados com aparelho de gravação ou de reprodução de som, dos tipos utilizados nos veículos a automóveis	0,6	2,1	0,9	73,9	Brasil

(continua)

(continuação)

Produtos	Ganhos do Brasil sobre a China		Perdas Totais da China		Principal competidor da China na Argentina
	(a) US\$ milhões	Em %	(b) US\$ milhões	(a)/(b) Em %	
Calçados para esporte: calçados para tênis, basquetebol, ginástica, de matérias têxteis, com sola de borracha ou plástico	0,6	2,1	0,7	89,4	Brasil
Camisas de algodão, de uso masculino	0,6	2,0	2,1	28,2	Brasil
Cuecas e ceroulas, de malha, de algodão	0,5	1,8	0,6	93,1	Brasil
Linhas para costurar, de filamentos sintéticos, mesmo acondicionados para venda a retalho	0,5	1,6	0,6	80,5	Brasil
Veículos automóveis para transporte de mercadorias, com motor de pistão, de ignição por compressão, de peso em carga máxima > 5 t e <= 20 t	0,5	1,6	0,9	52,5	Brasil
Camisas de malha de algodão, de uso masculino	0,4	1,5	0,6	68,3	Brasil
Outros produtos de confeitaria, sem cacau	0,4	1,5	0,5	87,5	Brasil
Seringas, mesmo com agulhas, para uso médico, cirúrgico, odontológico ou veterinário	0,4	1,2	0,5	75,8	Brasil
Outras roupas de mesa, de algodão, exceto de malha	0,3	1,1	0,6	50,5	Brasil
Subtotal	23,4	77,7	27,7	84,5	
Demais produtos com ganhos sobre a China	6,7	22,3	18,6	36,0	
Total dos ganhos brutos	30,1	100,0	46,3	64,9	

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

No quadro 18, por sua vez, mostra-se que os ganhos brasileiros resultantes de deslocamento de exportações chinesas dirigidas à Argentina concentram-se em produtos manufaturados, especialmente os intensivos em trabalho, de baixa ou médio-baixa intensidade tecnológica, e cujas importações argentinas mostraram-se decadentes entre os biênios de referência do estudo. Note-se que tal resultado está fortemente influenciado pelo desempenho comercial de produtos do setor calçadista.

QUADRO 18

Principais produtos com ganhos de competitividade sobre a China no mercado importador da Argentina: indicadores variados

Produtos	Dinamismo*	Intensidade Tecnológica	Setor	Classe
Outros calçados de borracha ou plástico	Dinâmicos	Baixa	Calçados, couros e peles	Manuf. intensivo em trabalho
Outros calçados de couro natural	Decadentes	Baixa	Calçados, couros e peles	Manuf. intensivo em trabalho
Outros calçados de matérias têxteis, com sola de borracha ou plástico	Decadentes	Baixa	Calçados, couros e peles	Manuf. intensivo em trabalho
Outros calçados de couro natural, cobrindo o tornozelo	Decadentes	Baixa	Calçados, couros e peles	Manuf. intensivo em trabalho
Outros calçados de borracha ou plástico, cobrindo o tornozelo	Decadentes	Baixa	Calçados, couros e peles	Manuf. intensivo em trabalho
Minérios de alumínio e seus concentrados	Dinâmicos	Não classificado	Extrativo-mineral	Primário
Aparelhos de televisão, incluindo monitores de vídeo e projetores, em cores	Dinâmicos	Médio-alta	Equipamentos eletrônicos	Outros manufaturados
Outros acessórios moldados para tubos, de ferro fundido, ferro ou aço	Decadentes	Baixa	Outros produtos metalúrgicos	Outros manufaturados
Aparelhos transmissores (emissores) com aparelho receptor incorporado, para radiofonia, radiotelografia, radiodifusão ou televisão	Decadentes	Alta	Equipamentos eletrônicos	Outros manufaturados
Outros vidros flutados e desbastados não armados, em chapas ou em folhas	Muito dinâmicos	Médio-baixa	Minerais não metálicos	Outros manufaturados
Aparelhos receptores de radiodifusão que só funcionem com fonte externa de energia combinados com aparelho de gravação ou de reprodução de som, dos tipos utilizados nos veículos automóveis	Decadentes	Médio-alta	Equipamentos eletrônicos	Outros manufaturados
Calçados para esporte; calçados para tênis, basquetebol, ginástica, de matérias têxteis, com sola de borracha ou plástico	Decadentes	Baixa	Calçados, couros e peles	Manuf. intensivo em trabalho
Camisas de algodão, de uso masculino	Decadentes	Baixa	Artigos de vestuário	Manuf. intensivo em trabalho
Cuecas e ceroulas, de malha, de algodão	Dinâmicos	Baixa	Têxtil	Manuf. intensivo em trabalho
Linhas para costurar, de filamentos sintéticos, mesmo acondicionados para venda a retalho	Decadentes	Baixa	Ref. de petróleo e petroquímicos	Manuf. intensivo em trabalho
Veic. autom. para transporte de mercadorias, com motor de pistão, de ignição por compressão, de peso em carga máxima > 5 t e <= 20 t	Decadentes	Médio-alta	Veículos automotores	Outros manufaturados
Camisas de malha de algodão, de uso masculino	Decadentes	Baixa	Têxtil	Manuf. intensivo em trabalho
Outros produtos de confeitaria, sem cacau	Dinâmicos	Baixa	Outros produtos alimentares	Semimanufaturados
Seringas, mesmo com agulhas, para uso médico, cirúrgico, odontológico ou veterinário	Decadentes	Baixa	Indústrias diversas	Outros manufaturados
Outras roupas de mesa, de algodão, exceto de malha	Dinâmicos	Baixa	Têxtil	Manuf. intensivo em trabalho

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Com relação às importações da Argentina entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

Os vinte produtos com maiores perdas de competitividade para a China estão relacionados na tabela 76 adiante. Neste caso, o grau de concentração das perdas brasileiras é bem menor que o grau de concentração encontrado para os ganhos. Com efeito, os cinco produtos com maiores perdas para a China esgotam 26,5% das perdas brutas brasileiras, enquanto os cinco produtos com maiores ganhos explicam cerca de 50% dos ganhos brutos brasileiros sobre a China. Para sete produtos do grupo em foco (os vinte com maiores perdas de competitividade para a China), a China não foi o principal competidor do Brasil no mercado argentino. Em contrapartida, para os outros treze a China foi, de fato, a ameaça mais relevante para os fornecedores brasileiros.

No quadro 19 são apresentados os atributos dos vinte produtos com maiores perdas de competitividade para a China. Observe-se que tais produtos não estão muito concentrados em um único setor, como é o caso dos produtos com ganhos sobre a China, altamente concentrados no setor calçadista. Destaque-se que a maior parte das perdas para a China, ainda que obtidas em um período de importações decedentes, refere-se a produtos de conteúdo tecnológico médio-alto e alto.

TABELA 76

Perdas de competitividade do Brasil em relação à China no mercado importador da Argentina: principais produtos

Produtos	Perdas do Brasil para a China		Perdas totais do Brasil (b) US\$ milhões	(a)/(b) Em %	Principal competidor do Brasil na Argentina
	(a) US\$ milhões	Em %			
Outros compostos de funções nitrogenadas	-1,71	9,3	-2.138	80,0	China
Outras bombas de ar, coifas aspirantes para extração ou reciclagem	-1,02	5,5	-6.999	14,6	EUA
Rodenticidas, acaricidas, nematocidas, raticidas e produtos semelhantes	-0,87	4,8	-1.162	74,9	China
Eletrodos de carvão, dos tipos utilizados em fornos, para usos elétricos	-0,64	3,5	-6.225	10,3	EUA
Magnésia eletrofundida, magnésia calcinada a fundo e outros óxidos de magnésio	-0,52	2,8	-0.733	70,9	China
Outros interruptores, seccionadores e comutadores, de circuitos elétricos para tensão <= 1 kV	-0,43	2,3	-3.049	14,1	EUA
Outr. apar. de ar condicionado, com dispositivos de refrigeração	-0,40	2,2	-0.467	85,7	China
Pneus novos de borracha dos tipos utilizados em ônibus ou caminhões	-0,33	1,8	-2.008	16,4	Colômbia
Lentes de vidro, para óculos	-0,29	1,6	-0.305	95,1	China
Rolamentos de esferas	-0,27	1,5	-0.955	28,3	China
Vestuário e seus acessórios, de malha, de fibras sintéticas, para bebês	-0,26	1,4	-0.385	67,5	China
Compressores para equipamentos frigoríficos	-0,26	1,4	-5.938	4,4	Portugal
Mono-, di- ou tetrassulfetos de tiourama	-0,26	1,4	-0.256	101,6	China
Louças, outros artigos de uso da espécie doméstica e de higiene ou de toucador, de cerâmica, exceto de porcelana	-0,23	1,3	-0.334	68,9	China
Outras ferramentas eletromecânicas de motor elétrico incorporado, de uso manual	-0,23	1,2	-0.301	76,4	China
Corindo artificial, quimicamente definido ou não	-0,22	1,2	-0.477	46,1	China
Quadros, garfos e suas partes, para bicicletas e outros ciclos	-0,21	1,2	-0.219	95,9	China
Sacos para embalagem, de outras matérias têxteis sintéticas ou artificiais	-0,21	1,1	-0.894	23,5	Turquia
Outros pneus novos de borracha, com banda de rodagem em forma de espinha de peixe	-0,20	1,1	-1.569	12,7	Espanha
Caixas registradoras	-0,18	1,0	-0.490	36,7	China
Subtotal	-8,73	47,4	-34.901	25,0	
Demais produtos com perdas	-9,67	52,6	-119,7	8,1	
Total das perdas brutas	-18,4	100,0	-154,6	11,9	

Fonte: PC-TAS (Unctad).

QUADRO 19

Principais produtos com perda de competitividade para a China no mercado importador da Argentina: indicadores variados

Produtos	Dinamismo*	Intensidade Tecnológica	Setor	Classe de produtos
Outros compostos de funções nitrogenadas	Decadentes	Médio-alta	Elementos químicos	Semimanufaturados
Outras bombas de ar, coifas aspirantes para extração ou reciclagem	Decadentes	Médio-alta	Máquinas e tratores	Manufaturados
Rodenticidas, acaricidas, nematocidas, raticidas e produtos semelhantes	Decadentes	Alta	Químicos diversos	Manufaturados
Eletrodos de carvão, dos tipos utilizados em fornos, para usos elétricos	Decadentes	Médio-alta	Material elétrico	Manufaturados

(continua)

(continuação)

Produtos	Dinamismo*	Intensidade Tecnológica	Setor	Classe de produtos
Magnésia eletrofundida, magnésia calcinada a fundo e outros óxidos de magnésio	Decadentes	Não classificado	Extrativo-mineral	Primários
Outros interruptores, seccionadores e comutadores, de circuitos elétricos para tensão <= 1 kV	Decadentes	Médio-alta	Material elétrico	Manufaturados
Outros aparelhos de ar condicionado, com dispositivos de refrigeração	Decadentes	Médio-baixa	Peças e outros veículos	Manufaturados
Pneus novos de borracha dos tipos utilizados em ônibus ou caminhões	Decadentes	Médio-baixa	Borracha	Manufaturados
Lentes de vidro, para óculos	Dinâmicos	Médio-alta	Indústrias diversas	Manufaturados
Rolamentos de esferas	Decadentes	Médio-baixa	Máquinas e tratores	Manufaturados
Vestuário e seus acessórios, de malha, de fibras sintéticas, para bebês	Muito dinâmicos	Baixa	Têxtil	Manuf. int. em trabalho
Compressores para equipamentos frigoríficos	Decadentes	Médio-alta	Material elétrico	Manufaturados
Mono-, di- ou tetrasulfetos de tiourama	Dinâmicos	Médio-alta	Elementos químicos	Semimanufaturados
Louças, outros artigos de uso da espécie doméstica e de higiene ou de tocador, de cerâmica, exceto de porcelana	Decadentes	Médio-baixa	Minerais não metálicos	Manuf. int. em trabalho
Outras ferramentas eletromecânicas de motor elétrico incorporado, de uso manual	Decadentes	Médio-alta	Máquinas e tratores	Manufaturados
Corindo artificial, quimicamente definido ou não	Decadentes	Médio-alta	Elementos químicos	Semimanufaturados
Quadros, garfos e suas partes, para bicicletas e outros ciclos	Decadentes	Médio-baixa	Peças e outros veículos	Manufaturados
Sacos para embalagem, de outras matérias têxteis sintéticas ou artificiais	Dinâmicos	Baixa	Têxtil	Manuf. int. em trabalho
Outros pneus novos de borracha, com banda de rodagem em forma de espinha de peixe	Dinâmicos	Médio-baixa	Borracha	Manufaturados
Caixas registradoras	Decadentes	Médio-alta	Material elétrico	Manufaturados

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Com relação às importações da Argentina entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

5.3.6 Síntese dos resultados da competição Brasil-China no mercado importador argentino

Entre os biênios de 1996-1997 e 2001-2002, no grupo de produtos em que Brasil e China são, em princípio, concorrentes no mercado importador argentino (1.016 itens tarifários exportados pelos dois países), o Brasil apresentou aumento de *market share* para 578 produtos que, no seu conjunto, proporcionaram ao país ganhos de competitividade de US\$ 637,5 milhões (ganhos brutos de competitividade). Para os demais 438 produtos foi observada uma redução de *market share*, o que implicou perdas de US\$ 233,0 milhões (perdas brutas de competitividade). Em consequência, para o grupo de produtos em análise, foram identificados ganhos líquidos de competitividade (ganhos brutos menos perdas brutas) da ordem de US\$ 404,5 milhões. Cumpre ressaltar que os G&Ps de competitividade foram calculados para um período em que as importações argentinas apresentaram forte redução. Logo, para grande parte dos produtos, os ganhos (perdas) de *market share* refletem uma redução das exportações brasileiras do produto menor (maior) que a redução das importações argentinas correspondentes.

A análise dos G&Ps de competitividade referente ao grupo de produtos em que Brasil e China apresentam-se como concorrentes no mercado importador argentino produziu algumas evidências relevantes, entre as quais cabe destacar:

- as perdas brutas do Brasil para a China alcançaram US\$ 18,4 milhões, valor correspondente a 7,9% das perdas brutas brasileiras totais no mercado argentino. Esses números mostram que as maiores perdas de competitividade do Brasil nesse mercado foram creditadas a outros países que não a China;
- os ganhos brutos de competitividade do Brasil sobre a China (US\$ 30,1 milhões) explicaram apenas 4,7% dos ganhos brutos brasileiros no mercado importador da Argentina. Em contrapartida, representaram 47,5% do total das perdas brutas chinesas;
- os ganhos líquidos do Brasil sobre a China (US\$ 11,7 milhões) foram uma pequena parcela (2,9%) dos ganhos líquidos brasileiros no mercado importador argentino (US\$ 404,5 milhões);

- d) analisados por conteúdo tecnológico e classe de produtos, os ganhos líquidos brasileiros sobre a China concentram-se em produtos manufaturados intensivos em trabalho e de reduzido conteúdo tecnológico. Tal resultado está fortemente influenciado pelo fato de tais ganhos estarem fortemente concentradas no setor calçadista. Ressalve-se que nos produtos industrializados de conteúdo tecnológico médio-baixo, médio-alto e alto o Brasil apresentou perdas líquidas para a China;
- e) refletindo o período de análise (biênio 2001-2002 contra o biênio 1996-1997), a maior parte dos ganhos brutos do Brasil sobre a China, e vice-versa, concentrou-se em produtos decadentes;
- f) examinados por setores ou produtos, os ganhos brasileiros sobre a China apresentaram alta concentração no setor calçadista. Destacaram-se, em seguida, os setores têxtil, de vestuário e de equipamentos eletrônicos. Grande parte destes ganhos – por exemplo, aqueles relativos ao setor de calçados – refletem os de MS obtidos num contexto de redução absoluta das importações argentinas; e
- g) as perdas brutas para a China apresentam maior dispersão que os ganhos brutos, quando avaliados por setores ou produtos.

5.4 A COMPETIÇÃO BRASIL-CHINA NO MERCADO IMPORTADOR JAPONÊS

No período estudado, os produtos exportados pelo Brasil e pela China para o mercado japonês foram agrupados do seguinte modo: *i)* 250 produtos em que o Brasil perdeu e a China ganhou MS; *ii)* 60 produtos em que o Brasil ganhou e a China perdeu MS; *iii)* 243 produtos em que Brasil e China ganharam MS; e *iv)* 75 produtos em que Brasil e China perderam MS.

Os dois primeiros grupos (Brasil perde e a China ganha MS e vice-versa) englobam os produtos em que China e Brasil concorrem diretamente. No biênio 2001-2002, suas exportações representaram, em conjunto, respectivamente 39,1% e 24,8% das exportações brasileiras e chinesas direcionadas ao Japão (tabela 77).

TABELA 77

Importações do Japão discriminadas segundo o critério de evolução do MS da China e do Brasil – comparação dos biênios 1996-1997 e 2001-2002

(Em US\$ milhões CIF)

Produtos	Nº de SHs	Importações japonesas					
		Média do biênio 1996-1997			Média do biênio 2001-2002		
		Total	Com origem		Total	Com origem	
		Brasil	China		Brasil	China	
A. Não passíveis de comparação	146	195	0	10	5.113	0	95
Japão não importava (1996-1997)	66	0	0	0	5.113	0	95
Japão deixou de importar (2001-2002)	80	195	0	10	0	0	0
B. Não concorrentes	4.036	194.970	1.165	23.182	193.780	950	30.652
Brasil não exporta	2.988	153.815	0	23.182	152.174	0	30.652
China não exporta	88	8.342	1.165	0	7.767	950	0
Brasil e China não exportaram	960	32.813	0	0	33.839	0	0
C. Exportados por Brasil e China	628	148.604	2.580	17.960	144.305	1.650	29.073
Brasil e China perdem MS	75	8.115	339	484	7.668	126	242
Brasil e China ganham MS	243	66.620	311	8.098	67.283	507	13.999
C.1 Concorrentes diretos	310	73.869	1.930	9.377	69.355	1.016	14.831
Brasil ganha China perde MS	60	9.377	304	1.635	8.700	312	1.194
Brasil perde e China ganha MS	250	64.492	1.626	7.742	60.655	704	13.637
Total	4.810	343.769	3.746	41.152	343.198	2.600	59.819

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad/WTO).

TABELA 78

Importações do Japão discriminadas segundo o critério de evolução do MS da China e do Brasil – comparação dos biênios 1996-1997 e 2001-2002

(Em %)

Produtos	Nº de SHs (%)	Importações japonesas (em %)					
		Média do biênio 1996-1997			Média do biênio 2001-2002		
		Total	Com origem		Total	Com origem	
			Brasil	China		Brasil	China
A. Não passíveis de comparação	3,0	0,1	0,0	0,0	1,5	0,0	0,2
Japão não importava (1996-1997)	1,4	0,0	0,0	0,0	1,5	0,0	0,2
Japão deixou de importar (2001-2002)	1,7	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
B. Não concorrentes	83,9	56,7	31,1	56,3	56,5	36,5	51,2
Brasil não exporta	62,1	44,7	0,0	56,3	44,3	0,0	51,2
China não exporta	1,8	2,4	31,1	0,0	2,3	36,5	0,0
Brasil e China não exportaram	20,0	9,5	0,0	0,0	9,9	0,0	0,0
C.1 Exportados por Brasil e China	13,1	43,2	68,9	43,6	42,0	63,5	48,6
Brasil e China perdem MS	1,6	2,4	9,0	1,2	2,2	4,9	0,4
Brasil e China ganham MS	5,1	19,4	8,3	19,7	19,6	19,5	23,4
C.1 Concorrentes diretos	6,4	21,5	51,5	22,8	20,2	39,1	24,8
Brasil ganha China perde MS	1,2	2,7	8,1	4,0	2,5	12,0	2,0
Brasil perde e China ganha MS	5,2	18,8	43,4	18,8	17,7	27,1	22,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad/WTO).

5.4.1 Quadro geral de ganhos e perdas de competitividade do Brasil em relação à China no mercado importador japonês

Na tabela 79 está registrado o total de perdas e ganhos de competitividade das exportações brasileiras no mercado japonês (2001-2002 contra 1996-1997) referente aos produtos exportados tanto pelo Brasil quanto pela China, destacando-se a parcela atribuída respectivamente ao deslocamento de exportações brasileiras por exportações chinesas e vice-versa. Para o grupo de produtos focalizado, o Brasil apresentou perdas globais líquidas de US\$ 314 milhões, valor que resulta da diferença entre o total das perdas brutas (-US\$ 694 milhões) e o total de ganhos brutos (US\$ 380 milhões). Nos produtos em que o Brasil aumentou sua competitividade, apenas 8,6% dos ganhos foram explicados por desvio de exportações chinesas (ganhos do Brasil sobre a China). No tocante aos produtos em que o Brasil perdeu competitividade, por seu turno, 28,6% das perdas do país deveram-se à China. Comparando-se as perdas brasileiras atribuídas à China (-US\$ 152 milhões) com os ganhos resultantes de deslocamento de exportações chinesas (US\$ 33 milhões), verifica-se que as exportações brasileiras apresentaram uma perda líquida para a China de US\$ 119 milhões, cifra que corresponde a 3,2% do valor da média anual das exportações brasileiras direcionadas ao Japão no biênio 1996-1997.

TABELA 79

Produtos exportados pelo Brasil e pela China para o Japão – ganhos e perdas de competitividade no mercado importador japonês*

Brasil – perdas de competitividade	Nº de SH	Perdas (em US\$ milhões)	Perdas atribuídas à China	
			Em US\$ milhões	Em %
Perdas brutas totais	325	-694	-152	21,8
Produtos em que o Brasil perde e China ganha MS	250	-529	-152	28,7
Produtos em que Brasil e China perdem MS	75	-165	0	0,0
Brasil – ganhos de competitividade	Nº de SH	Ganhos (em US\$ milhões)	Ganhos sobre a China	
			Em US\$ milhões	Em %
Ganhos brutos totais	303	380	33	8,6
Produtos em que o Brasil ganha e a China perde MS	60	89	33	36,7
Produtos em que o Brasil e a China ganham MS	243	291	0	0,0
Brasil – resultado líquido		Perdas líquidas globais	Perdas líquidas para a China	
		US\$ 314 milhões	-US\$119 milhões	

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad/WTO).

Obs.: * Média do biênio 2001-2002 contra a média do biênio 1996-1997 (em US\$ milhões CIF).

5.4.2 Ganhos e perdas de competitividade do Brasil em relação à China no mercado japonês, examinados por classe de produtos

Em termos líquidos, as perdas brasileiras para a China no mercado do Japão concentraram-se em produtos semimanufaturados (US\$ 75 milhões), montante que corresponde a 62,9% do total das perdas líquidas para aquele país (tabela 80). No grupo de produtos manufaturados, as perdas líquidas alcançaram US\$ 34 milhões (28,4% do total), a maior parte (US\$ 27 milhões) concentrada em outros produtos manufaturados que não os intensivos em trabalho. Sublinhe-se que, em termos líquidos, o Brasil não registrou ganhos em nenhuma classe de produtos. Nesse contexto, os produtos básicos foram aqueles em que o Brasil apresentou menores perdas líquidas para exportadores chineses: US\$10 milhões ou 8,7% do total.

TABELA 80

Ganhos e perdas de competitividade* do Brasil em relação à China no mercado importador japonês, discriminados por classe de produtos**

Produtos	Perdas para a China		Ganhos sobre a China		Resultado líquido***	
	US\$ milhões (a)	%	US\$ milhões (b)	%	US\$ milhões (a) + (b)	%
Básicos	-13	8,2	2	6,5	-10	8,7
Semimanufaturados	-98	64,9	24	72,6	-75	62,9
Manufaturados	-41	26,8	7	20,9	-34	28,4
Intensivos em trabalho	-9	5,6	2	5,5	-7	5,7
Demais	-32	21,2	5	15,4	-27	22,8
Total	-152	100,0	33	100,0	-119	100,0

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

** Valores positivos representam ganhos líquidos e valores negativos significam perdas líquidas.

5.4.3 Ganhos e perdas de competitividade do Brasil em relação à China, examinados por dinamismo dos produtos⁶⁶

Examinadas por indicadores de dinamismo, as perdas líquidas do Brasil para a China no mercado importador japonês estão fortemente concentradas em produtos “em decadência”: US\$ 99,5 milhões, correspondentes a 83,5% das perdas líquidas para exportadores chineses (tabela 81). Seguem, em ordem de importância, os produtos de dinamismo intermediário (7,3%), os muito dinâmicos (5,2%), e os dinâmicos (3,9%). Tal resultado está muito influenciado pelo fato de as importações japonesas terem apresentado, no período de referência do trabalho, uma taxa de crescimento médio anual próxima a zero.

66. Entre os biênios considerados, a taxa de crescimento das importações japonesas mostrou-se praticamente nula. Por esta razão, na classificação de dinamismo foi excluída a categoria em regressão, uma vez que todo produto com taxa de crescimento inferior à taxa média do país apresenta taxa de crescimento de importação negativa. Em consequência foram utilizados os seguintes critérios: produtos decadentes (taxa de crescimento das importações negativa); intermediários (taxa de crescimento médio anual maior que zero e menor que 5%); dinâmicos (taxa de crescimento médio anual maior ou igual a 5% e menor que 10%); e muito dinâmicos (taxa de crescimento médio anual maior ou igual a 10%).

TABELA 81

Ganhos e perdas de competitividade* do Brasil em relação à China no mercado importador japonês, discriminados por dinamismo**

Produtos	Perdas para a China		Ganhos sobre a China		Resultado líquido***	
	US\$ milhões (a)	%	US\$ milhões (b)	%	US\$ milhões (a) + (b)	%
Muito dinâmicos	-6,3	4,1	0,1	0,3	-6,2	5,2
Dinâmicos	-4,7	3,1	0,0	0,1	-4,7	3,9
Intermediários	-9,8	6,4	1,1	3,4	-8,7	7,3
Em regressão	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Em decadência	-130,8	86,0	31,3	96,0	-99,5	83,5
Total	-151,6	100,0	32,6	100,0	-119,1	100,0

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

** Indicadores calculados com base nas taxas de crescimento das importações do Japão.

*** Valores positivos representam ganhos líquidos e valores negativos significam perdas líquidas.

5.4.4 Ganhos e perdas de competitividade do Brasil em relação à China, examinados por intensidade tecnológica

Os dados da tabela 82 indicam que o maior poder competitivo da China frente ao Brasil no mercado japonês deveu-se a produtos de reduzida intensidade tecnológica. De fato, somadas, as perdas líquidas brasileiras nos produtos industrializados de baixo e de médio-baixo conteúdo tecnológico alcançaram US\$ 72 milhões, o que representa 60,5% das perdas líquidas totais. Observe-se, contudo, o registro de perdas líquidas expressivas em produtos de alta intensidade tecnológica, equivalentes a US\$ 31 milhões ou 26,1% do total.

TABELA 82

Ganhos e perdas de competitividade* do Brasil em relação à China no mercado importador japonês, discriminados por intensidade tecnológica

Produtos	Perdas para a China		Ganhos sobre a China		Resultado líquido**	
	US\$ milhões (a)	%	US\$ milhões (b)	%	US\$ milhões (a) + (b)	%
Baixa	-87	57,7	29	89,1	-58	48,7
Médio-baixa	-14	9,2	0	0,6	-14	11,8
Médio-alta	-7	4,7	1	4,2	-6	5,0
Alta	-31	20,2	0	0,0	-31	26,1
Não industrializados	-12	8,2	2	6,1	-10	8,4
Total	-151	100,0	33	100,0	-119	100,0

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

** Valores positivos representam ganhos líquidos e valores negativos significam perdas líquidas.

5.4.5 Ganhos e perdas de competitividade do Brasil em relação à China: distribuição setorial e principais produtos

Na tabela 83 são apresentados os ganhos e perdas de competitividade do Brasil frente à China (perdas brutas, ganhos brutos e resultado líquido) discriminados por setores. No período analisado, apenas um setor (abate de animais) obteve ganho líquido de competitividade no Japão, no montante de US\$ 23 milhões. Entre os que apresentaram perdas líquidas de competitividade em relação à China, três merecem destaque (óleos vegetais, elementos químicos e siderurgia) com perdas líquidas no montante de, respectivamente, US\$ 51 milhões, US\$ 30 milhões e US\$ 15 milhões.

TABELA 83

Ganhos e perdas de competitividade* do Brasil em relação à China no mercado importador japonês, discriminadas por setores**

Setores	Perdas para a China		Ganhos sobre a China		Resultado líquido**	
	US\$ milhões (a)	%	US\$ milhões (b)	%	US\$ milhões (a) + (b)	%
Setores com perdas líquidas						
1. Óleos vegetais	-51	33,9	0	0,2	-51	43,1
2. Elementos químicos	-31	20,1	0	1,2	-30	25,3
3. Siderurgia	-19	12,5	4	12,0	-15	12,7
4. Têxtil	-8	5,5	2	5,2	-7	5,6
5. Metalurgia de não-ferrosos	-9	5,9	0	0,0	-9	7,5
6. Benefic. de produtos vegetais	-5	3,4	0	0,1	-5	4,3
7. Peças e outros veículos	-5	3,4	0	0,0	-5	4,3
8. Celulose, papel e gráfica	-4	2,5	0	0,0	-4	3,1
Outros setores com perdas***	-19	12,5	3	9,0	-16	13,4
Setores com ganhos líquidos						
1. Abate animais	-1	0,5	24	72,8	23	-19,4
Total	-152	100,0	33	100,0	-119	100,0

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

** Valores positivos representam ganhos líquidos e valores negativos significam perdas líquidas.

***Setores com participação inferior a 2% nas perdas (ou ganhos) líquidas.

Na tabela 84 estão registrados os vinte produtos (SH, seis dígitos) com maior perda de competitividade para a China no período focalizado pelo estudo. Para apenas cinco deles a China não apareceu como o principal competidor do Brasil no mercado japonês, o que significa, em contrapartida, que para os outros quinze a China foi, de fato, a ameaça mais relevante para os fornecedores brasileiros. As perdas de competitividade do Brasil para a China estão muito concentradas em dois produtos que, juntos, explicam pouco mais da metade das perdas brutas para a China no mercado japonês (tortas de soja e outros silícios). Outro item que merece destaque é o de ferrossilícios.

TABELA 84

Perdas de competitividade do Brasil em relação à China no mercado importador japonês: principais produtos*

Produtos	Perdas do Brasil para a China		Perdas totais do Brasil		Principal competidor do Brasil no Japão
	(a) US\$ milhões	Em %	(b) US\$ milhões	(a)/(b) Em %	
Tortas e outros resíduos sólidos da extração do óleo de soja	-51,3	33,9	-60,8	84,5	China
Outros silícios	-27,6	18,2	-43,0	64,2	China
Ferrossilício-manganês	-10,9	7,2	-11,2	97,6	China
Ferrossilício, contendo em peso > 55% de silício	-7,3	4,8	-10,7	68,2	China
Alumínio não ligado em forma bruta	-4,0	2,6	-201,8	2,0	Austrália
Seda crua (não fiada)	-3,6	2,4	-3,7	98,0	China
Papel e cartão, de peso => 40g/m2 e =< 150g/m2, sem fibras obtidas por processo mecânico ou em que a percentagem dessas fibras seja =< 10%	-3,0	2,0	-27,1	10,9	Indonésia
Árvores (veios) de transmissão, incluídas as de excêntricos (comes) e virábiquins (cambotas) e manivelas	-2,9	1,9	-4,4	66,4	China
Alcool etílico não desnaturado com volume de teor alcoólico => 80%	-2,2	1,4	-3,3	65,1	China
Cogumelos e trufas, secos, inclusive em pedaços ou fatias, trituradas ou em pó, sem qualquer outro preparo	-1,8	1,2	-2,2	80,5	China
Níquel não ligado, em formas brutas	-1,7	1,1	-10,7	15,6	Austrália
Desperdícios e resíduos, de outros metais preciosos ou metais folheados ou chapados de metais preciosos	-1,7	1,1	-9,5	17,4	EUA
Fios de lã penteada, contendo => 85%, em peso, de lã	-1,6	1,0	-1,7	92,7	China
Partes superiores de calçados e seus componentes, exceto contrafortes e biqueiras rígidas	-1,6	1,0	-1,7	89,2	China
Chá verde (não fermentado), apresentado em qualquer outra forma	-1,5	1,0	-1,5	100,0	China
Outras partes para motores diesel ou semidiesel	-1,5	1,0	-10,9	13,7	Coreia do Sul
Granitos trabalhados de outro modo e suas obras	-1,0	0,7	-1,0	99,8	China
Roupas de toucador ou de cozinha, de tecidos atalhados, de algodão	-1,0	0,6	-1,0	98,4	China
Outros desperdícios de seda, incluídos os casulos impróprios para dobar	-0,9	0,6	-0,9	98,3	China
Zinco não ligado, em formas brutas, contendo, em peso, => 99,99% de zinco	-0,8	0,5	-1,5	55,3	China
Subtotal	-127,8	84,3	-408,7	31,3	
Demais produtos com perdas para a China	-23,8	15,7	-120,1	19,8	
Total das perdas brutas	-151,6	100,0	-528,7	28,7	

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

Principais produtos brasileiros com perda de competitividade para a China no mercado importador japonês: indicadores variados

Produtos	Dinamismo*	Intensidade tecnológica	Setor	Grupo
Tortas e outros resíduos sólidos da extração do óleo de soja	Em decadência	Baixa	Óleos vegetais	Semimanufaturados
Outros silícios	Em decadência	Alta	Elementos químicos	Semimanufaturados
Ferrossilício-manganês	Em decadência	Baixa	Siderurgia	Manuf.intensivos em econ.de escala
Ferrossilício, contendo em peso > 55% de silício	Em decadência	Baixa	Siderurgia	Manuf.intensivos em econ.de escala
Alumínio não ligado em forma bruta	Em decadência	Médio-baixa	Met.de não-ferrosos	Semimanufaturados
Seda crua (não fiada)	Em decadência	Não industrializado	Têxtil	Produtos primários
Papel e cartão, de peso => 40g/m2 e =< 150g/m2, sem fibras obtidas por processo mecânico ou em que a percentagem dessas fibras seja =< 10%	Muito dinâmicos	Baixa	Celulose, papel e gráfica	Semimanufaturados
Árvores (veios) de transmissão, incluídas as de excêntricos (cames) e virabrequins (cambotas) e manivelas	Intermediários	Médio-baixa	Peças e outros veículos	Manuf.intensivos em econ.de escala
Alcool etílico não desnaturado com volume de teor alcoólico => 80%	Em decadência	Médio-alta	Elementos químicos	Semimanufaturados
Cogumelos e trufas, secos, inclusive em pedaços ou fatias, trituradas ou em pó, sem qualquer outro preparo	Em decadência	Não industrializado	Abate de animais	Produtos primários
Níquel não ligado, em formas brutas	Em decadência	Médio-baixa	Met.de não-ferrosos	Semimanufaturados
Desperdícios e resíduos, de outros metais preciosos ou metais folheados ou chapados de metais preciosos	Em decadência	Não industrializado	Met.de não-ferrosos	Produtos primários
Fios de lã penteada, contendo => 85%, em peso, de lã	Em decadência	Baixa	Têxtil	Manuf.intensivos em trabalho
Partes superiores de calçados e seus componentes, exceto contrafortes e biqueiras rígidas	Em decadência	Baixa	Calçados, couros e peles	Manuf.intensivos em trabalho
Chá verde (não fermentado), apresentado em qualquer outra forma	Dinâmicos	Não industrializado	Abate de animais	Produtos primários
Outras partes para motores diesel ou semidiesel	Em decadência	Médio-alta	Peças e outros veículos	Manuf.intensivos em econ.de escala
Granitos trabalhados de outro modo e suas obras	Intermediários	Médio-baixa	Extrativo-mineral	Manuf.intensivos em econ.de escala
Roupas de toucador ou de cozinha, de tecidos atalhados, de algodão	Dinâmicos	Baixa	Têxtil	Manuf.intensivos em trabalho
Outros desperdícios de seda, incluídos os casulos impróprios para dobar	Em decadência	Não industrializado	Têxtil	Produtos primários
Zinco não ligado, em formas brutas, contendo, em peso, => 99,99% de zinco	Em decadência	Média-baixa	Met.de não ferrosos	Semimanufaturadas

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Com relação às importações do Japão entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

No quadro 20 são descritos os atributos dos vinte produtos com maiores perdas de competitividade para a China. Observa-se que as perdas brasileiras para a China estão concentradas em produtos decadentes (15 entre os 20 produtos), de baixa ou médio-baixa intensidade tecnológica (12 entre os 20 produtos).

Na tabela 85 estão descritos esses vinte produtos em relação aos quais o Brasil obteve maiores ganhos de competitividade sobre a China no mercado importador japonês. Para apenas cinco deles o Brasil revelou-se o principal competidor da China no Japão. Ademais, dois produtos (cortes de aves e ferro fundido) responderam por 80% dos ganhos de competitividade brasileiros no Japão, correspondentes a US\$ 26,2 milhões (US\$ 22,3 milhões referentes a ganhos em cortes de aves e US\$ 3,9 milhões a ganhos em ferro fundido).

TABELA 85

Ganhos de competitividade do Brasil em relação à China no mercado importador japonês: principais produtos*

Produtos	Ganhos do Brasil sobre a China		Perdas totais da China		Principal competidor da China no Japão
	(a) US\$ milhões	Em %	(b) US\$ milhões	(a)/(b) Em %	
Carne de frango: pedaços e miudezas, exceto fígados congelados	-22,3	68,5	-91,8	24,3	Tailândia
Ferro fundido bruto não ligado, contendo, em peso <= 0,5% de fósforo	-3,9	12,0	-10,4	37,3	Brasil
Fios de desperdícios de seda, não acondicionados para venda a retalho	-1,7	5,1	-3,5	46,9	Uzbequistão
Partes reconhecíveis como destinadas às máquinas das posições 8501ou 8502	-0,8	2,6	-28,9	3,0	Filipinas
Ossos e núcleos córneos, em bruto, desengordurados, degelatinados ou simplesmente preparados; pós e desperdícios destas matérias	-0,7	2,3	-10,2	7,3	EUA
Outras plantas, partes de plantas, sementes e frutos, para uso em perfumaria, medicina ou como inseticidas, parasitidas ou semelhantes	-0,7	2,2	-1,7	42,0	Brasil

(continua)

(continuação)

Produtos	Ganhos do Brasil sobre a China		Perdas totais da China	(a)/(b) Em %	Principal competidor da China no Japão
	(a) US\$ milhões	Em %	(b) US\$ milhões		
Carnes de cavalo, asinino e muar, frescas, refrigeradas ou congeladas	-0,7	2,1	-2,1	32,0	Canadá
Manitol	-0,4	1,1	-0,6	58,8	Brasil
Ovos de aves, com casca, frescos, conservados ou cozidos	-0,3	0,9	-0,6	51,5	Brasil
Madeira de não coníferas, em estilhas ou em partículas	-0,2	0,5	-2,7	6,0	Sacu
Grafita natural, em pó ou em escamas	-0,2	0,5	-1,1	14,7	Sri Lanka
Pedras para calcetar, meios-fios e placas (lajes), para pavimentação, de pedra natural	-0,2	0,5	-1,1	13,2	Alemanha
Outras bebidas não alcoólicas, exceto sucos de frutas ou de produtos hortícolas	-0,1	0,3	-2,8	3,4	EUA
Outros calçados de couro natural	-0,1	0,2	-8,1	0,8	Camboja
Outros adubos ou fertilizantes minerais ou químicos	-0,1	0,2	-0,3	20,9	Chile
Outras frutas de casca rija, frescas ou secas, mesmo sem casca ou peladas	-0,1	0,2	-9,7	0,5	Austrália
"Dégras" e resíduos do tratamento das matérias graxas ou das ceras	0,0	0,1	-0,1	40,9	Brasil
Outros produtos hortícolas preparados ou conservados, exceto em vinagre ou em ácido acético, não congelados	0,0	0,1	-11,7	0,3	Coreia do Sul
Mancais (chumaceiras) sem rolamentos: "bronzes"	0,0	0,1	-3,4	1,0	EUA
Outros condensadores fixos, elétricos	0,0	0,1	-1,7	1,7	EUA
Subtotal	-32,4	99,4	-192,5	16,8	
Demais produtos com ganhos sobre a China	-0,2	0,6	-39,1	0,5	
Total dos ganhos brutos	-32,6	100,0	-231,6	14,1	

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

A partir do quadro 21, no qual estão descritos os atributos dos vinte produtos em que o Brasil obteve maiores ganhos de competitividade sobre a China, percebe-se que os ganhos brasileiros resultantes de deslocamento de exportações chinesas dirigidas ao Japão, além de relativamente reduzidos, concentram-se em produtos cujo dinamismo comercial encontra-se "em decadência" (13 entre os 20 produtos). Nota-se, ainda, que 11 dos 20 compreendem produtos que apresentam baixa ou médio-baixa intensidade tecnológica.

QUADRO 21

Principais produtos brasileiros com ganhos de competitividade sobre a China no mercado importador japonês: indicadores variados

Produto	Dinamismo*	Intensidade tecnológica	Setor	Grupo
Carne de frango: pedaços e miudezas, exceto fígados congelados	Em decadência	Baixa	Abate de animais	Semimanufaturados
Ferro fundido bruto não ligado, contendo, em peso <= 0,5% de fósforo	Em decadência	Baixa	Siderurgia	Manuf.intensivos em econ.de escala
Fios de desperdícios de seda, não acondicionados para venda a retalho	Em decadência	Baixa	Têxtil	Manuf.intensivos em trabalho
Partes reconhecíveis como destinadas às máquinas das posições 8501 ou 8502	Intermediários	Médio-alta	Material elétrico	Manuf.intensivos em econ.de escala
Ossos e núcleos córneos, em bruto, desengordurados, degelatinados ou simplesmente preparados; pós e desperdícios destas matérias	Em decadência	Não catalogados	Abate de animais	Produtos primários
Outras plantas, partes de plantas, sementes e frutos, para uso em perfumaria, medicina ou como inseticidas, parasiticidas ou semelhantes	Em decadência	Não catalogados	Agropecuária	Produtos primários
Carnes de cavalo, asinino e muar, frescas, refrigeradas ou congeladas	Em decadência	Baixa	Abate de animais	Semimanufaturados
Manitol	Em decadência	Médio-alta	Elementos químicos	Semimanufaturados
Ovos de aves, com casca, frescos, conservados ou cozidos	Em decadência	Não catalogados	Agropecuária	Produtos primários
Madeira de não coníferas, em estilhas ou em partículas	Em decadência	Baixa	Madeira e mobiliário	Produtos primários
Grafita natural, em pó ou em escamas	Em decadência	Não catalogados	Extrativo-Mineral	Produtos primários
Pedras para calcetar, meios-fios e placas (lajes), para pavimentação, de pedra natural	Em decadência	Médio-baixa	Minerais não metálicos	Manuf.intensivos em econ.de escala
Outras bebidas não alcoólicas, exceto sucos de frutas ou de produtos hortícolas	Muito dinâmicos	Baixa	Outros produtos alimentares	Semimanufaturados
Outros calçados de couro natural	Intermediários	Baixa	Calçados, couros e peles	Manuf.intensivos em trabalho
Outros adubos ou fertilizantes minerais ou químicos	Intermediários	Médio-alta	Químicos diversos	Semimanufaturados
Outras frutas de casca rija, frescas ou secas, mesmo sem casca ou peladas	Intermediários	Não catalogados	Agropecuária	Produtos primários
"Dégras" e resíduos do tratamento das matérias graxas ou das ceras	Em decadência	Baixa	Óleos vegetais	Semimanufaturados
Outros produtos hortícolas preparados ou conservados, exceto em vinagre ou em ácido acético, não congelados	Intermediários	Baixa	Benef. de produtos vegetais	Semimanufaturados
Mancais (chumaceiras) sem rolamentos: "bronzes"	Em decadência	Médio-baixa	Máquinas e trabres	Manuf.intensivos em econ.de escala
Outros condensadores fixos, elétricos	Em decadência	Médio-alta	Material elétrico	Manuf.intensivos em econ.de escala

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Com relação às importações do Japão entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

5.4.6 Síntese dos resultados da competição Brasil–China no mercado importador japonês

Entre os biênios de 1996-1997 e 2001-2002, no grupo de produtos em que Brasil e China são, em princípio, concorrentes no mercado japonês (628 itens tarifários exportados pelos dois países), o Brasil apresentou aumento de *market share* para 303 produtos que, no total, proporcionaram ao país ganhos de competitividade de US\$ 380 milhões (ganhos brutos de competitividade). Em contrapartida, para os demais 325 produtos, foi observada uma redução de *market share*, o que implicou perdas de US\$ 694 milhões (perdas brutas de competitividade). Logo, para o grupo de produtos em análise, foram identificados perdas líquidas de competitividade (ganhos brutos menos perdas brutas) da ordem de US\$ 314 milhões. Essas perdas e ganhos, contudo, não podem ser creditadas apenas à China. De fato, o exame da competição Brasil–China no mercado japonês evidencia que:

- a) nos produtos em que o Brasil aumentou sua competitividade, apenas 8,6% de seus ganhos foram explicados por desvio de exportações chinesas (ganhos do Brasil sobre a China);
- b) nos produtos em que o Brasil perdeu competitividade, 28,6% das perdas do país deveram-se à China;
- c) comparando-se as perdas brasileiras atribuídas à China (US\$ 152 milhões) com os ganhos resultantes de deslocamento de exportações chinesas (US\$ 33 milhões), é possível inferir que as exportações brasileiras apresentaram uma perda líquida para a China de US\$ 119 milhões, cifra correspondente a 3,2% do valor da média anual das exportações brasileiras direcionadas ao Japão no biênio 1996-1997;
- d) os ganhos brutos de competitividade do Brasil sobre a China (US\$ 33 milhões) representam uma parcela diminuta das vendas externas chinesas para o Japão (0,08% da média anual do biênio 1996-1997);
- e) analisadas por atributos, as perdas líquidas brasileiras para a China no mercado japonês concentram-se em produtos semimanufaturados, “em decadência” e de reduzido (baixo e médio-baixo) conteúdo tecnológico. Tal resultado está fortemente influenciado pelo fato de as perdas de competitividade do Brasil estarem concentradas tanto em poucos setores (óleos vegetais, elementos químicos e siderurgia) como em poucos produtos (torta de soja, silício e ferrossilícios); e
- f) os produtos em que o Brasil apresentou maiores ganhos de competitividade sobre a China no mercado japonês são em sua quase totalidade (cerca de 90%) produtos “em decadência” e de baixo conteúdo tecnológico. Os semimanufaturados – basicamente de cortes de aves e ferro fundido – são responsáveis por 73% dos ganhos brasileiros sobre a China.

5.5 A COMPETIÇÃO BRASIL–CHINA NO MERCADO IMPORTADOR DA UNIÃO EUROPÉIA

Os cálculos dos ganhos e perdas de competitividade brasileiros em relação à China foram efetuados aplicando-se o modelo de G&Ps de competitividade a cada um dos pa-

íses-membros da União Européia (UE).⁶⁷ Assim, os produtos em que China e Brasil são competidores potenciais foram definidos como aqueles para os quais há registros de exportação chinesas e brasileiras direcionadas para pelo menos um dos países da região, nos biênios focalizados pelo trabalho. Por sua vez, tais produtos, que englobaram 1.867 itens tarifários (a seis dígitos do SH), foram agrupados segundo o seguinte critério: *i*) 352 produtos em que o Brasil apresenta ganhos líquidos sobre a China na região;⁶⁸ *ii*) 989 produtos em que o Brasil tem perdas líquidas para a China na região; e *iii*) 526 produtos em que os ganhos ou perdas brasileiros na região não estão relacionados à concorrência chinesa.⁶⁹

Os produtos dos dois primeiros grupos são aqueles em relação aos quais China e Brasil concorreram diretamente no mercado da UE. Em conjunto, responsabilizaram-se, respectivamente, por 67,4% e por 63,5% das exportações brasileiras e chinesas dirigidas à UE no biênio 2001-2002 (tabelas 86 e 87).

TABELA 86

Importações da UE discriminadas segundo o critério de ganhos e perdas de competitividade do Brasil relativamente à China – comparação dos biênios 1996-1997 e 2001-2002

(Em US\$ milhões CIF)

Produtos	Nº de SHs	Importações da UE					
		Média do biênio 1996-1997			Média do biênio 2001-2002		
		Total	Com origem		Total	Com origem	
	Brasil	China		Brasil	China		
A. Não passíveis de comparação	7	504	0	0	7.765	0	69
UE não importava (1996-1997)	4	0	0	0	7.765	0	69
UE deixou de importar (2001-2002)	3	504	0	0	0	0	0
B. Não concorrentes	3.087	568.877	1.125	11.503	607.238	2.170	16.980
B.1 No bloco em geral	2.756	497.256	1.002	11.363	532.118	1.877	16.737
Brasil não exporta	1.667	213.305	0	11.363	209.596	0	16.737
China não exporta	307	171.354	1.002	0	202.161	1.877	0
Brasil e China não exportaram	782	112.597	0	0	120.360	0	0
B.2 Brasil e China não exportam para os mesmos países	331	71.621	124	140	75.120	293	243
C. Exportados pelo Brasil e pela China	1.867	1.398.581	12.882	26.048	1.585.205	13.810	52.461
Brasil tem ganhos sobre a China	352	253.699	2.997	5.177	288.776	3.989	6.899
Brasil tem perdas para China	989	925.015	7.229	16.261	1.047.198	6.777	37.255
Demais produtos*	526	219.866	2.656	4.609	249.231	3.044	8.306
Total	4.961	1.967.962	14.008	37.551	2.200.208	15.980	69.510

Fonte: sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Produtos em que o Brasil tem ganhos (ou perdas), mas não relacionados à concorrência chinesa.

67. Produtos para os quais o somatório de ganhos/perdas calculados para cada um dos países da região resultou em saldo líquido negativo.

68. Um mesmo produto pode apresentar ganhos sobre a China em um determinado mercado – a exemplo da França –, e perda para a China em outro – a exemplo da Alemanha. Assim, foram considerados produtos com ganho sobre a China na UE aqueles para os quais o somatório de ganhos/perdas calculados para cada um dos países da região resultou em saldo líquido positivo.

69. Produtos exportados tanto pelo Brasil quanto pela China em relação aos quais os ganhos (ou perdas) brasileiros não estão relacionados à competição chinesa, mas à concorrência de terceiros países.

TABELA 87

Importações da UE discriminadas segundo o critério de ganhos e perdas de competitividade do Brasil relativamente à China – comparação dos biênios 1996-1997 e 2001-2002

(Em %)

Produtos	Nº de SHs (%)	Importações da UE					
		Média do biênio 1996-1997			Média do biênio 2001-2002		
		Total	Com origem		Total	Com origem	
			Brasil	China		Brasil	China
A. Não possíveis de comparação	0,1	0,0	0,0	0,0	0,4	0,0	0,1
UE não importava (1996-1997)	0,1	0,0	0,0	0,0	0,4	0,0	0,1
UE deixou de importar (2001-2002)	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
B. Não concorrentes	62,2	28,9	8,0	30,6	27,6	13,6	24,4
B.1 No bloco em geral	55,6	25,3	7,2	30,3	24,2	11,7	24,1
Brasil não exporta	33,6	10,8	0,0	30,3	9,5	0,0	24,1
China não exporta	6,2	8,7	7,2	0,0	9,2	11,7	0,0
Brasil e China não exportaram	15,8	5,7	0,0	0,0	5,5	0,0	0,0
B.2 Brasil e China não exportam para os mesmos países	6,7	3,6	0,9	0,4	3,4	1,8	0,3
C. Concorrentes	37,6	71,1	92,0	69,4	72,0	86,4	75,5
Brasil tem ganhos sobre a China	7,1	12,9	21,4	13,8	13,1	25,0	9,9
Brasil tem perdas para a China	19,9	47,0	51,6	43,3	47,6	42,4	53,6
Demais produtos*	10,6	11,2	19,0	12,3	11,3	19,0	11,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Produtos em que o Brasil tem ganhos (ou perdas), mas não relacionados à concorrência chinesa.

5.5.1 Quadro geral dos ganhos e perdas de competitividade do Brasil em relação à China no mercado importador da União Européia

Na tabela 88 está registrado o total de perdas e ganhos de competitividade das exportações brasileiras no mercado da União Européia (2001-2002 *vis-à-vis* 1996-1997) correspondente aos produtos exportados tanto pelo Brasil quanto pela China, destacando-se a parcela atribuída ao deslocamento de exportações brasileiras por exportações chinesas e vice-versa. Para o grupo de produtos focalizado, o Brasil apresentou um total de ganhos líquidos de competitividade de US\$ 1.506,3 milhões. Contudo, tais ganhos não podem ser atribuídos ao desvio de exportações chinesas, uma vez que em relação à China o Brasil apresentou perdas líquidas de competitividade. De fato, comparando-se as perdas brasileiras atribuídas à China (-US\$ 100,6 milhões) com os ganhos de comércio decorrentes do desvio de exportações chinesas (US\$ 58,1 milhões), constata-se que o Brasil apresentou perdas líquidas para a China no valor de US\$ 42,5 milhões, soma que corresponde a apenas 0,30% do valor da média anual das exportações brasileiras direcionadas à UE no biênio 1996-1997. É importante sublinhar, ainda, que no grupo de produtos em que o Brasil apresentou ganhos sobre a China, apenas 6,7% dos ganhos totais foram explicados por deslocamento de exportações chinesas (ganhos do Brasil sobre a China). Ao inverso, nos produtos em que o Brasil apresenta perdas para a China, mais de um terço das perdas (37,7%) está creditado ao melhor desempenho exportador chinês.

TABELA 88

Produtos exportados pelo Brasil e pela China para a UE – ganhos e perdas de competitividade no mercado importador da UE*

Produtos	Nº de SHs	G&P líquidos do Brasil** (US\$ milhões CIF)	
		(a) na UE	(b) em relação à China
		Produtos em que o Brasil tem ganhos sobre a China	352
Produtos em que o Brasil tem perdas para a China	989	-266,5	-100,6
Demais***	526	909,4	0
Total	1867	1506,3	-42,5

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Média do biênio 2001-2002 em relação à média do biênio 1996-1997 (em US\$ milhões CIF).

** Valores positivos correspondem a ganhos e valores negativos a perdas.

*** Produtos em que o Brasil tem ganhos (ou perdas), contudo não relacionados à concorrência chinesa.

Do ponto de vista dos países que formam o bloco e dos produtos analisados, constata-se que o Brasil apresenta ganhos de competitividade globais em todos os mercados, à exceção de Dinamarca e Finlândia. Já em relação à China, as exportações brasileiras registram ganhos líquidos sobre este país apenas na Alemanha (US\$ 13,6 milhões). Nos demais países europeus são observadas perdas líquidas para a China. O Reino Unido, os Países Baixos e a Itália são os mercados em que as perdas para a China são mais expressivas, respectivamente US\$ 17,9 milhões, US\$ 11,8 milhões e US\$ 9,7 milhões (tabela 89).

TABELA 89

Produtos exportados pelo Brasil e pela China para a UE – ganhos e perdas de competitividade no mercado importador da UE*, discriminados por países

Países	Perdas brutas		Ganhos brutos		Resultado líquido			
	Total (a)	Para a China (b)	(b)/(a) Em %	Total (c)	Sobre a China (d)	(d)/(c) Em %	Total** (a)+(c)	Em relação a China (b)+(d)
Reino Unido	-285,5	-19,3	6,7	354,3	1,4	0,4	68,8	-17,9
Países Baixos	-208,4	-17,6	8,5	628,9	5,8	0,9	420,5	-11,8
Itália	-304,5	-13,6	4,5	506,1	4,0	0,8	201,6	-9,7
França	-138,1	-10,1	7,3	399,2	5,7	1,4	261,1	-4,4
Bélgica–Luxemburgo	-93,4	-7,3	7,9	280,8	4,6	1,7	187,4	-2,7
Espanha	-131,6	-6,5	4,9	269,9	3,9	1,5	138,4	-2,5
Suécia	-34,1	-1,9	5,4	60,1	0,1	0,1	26,0	-1,8
Áustria	-23,3	-2,0	8,6	41,5	0,3	0,7	18,2	-1,7
Portugal	-33,4	-1,4	4,2	45,9	0,4	0,8	12,5	-1,0
Dinamarca	-92,5	-1,0	1,0	11,2	0,1	0,7	-81,4	-0,9
Finlândia	-8,0	-0,7	8,4	6,0	0,0	0,3	-2,0	-0,7
Grécia	-8,5	-0,8	9,5	18,7	0,3	1,7	10,2	-0,5
Irlanda	-14,1	-0,7	4,6	17,9	0,1	0,6	3,8	-0,5
Alemanha	-617,2	-25,2	4,1	858,4	38,8	4,5	241,2	13,6
Total UE	-1.992,6	-108,0	5,4	3.498,9	65,5	1,9	1.506,3	-42,5

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Média do biênio 2001-2002 em relação à média do biênio 1996-1997 (em US\$ milhões CIF).

** Valores positivos correspondem a ganhos e valores negativos a perdas.

5.5.2 Ganhos e perdas de competitividade do Brasil em relação à China, examinados por classe de produtos

Na tabela 90 mostra-se que, em relação à UE, o Brasil ganhou competitividade sobre a China em matéria de produtos básicos e, especialmente, semimanufaturados. Já as perdas de competitividade para a China estiveram concentradas em produtos manufaturados, com destaque para aqueles intensivos em trabalho. Cabe enfatizar que os manufaturados foram os responsáveis pelas perdas líquidas do Brasil frente à China na região.

TABELA 90

Ganhos e perdas de competitividade do Brasil em relação à China no mercado importador da UE, discriminados por grupo de produtos*

Produtos	Ganhos sobre a China		Perdas para a China		Resultado líquido**	
	US\$ milhões (a)	%	US\$ milhões(b)	%	US\$ milhões (a) + (b)	%
1. Básicos	7,7	13,3	-7,4	7,4	0,3	-0,7
2. Semimanufaturados	39,5	68,0	-10,1	10,0	29,4	-69,2
3. Manufaturados	10,9	18,8	-83	82,5	-72,1	169,6
Intensivos em trabalho	2,2	3,8	-39,3	39,1	-37,1	87,3
Demais manufaturados	8,7	15,0	-43,8	43,5	-35,1	82,6
4. Não classificados	0	0,0	-0,1	0,1	-0,1	0,2
Total	58,1	100,0	-100,6	100,0	-42,5	100,0

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

** Valores positivos representam ganhos líquidos e valores negativos significam perdas líquidas.

5.5.3 Ganhos e perdas de competitividade do Brasil em relação à China, examinados por dinamismo dos produtos⁷⁰

Como registrado na tabela 91, entre os biênios considerados o Brasil perdeu competitividade para a China em produtos dinâmicos (US\$ 28,5 milhões), em decadência (US\$ 16,4 milhões) e intermediários (US\$ 7 milhões). Ganhos sobre a China foram observados sobretudo em produtos muito dinâmicos (US\$ 9,3 milhões).

TABELA 91

Mercado importador da UE – ganhos e perdas de competitividade* do Brasil em relação à China, discriminados por dinamismo**

Produtos	Ganhos sobre a China		Perdas para a China		Resultado líquido***	
	US\$ milhões (a)	%	US\$ milhões (b)	%	US\$ milhões (a) + (b)	%
1.Muito dinâmicos	29,4	50,6	-20,1	20,0	9,3	-21,8
2.Dinâmicos	2,5	4,4	-31,1	30,9	-28,5	67,1
3.Intermediários	5,4	9,3	-12,4	12,3	-7,0	16,4
4.Em regressão	6,3	10,9	-6,2	6,2	0,1	-0,2
5.Em decadência	14,4	24,9	-30,8	30,7	-16,4	38,6
Total	58,1	100,0	-100,6	100,0	-42,5	100,0

Fonte: PC-TAS (Unctad)

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

** Indicadores calculados com base nas taxas de crescimento das importações da UE.

*** Valores positivos representam ganhos líquidos e valores negativos significam perdas líquidas.

5.5.4 Ganhos e perdas de competitividade do Brasil em relação à China, examinados por intensidade tecnológica

Cerca de metade das perdas líquidas de competitividade do Brasil para a China na UE deveu-se a produtos de baixa e média baixa intensidade tecnológica. Em contrapartida, a outra metade das perdas foi explicada por produtos de conteúdo tecnológico alto e médio-alto (tabela 92). Cabe destacar que os ganhos brutos brasileiros sobre a China concentraram-se em produtos de baixo conteúdo tecnológico.

TABELA 92

Ganhos e perdas de competitividade do Brasil * em relação à China no mercado importador da UE, discriminados por intensidade tecnológica

Intensidade tecnológica	Ganhos sobre a China		Perdas para a China		Resultado líquido**	
	US\$ milhões (a)	%	US\$ milhões (b)	%	US\$ milhões (a) + (b)	%
Baixa	39,9	68,7	-45,3	45,0	-5,4	12,7
Médio-baixa	1,6	2,8	-17,8	17,7	-16,2	38,1
Médio-alta	4,2	7,2	-13,4	13,3	-9,2	21,6
Alta	4,7	8,1	-16,5	16,4	-11,8	27,8
Não industrializados	7,7	13,3	-7,6	7,6	0,1	-0,2
Total	58,1	100,0	-100,6	100,0	-42,5	100,0

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

** Valores positivos representam ganhos líquidos e valores negativos significam perdas líquidas.

70. Dinamismo calculado com referência à taxa média de crescimento das importações da UE (2,3% a.a. no biênio 2001-2002 em relação ao biênio 1996-1997). Em regressão – produtos cuja taxa de crescimento (média anual) foi negativa; em decadência – produtos cuja taxa de crescimento foi maior ou igual a zero e menor do que 1% a.a.; intermediários – produtos cuja taxa de crescimento foi maior ou igual a 1% a.a. e menor do que 3% a.a.; dinâmicos – produtos cuja taxa de crescimento foi maior ou igual a 3% e menor do que 6%; muito dinâmicos – produtos cuja taxa de crescimento foi maior ou igual a 6% a.a.

5.5.5 Ganhos e perdas de competitividade do Brasil em relação à China: distribuição setorial e principais produtos

Na tabela 93 são apresentados os G&P do Brasil frente à China na UE, discriminados por setores. Observa-se que oito setores foram responsáveis por cerca de 70% das perdas brutas brasileiras, com destaque para o setores calçadista e de madeira e mobiliário, que registraram o maior volume de perdas, quer avaliadas em termos brutos, quer em termos líquidos. Seguem-se os setores de peças e outros veículos, têxtil, outros produtos metalúrgicos, equipamentos eletrônicos, farmacêutica e perfumaria, além de material elétrico. No que se refere aos ganhos brutos do Brasil sobre a China, por sua vez, metade destes foram explicados por produtos do setor de abate de animais. Em menor medida sobressaem, ainda, os setores de outros produtos alimentares, elementos químicos, siderurgia e agropecuária.

TABELA 93

Ganhos e perdas de competitividade* do Brasil em relação à China no mercado importador da UE, discriminados por setores**

Setores	Ganhos sobre a China		Perdas para a China		Resultado líquido**	
	US\$ milhões (a)	%	US\$ milhões (b)	%	US\$ milhões (a) + (b)	%
Setores com perdas líquidas						
1. Calçados, couros e peles	1,01	1,75	-12,64	12,57	-11,63	27,36
2. Madeira e mobiliário	0,08	0,13	-11,50	11,44	-11,43	26,89
3. Peças e outros veículos	0,03	0,06	-9,11	9,06	-9,08	21,36
4. Têxtil	1,39	2,39	-10,01	9,95	-8,62	20,29
5. Outros produtos metalúrgicos	0,34	0,58	-7,79	7,74	-7,45	17,52
6. Equipamentos eletrônicos	0,12	0,21	-6,34	6,30	-6,22	14,63
7. Farmacêutica e perfumaria	0,05	0,09	-5,95	5,92	-5,90	13,88
8. Material elétrico	1,73	2,98	-6,38	6,34	-4,65	10,94
9. Extrativo-mineral	1,60	2,76	-5,54	5,51	-3,94	9,27
10. Máquinas e tratores	0,43	0,73	-3,44	3,42	-3,02	7,10
11. Indústrias diversas	1,00	1,72	-3,89	3,86	-2,89	6,79
12. Minerais não metálicos	0,02	0,04	-2,54	2,53	-2,52	5,92
13. Químicos diversos	0,85	1,46	-3,31	3,29	-2,46	5,79
14. Plásticos	0,09	0,15	-1,93	1,92	-1,84	4,33
15. Artigos de vestuário	0,09	0,15	-1,42	1,41	-1,33	3,14
16. Refino de petróleo e petroq.	0,14	0,25	-0,87	0,87	-0,73	1,71
17. Celulose, papel e gráfica	0,14	0,25	-0,45	0,45	-0,30	0,71
18. Borracha	0,11	0,19	-0,38	0,38	-0,28	0,65
19. Metalurgia de não-ferrosos	0,39	0,67	-0,55	0,54	-0,16	0,38
A. Subtotal	9,61	16,55	-94,05	93,53	-84,45	198,68
Setores com ganhos líquidos						
1. Abate animais	30,30	52,18	-0,39	0,39	29,90	-70,34
2. Outros produtos alimentares	3,90	6,71	-0,25	0,24	3,65	-8,59
3. Elementos químicos	5,21	8,97	-1,65	1,64	3,55	-8,36
4. Siderurgia	3,77	6,49	-1,50	1,49	2,27	-5,34
5. Agropecuária	4,31	7,43	-2,17	2,16	2,14	-5,04
6. Óleos vegetais	0,38	0,66	-0,09	0,09	0,29	-0,68
7. Benefic. de produtos vegetais	0,59	1,01	-0,45	0,45	0,14	-0,32
B. Subtotal	48,45	83,45	-6,51	6,47	41,94	-98,68
Total geral (B+A)	58,06	100,00	-100,56	100,00	-42,51	100,00

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

** Valores positivos representam ganhos líquidos e valores negativos significam perdas líquidas.

Na tabela 94 são apresentados os vinte produtos em que o Brasil registrou maiores perdas devido à concorrência de fornecedores chineses no mercado importador da UE. O item tarifário correspondente a outros calçados de couro natural foi o que encerrou as perdas mais expressivas para a China (US\$ 10,3 milhões ou 10,2% do total de perdas líquidas).

TABELA 94

Perdas de competitividade do Brasil em relação à China no mercado importador da UE: principais produtos*

Produtos	Perdas do Brasil para a China		Saldo líquido do Brasil	
	(a) US\$ Milhões	Em %	(b) US\$ Milhões	(a)/(b) Em %
Outros calçados de couro natural	-10,3	10,2	-75,4	13,7
Rutosídeo (rutina) e seus derivados	-3,1	3,1	-7,8	39,7
Outras embarcações para o transporte de mercadorias ou de pessoas e de mercadorias	-2,7	2,7	-13,3	20,3
Cloranfenicol e derivados; sais destes produtos	-2,4	2,4	-2,5	96,0
Roupas de toucador ou de cozinha, de tecidos atalhados, de algodão	-2,4	2,4	-16,3	14,7
Fios de seda, não acondicionados para venda a retalho	-2,2	2,2	-2,3	95,7
Outros móveis de madeira	-2,2	2,2	-4,7	46,8
Portas e respectivos caixilhos, alizares e soleiras, de madeira	-2,0	2,0	-22,1	9,0
Veludos e pelúcias, tecidos, de algodão, obtidos por trama, cortados, canelados ("côteles")	-1,9	1,9	-5,3	35,8
Circuitos impressos	-1,7	1,7	-10,7	15,9
Pigmentos e suas preparações	-1,7	1,7	-3,7	45,9
Automatic data processing machines and units thereof, nes	-1,6	1,6	-4,2	38,1
Quadros, garfos e suas partes, para bicicletas e outros ciclos	-1,6	1,6	-2,5	64,0
Outras partes para motores diesel ou semidiesel	-1,5	1,5	-38,5	3,9
Outras obras de madeira	-1,5	1,5	-3,2	46,9
Móveis de madeira para quartos de dormir	-1,4	1,4	-18,0	7,8
Sacos, bolsas, cartuchos, de polímeros de etileno	-1,4	1,4	-6,5	21,5
Granito em bruto ou desbastado	-1,4	1,4	-30,2	4,6
Facas de mesa, de lâmina fixa, de metais comuns	-1,1	1,1	-1,3	84,6
Granito, cortado em blocos ou placas de forma quadrada ou retangular	-1,1	1,1	-3,4	32,4
Subtotal	-45,2	44,9	-271,7	16,6
Demais produtos com perdas para a China	-55,3	55,0	5,2	-1063,5
Total das perdas brutas	-100,6	100,0	-266,5	37,7

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

No quadro 22 encontram-se descritos os atributos dos produtos que apresentam maiores perdas para a China, o que confirma as evidências descritas nas seções anteriores.

QUADRO 22

Principais produtos brasileiros com perda de competitividade para a China no mercado importador da UE: indicadores variados

Produtos	Dinamismo*	Intensidade Tecnológica	Setor	Grupo
Outros calçados de couro natural	Dinâmico	Baixa	Calçados, couros e peles	Manufaturados intensivos em trabalho
Rutosídeo (rutina) e seus derivados	Dinâmico	Alta	Farmacêutica e perfumaria	Demais manufaturados
Outras embarcações para o transporte de mercadorias ou de pessoas e de mercadorias	Muito dinâmico	Médio-baixa	Peças e outros veículos	Demais manufaturados
Cloranfenicol e derivados; sais destes produtos	Muito dinâmico	Alta	Farmacêutica e perfumaria	Demais manufaturados
Roupas de toucador ou de cozinha, de tecidos atalhados, de algodão	Decadente	Baixa	Têxtil	Manufaturados intensivos em trabalho
Fios de seda, não acondicionados para venda a retalho	Muito dinâmico	Baixa	Têxtil	Manufaturados intensivos em trabalho
Outros móveis de madeira	Dinâmico	Baixa	Madeira e mobiliário	Manufaturados intensivos em trabalho
Portas e respectivos caixilhos, alizares e soleiras, de madeira	Em regressão	Baixa	Madeira e mobiliário	Semimanufaturados
Veludos e pelúcias, tecidos, de algodão, obtidos por trama, cortados, canelados ("côteles")	Intermediário	Baixa	Têxtil	manufaturados intensivos em trabalho
Circuitos impressos	Dinâmico	Alta	Equipamentos eletrônicos	Demais manufaturados
Pigmentos e suas preparações	Decadente	Alta	Químicos diversos	Demais manufaturados
Automatic data processing machines and units thereof	Muito dinâmico	Alta	Equipamentos eletrônicos	Demais manufaturados
Quadros, garfos e suas partes, para bicicletas e outros ciclos	Muito dinâmico	Médio-baixa	Peças e outros veículos	Demais manufaturados
Outras partes para motores diesel ou semidiesel	Dinâmico	Médio-alta	Peças e outros veículos	Demais manufaturados
Outras obras de madeira	Intermediário	Baixa	Madeira e mobiliário	Semimanufaturados
Móveis de madeira para quartos de dormir	Decadente	Baixa	Madeira e mobiliário	Manufaturados intensivos em trabalho
Sacos, bolsas, cartuchos, de polímeros de etileno	Dinâmico	Médio-baixa	Plásticos	Manufaturados intensivos em trabalho
Granito em bruto ou desbastado	Decadente	Não industrializado	Extrativo-mineral	Primários
Facas de mesa, de lâmina fixa, de metais comuns	Decadente	Baixa	Outros produtos metalúrgicos	Manufaturados intensivos em trabalho
Granito, cortado em blocos ou placas de forma quadrada ou retangular	Muito dinâmico	Não industrializado	Extrativo-Mineral	Primários

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Com relação às importações da UE entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

Como mostrado na tabela 95, os ganhos de competitividade brasileiros sobre a China na UE estão bastante concentrados em um único produto do setor de abate de animais (outras carnes e miudezas de outros animais), o qual, por si só, explica 42,5% dos ganhos brutos do Brasil sobre a China na região durante o período analisado.

TABELA 95

Ganhos de competitividade do Brasil em relação à China no mercado importador da UE: principais produtos*

Produtos	Ganhos do Brasil sobre a China		Saldo líquido do Brasil	
	(a) US\$ milhões	Em %	(b) US\$ milhões	(a)/(b) Em %
Outras carnes, miudezas, pós e farinhas comestíveis, de outros animais, salgados, secos, defumados	24,7	42,5	186,7	13,2
Outros silícios	3,8	6,5	18,4	20,7
Preparações alimentícias e conservas de patos, gansos e galinhas d'angola	3,4	5,9	16,2	21,0
Ferrossilício-manganês	3,1	5,3	10,6	29,2
Tripas, bexigas e estômagos de animais, exceto peixes, inteiros ou em pedaços, frescos, refrigerados, congelados, salgados, secos ou defumados	2,8	4,8	13,3	21,1
Mel natural	2,6	4,5	3,8	68,4
Fowl cuts and offal, domestic, except livers, frozen	1,7	2,9	-18,1	-9,4
Pimenta (do gênero "piper"), seca, não triturada nem em pó	1,3	2,2	7,6	17,1
Motores elétricos de potência <= 37,5 W	1,0	1,7	7,3	13,7
Seda crua (não fiada)	0,8	1,4	0,8	100,0
Preparações alimentícias e conservas de peru	0,7	1,2	37,8	1,9
Outros ácidos nucleicos e seus sais e outros compostos heterocíclicos	0,6	1,0	4,5	13,3
Ardósia, inclusive desbastada ou cortada em blocos ou placas	0,6	1,0	2,2	27,3
Motores e geradores elétricos, de corrente contínua, de potência > 37,5 W e <= 750 W	0,5	0,9	3,8	13,2
Couros e peles, de bovinos, pré-curtidos de outro modo	0,5	0,9	24,4	2,0
Ardósia natural trabalhada e obras de ardósia natural ou aglomerada	0,5	0,9	7,3	6,8
Tecidos de outras fibras têxteis vegetais ou de fios de papel	0,4	0,7	0,9	44,4
Outros calçados de matérias têxteis, com sola de borracha ou plástico	0,4	0,7	0,6	66,7
Essências de terebintina, de pinheiro ou da pasta de papel ao sulfato	0,3	0,5	1,3	23,1
Outros peixes, congelados, exceto fígado, ovas, sêmen, ou filés e outras carnes da posição 0304	0,3	0,5	10,0	3,0
Subtotal	49,9	85,9	339,4	14,7
Demais produtos com ganhos sobre a China	8,2	14,1	524,0	1,6
Total dos ganhos brutos	58,1	100,0	863,4	6,7

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

No quadro 23 confirma-se o fato de que os ganhos brasileiros sobre a China no mercado da UE estão significativamente concentrados em produtos não industrializados ou em semimanufaturados e manufaturados de baixo e médio-baixo conteúdo tecnológico.

QUADRO 23

Principais produtos brasileiros com ganhos de competitividade sobre a China no mercado importador da UE: indicadores variados

Produtos	Dinamismo*	Intensidade Tecnológica	Setor	Classe
Outras carnes, miudezas, pós e farinhas comestíveis, de outros animais, salgados, secos, defumados	Muito dinâmico	Baixa	Abate animais	Semimanufaturados
Outros silícios	Decadente	Alta	Elementos químicos	Semimanufaturados
Preparações alimentícias e conservas de patos, gansos e galinhas d'angola	Muito dinâmico	Baixa	Outros produtos alimentares	Semimanufaturados
Ferrossilício-manganês	Em regressão	Baixa	Siderurgia	Demais manufaturados
Tripas, bexigas e estômagos de animais, exceto peixes, inteiros ou em pedaços, frescos, refrigerados, congelados, salgados, secos ou defumados	Decadente	Não industrializado	Abate animais	Primário
Mel natural	Intermediário	Baixa	Agropecuária	Semimanufaturados
Fowl cuts and offal, domestic, except livers, frozen	Em regressão	Baixa	Abate animais	Semimanufaturados
Pimenta (do gênero "piper"), seca, não triturada nem em pó	Decadente	Não industrializado	Agropecuária	Primário
Motores elétricos de potência <= 37,5 W	Em regressão	Médio-alta	Material elétrico	Demais manufaturados
Seda crua (não fiada)	Decadente	Não industrializado	Têxtil	Primário
Preparações alimentícias e conservas de peru	Intermediário	Baixa	Abate animais	Semimanufaturados
Outros ácidos nucleicos e seus sais e outros compostos heterocíclicos	Dinâmico	Médio-alta	Elementos químicos	Semimanufaturados
Ardósia, inclusive desbastada ou cortada em blocos ou placas	Intermediário	Não industrializado	Extrativo-Mineral	Primário

(continua)

(continuação)

Produtos	Dinamismo*	Intensidade Tecnológica	Setor	Classe
Motores e geradores elétricos, de corrente contínua, de potência > 37,5 W e <= 750 W	Dinâmico	Médio-alta	Material elétrico	Demais manufaturados
Couros e peles, de bovinos, pré-curtidos de outro modo	Intermediário	Baixa	Calçados, couros e peles	Manufaturados intensivos em trabalho
Ardósia natural trabalhada e obras de ardósia natural ou aglomerada	Dinâmico	Médio-baixa	Extrativo-mineral	Demais manufaturados
Tecidos de outras fibras têxteis vegetais ou de fios de papel	Muito dinâmico	Baixa	Têxtil	Manufaturados intensivos em trabalho
Outros calçados de matérias têxteis, com sola de borracha ou plástico	Decadente	Baixa	Calçados, couros e peles	Manufaturados intensivos em trabalho
Essências de terebintina, de pinheiro ou da pasta de papel ao sulfato	Decadente	Médio-alta	Químicos diversos	Demais manufaturados
Outros peixes, congelados, exceto fígado, ovas, sêmen, ou filés e outras carnes da posição 0304	Muito dinâmico	Não industrializado	Outros produtos alimentares	Primário

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Com relação às importações da UE entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

5.5.6 Síntese dos resultados da competição Brasil-China no mercado importador da UE

Entre os biênios de 1996-1997 e 2001-2002, no grupo de produtos em que Brasil e China são, em princípio, concorrentes no mercado da UE (1.826 itens tarifários exportados pelos dois países), o Brasil apresentou ganhos líquidos globais de competitividade de US\$ 1.506,3 milhões. Vale enfatizar, contudo, que em relação apenas à China, o Brasil registrou perdas de líquidas de competitividade de US\$ 42,5 milhões. Com referência à concorrência Brasil-China no mercado da UE, pode-se afirmar ainda o seguinte:

- a) as perdas líquidas de competitividade para a China (US\$ 42,5 milhões) representaram apenas 0,3% da média anual das exportações brasileiras direcionadas ao mercado da UE no biênio 1996-1997;
- b) ocorreram perdas de competitividade do Brasil em relação à China em todos os países que compõem o mercado da UE, com exceção da Alemanha. O Reino Unido, os Países Baixos e a Itália compreendem os mercados em que as perdas para a China foram mais expressivas; e
- c) as perdas líquidas brasileiras para a China concentraram-se em produtos manufaturados, principalmente os dos setores de calçados, couros e peles, madeira e mobiliário, peças e outros veículos, além do têxtil.

5.6 A COMPETIÇÃO BRASIL-CHINA NO MERCADO IMPORTADOR DA ÁSIA-PACÍFICO⁷¹

A análise da competição Brasil-China no mercado da Ásia-Pacífico seguiu a mesma metodologia utilizada para o caso da UE. Tem como foco os produtos exportados conjuntamente pelo Brasil e pela China para o mercado da Ásia-Pacífico (1.126 itens tarifários – SH, 6 dígitos) agrupados do seguinte modo: *i*) 171 produtos em que o Brasil apresenta ganhos líquidos sobre a China na região; *ii*) 579 produtos em que o Brasil apresenta perdas líquidas para a China na região; e *iii*) 376 produtos

71. O mercado aqui denominado Ásia-Pacífico é formado pelos seguintes países: Coreia do Sul, Filipinas, Hong Kong, Indonésia, Malásia e Cingapura.

em que os ganhos ou perdas brasileiros na região não estão relacionados à concorrência chinesa.⁷²

Os dois primeiros grupos englobam os produtos em relação aos quais China e Brasil concorreram diretamente no mercado focalizado. Em conjunto, responsabilizaram-se, respectivamente, por 74,8% e por 41,3% das exportações brasileiras e chinesas dirigidas aos países analisados no biênio 2001-2002 (tabelas 96 e 97).

TABELA 96

Importações da Ásia-Pacífico* discriminadas segundo o critério de ganhos e perdas de competitividade do Brasil em relação à China – comparação dos biênios 1996-1997 e 2001-2002

(Em US\$ milhões CIF)

Produtos	Nº de SHs	Importações do bloco					
		Média do biênio 1996-1997			Média do biênio 2001-2002		
		Total	Com origem		Total	Com origem	
Brasil	China		Brasil	China			
A. Não passíveis de comparação	97	786	15	15	20.392	1	655
UE não importava (1996-1997)	13	0	0	0	20.392	1	655
UE deixou de importar (2001-2002)	84	786	15	15	0	0	0
B. Não concorrentes	3.778	213.100	73	43.707	180.861	39	51.908
B.1 No bloco em geral	3.694	208.992	58	43.534	176.664	23	51.647
Brasil não exporta	3.374	195.512	0	43.534	164.575	0	51.647
China não exporta	41	853	58	0	500	23	0
Brasil e China não exportaram	279	12.627	0	0	11.590	0	0
B.2 Brasil e China não exportam para os mesmos países	84	4.109	15	174	4.197	17	261
C. Exportados pelo Brasil e pela China	1.126	428.526	3.109	51.303	405.856	2.614	68.767
Brasil tem ganhos sobre a China	171	60.477	436	6.706	61.470	469	5.152
Brasil tem perdas para China	579	232.727	2.376	32.165	219.557	1.515	45.066
Demais produtos**	376	135.321	297	12.432	124.829	630	18.549
Total	5.001	642.413	3.197	95.024	607.110	2.655	121.330

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: *Coreia do Sul, Filipinas, Hong Kong, Indonésia, Malásia e Cingapura.

** Produtos em que o Brasil tem ganhos (ou perdas), contudo não relacionados à concorrência chinesa.

TABELA 97

Importações da Ásia-Pacífico* discriminadas segundo o critério de ganhos e perdas de competitividade do Brasil em relação à China – comparação dos biênios 1996-1997 e 2001-2002

(Em %)

Produtos	Nº de SHs	Importações do bloco					
		Média do biênio 1996-1997			Média do biênio 2001-2002		
		Total	Com origem		Total	Com origem	
Brasil	China		Brasil	China			
A. Não passíveis de comparação	1,9	0,1	0,5	0,0	3,4	0,0	0,5
UE não importava (1996-1997)	0,3	0,0	0,0	0,0	3,4	0,0	0,5
UE deixou de importar (2001-2002)	1,7	0,1	0,5	0,0	0,0	0,0	0,0
B. Não concorrentes	75,5	33,2	2,3	46,0	29,8	1,5	42,8
B.1 No bloco em geral	73,9	32,5	1,8	45,8	29,1	0,9	42,6
Brasil não exporta	67,5	30,4	0,0	45,8	27,1	0,0	42,6
China não exporta	0,8	0,1	1,8	0,0	0,1	0,9	0,0
Brasil e China não exportaram	5,6	2,0	0,0	0,0	1,9	0,0	0,0
B.2 Brasil e China não exportam para os mesmos países	1,7	0,6	0,5	0,2	0,7	0,6	0,2
C. Exportados pelo Brasil e pela China	22,5	66,7	97,2	54,0	66,9	98,5	56,7
Brasil tem ganhos sobre a China	3,4	9,4	13,6	7,1	10,1	17,7	4,2
Brasil tem perdas para China	11,6	36,2	74,3	33,8	36,2	57,1	37,1
Demais produtos**	7,5	21,1	9,3	13,1	20,6	23,7	15,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Sistema de dados do PC-TAS (Unctad).

Obs.: *Coreia do Sul, Filipinas, Hong Kong, Indonésia, Malásia e Cingapura.

** Produtos em que o Brasil tem ganhos (ou perdas), contudo não relacionados à concorrência chinesa.

72. Produtos exportados tanto pelo Brasil quanto pela China em relação aos quais os ganhos (ou perdas) brasileiros não estão relacionados à competição chinesa, mas à concorrência de terceiros países.

5.6.1 Quadro geral dos ganhos e perdas de competitividade do Brasil em relação à China no mercado importador da Ásia-Pacífico

Na tabela 98 está registrado o total de perdas e ganhos de competitividade das exportações brasileiras no mercado da Ásia-Pacífico (2001-2002 *vis-à-vis* 1996-1997) relativo aos produtos exportados tanto pelo Brasil quanto pela China, destacando-se a parcela atribuída ao deslocamento de exportações brasileiras por exportações chinesas e vice-versa. Para o grupo de produtos focalizado, o Brasil apresentou perdas globais de competitividade (ganhos brutos menos perdas brutas) de apenas US\$ 15,6 milhões. Vale destacar, contudo, que, em relação à China, o Brasil apresentou perdas líquidas de competitividade de US\$ 119,8 milhões, correspondentes a 3,7% do valor da média anual das exportações brasileiras direcionadas ao mercado da Ásia-Pacífico no biênio 1996-1997. Cumpre sublinhar, ainda, que no grupo de produtos em que o Brasil apresentou ganhos sobre a China, 27% dos ganhos brasileiros totais foram explicados por deslocamento de exportações chinesas (ganhos do Brasil sobre a China). Já no que respeita aos produtos em que o Brasil registrou perdas para a China, 29,2% destas deveram-se ao melhor desempenho exportador chinês.

TABELA 98

Produtos exportados pelo Brasil e pela China para a Ásia-Pacífico – * ganhos e perdas de competitividade no mercado importador do bloco**

Produtos	Nº de SHs	G&P líquidos do Brasil*** (US\$ milhões CIF)	
		(a) no bloco	(b) em relação à China
Produtos em que o Brasil tem ganhos sobre a China	171	246,9	66,7
Produtos em que o Brasil tem perdas para a China	579	-638,7	-186,5
Demais	376	376,2	0
Total	1126	-15,6	-119,8

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Coréia do Sul, Filipinas, Hong Kong, Indonésia, Malásia e Cingapura.

** Média do biênio 2001-2002 em relação à média do biênio 1996-1997 (em US\$ milhões – CIF).

*** Valores positivos correspondem a ganhos e valores negativos significam perdas.

Na tabela 99 estão representados os ganhos e perdas de competitividade do Brasil no mercado da Ásia-Pacífico, discriminados segundo os países do bloco. Verifica-se que, em termos globais, o Brasil apresentou ganhos de competitividade em Hong Kong (US\$ 148,8 milhões) e em Cingapura (140,7 milhões), mas registrou perdas na Coréia do Sul (US\$ 128,1 milhões), nas Filipinas (US\$ 87,2 milhões), na Indonésia (US\$ 68,2 milhões) e na Malásia (US\$ 21,7 milhões). Esses ganhos e perdas somados praticamente se compensaram, o que resultou em pequeno montante de perdas calculado para a região como um todo (US\$15,6 milhões). Considerada apenas a competição Brasil-China, entretanto, observa-se que o Brasil apresentou perdas para a China em todos os países, à exceção de Cingapura, com destaque para as verificadas na Coréia do Sul (US\$ 88 milhões) e em Hong Kong (US\$ 23,7 milhões).

TABELA 99

Produtos exportados pelo Brasil e pela China para a Ásia-Pacífico – * ganhos e perdas de competitividade no mercado importador do bloco, ** discriminado por países

Países	Perdas brutas(US\$ milhões CIF)			Ganhos brutos(US\$ milhões CIF)			Resultado líquido (US\$ milhões CIF)	
	Total(a)	Para a China (b)	(b)/(a) Em %	Total(c)	Sobre a China (d)	(d)/(c) Em %	Total (a)+(c)	Em relação à China (b)-(d)
Coreia do Sul	-463,0	-109,6	23,7	334,9	21,6	6,4	-128,1	-88,0
Hong Kong	-132,4	-49,3	37,2	281,1	25,6	9,1	148,8	-23,7
Malásia	-117,8	-10,1	8,6	96,0	5,2	5,4	-21,7	-5,0
Indonésia	-127,3	-5,8	4,6	59,2	2,1	3,6	-68,2	-3,7
Filipinas	-104,6	-2,6	2,5	17,4	0,1	0,7	-87,2	-2,5
Cingapura	-84,5	-10,2	12,1	225,3	13,2	5,9	140,7	3,0
Total	-1029,5	-187,7	18,2	1013,9	67,8	6,7	-15,6	-119,8

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Coreia do Sul, Filipinas, Hong Kong, Indonésia, Malásia e Cingapura.

** Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

5.6.2 Ganhos e perdas de competitividade do Brasil em relação à China no mercado da Ásia-Pacífico, examinados por classe de produtos

Avaliadas em termos líquidos, as perdas brasileiras para a China no mercado da Ásia-Pacífico concentraram-se em produtos semimanufaturados (US\$ 93,6 milhões), montante que corresponde a 78,2% do total das perdas líquidas para a China (tabela 100). No caso dos produtos manufaturados, as perdas líquidas alcançaram US\$ 24,4 milhões (20,4% do total). Deve-se destacar que o Brasil não apresentou ganhos líquidos de competitividade em qualquer classe de produto.

TABELA 100

Ganhos e perdas de competitividade em relação à China no mercado importador da Ásia-Pacífico, * discriminados por classe de produtos**

Produtos	Ganhos sobre a China		Perdas para a China		Resultado líquido***	
	US\$ milhões (a)	%	US\$ milhões (b)	%	US\$ milhões (a) + (b)	%
1. Básicos	6,5	9,8	-8,3	4,4	-1,8	1,5
2. Semimanufaturados	32,3	48,4	-125,9	67,5	-93,6	78,2
3. Manufaturados	27,8	41,8	-52,3	28,0	-24,4	20,4
Intensivos em trabalho	3,5	5,2	-15,1	8,1	-11,6	9,7
Demais manufaturados	24,4	36,6	-37,2	19,9	-12,8	10,7
Total	66,7	100,0	-186,5	100,0	-119,8	100,0

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Coreia do Sul, Filipinas, Hong Kong, Indonésia, Malásia e Cingapura.

** Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

*** Valores positivos representam ganhos líquidos e valores negativos significam perdas líquidas.

5.6.3 Ganhos e perdas de competitividade do Brasil em relação à China, examinados por dinamismo dos produtos⁷³

Examinadas por indicadores de dinamismo, as perdas líquidas do Brasil para a China no mercado importador da Ásia-Pacífico estão fortemente concentradas em produtos “em decadência” (65,3%), cujo resultado líquido apresenta perdas de US\$ 78,2 milhões (tabela 101). Seguem, em ordem de importância, os produtos dinâmicos (per-

73. Dinamismo calculado com referência à taxa média de crescimento das importações regionais (-1,1% a.a. no biênio 2001-2002 em relação ao de 1996-1997). O fato de a taxa de expansão das importações regionais mostrar-se negativa implicou a utilização de apenas três categorias de dinamismo, a saber: produtos em decadência (com taxa de crescimento média anual negativa); dinâmicos (produtos com taxa de crescimento positiva menor do que 6% a.a.); e produtos muito dinâmicos (com taxa de crescimento maior ou igual a 6% a.a.).

das líquidas de US\$ 32,6 milhões correspondentes a 27,2% do total), e os muito dinâmicos (perdas líquidas de US\$ 8,9 milhões correspondentes a 7,4% do total).

TABELA 101

Ganhos e perdas de competitividade* do Brasil em relação à China no mercado importador da Ásia-Pacífico discriminados por dinamismo*****

Produtos	Ganhos sobre a China		Perdas para a China		Resultado líquido****	
	US\$ milhões (a)	%	US\$ milhões (b)	%	US\$ milhões (a) + (b)	%
1. Muito dinâmicos	12,2	18,4	-21,1	11,3	-8,9	7,4
2. Dinâmicos	11,4	17,0	-44,0	23,6	-32,6	27,2
3. Em decadência	43,0	64,6	-121,3	65,0	-78,2	65,3
4. Não classificados	0,0	0,0	-0,1	0,0	-0,1	0,1
Total	66,7	100,0	-186,5	100,0	-119,8	100,0

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

** Coreia do Sul, Filipinas, Hong Kong, Indonésia, Malásia e Cingapura.

*** Indicadores calculados com base nas taxas de crescimento das importações do bloco.

**** Valores positivos representam ganhos líquidos e valores negativos significam perdas líquidas.

5.6.4 Ganhos e perdas de competitividade do Brasil em relação à China, examinados por intensidade tecnológica

Os dados da tabela 102 indicam que o maior poder competitivo da China frente ao Brasil no mercado da Ásia-Pacífico deveu-se a produtos de reduzida intensidade tecnológica. De fato, somadas, as perdas líquidas brasileiras nos produtos industrializados de baixo e médio-baixo conteúdo tecnológico alcançam US\$ 100,6 milhões, o que representa 83,9% das perdas líquidas totais para a China. Observe-se que nos produtos em que o Brasil apresenta ganhos sobre a China os ganhos de competitividade estão, do mesmo modo, concentrados em produtos de baixa e médio-baixa intensidade tecnológica.

TABELA 102

Ganhos e perdas de competitividade* do Brasil em relação à China no mercado importador da Ásia-Pacífico discriminados por intensidade tecnológica**

Intensidade tecnológica	Ganhos sobre a China		Perdas para a China		Resultado líquido***	
	US\$ milhões (a)	%	US\$ milhões (b)	%	US\$ milhões (a) + (b)	%
Baixa	46,3	69,5	-85,7	45,9	-39,3	32,8
Médio-baixa	11,8	17,7	-73,1	39,2	-61,3	51,1
Médio-alta	1,4	2,1	-16,1	8,6	-14,7	12,3
Alta	0,5	0,8	-3,4	1,8	-2,8	2,4
Não industrializados	6,6	9,8	-8,2	4,4	-1,7	1,4
Total	66,7	100,0	-186,5	100,0	-119,8	100,0

Fonte: PC-TAS (Unctad)

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

** Coreia do Sul, Filipinas, Hong Kong, Indonésia, Malásia e Cingapura.

*** Valores positivos representam ganhos líquidos e valores negativos significam perdas líquidas.

5.6.5 Ganhos e perdas de competitividade do Brasil em relação à China: distribuição setorial e principais produtos

Os ganhos e perdas de competitividade do Brasil frente à China (perdas brutas, ganhos brutos e resultado líquido), discriminados por setores, estão sintetizados na tabela 103. No período analisado, as exportações brasileiras registraram perdas de competitividade para a China em quase todos os setores analisados, sendo que apenas dois deles – metalurgia de não ferrosos e abate de animais – responsabilizaram-se por cerca de

60% das perdas líquidas frente à China. Estas alcançaram US\$ 51,9 milhões no caso da metalurgia de não-ferrosos e US\$ 20,8 milhões no caso de abate de animais.

Em apenas quatro setores (siderurgia, petróleo e carvão, outros produtos alimentares, e café) o Brasil logrou obter ganhos líquidos sobre a China, com destaque para a siderurgia, cujos ganhos líquidos atingiram US\$ 12,2 milhões no mercado em análise.

TABELA 103

Ganhos e perdas de competitividade* do Brasil em relação à China no mercado importador da Ásia-Pacífico, discriminados por setores**

Setores	Ganhos sobre a China		Perdas para a China		Resultado líquido***	
	US\$ milhões (a)	%	US\$ milhões (b)	%	US\$ milhões (a) + (b)	%
Setores com perdas líquidas						
1. Metalurgia de não ferrosos	11,2	16,9	-63,1	33,8	-51,9	43,3
2. Abate animais	3,8	5,7	-24,6	13,2	-20,8	17,4
3. Indústrias diversas	0,1	0,1	-11,2	6,0	-11,1	9,3
4. Madeira e mobiliário	0,5	0,8	-8,7	4,6	-8,1	6,8
5. Têxtil	0,3	0,4	-5,6	3,0	-5,3	4,4
6. Óleos vegetais	14,8	22,2	-19,4	10,4	-4,6	3,8
7. Material elétrico	0,3	0,4	-4,6	2,5	-4,4	3,7
8. Agropecuária	1,4	2,1	-5,5	2,9	-4,0	3,4
9. Equipamentos eletrônicos	0,1	0,2	-3,8	2,0	-3,6	3,0
10. Máquinas e tratores	0,5	0,7	-4,0	2,1	-3,5	3,0
11. Celulose, papel e gráfica	0,8	1,2	-3,8	2,1	-3,0	2,5
12. Peças e outros veículos	0,1	0,1	-3,0	1,6	-2,9	2,4
13. Outros produtos metalúrgicos	0,0	0,0	-2,7	1,5	-2,7	2,3
14. Refino de petróleo e petroq.	0,5	0,8	-2,9	1,5	-2,3	2,0
15. Benéf. de produtos vegetais	0,0	0,0	-2,3	1,2	-2,3	1,9
16. Minerais não metálicos	0,0	0,0	-1,8	1,0	-1,8	1,5
17. Artigos de vestuário	0,0	0,0	-1,3	0,7	-1,3	1,1
18. Extrativo-mineral	0,4	0,6	-1,2	0,6	-0,8	0,7
19. Elementos químicos	0,5	0,8	-1,2	0,6	-0,6	0,5
20. Químicos diversos	0,3	0,5	-0,7	0,4	-0,4	0,3
21. Farmacêutica e perfumaria	0,0	0,1	-0,4	0,2	-0,4	0,3
22. Plástica	0,0	0,0	-0,2	0,1	-0,2	0,1
23. Calçados, couros e peles	3,3	4,9	-3,4	1,8	-0,1	0,1
24. Borracha	0,0	0,1	-0,1	0,1	-0,1	0,1
25. Veículos automotores	0,0	0,0	-0,1	0,0	-0,1	0,1
A. Subtotal	39,1	58,6	-175,5	94,1	-136,4	113,8
Setores com ganhos líquidos						
1. Siderurgia	22,7	34,0	-10,5	5,6	12,2	-10,2
2. Petróleo e carvão	4,2	6,2	0,0	0,0	4,2	-3,5
3. Outros produtos alimentares	0,5	0,7	-0,3	0,2	0,2	-0,2
4. Café	0,2	0,3	-0,2	0,1	0,0	0,0
B. Subtotal	27,6	41,3	-11,0	5,9	16,6	-13,8
Total geral (B+A)	66,7	100,0	-186,5	100,0	-119,8	100,0

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

** Coreia do Sul, Filipinas, Hong Kong, Indonésia, Malásia e Cingapura.

*** Valores positivos representam ganhos líquidos e negativos significam perdas líquidas.

Na tabela 104 estão registrados os vinte produtos com maiores perdas de competitividade do Brasil para a China no mercado da Ásia-Pacífico. No período focalizado pelo estudo, pouco mais de metade (54%) das perdas brutas observadas estão relacionadas a quatro produtos: alumínio não ligado, tortas e outros resíduos de óleo de soja, cortes de aves, e carnes de suínos congeladas. Para todos os produtos com perdas para a China, à exceção de dois (couros e peles de bovinos, e fumo não manufaturado), as exportações brasileiras apresentaram perdas líquidas de competitividade em relação ao conjunto de competidores (China e demais países) no mercado da Ásia-Pacífico.

TABELA 104

**Perdas de competitividade em relação à China no mercado importador da Ásia-Pacífico:
*principais produtos****

Produtos	Perdas do Brasil para a China		Saldo líquido do Brasil	
	(a) US\$ milhões	Em %	(b) US\$ milhões	(a)/(b) Em %
Alumínio não ligado em forma bruta	-60,6	32,5	-94,0	64,5
Tortas e outros resíduos sólidos da extração do óleo de soja	-18,6	10,0	-174,7	10,7
Frangos congelados	-12,5	6,7	-10,2	122,1
Outras carnes de suíno, congeladas	-10,8	5,8	-12,8	83,9
Folhas para folheados e para compensados, de outras madeiras, de espessura = 6 mm	-7,8	4,2	-12,2	63,5
Outros papéis, cartões, têxteis, para fotografia a cores, sensibilizados, não impressionados	-5,4	2,9	-29,9	18,0
Laminados planos	-4,3	2,3	-28,4	15,0
Soja, mesmo triturada	-4,1	2,2	-38,9	10,6
Papel-carbono e semelhantes mesmo em caixas	-3,8	2,0	-9,4	40,4
Papel e cartão, de peso = 40g/m ² e = 150g/m ² , sem fibras obtidas por processo mecânico ou em que a percentagem dessas fibras seja = 10%	-3,0	1,6	-13,8	21,7
Outros tecidos de linho, contendo => 85% em peso de linho	-2,2	1,2	-2,6	84,9
Fumo não manufacturado, total ou parcialmente destalado	-1,9	1,0	9,8	-19,1
Trituradores e misturadores de alimentos; espremedores de frutas ou produtos hortícolas	-1,9	1,0	-2,8	66,2
Fio-máquina	-1,7	0,9	-2,6	65,9
Fios simples, de raio viscoso, sem ou com torção = 120 voltas/metro	-1,3	0,7	-1,8	75,8
Árvores (veios) de transmissão, incluídas as de excêntricos (carnes) e virabrequins (cambotas) e manivelas	-1,3	0,7	-1,9	68,3
Outros couros e peles, de bovinos e equídeos, plena flor e plena flor dividida	-1,2	0,7	41,4	-3,0
Tecidos de algodão, fios de diversas cores, "denim", contendo => 85% em peso de algodão, de peso > 200 g/m ²	-1,2	0,6	-1,3	90,4
Aparelhos telefônicos	-1,0	0,6	-1,4	76,6
Outros aparelhos eletromecânicos, com motor elétrico, de uso doméstico	-1,0	0,5	-1,2	83,7
Subtotal	-145,6	78,0	-388,6	37,5
Demais produtos com perdas	-40,9	22,0	-250,0	16,4
Total das perdas brutas	-186,5	100,0	-638,7	29,2

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Coréia do Sul, Filipinas, Hong Kong, Indonésia, Malásia e Cingapura.

** Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

No quadro 24 estão descritos os atributos dos vinte produtos com maiores perdas de competitividade para a China no mercado da Ásia-Pacífico. Observa-se uma concentração das perdas brasileiras em produtos de baixa ou médio-baixa intensidade tecnológica (14 entre os 20 produtos). No que diz respeito ao dinamismo do mercado importador, doze produtos estão classificados como “decadentes” e oito como “dinâmicos” ou “muito dinâmicos”.

QUADRO 24

Principais produtos brasileiros com perda de competitividade para a China no mercado importador da Ásia-Pacífico: * indicadores variados

Produtos	Dinamismo**	Intensidade tecnológica	Setor	Grupo
Alumínio não ligado em forma bruta	Decadente	Médio-baixa	Metalurgia de não ferrosos	Semimanufaturados
Tortas e outros resíduos sólidos da extração do óleo de soja	Dinâmico	Baixa	Óleos vegetais	Semimanufaturados
Frangos congelados	Dinâmico	Baixa	Abate animais	Semimanufaturados
Outras carnes de suíno, congeladas	Muito dinâmico	Baixa	Abate animais	Semimanufaturados
Folhas para folheados e para compensados, de outras madeiras, de espessura <= 6 mm	Decadente	Baixa	Madeira e mobiliário	Semimanufaturados
Outros papéis, cartões, têxteis, para fotografia a cores, sensibilizados, não impressionados	Decadente	Médio-alta	Indústrias diversas	Demais manufacturados
Laminados planos	Decadente	Baixa	Siderurgia	Demais manufacturados
Soja, mesmo triturada	Decadente	Não industrializado	Agropecuária	Primários
Papel-carbono e semelhantes mesmo em caixas	Muito dinâmico	Baixa	Indústrias diversas	Semimanufaturados
Papel e cartão, de peso => 40g/m ² e =< 150g/m ² , sem fibras obtidas por processo mecânico ou em que a percentagem dessas fibras seja =< 10%	Decadente	Baixa	Celulose, papel e gráfica	Semimanufaturados
Outros tecidos de linho, contendo => 85% em peso de linho	Dinâmico	Baixa	Têxtil	Manufat. Intensivo em trabalho
Fumo não manufacturado, total ou parcialmente destalado	Decadente	Não industrializado	Beneficiamento de produtos vegetais	Primários
Trituradores e misturadores de alimentos; espremedores de frutas ou produtos hortícolas	Decadente	Médio-alta	Material elétrico	Demais manufacturados
Fio-máquina	Muito dinâmico	Baixa	Siderurgia	Demais manufacturados

(continua)

(continuação)

Produtos	Dinamismo**	Intensidade tecnológica	Setor	Grupo
Fios simples, de raio viscoso, sem ou com torção <= 120 voltas por metro	Decadente	Baixa	Refino de petróleo e petro-químicos	Manufat. intensivo em trabalho
Arvores (veios) de transmissão, incluídas as de excêntricas (cames) e virabrequins (cambotas) e manivelas	Dinâmico	Médio-baixa	Peças e outros veículos	Demais manufaturados
Outros couros e peles, de bovinos e eqüídeos, plena flor e plena flor dividida	Muito dinâmico	Baixa	Calçados, couros e peles	Manufat. intensivo em trabalho
Tecidos de algodão, fios de diversas cores, "denim", contendo => 85% em peso de algodão, de peso > 200 g/m2	Decadente	Baixa	Têxtil	Manufat. intensivo em trabalho
Aparelhos telefônicos	Decadente	Alta	Equipamentos eletrônicos	Demais manufaturados
Outros aparelhos eletromecânicos, com motor elétrico, de uso doméstico	Muito dinâmico	Médio-alta	Material elétrico	Demais manufaturados

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Coréia do Sul, Filipinas, Hong Kong, Indonésia, Malásia e Cingapura.

** Com relação às importações da região entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

Na tabela 105 estão descritos os vinte produtos em que o Brasil obteve maiores ganhos de competitividade sobre a China no mercado importador da Ásia-Pacífico. Apenas três deles – ferro fundido bruto (US\$ 28,3 milhões), óleo de soja (US\$ 22,2 milhões) e níquel bruto (US\$ 16,8 milhões) – foram responsáveis por 67,5% dos ganhos brutos de competitividade do Brasil sobre a China no período analisado.

TABELA 105

Ganhos de competitividade do Brasil em relação à China no mercado importador da Ásia-Pacífico: * principais produtos**

Produtos	Ganhos do Brasil sobre a China		Saldo líquido do Brasil	
	(a) US\$ milhões	Em %	(b) US\$ milhões	(a)/(b) Em %
Ferro fundido bruto não ligado, contendo, em peso <= 0,5% de fósforo	18,9	28,3	26,9	70,0
Óleo de soja e respectivas frações, mesmo refinados, mas não quimicamente modificados	14,8	22,2	26,9	55,0
Níquel não ligado, em formas brutas	11,2	16,8	26,1	43,0
Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos	4,2	6,2	19,2	21,7
Carnes de bovino, desossadas, congeladas	3,3	5,0	26,6	12,6
Outros couros e peles, de bovinos e de eqüídeos, apergaminhados ou preparados após curtimenta	2,9	4,4	16,9	17,2
Produtos semimanufaturados, de ferro ou aço, não ligados, contendo em peso < 0,25% de carbono, de seção transversal quadrada ou retangular e largura < 2 vezes a espessura	2,6	3,9	-10,0	-25,6
Fumo não manufaturado, não destalado	1,4	2,1	3,2	42,9
Outros papéis, cartões, pasta de celulose e mantas de fibras de celulose, cortados e suas obras	0,7	1,1	2,2	33,6
Madeiras serradas diversas (Okoume, Obeche, Sapelli, Sipo, Acajou d'Afrique, Makore etc.)	0,4	0,6	6,3	6,6
Outros peixes secos, mesmo salgados, mas não defumados	0,4	0,6	6,2	6,4
Outros produtos semimanufaturados, de ferro ou aço, não ligados, contendo em peso => 0,25% de carbono	0,4	0,6	7,2	5,2
Outros produtos laminados planos, de ferro ou aço não ligados, de largura => 600 mm, galvanizados por outro processo	0,3	0,5	1,6	20,4
"Bulldozers" e "angledozers", de lagartas, autopropulsores	0,3	0,5	2,2	14,3
Dióxido de manganês	0,3	0,5	1,9	16,5
Ligas de ferro fundido bruto	0,3	0,5	0,7	41,6
Minérios de nióbio, tântalo ou vanádio, e seus concentrados	0,3	0,5	0,7	42,6
Partes superiores de calçados e seus componentes, exceto contrafortes e biqueiras rígidas	0,3	0,4	0,4	75,3
Carcasas e meias-carcasas de suíno, congeladas	0,3	0,4	0,3	100,0
Corantes reagentes e suas preparações	0,2	0,4	1,6	15,7
Subtotal	63,5	95,3	167,0	38,0
Demais produtos com ganho	3,1	4,7	79,8	3,9
Total dos ganhos brutos	66,7	100,0	246,9	27,0

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Coréia do Sul, Filipinas, Hong Kong, Indonésia, Malásia e Cingapura.

** Entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

O quadro 25, por sua vez, mostra que os ganhos brasileiros resultantes de deslocamento de exportações chinesas dirigidas ao mercado da Ásia-Pacífico, concentraram-se em produtos cujo dinamismo comercial encontra-se "em decadência" (13 entre 20 produtos). No que se refere ao conteúdo tecnológico, 16 dos 20 produtos apresentam baixa ou médio-baixa intensidade tecnológica.

Principais produtos brasileiros com ganhos de competitividade sobre a China no mercado importador da Ásia-Pacífico: * indicadores variados

Produtos	Dinamismo**	Intensidade tecnológica	Setor	Classe
Ferro fundido bruto não ligado, contendo, em peso = 0,5% de fósforo	Decadente	Baixa	Siderurgia	Demais manufaturados
Óleo de soja e respectivas frações, mesmo refinados, mas não quimicamente modificados	Decadente	Baixa	Óleos vegetais	Semimanufaturados
Níquel não ligado, em formas brutas	Muito dinâmico	Médio-baixa	Metalurgia de não ferrosos	Semimanufaturados
Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos	Dinâmico	Não industrializado	Petróleo e carvão	Primários
Carnes de bovino, desossadas, congeladas	Dinâmico	Baixa	Abate animais	Semimanufaturados
Outros couros e peles, de bovinos e de eqüídeos, apergaminhados ou preparados após curtimenta	Dinâmico	Baixa	Calçados, couros e peles	Manufat. intensivo em trabalho
Produtos semimanufaturados, de ferro ou aço, não ligados, contendo em peso < 0,25% de carbono, de seção transversal quadrada ou retangular e largura < 2 vezes a espessura	Decadente	Baixa	Siderurgia	Demais manufaturados
Fumo não manufaturado, não destalado	Decadente	Não industrializado	Agropecuária	Primários
Outros papéis, cartões, pasta de celulose e mantas de fibras de celulose, cortados e suas obras	Decadente	Baixa	Celulose, papel e gráfica	Semimanufaturados
Madeiras serradas diversas (Okoume, Obeche, Sapelli, Sipo, Acajou d'Afri- que, Makore etc.)	Decadente	Baixa	Madeira e mobiliário	Semimanufaturados
Outros peixes secos, mesmo salgados, mas não defumados	Dinâmico	Baixa	Outros produtos alimentares	Semimanufaturados
Outros produtos semimanufaturados, de ferro ou aço, não ligados, contendo em peso = 0,25% de carbono	Decadente	Baixa	Siderurgia	Demais manufaturados
Outros produtos laminados planos, de ferro ou aço não ligados, de largura = 600 mm, galvanizados por outro processo	Decadente	Baixa	Siderurgia	Demais manufaturados
"Bulldozers" e "angledozers", de lagartas, autopropulsores	Decadente	Médio-baixa	Máquinas e traleres	Demais manufaturados
Dióxido de manganês	Decadente	Médio-alta	Elementos químicos	Semimanufaturados
Ligas de ferro fundido bruto	Decadente	Baixa	Siderurgia	Demais manufaturados
Minérios de nióbio, tântalo ou vanádio, e seus concentrados	Muito dinâmico	Não industrializado	Extrativo-Mineral	Primários
Partes superiores de calçados e seus componentes, exceto contrafortes e biqueiras rígidas	Decadente	Baixa	Calçados, couros e peles	Manufat. intensivo em trabalho
Carcacas e meias-carcacas de suíno, congeladas	Muito dinâmico	Baixa	Abate animais	Semimanufaturados
Corantes reagentes e suas preparações	Decadente	Alta	Químicos diversos	Demais manufaturados

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Coreia do Sul, Filipinas, Hong Kong, Indonésia, Malásia e Cingapura.

** Com relação às importações da região entre os biênios 2001-2002 e 1996-1997.

5.6.6 Síntese dos resultados da competição Brasil- China no mercado importador da Ásia-Pacífico

Entre os biênios de 1996-1997 e 2001-2002, no grupo de produtos em que Brasil e China são, em princípio, concorrentes no mercado da Ásia-Pacífico (1.126 itens tarifários exportados pelos dois países), o Brasil apresentou ganhos sobre a China em 171 produtos. Estes, somados, proporcionaram ao país ganhos de competitividade de US\$ 247 milhões (ganhos brutos de competitividade). Em contrapartida, para os 579 produtos para os quais foram observadas perdas para a China, o Brasil apresentou perdas globais de competitividade correspondentes a US\$ 639 milhões (perdas brutas de competitividade). Considerando-se todos os produtos do grupo focalizado, foram identificadas perdas líquida globais de competitividade (ganhos brutos menos perdas brutas) de US\$ 16 milhões. Vale destacar, contudo, que as perdas líquidas de competitividade do Brasil em relação à China foram bem mais elevadas do que as perdas líquidas globais (considerados todos os concorrentes), uma vez que atingiram cerca de US\$ 120 milhões no período.

A análise dos G&Ps de competitividade relativa ao grupo de produtos em que Brasil e China apresentam-se como concorrentes no mercado importador da Ásia-Pacífico permite ainda destacar os seguintes aspectos:

- a) as perdas líquidas de competitividade do Brasil para a China (US\$ 120 milhões) representam 2,1% da média anual das exportações brasileiras direcionadas ao mercado da Ásia-Pacífico no biênio 1996-1997;
- b) ocorreram perdas de competitividade do Brasil em relação à China em todos os países que compõem o mercado da Ásia-Pacífico, com exceção de Cingapura; todavia, apenas dois países (Coréia do Sul e Hong Kong) concentram 93% das perdas brasileiras em relação à China;
- c) analisadas por atributos como classe de produtos, dinamismo das importações e conteúdo tecnológico, as perdas líquidas brasileiras para a China concentram-se em produtos semimanufaturados, “em decadência” e de reduzido (baixo e médio-baixo) conteúdo tecnológico. Tal resultado está fortemente influenciado pelo fato de as perdas de competitividade do Brasil estarem concentradas em setores como metalurgia de não ferrosos e abate de animais. Estes setores representam cerca de 60% das perdas líquidas brasileiras atribuídas a fornecedores chineses; e
- d) os produtos em que o Brasil apresentou maiores ganhos de competitividade em relação à China no mercado da Ásia-Pacífico são em sua maioria produtos “em decadência” e de baixo conteúdo tecnológico. Produtos como ferro fundido, óleo de soja e níquel em bruto respondem por quase 70% dos ganhos brasileiros sobre a China no mercado da Ásia-Pacífico.

5.7 A COMPETIÇÃO BRASIL-CHINA NOS MERCADO SELECIONADOS: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas últimas duas décadas, a progressiva transição da China em direção a uma economia de mercado foi acompanhada por um processo de crescimento econômico excepcional, caracterizado, entre outros elementos, pelo aprofundamento da integração do país aos fluxos internacionais de comércio e de capitais. Os efeitos deste processo sobre economias com graus de desenvolvimento similares ao da economia brasileira são diversos e têm sido objeto de investigação em seus múltiplos aspectos. Produziram, por um lado, oportunidades comerciais associadas a um mercado potencial de 1,3 bilhão de consumidores, cuja abertura vem permitindo às economias em desenvolvimento elevar suas exportações para a China, especialmente as de *commodities* em volumes e preços até então inéditos. Por outro lado, e em contrapartida, geraram ameaças a produtores locais em seus mercados domésticos e, para determinados setores exportadores, implicaram o acirramento da competição em terceiros mercados. No que respeita especificamente a estes dois últimos pontos, alguns analistas⁷⁴ têm sugerido que o desempenho comercial chinês poderá, em alguma medida, pôr em xeque o próprio lugar de algumas economias em desenvolvimento, entre as quais a brasileira, na divisão internacional do trabalho, contrariando a teoria de que o desenvolvimento econômico destes países pode sustentar-se tendo a indústria como pilar mais relevante.

A literatura existente sobre esses temas sugere, ainda, que o poder competitivo da China fundamenta-se em vários fatores, entre os quais cabe destacar a oferta abundante de mão-de-obra, a crescente elevação da produtividade industrial e o grau e

74. Ver, por exemplo, Moreira (2004).

a natureza da intervenção do Estado na economia. A oferta abundante de mão-de-obra, em geral melhor qualificada que a brasileira, permitiria à China praticar salários equivalentes em média a um terço dos praticados no Brasil, circunstância essa que tenderia a persistir por muito tempo, uma vez que a China concentra, ainda hoje, cerca de metade de sua força de trabalho na agricultura. As menores taxas de salário garantiriam à indústria chinesa maior potencial competitivo em produtos intensivos em trabalho, o que seria potencializado pelo fato de o atual hiato de produtividade do trabalho favorável à indústria brasileira *vis-à-vis* à chinesa vir-se reduzindo nos últimos anos.

Às vantagens associadas ao menor custo da mão-de-obra somar-se-iam, ademais, os benefícios resultantes de políticas de Estado que englobam, entre outros elementos, o manejo do câmbio, subsídios nos campos do crédito e da pesquisa, e a oferta de incentivos redutores de custos e riscos associados à inovação. Embora a adesão da China à OMC, em 2001, venha reduzindo o poder de arbítrio do Estado chinês no campo comercial, persistem ainda práticas competitivas não convencionais que favorecem os exportadores chineses.

Sem pretender discutir as questões antes registradas, questões correlatas foram tratadas ao longo do presente trabalho, na medida em que buscou-se avaliar os impactos da penetração de produtos chineses sobre as exportações brasileiras em mercados relevantes (Estados Unidos, União Européia, Argentina, Japão e Ásia-Pacífico), os quais, reunidos, absorvem cerca de três quartos do valor das vendas externas do país. Vale lembrar, contudo, que a metodologia aqui utilizada não permite discutir as causas do aumento ou da redução da competitividade do Brasil frente à China nos mercados analisados.

Com efeito, os valores dos G&Ps de competitividade encontrados para cada um dos mercados estudados referem-se ao desempenho comercial do passado, o que torna prudente utilizá-los tão-somente como uma fotografia do comportamento do comércio no período de referência (biênio 2001-2002 em relação ao biênio 1996-1997), e não como parâmetros para projetar desempenho comercial futuro. De todo modo, algumas evidências importantes foram encontradas, o que justifica os comentários que se seguem.

Merece destaque o fato de que, entre os biênios 1996-1997 e 2001-2002, o Brasil perdeu competitividade para a China em todos os mercados analisados, à exceção da Argentina (tabela 106). Neste último país, os ganhos brasileiros foram modestos (US\$ 11,7 milhões, correspondentes a 0,2% do valor médio anual das exportações brasileiras para o mercado argentino no biênio 1996-1997) e obtidos numa conjuntura de redução absoluta das importações platinas, dada a crise que se abateu sobre o país no período coberto pelo estudo. Em outras palavras, é possível afirmar que na Argentina os ganhos brasileiros sobre a China resultaram do fato de as exportações brasileiras terem se reduzido relativamente menos do que as exportações chinesas. Cabe enfatizar, ainda, que tais ganhos estiveram muito concentradas em calçados, produtos em relação aos quais a Argentina constitui um mercado tradicional para fornecedores brasileiros, e cuja competitividade é, em grande parte, derivada de vantagens de localização.

Nos demais mercados analisados, as perdas brasileiras para a China mostraram-se mais relevantes no mercado norte-americano, tanto em termos absolutos (US\$ 611,4 milhões), quanto em termos relativos (6,3% do valor da média das exportações brasileiras para os EUA no biênio 1996-1997). Seguem-se as perdas verificadas no Japão e nos países da Ásia-Pacífico, cujos valores são bastante similares (em torno de US\$ 119 milhões) e representam apenas cerca de um quinto do valor das perdas encontradas para os EUA. No tocante à UE, as perdas para a China foram as menores (US\$ 42,5 milhões) entre as encontradas para todos os mercados analisados.

TABELA 106

Ganhos e perdas do Brasil em relação à China: * mercados selecionados

Países/regiões	(a) Ganhos sobre a China US\$ milhões	(b) Perdas para a China US\$ milhões	Resultado líquido (a) + (b)		Participação dos G&Ps nas exportações brasileiras**
			US\$ milhões	(%)	
EUA	65,1	-676,5	-611,4	69,4	6,3
Argentina	30,1	-18,4	11,7	-1,3	0,2
Japão	33,0	-152	-119,1	13,5	3,2
UE	58,1	-100,6	-42,5	4,8	0,3
Ásia-Pacífico	66,7	-186,5	-119,8	13,6	3,7
Total	253,0	-1134,0	-881,1	100,0	

Fonte: PC-TAS (Unctad).

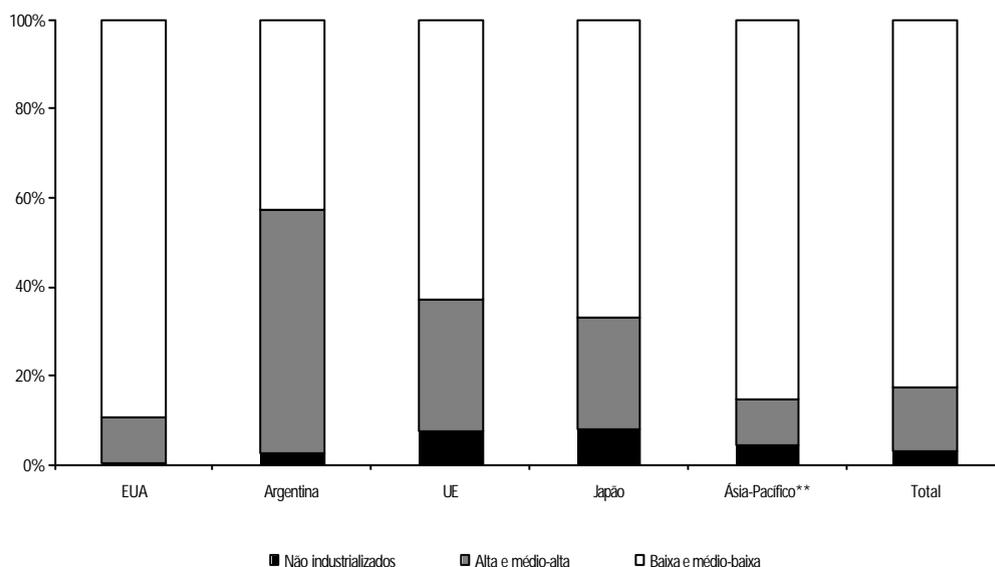
Obs.: * G&P calculados entre os biênios 1996-1997 e 2001-2002.

** Participação nas exportações médias do biênio 1996-1997 dirigidas aos respectivos mercados.

Os resultados obtidos mostram ainda que a competição Brasil-China apresenta reduzida importância na esfera de produtos básicos. De fato, a competição mais acirrada verifica-se no comércio de produtos manufaturados e semimanufaturados. Cumpre ressaltar que a concentração da competição em manufaturados é particularmente intensa nos mercados dos EUA, da União Europeia e da Argentina. No Japão e nos países da Ásia-Pacífico, diferentemente, a competição mais acirrada está centrada em produtos semimanufaturados (gráficos 1 e 2).

GRÁFICO 1

Distribuição das perdas* brutas do Brasil para a China, por classe de produtos

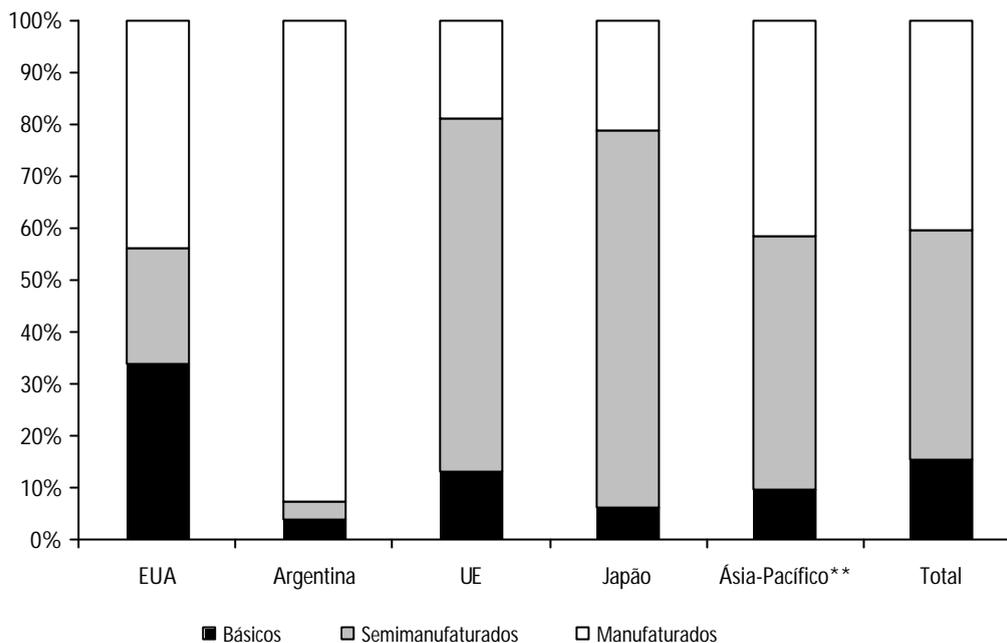


Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Cálculo das perdas (média do biênio 2001-2002 *vis-à-vis* média do biênio 1996-1997).

** Coreia do Sul, Filipinas, Hong Kong, Indonésia, Malásia e Cingapura.

GRÁFICO 2

Distribuição dos ganhos* brutos do Brasil sobre a China, por classe de produtos

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Cálculo dos ganhos (média do biênio 2001-2002 *vis-à-vis* a média do biênio 1996-1997)

** Coreia do Sul, Filipinas, Hong Kong, Indonésia, Malásia e Cingapura.

A tese de que a maior competitividade chinesa repousa no menor custo da mão-de-obra parece se confirmar nos EUA e, em menor medida, na UE. Nos EUA as perdas referentes a manufaturados intensivos em trabalho representaram mais de dois terços do valor das perdas brasileiras para a China. Na UE foram, do mesmo modo, importantes como parcela das perdas para a China na região (tabela 107). Vale destacar, também, que, com relação aos EUA, as perdas para a China em mercadorias intensivas em trabalho atingiram valores absolutos (US\$ 440,8 milhões) muito superiores aos verificados para a UE (US\$ 37,1 milhões). Em ambos os mercados, todavia, os resultados estão muito enviesados pelo fato de as perdas brasileiras para a China apresentarem alto grau de concentração – no caso dos EUA, em produtos do setor calçadista, enquanto na UE, em produtos dos setores calçadista e de mobiliário.

Em relação ao Japão e à Ásia-Pacífico, o Brasil apresentou perdas líquidas para China em todas as classes de produtos, inclusive na categoria dos básicos, produtos em que, regra geral, o Brasil apresenta maior competitividade no plano mundial. Entretanto, nos dois mercados as perdas líquidas para a China estão concentradas em produtos semimanufaturados.

De maneira geral, em todos os mercados analisados, a competição Brasil-China é mais acirrada em produtos de intensidade tecnológica médio-baixa e baixa (gráficos 3 e 4). Por esta razão, as perdas líquidas brasileiras registram elevado grau de concentração nesses produtos nos EUA, na UE, no Japão e na Ásia-Pacífico (tabela 108).

TABELA 107

Ganhos e perdas do Brasil em relação à China,* segundo classe de produtos

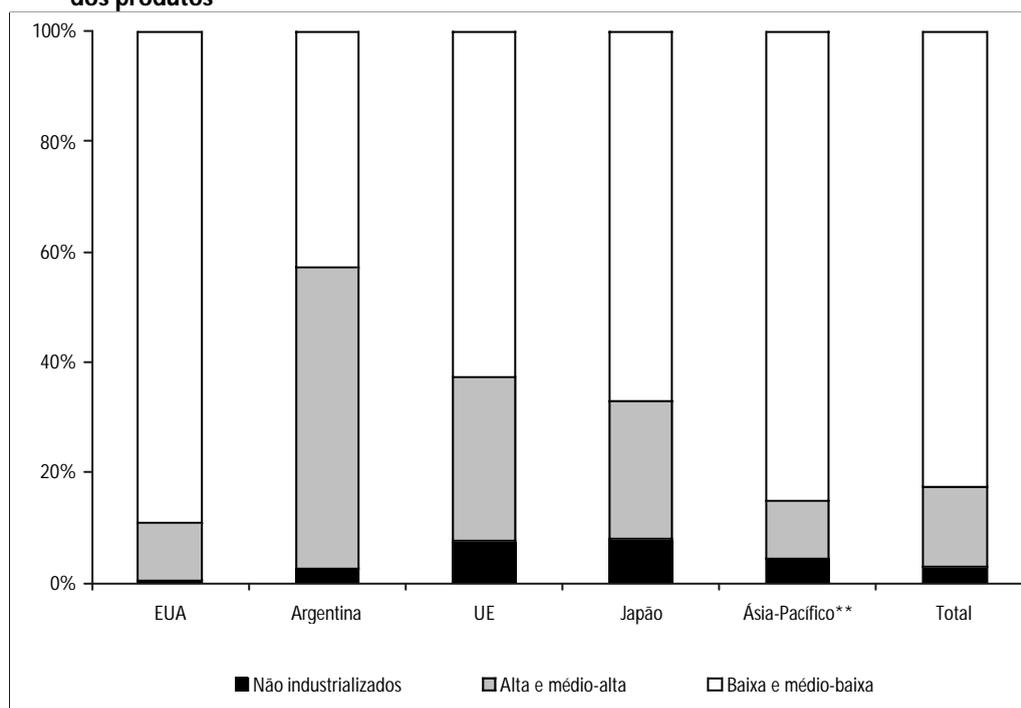
(Em US\$ milhões)

Brasil – Perdas brutas para a China (a)	EUA	Argentina	Japão	UE	Ásia-Pacífico	Total
1. Básicos	-3,5	-0,5	-13	-7,4	-8,3	-32,7
2. Semimanufaturados	-35,9	-4	-98	-10,1	-125,9	-273,9
3. Manufaturados	-637,1	-13,9	-41	-83,1	-52,3	-827,3
Intensivos em trabalho	-455,4	-3,2	-9	-39,3	-15,1	-522
Demais manufaturados	-181,7	-10,7	-32	-43,8	-37,2	-305,4
Total	-676,5	-18,4	-152	-100,6	-186,5	-1134
Brasil – Ganhos brutos sobre a China (b)	EUA	Argentina	Japão	UE	Ásia-Pacífico	Total
1. Básicos	21,9	1,1	2	7,7	6,5	39,2
2. Semimanufaturados	14,6	1,1	24	39,5	32,3	111,5
3. Manufaturados	28,6	27,8	7	10,9	27,8	102,1
Intensivos em trabalho	14,6	21,5	2	2,2	3,5	43,8
Demais manufaturados	14	6,2	5	8,7	24,4	58,3
Total	65,1	30,1	33	58,1	66,7	253
Resultado líquido (a) + (b)	EUA	Argentina	Japão	UE	Ásia-Pacífico	Total
1. Básicos	18,4	0,6	-11,0	0,3	-1,8	6,5
2. Semimanufaturados	-21,3	-2,9	-74,0	29,4	-93,6	-162,4
3. Manufaturados	-608,5	13,9	-34,0	-72,1	-24,5	-725,2
Intensivos em trabalho	-440,8	18,3	-7,0	-37,1	-11,6	-478,2
Demais manufaturados	-167,7	-4,5	-27,0	-35,1	-12,8	-247,1
Total	-611,4	11,7	-119,0	-42,5	-119,8	-881,0

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * G&Ps calculados entre os biênios 1996-1997 e 2001-2002.

GRÁFICO 3

Distribuição das perdas brutas* do Brasil para a China, por intensidade tecnológica dos produtos

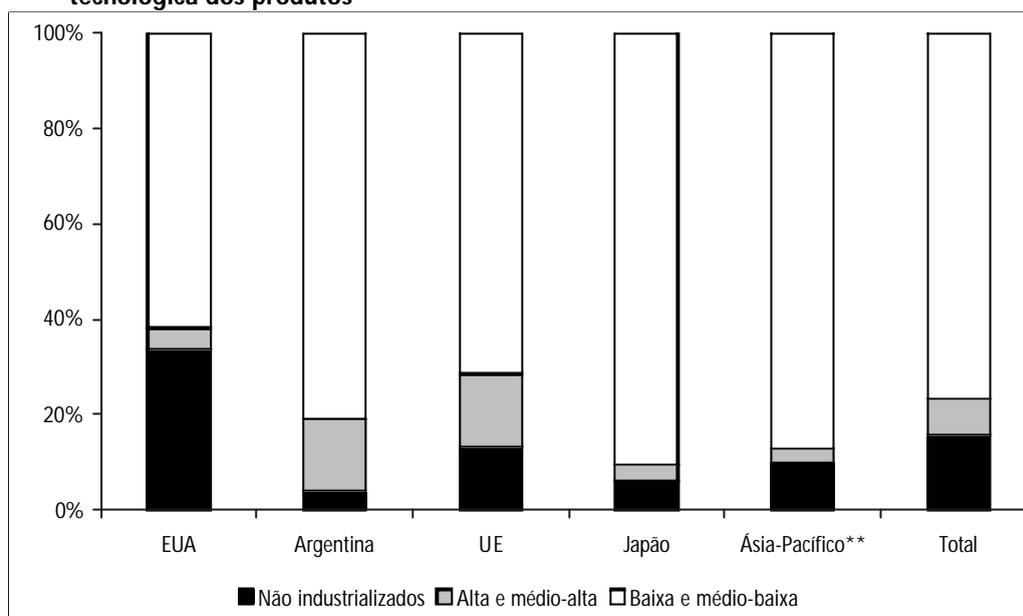
Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Cálculo das perdas (média do biênio 2001-2002 em relação à média do biênio 1996-1997).

** Coréia do Sul, Filipinas, Hong Kong, Indonésia, Malásia e Cingapura.

GRÁFICO 4

Distribuição dos ganhos brutos* do Brasil sobre a China, por intensidade tecnológica dos produtos



Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Ganhos calculados entre os biênios 1996 -1997 e 2001-2002.

** Coreia do Sul, Filipinas, Hong Kong, Indonésia, Malásia e Cingapura.

TABELA 108

Ganhos e perdas do Brasil em relação à China,* segundo a intensidade tecnológica dos produtos

(Em US\$ milhões)

Brasil – Perdas brutas para a China (a)	EUA	Argentina	UE	Japão	Ásia-Pacífico	Total
Baixa	-486,3	-3,3	-45,3	-87	-85,7	-707,6
Médio-baixa	-117,4	-4,6	-17,8	-14	-73,1	-226,9
Médio-alta	-57,6	-8,6	-13,4	-7	-16,1	-102,7
Alta	-11,7	-1,4	-16,5	-31	-3,4	-64
Não industrializados	-3,5	-0,5	-7,6	-12	-8,2	-31,8
Total	-676,5	-18,4	-100,6	-151	-186,5	-1.133
Brasil - Ganhos brutos sobre a China (b)	EUA	Argentina	UE	Japão	Ásia-Pacífico	Total
Baixa	29,6	23,1	39,9	29	46,3	167,9
Médio-baixa	10,7	1,2	1,6	0	11,8	25,3
Médio-alta	1,3	3,8	4,2	1	1,4	11,7
Alta	1,6	0,8	4,7	0	0,5	7,6
Não industrializados	22	1,2	7,7	2	6,6	39,5
Total	65,1	30,1	58,1	32	66,7	252
Resultado líquido (a) + (b)	EUA	Argentina	UE	Japão	Ásia-Pacífico	Total
Baixa	-456,7	19,8	-5,4	-58	-39,4	-539,7
Médio-baixa	-106,7	-3,4	-16,2	-14	-61,3	-201,6
Médio-alta	-56,3	-4,8	-9,2	-6	-14,7	-91
Alta	-10,1	-0,6	-11,8	-31	-2,9	-56,4
Não industrializados	18,5	0,7	0,1	-10	-1,6	7,7
Total	-611,4	11,7	-42,5	-119	-119,8	-881,0

Fonte: PC-TAS (Unctad).

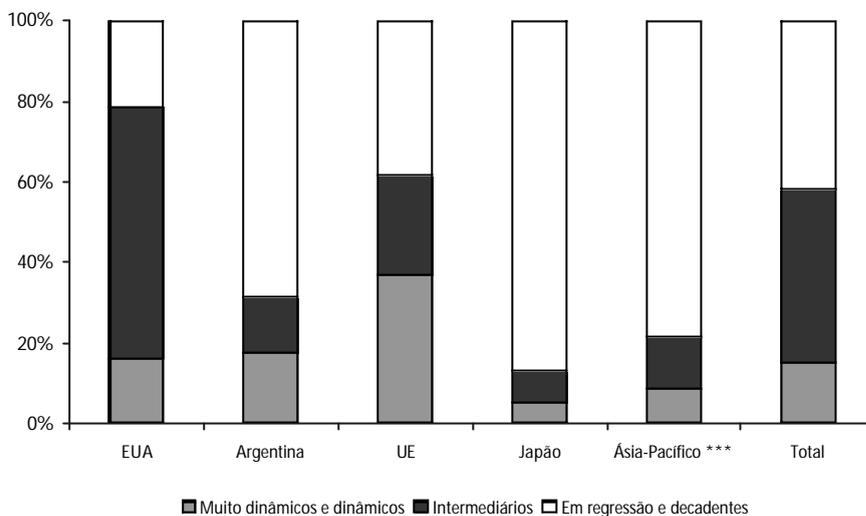
Obs.: * G&P calculados entre os biênios 1996 -1997 e 2001-2002.

Nos mercados do Japão e dos países da Ásia-Pacífico, as perdas líquidas brasileiras para a China estiveram concentradas em produtos cujas importações mundiais mostraram-se em regressão ou decadentes no mercado mundial. No mercado norte-americano, tais perdas deveram-se principalmente a produtos de dinamismo intermediário, enquanto no mercado da UE estiveram melhor distribuídas entre produtos

dinâmicos/muito dinâmicos, intermediários e em regressão ou decadentes (gráficos 5 e 6 e tabela 109).

GRÁFICO 5

Distribuição das perdas brutas* do Brasil para a China, segundo o dinamismo das importações mundiais dos produtos**



Fonte: PC-TAS (Unctad).

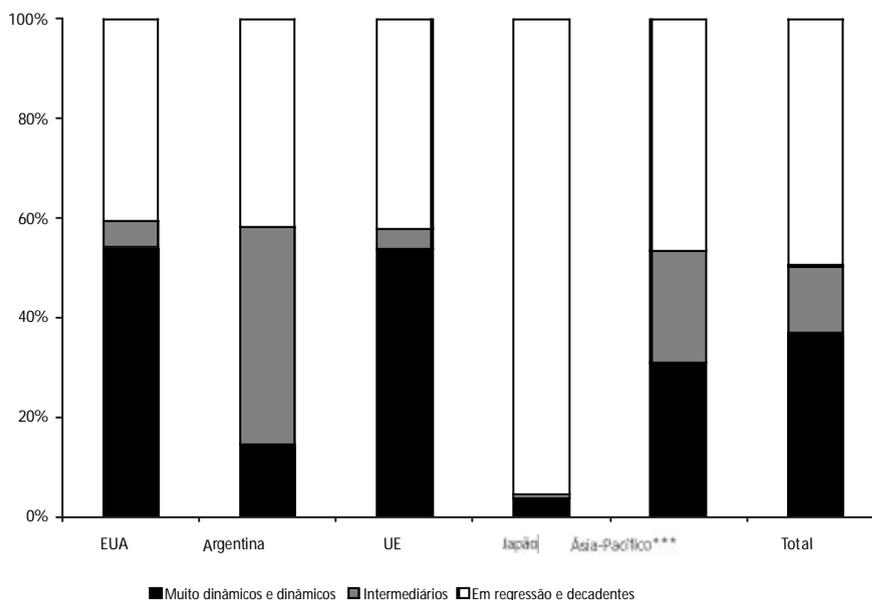
Obs.: * Cálculo das perdas (média do biênio 2001-2002 em relação à média do biênio 1996-1997).

** Calculado segundo a taxa de crescimento das importações mundiais (exceto China e Brasil).

*** Coreia do Sul, Filipinas, Hong Kong, Indonésia, Malásia e Cingapura.

GRÁFICO 6

Distribuição dos ganhos brutos* do Brasil sobre a China, segundo o dinamismo das importações mundiais dos produtos**



Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Cálculo das perdas (média do biênio 2001-2002 em relação à média do biênio 1996-1997).

** Calculado segundo a taxa de crescimento das importações mundiais (exceto China e Brasil).

*** Coreia do Sul, Filipinas, Hong Kong, Indonésia, Malásia e Cingapura.

TABELA 109

Ganhos e perdas líquidos do Brasil em relação à China, * segundo o dinamismo dos produtos

(Em US\$ milhões)

Dinamismo	EUA	Argentina	Japão	UE	Ásia-Pacífico	Total
1. Muito dinâmicos	-5,3	0,0	-6,2	9,3	-8,9	-11,1
2. Dinâmicos	-78,2	9,1	-4,7	-28,5	-32,6	-134,9
3. Intermediários	-459,9	0,0	-8,7	-7,0	0,0	-475,6
4. Em regressão	-20,1	0,0	0,0	0,1	0,0	-20,0
5. Em decadência	-48,0	2,6	-99,5	-16,4	-78,2	-239,5
Total	-611,4	11,7	-119,1	-42,5	-119,8	-881,1

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * G&P calculados entre os biênios 1996-1997 e 2001-2002.

Outra evidência relevante do alto grau de competição entre o Brasil e a China reside no elevado grau de concentração por produtos no que se refere às perdas brasileiras para fornecedores chineses. Nos EUA, no Japão e na Ásia-Pacífico, apenas vinte produtos explicam em torno de 80% dessas perdas brasileiras, embora na UE o grau de concentração das perdas por produtos seja significativamente menor (tabela 110).

TABELA 110

Ganhos e perdas do Brasil em relação à China: * grau de concentração por produtos

Perdas brutas	EUA	Argentina	Japão	UE	Ásia-Pacífico
Total (em US\$ milhões)	-676,5	-18,4	-151,6	-100,6	-186,5
C1 (%)	55,6	9,3	33,9	10,3	32,5
C2 (%)	61,6	14,8	52,1	13,4	42,5
C4 (%)	67,3	23,0	64,1	18,4	55,0
C10 (%)	74,3	35,2	75,6	30,7	70,1
C20 (%)	80,8	47,4	84,3	45,0	78,0
CHH	0,316	0,022	0,159	0,020	0,129
Ganhos brutos	EUA	Argentina	Japão	UE	Ásia-Pacífico
Total em US\$ milhões	65,1	30,1	32,6	58,1	66,7
C1 (%)	26,5	18,6	68,5	42,5	28,3
C2 (%)	36,4	31,8	80,4	49,1	50,5
C4 (%)	53,6	44,1	88,1	60,4	73,6
C10 (%)	74,6	61,4	97,2	77,9	90,6
C20 (%)	87,9	77,7	99,4	85,9	95,3
CHH	0,105	0,068	0,488	0,198	0,168

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * G&P calculados entre os biênios 1996-1997 e 2001-2002.

Avaliadas por setores, as perdas brasileiras para a China estão concentradas sobretudo no setor calçadista, circunstância que reflete as perdas verificadas no mercado norte-americano. Na tabela 111 é mostrado, contudo, um fato importante, qual seja, a tendência da concorrência chinesa de impor perdas a exportadores brasileiros na grande maioria dos setores e dos mercados. Com efeito, para quase todos os setores observam-se perdas para a China em quase todos os mercados analisados, ainda que em boa parte dos casos estas perdas apresentem valores inexpressivos. Somente em quatro setores o Brasil apresentou ganhos sobre a China, com destaque para os setores de petróleo e carvão, e de abate de animais.

TABELA 111

Ganhos e perdas* do Brasil em relação à China, por distribuição setorial**

(Em US\$ milhões)

Setores	EUA	Argentina	UE	Japão	Ásia	Total
Calçados, couros e peles	-410,5	15,7	-11,6	-1,7	-0,1	-406,6
Máquinas e tratores	-70,0	-1,7	-3,0	-0,9	-3,5	-79,2
Metalurgia de não-ferrosos	-2,9	-0,1	-0,2	-8,9	-51,9	-63,9
Óleos vegetais	0,1	0,0	0,3	-51,3	-4,6	-55,4
Madeira e mobiliário	-30,9	-0,2	-11,4	-2,0	-8,1	-52,6
Peças e outros veículos	-21,3	-0,9	-9,1	-5,1	-2,9	-39,2
Elementos químicos	-4,7	-3,0	3,6	-30,1	-0,6	-34,9
Outros produtos metalúrgicos	-20,8	-0,5	-7,4	-0,8	-2,7	-32,3
Indústrias diversas	-15,1	-0,5	-2,9	-1,9	-11,1	-31,5
Material elétrico	-16,4	-2,6	-4,7	0,1	-4,4	-27,9
Borracha	-19,3	-0,8	-0,3	-0,1	-0,1	-20,6
Equipamentos eletrônicos	-9,8	2,1	-6,2	-1,2	-3,6	-18,7
Minerais não metálicos	-8,6	0,0	-2,5	0,0	-1,8	-12,9
Têxtil	6,9	2,2	-8,6	-6,7	-5,3	-11,5
Químicos diversos	-3,9	-1,1	-2,5	-1,0	-0,4	-8,9
Farmacêutica e perfumaria	-0,6	-0,1	-5,9	-1,0	-0,4	-8,0
Benefic. de produtos vegetais	1,4	-0,1	0,1	-5,2	-2,3	-6,1
Celulose, papel e gráfica	1,2	0,0	-0,3	-3,7	-3,0	-5,8
Refino de petróleo e petroquím.	-2,3	0,3	-0,7	-0,5	-2,3	-5,6
Extrativo-mineral	0,4	0,6	-3,9	-1,7	-0,8	-5,5
Plásticos	-2,8	-0,3	-1,8	-0,1	-0,2	-5,2
Artigos de vestuário	0,3	1,5	-1,3	-1,9	-1,3	-2,7
Siderurgia	-1,2	0,0	2,3	-15,1	12,2	-1,9
Agropecuária	-0,2	0,0	2,1	0,4	-4,0	-1,6
Café	-0,1	0,0	0,0	-0,2	0,0	-0,3
Veículos automotores	0,0	0,7	0,0	0,0	-0,1	0,6
Outros produtos alimentares	0,4	0,5	3,7	-1,5	0,2	3,2
Petróleo e carvão	17,3	0,0	0,0	0,0	4,2	21,4
Abate animais	0,0	0,0	29,9	23,0	-20,8	32,1
Total	-611,4	11,7	-42,5	-119,1	-119,8	-881,2

Fonte: PC-TAS (Unctad).

Obs.: * Valores positivos significam ganhos e valores negativos implicam perdas.

** G&Ps calculados entre os biênios 1996-1997 e 2001-2002.

De maneira geral, os resultados do trabalho indicam que, no período analisado, as perdas brasileiras para a China foram modestas na UE e mais significativas nos Estados Unidos, seguidos pelo Japão e pelos países da Ásia-Pacífico. Para o mercado argentino foram encontrados ganhos modestos, em uma conjuntura de redução das exportações brasileiras direcionadas àquele mercado. Vale enfatizar que, na maior parte dos casos, as perdas para a China estiveram muito concentradas e, portanto, ainda circunscritas a poucos setores e produtos. Nesse contexto, sublinhe-se que o caso do setor de calçados, couros e peles ilustra os possíveis impactos sobre o Brasil da política industrial/comercial praticada pela China, que procura limitar as importações aos produtos dos estágios básicos das cadeias produtivas e fomenta a produção doméstica de bens finais, particularmente os intensivos em mão-de-obra. Os efeitos dessa política já são realidade para o setor de calçados e couros, bem como visíveis no comércio intra-setorial dos dois países, no qual as exportações brasileiras para a China são basicamente de couros e peles depilados e as importações de calçados acabados. Pressionada no mercado interno e externo, a indústria calçadista brasileira vem perdendo competitividade frente à China em mercados importantes como os dos Estados Unidos e da UE. Esse é um processo que pode, no futuro, vir a repetir-se em outros setores industriais brasileiros, que não somente os intensivos em mão-de-obra. Tal hipótese parece não estar longe da realidade quando se observa que, nos últimos anos, os manufaturados intensivos em trabalho vêm perdendo

importância relativa na pauta exportadora chinesa, concomitantemente ao aumento do peso dos produtos intensivos em P&D.

6 SÍNTESE DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES

O intercâmbio comercial entre o Brasil e a China acelerou-se de forma acentuada desde o ano 2000. Ainda que defasada, tal tendência acompanhou o notável crescimento do comércio exterior da China iniciado na década de 1980, impulsionado pelas reformas econômicas implementadas pelo governo chinês a partir de 1978. O fortalecimento recente do comércio entre os dois países implicou a elevação da participação das importações chinesas nas vendas externas globais brasileiras, de 2% em 2000 para 6,2% em 2003, ainda que seguida de queda em 2004 (5,6%). No mesmo período, o peso das importações de origem chinesa no total das compras externas brasileiras evoluiu de 2,2% (2000) para cerca de 5,9% (2004). Desde 2001, o comércio com a China proporcionou ao Brasil superávits comerciais crescentes, assim como a elevação do *market share* do país no mercado importador chinês, que em 2003 alcançou seu patamar mais expressivo (1,27%).

A análise do perfil do comércio Brasil-China nos últimos anos mostra que, no total do valor das exportações brasileiras, é grande o peso de mercadorias de baixo conteúdo tecnológico. Com efeito, os produtos básicos responderam por pouco mais de 55% do total das vendas para a China (triênio 2001-2003), participação duas vezes maior que a verificada para as vendas totais do país. No mesmo período, o peso dos produtos semimanufaturados na pauta de exportações do Brasil para a China (20,1%) foi também superior à média das exportações nacionais (14,7%). Em decorrência, o oposto se verifica para os produtos manufaturados, cuja participação no total das exportações brasileiras atingiu 55,1%, contra 24,1% nas vendas externas para a China.

Outra característica importante das exportações brasileiras para a China é o alto grau de concentração em poucos setores produtivos e produtos. Sublinhe-se que, entre 1998 e 2003, o alcance dos dois principais setores, o agropecuário e o extrativo-mineral, oscilou de um máximo de 58,1% em 2000 a um mínimo de 47,5%, em 2003. Em cada um desses setores, apenas um único produto, soja e minério de ferro, respectivamente, explicou cerca de 90% das exportações setoriais. Em 2003, a China sozinha absorveu 30,6% das exportações brasileiras de soja e 22,1% das de minério de ferro. A contrapartida dessa circunstância foi o incremento do *market share* brasileiro no mercado importador chinês de ambos os produtos.

Além da elevada concentração, a composição da pauta de exportações do Brasil para a China apresentou pouca alteração se analisada ao longo dos últimos vinte anos. Cinco setores (agropecuária; extrativo-mineral; siderurgia; óleos vegetais; celulose, papel e gráfica) estiveram sempre presentes entre os mais importantes e, em conjunto, responderam por uma parcela nunca inferior a 70% do valor exportado para a China. Em todos eles as vendas brasileiras concentraram-se em um ou dois produtos, regra geral *commodities* de baixo valor agregado, tais como minério de ferro, soja em grão, óleo de soja, laminados planos, semimanufaturados de ferro e aço, celulose etc.

No triênio 2001-2003, a maior parcela das exportações brasileiras destinadas à China foi de produtos cujas importações chinesas mostraram-se dinâmicas (57,7%), seguida das importações de produtos intermediários (23%). Tal fato indica que o bom desempenho recente das exportações do Brasil dirigidas à China, assim como os ganhos de *market share* obtidos pelo país neste mercado, beneficiaram-se do dinamismo das importações chinesas de produtos nos quais o Brasil é competitivo em escala global. Em outras palavras, o sucesso exportador e os ganhos brasileiros não parecem refletir uma estratégia ativa de diversificação e geração de novos mercados e oportunidades comerciais na China, mas tão-somente o aproveitamento de oportunidades produzidas pelo crescimento das importações chinesas, mediante a elevação da oferta de *commodities* produzidas no país, especialmente as agrícolas.

No que se refere às importações originárias da China, a estrutura da pauta também apresenta concentração considerável, embora em menor grau do que o verificado para as exportações. Em 2003, apenas dois segmentos, equipamentos eletrônicos e siderurgia, foram responsáveis por cerca de 40% da pauta e, se considerados os cinco principais setores, que incluem elementos químicos, indústrias diversas e material elétrico, essa participação se eleva para 66,8%. Entre os produtos importados da China merecem destaque: hulhas, aparelhos de transmissão, cristais líquidos, tecidos, lâmpadas, brinquedos e calçados. Entre 1999 e 2003 ocorreu um aumento do grau de penetração das exportações chinesas no total das importações nacionais, tendência que pôde ser observada em quase todos os setores. Nesse período, os aumentos da participação chinesa nas importações setoriais foram mais expressivos na siderurgia (21,1%). Seguiram-se os setores têxtil (15,3%); calçados, couros e peles (10,8%); equipamentos eletrônicos (8,7%); e elementos químicos (4,3%).

A comparação da estrutura setorial das exportações e das importações referentes ao comércio Brasil-China revela ainda que apenas dois setores (siderurgia e calçados, couros e peles) aparecem entre os oito principais de cada fluxo. No caso da siderurgia, as exportações para a China estão concentradas em laminados planos e em semimanufaturados de aço e ferro, enquanto as importações consistem basicamente em produtos metalúrgicos acabados. No caso do setor de calçados, couro e peles, o Brasil exporta principalmente matérias-primas para a confecção de calçados, com destaque para couros e peles depilados, e importa sobretudo sapatos prontos. Nesse contexto, em ambos os setores, parece existir uma certa complementaridade entre as estruturas produtivas da China e do Brasil, complementaridade esta, aliás, que parece presente em outros setores. De fato, consideradas as categorias de produtos classificados a seis dígitos, conforme a NCM-SH, é baixo o percentual de itens comercializados com registros simultâneos na pauta de exportações e na de importações de um mesmo setor. Tal evidência sugere que os fluxos de comércio entre o Brasil e a China estão baseados predominantemente no princípio das vantagens comparativas – segundo o qual os países comercializam produtos diferentes, com o objetivo de aproveitar ao máximo diferenciais relativos de custos de produção –, e não no chamado comércio intra-indústria.

Com o objetivo de avaliar a importância do comércio intra-indústria no intercâmbio comercial entre o Brasil e a China, foram selecionadas as NCMs, a quatro dígitos cujo valor da corrente de comércio fosse superior a US\$ 20 milhões em 2003, e calculados índices de comércio intra-indústria (ICIs). Dos 43 produtos que representam 80% do total da corrente de comércio entre os dois países em 2003, apenas três

produtos (lâmpadas, tubos e válvulas de cátodo quente, ferroligas e aparelhos para interrupção de circuitos elétricos) apresentaram índices de comércio intra-industrial superior a 0,5. Essas informações ratificam a hipótese de que o comércio bilateral Brasil-China está efetivamente baseado no aproveitamento de vantagens comparativas clássicas, no qual prevalece um padrão de comércio do tipo inter-industrial.

O cálculo dos ganhos e perdas de competitividade do Brasil no mercado importador chinês entre os biênios 1996-1997 e 2001-2002 produziu resultados que, grosso modo, refletem as características do comportamento recente das exportações brasileiras dirigidas à China, entre as quais vale destacar: *i*) o alto índice de concentração dos ganhos em produtos básicos que explicaram 90,2% dos ganhos líquidos obtidos pelo Brasil no mercado importador chinês; *ii*) a grande concentração dos ganhos de competitividade em poucos setores e produtos, uma vez que dois setores (agropecuário e extrativo-mineral) produziram a maior parcela dos ganhos líquidos brasileiros, e que em cada um deles apenas um único produto, respectivamente a soja e os minérios de ferro, foi responsável pela quase totalidade dos ganhos de competitividade setoriais; *iii*) todos os dez produtos com maiores ganhos de competitividade, que somados explicaram cerca de 70% dos ganhos brutos brasileiros, apresentaram vantagens comparativas no comércio mundial; e *iv*) os produtos manufaturados contribuíram modestamente para os ganhos de competitividade obtidos pelo Brasil – cerca de 10% do total.

Tais fatos reafirmam a evidência encontrada na análise do comércio recente Brasil-China, qual seja, a circunstância de que os ganhos de competitividade do Brasil na China não resultaram de uma política de identificação de novas oportunidades comerciais mas, sobretudo, da capacidade de alguns setores produtivos – com destaque para a agricultura e o setor extrativo-mineral – de expandir a oferta de seus produtos numa medida suficiente para incluir o país entre os beneficiários da "onda importadora chinesa". Vale, ressaltar, ademais, que o perfil e a distribuição setorial dos ganhos de competitividade obtidos pelo Brasil no mercado chinês são coerentes com as características da política industrial e comercial praticada pela China, pelo menos aquela que prevaleceu até o momento de sua adesão à OMC (dezembro de 2001) e cuja lógica esteve em limitar importações aos produtos dos estágios básicos das cadeias produtivas e fomentar a produção doméstica e a exportação de bens finais, especialmente aqueles intensivos em mão-de-obra.

Entre os produtos nos quais o Brasil perdeu competitividade no mercado chinês durante o período analisado pela pesquisa, em 46 deles o país apresenta vantagens comparativas no plano mundial. A maior parcela do valor das perdas relativas a esse grupo de produtos encontra-se concentrada nos setores de siderurgia, de óleos vegetais e de abate de animais. A pesquisa identificou ainda 58 produtos em que o Brasil detém vantagens comparativas e que não foram exportados para a China no período de referência do estudo.⁷⁵ Nesse caso, pelo critério de número de produtos (SH, seis dígitos), destacam-se o setor de abate de animais (com nove produtos) e os de madeira e mobiliário, metalurgia de não-ferrosos e agropecuária (com seis produtos cada).

75. Selecionados mediante os seguintes critérios: i) o Brasil detém vantagens comparativas no comércio internacional; ii) o Brasil não exporta para a China; iii) a China não é um exportador relevante; e iv) as exportações do produto representam no mínimo 0,05% das exportações brasileiras globais.

Na siderurgia, as perdas brasileiras explicam-se pelo acirramento da competição com produtores chineses e de outras origens, como a Rússia. Vale sublinhar que, na percepção de especialistas setoriais, nos próximos anos as exportações brasileiras de produtos siderúrgicos sofrerão uma perda de *market share* no mercado da China, tendo em vista os vultosos investimentos no setor, planejados ou em andamento no mercado chinês. Por volta do princípio da próxima década, a China deverá se transformar no maior exportador de produtos siderúrgicos do mundo, o que implicará uma provável redução das exportações brasileiras dirigidas ao mercado chinês e também uma ameaça para aos produtores brasileiros em terceiros mercados. Em razão da escassez de matéria-prima em seu território, a China deverá continuar importando minério de ferro, sendo provável que ocorra neste mercado uma substituição da importação de produtos siderúrgicos brasileiros por minério de ferro brasileiro.

As perdas do setor de óleos vegetais explicam-se por um único produto: o óleo de soja. Resultaram sobretudo da acirrada concorrência de produtores locais e da imposição pelas autoridades chinesas de barreiras comerciais relevantes. Cabe destacar que, no que respeita ao setor, a China vem implementando um processo de substituição das importações, investindo em instalações de processamento dos grãos de soja. Assim, o país passou a consumir mais o grão e menos os produtos derivados de seu esmagamento, como o óleo. De toda forma, as empresas entrevistadas pelo trabalho salientaram que ainda há espaço para colocação dos produtos na China visto que este país, ainda por um bom tempo, não alcançará auto-suficiência no abastecimento do mercado doméstico.

No setor de abate de animais foram encontrados 14 produtos, em que o Brasil detém VCs, não exportados ou com perdas de competitividade no mercado chinês. A maior parte desses produtos conta com produção doméstica relevante e, tradicionalmente, esse tem sido um setor muito protegido por barreiras tarifárias e não tarifárias. Nesse quadro, embora de forma modesta em termos absolutos, as importações chinesas de carne bovina, suína e de aves mostraram-se dinâmicas entre os biênios de 1996-1997 e 2001-2002. Claro está que a adesão da China à OMC (2001) representou um passo importante para a liberalização do comércio setorial. De fato, as tarifas incidentes sobre a importação de carne bovina, suína e de aves vêm sendo reduzidas desde 2001. Contudo, remanesce a utilização de barreiras sanitárias, como indica o memorando e os protocolos assinados entre o Brasil e a China durante a visita do presidente Hu Jintao ao Brasil, em novembro de 2004. No memorando os dois países se comprometem a fortalecer a cooperação nas áreas de regulamentação e inspeção fito e zoossanitárias, de modo a assegurar condições para que os produtos de cada parte tenham acesso a ambos os mercados. Além disso, foram assinados protocolos⁷⁶ de quarentena e condições sanitárias para a exportação de carne bovina e de frango do Brasil para a China, e protocolos de igual natureza para a exportação de carne de ave processada e de carne suína termicamente tratada, da China para o Brasil.

Entre os produtos do setor agropecuário em que o Brasil apresenta vantagens comparativas e não exporta para a China, destacam-se as frutas frescas (goiabas, mangas, melões, mamões e uvas). Também nesse caso, a adesão da China à OMC implicou redução de barreiras tarifárias. Sublinhe-se, mais uma vez, que no comércio de

76. Os protocolos regulamentam a emissão de certificados para a exportação de carnes para a China.

frutas as barreiras não-tarifárias são os obstáculos mais expressivos. O Brasil tem interesse em exportar para a China frutas cítricas, uvas e melões, enquanto a China pretende exportar para o Brasil maçãs, pêras e lichia. Na recente visita do presidente chinês ao Brasil acordou-se a formação de um grupo de trabalho para harmonizar regras de comércio para frutas, assim como para ampliar esforços e concluir o mais brevemente possível as análises de risco de pragas e discutir restrições referentes à quarentena, iniciativas necessárias para viabilizar o comércio de frutas entre os países e possibilitar a abertura concomitante dos dois mercados.

Na consulta realizada durante a pesquisa, constatou-se que, no caso das empresas que não exportam para a China, as dificuldades no campo do transporte, o direcionamento da oferta exportável para outros países, as barreiras sanitárias e as cotas de importação são as principais causas de sua ausência no mercado chinês. No caso das empresas cujas exportações para a China apresentaram redução em período recente, as razões alegadas para tanto foram restrições de oferta, a existência de concorrentes domésticos e a pequena aceitação do produto brasileiro no mercado local. Outros produtos do setor agropecuário para os quais parece haver oportunidades comerciais na China são a castanha de caju e a pimenta-do-reino. No que se refere à castanha de caju, as características do produto brasileiro são apontadas como o fator de inibição das vendas para a China. Mudanças no processo de produção estão sendo introduzidas por produtores brasileiros, mais particularmente alterações no método de extração, de tal forma que a castanha produzida no Brasil se assemelhe àquela que conta com a preferência dos consumidores chineses, produzida por concorrentes asiáticos. Os produtores brasileiros acreditam que alterações no método de coleta combinadas com investimentos em publicidade podem vir a garantir uma fatia do mercado chinês para o produto brasileiro.

No setor de madeira e mobiliário as empresas exportadoras de compensados não vendem para a China, principalmente em função da competição com produtores chineses. Outras empresas do setor, por sua vez, reduziram suas vendas de madeiras nobres ou raras, cujo comércio vem sendo monitorado pelo governo federal, motivo pela qual o volume exportado diminuiu significativamente.

Finalmente, no setor de mão-ferrosos a presença de produtos com vantagens comparativas não exportados ou com perda de competitividade na China explica-se, segundo empresas do setor, pelo fato de as suas exportações estarem direcionadas a outros mercados, e pelo custo do frete, que reduz a competitividade do produto brasileiro.

O trabalho procurou ainda avaliar os impactos da penetração de produtos chineses sobre as exportações brasileiras em mercados relevantes (Estados Unidos, União Européia, Argentina, Japão e Ásia-Pacífico) que, em conjunto, absorvem cerca de três quartos do valor das vendas externas do país. Cumpre salientar que, entre os biênios 1996-1997 e 2001-2002, o Brasil perdeu competitividade para a China em todos os mercados analisados, à exceção da Argentina. Neste último caso, os ganhos brasileiros foram modestos (US\$ 11,7 milhões, correspondentes a 0,2% do valor médio anual das exportações brasileiras para o mercado argentino no biênio 1996-1997) e obtidos numa conjuntura de redução absoluta das importações platinas, dada a crise que se abateu sobre o país no período coberto pelo estudo. Em outras palavras, na Argentina os ganhos do Brasil sobre a China resultaram do fato de as exportações brasileiras terem se reduzido

relativamente menos do que as exportações chinesas. Sublinhe-se, ainda, que tais ganhos estiveram muito concentrados em calçados, produtos em relação aos quais a Argentina constitui um mercado tradicional para fornecedores brasileiros e cuja competitividade é, em grande parte, derivada de vantagens de localização.

Com relação aos demais mercados analisados, as perdas brasileiras para a China mostraram-se mais relevantes no mercado norte-americano, tanto em termos absolutos (US\$ 611,4 milhões), quanto em termos relativos (6,3% do valor da média das exportações brasileiras para os EUA no biênio 1996-1997). Seguem-se as perdas verificadas no Japão e nos países da Ásia-Pacífico, cujos valores são bastante similares (em torno de US\$119 milhões, correspondentes a 3,2% e 3,7% do valor da média das exportações brasileiras do biênio 1996-1997 para o Japão e para a Ásia-Pacífico, respectivamente) e alcançam apenas cerca de um quinto do valor das perdas encontradas para os EUA. Por último, na UE, as perdas para a China foram bem modestas (US\$ 42,5 milhões, correspondentes a 0,3% do valor da média das exportações brasileiras para a UE no biênio 1996-1997) e as menores entre as encontradas para todos os mercados analisados.

Os resultados obtidos pelo estudo mostram ainda que a competição Brasil-China apresenta reduzida importância na esfera de produtos básicos, na medida em que a competição mais acirrada verifica-se no comércio de produtos manufaturados e de semimanufaturados. Cumpre ressaltar que a concentração da competição em manufaturados é fato nos mercados dos EUA, da União Européia e da Argentina, enquanto no Japão e nos países da Ásia-Pacífico a competição mais acirrada se faz no campo dos produtos semimanufaturados.

A tese de que a maior competitividade chinesa repousa em grande medida no menor custo da sua mão-de-obra parece se confirmar para os EUA e, em menor medida, para o mercado da UE. Nos EUA as perdas referentes a manufaturados intensivos em trabalho representaram mais de dois terços do valor das perdas brasileiras para a China. Observe-se que nos EUA as perdas para a China em mercadorias intensivas em trabalho atingiram valores absolutos (US\$ 440,8 milhões) muito superiores aos verificados para a UE (US\$ 37,1 milhões). Em ambos os mercados os resultados estão muito enviesados pelo fato de as perdas brasileiras para a China apresentarem alto grau de concentração: em produtos do setor calçadista nos EUA, e nos setores calçadista e de mobiliário na UE.

De maneira geral, as perdas para a China estiveram muito concentradas – e, portanto, ainda circunscritas – em poucos setores e produtos, principalmente nos EUA, no Japão e na Ásia-Pacífico, mercados em que as perdas referentes aos vinte produtos com perdas mais expressivas acumulam cerca de 80% do total das perdas dos respectivos mercados. No Japão destacam-se as perdas de produtos dos setores de óleos vegetais, elementos químicos e siderurgia e, na Ásia-Pacífico, mercadorias dos setores de metalurgia de não-ferrosos e de abate de animais.

Os resultados encontrados na análise do comércio recente entre Brasil e China, assim como da competitividade dos produtos brasileiros no mercado chinês sugerem que, pelo menos até 2003, as relações comerciais entre os dois países foram marcadas por um padrão de comércio baseado em vantagens comparativas clássicas, no qual o Brasil se apresenta fundamentalmente como um fornecedor de produtos básicos e semimanufaturados. Esta evidência é coerente com a tese de que a expansão do co-

mércio entre Brasil e China reflete, por um lado, as políticas industrial e comercial chinesas, que procuram limitar as importações aos produtos dos estágios básicos das cadeias produtivas e fomentam a produção doméstica de bens finais e, por outro lado, a ausência de uma política brasileira ativa e bem planejada visando a uma melhor inserção comercial do Brasil no mercado chinês.

Com efeito, como descrito anteriormente, o bom desempenho das exportações brasileiras dirigidas à China foi alavancado por exportações de *commodities* de baixo valor agregado, com destaque para a soja e para o minério de ferro. Do mesmo modo, avaliadas a partir do desempenho comercial do passado, oportunidades comerciais bem definidas aparecem para produtos de setores tais como os de abate de animais e agricultura. No que se refere à competição em terceiros mercados, as perdas mais significativas foram encontradas nos EUA, expressivamente concentradas em calçados. Tal evidência parece refletir, uma vez mais, as políticas industrial e comercial chinesas antes referidas, cujos efeitos já são uma realidade para o setor de calçados e couros e visíveis no comércio intra-setorial Brasil-China, em que as exportações brasileiras para a China são basicamente de couros e peles depilados, e as importações, de calçados acabados. A médio prazo, o ataque chinês a exportações brasileiras em terceiros mercados pode se repetir para alguns setores, como o siderúrgico, o qual tem sido objeto de acelerado processo de substituição de importações na China.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, R. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, Rio de Janeiro: Funcex, n. 79, ano 8, abr./jun. 2004. Entrevista.
- BATISTA, J. C. Livre-comércio de produtos manufaturados entre o Brasil e a União Europeia. In: TIRONI, L. F. (Org.). **Aspectos estratégicos da política comercial brasileira**. Brasília: Ipea/Ipri, 2001.
- _____. Desvalorização cambial e as exportações brasileiras para os Estados Unidos. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, Rio de Janeiro: Funcex, n. 70, ano 15, jan./mar. 2002.
- FERRAZ, G.; RIBEIRO, F. Brasil-China: desempenho exportador nos mercados da UE e dos EUA. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, Rio de Janeiro: Funcex, n. 80, ano 8, jul./set. 2004.
- MARKWALD, R. Intensidade tecnológica e dinamismo das exportações brasileiras. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, Rio de Janeiro: Funcex, n. 79, ano 8, abr./jun. 2004.
- MOREIRA, M. M. O perigo vermelho. **Focus: Economia e Negócios**, São Paulo: Focus, n. 6, ano 1, jul. 2004.
- PAVITT, K. Sectoral patterns of technical change: toward a taxonomy and a theory. **Revista Brasileira de Inovação**, Rio de Janeiro: Finep, v. 2, n. 2, jul./dez. 2003.
- RECEITA FEDERAL, MF. **O comércio Brasil- China**: principais características. 2002. Disponível em: <<http://www.receitafederal.gov>>.
- RIBEIRO, F.; POURCHET, H. Perfil do comércio Brasil-China. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, Rio de Janeiro: Funcex, n. 79, ano 8, abr./jun. 2004.
- YUEFEN, L. **China's accession to WTO**: exaggerated fears? Unctad, Nov. 2002 (Discussion Paper, n. 165).

EDITORIAL

Coordenação

Ronald do Amaral Menezes

Supervisão

Iranilde Rego

Revisão

Lunde Braghini Júnior

Márcia Assunes Gonçalves

Marco Aurélio Dias Pires

Camila de Paula Santos (estagiária)

Karen Varella Maia Corrêa (estagiária)

Sheila Santos de Lima (estagiária)

Editoração

Aeromilson Mesquita

Elidiane Bezerra Borges

Lucas Moll Mascarenhas

Brasília

SBS – Quadra 1 – Bloco J – Ed. BNDES, 9ª andar

70076-900 – Brasília – DF

Fone: (61) 3315-5090

Fax: (61) 3315-5314

Correio eletrônico: editbsb@ipea.gov.br

Rio de Janeiro

Av. Nilo Peçanha, 50, 6ª andar – Grupo 609

20044-900 – Rio de Janeiro – RJ

Fone: (21) 2215-1044 R. 234

Fax: (21) 2215-1043 R. 235

Correio eletrônico: editrj@ipea.gov.br

COMITÊ EDITORIAL

Secretário-Executivo

Marco Aurélio Dias Pires

**SBS – Quadra 1 – Bloco J – Ed. BNDES,
9ª andar, sala 908**

70076-900 – Brasília – DF

Fone: (61) 3315-5406

Correio eletrônico: madp@ipea.gov.br